Hand with reflecting sphere
M. C. Escher

Ensaio para a Informatização da Tabela de Bion

Ana C. Almeida

ISPA/98

MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA
ISPA/1998

Orientador
Professor Doutor Carlos Amaral Dias

Aluno
Ana Cristina Sequeira de Almeida — Nº 722

Agradecimentos

Agradeço à Dr.ª Manuela Hartley ter-me disponibilizado o material respeitante ao exemplo 3 e ter permitido a sua inclusão neste trabalho.

Agradeço ao Prof. Amaral Dias o ter confiado nas minhas capacidades.

Agradeço ao Sr. Pedro Roquette a sua inestimável colaboração como programador e consultor técnico. Agradeço-lhe, ainda, o enorme incentivo e apoio, que me fez tentar ir sempre mais longe.

Índice

Volume I

1- Prólogo ____ *4*

2- Introdução ____ *7*

3- Enquadramento da Obra de Bion no seio da Psicanálise ____ *12*

O valor e a importância da obra de Bion na Psicanálise ____ **12**

O percurso de W. R. Bion ____ **13**

Os seus analistas ____ 13

Os pensadores que mais o influenciaram ____ 18

4- O pensamento de W. R. Bion ____ *21*

Bion — O epistemologo ____ **23**

Bion — O epistemologo que investiga a ciência ____ 23

Bion — O epistemologo que investiga a psicanálise ____ 34

Bion — O Psicanalista que investiga a mente humana ____ **48**

A preocupação com a verdade e a vida ____ 52

Emoções Violentas ____ 53

O Seio e o Pénis ____ 53

Fragmentação (*Splitting*) ____ 54

5- Contributos de Bion para a psicopatologia ____ *69*

Os constructos teóricos ____ **75**

A parte Psicótica e a parte Não-psicótica da personalidade ____ 75

A Identificação Projectiva, a Posição Esquizo-paranóide e a Posição Depressiva ____ 78

A Compulsão — expressão de uma personalidade perturbada ____ 84

As implicações na prática clínica ____ **88**

6- A Tabela de W. R. Bion ____ *94*

As linhas e as colunas na tabela ____ **98**

Linha A — Elementos-β ____ 100

Linha B — Elementos-α ____ 102

Linha C — Pensamentos Oníricos, Sonhos e Mitos ____ 104

Linha D — Pré-Concepção ____ 106

Linha E — Concepção ____ 107

Linha F — Conceito 109
Linha G — Sistema Dedutivo Cientifico 110
Linha H — Cálculo Algébrico 111
Coluna 1 - Hipótese Definitória 112
Coluna 2 — Psi (ψ) 112
Coluna 3 - Notação 113
Coluna 4 — Atenção 114
Coluna 5 - Indagação 115
Coluna 6 — Acção 116

Navegar na tabela 117

7- Propostas para a modificação da Tabela de Bion 127

As modificações introduzidas por Dario Sor e Maria Rosa Gazzano 127

As modificações introduzidas por Amaral Dias 133

Comentários e considerações finais 145

Volume II

8- A informatização da Tabela. Metodologias, processos e decisões 147

Metodologias, processos e decisões 150

Novas propostas de leitura da Tabela 154

O Modelo 160

9- Descrição da aplicação desenvolvida 173

O programa de Parametrização 173

O programa "BION" 174

Inserir 182
Classificar 182
Apagar 185
Estatística 185
Gráficos 188
Imprimir 190

10- Análise de alguns casos práticos 191

Exemplo Nº 1 **191**
Análise dos dados referentes ao paciente 192
Análise dos dados referentes ao psicoterapeuta 194
Análise dos dados conjuntos psicoterapeuta/paciente 197
Conclusão 201
Exemplo Nº 2 **202**
Análise dos dados referentes ao paciente 203
Conclusão 207
Exemplo Nº 3 **208**
Análise dos dados referentes ao paciente 208
Análise dos dados referentes ao psicoterapeuta 211
Análise dos dados conjuntos psicoterapeuta/paciente 212
Conclusão 214
Conclusões **216**
11- Comentário final e perspectivas futuras ***219***
Bibliografia ***230***
Anexo ***233***

1- Prólogo

Quando iniciei a licenciatura em Psicologia, tive uma cadeira que se chamava Antropologia Cultural. Foi uma das cadeiras que mais me marcou. Nessa disciplina estudávamos alguns grandes pensadores e eu juntamente com o meu grupo, tive que estudar J. Paul Sartre. Aquilo que me impressionou não foi de facto a cadeira, mas o contacto que esta me proporcionou com a obra de Sartre.

J. Paul Sartre defendia ideias que eram, até então, novas para mim; ele reflectia sobre a realidade de uma forma que ultrapassava tudo aquilo que eu tinha conhecido. Ele defendia (magistralmente na minha opinião) que o homem é responsável pelo seu destino, que o único destino que lhe está reservado é não ter destino nenhum.

O seu discurso tinha força, as frases eram incisivas e a lógica parecia-me a toda a prova. Nessa altura, as suas ideias, as suas frases e a forma de transmitir o seu pensamento, tiveram em mim um impacto muito especial; talvez devido à minha idade eu tivesse encontrado nele um sentido que tanto me agradava. De facto, Sartre fez-me pensar na independência e na dependência, na minha dependência e no meu desejo de independência. De facto, dizia eu para mim própria na altura: nós somos donos e senhores do nosso destino. Eu sou mais eu. Eu sou aquilo que eu quiser ser. Eu sou livre de escolher, de tomar decisões. A verdade, conforme vim a perceber mais tarde, é que o elogio de liberdade que eu tinha percebido em Sartre era de facto o elogio ao cárcere, ao prisioneiro.

A felicidade de ser livre não é mais do que a condenação à decisão, à escolha. Condenação, porque uma decisão acarreta sempre uma perda, a perda do não escolhido, do não vivido. Esta nova consciência (leitura) da obra de Sartre em nada mudou a profunda admiração que tenho pelo seu trabalho. Antes pelo contrário, talvez me tenha levado a desenvolver uma maior estima pelo seu pensamento.

Algo de semelhante aconteceu quando inicie este mestrado, mas a um nível diferente. Desta vez, foi uma cadeira e um Homem.

Ao escolher o meu orientador de seminário de dissertação (num papel que circulou numa das aulas), escolhi o professor Amaral Dias. A bem da verdade, escolhi-o apenas porque não o conhecia. Todos os outros já tinham sido meus professores e eu pretendia algo de novo, de diferente, de desconhecido.

Se a minha expectativa era encontrar o desconhecido, ela foi totalmente preenchida. Bastou-me a 1ª aula para perceber isso. Eram símbolos, ideias, rabiscos e frases incompreensíveis para os meus ouvidos. O professor Amaral Dias terminava os seus raciocínios com uma expressão de "isto é obvio" que me fazia sentir ignorante, pois nada percebia do que ele dizia. Fazer o outro sentir-se ignorante talvez não seja a forma mais amigável de estabelecer uma relação, mas a verdade é que me estimulou a curiosidade e incrementou o meu desejo de investigar, de compreender e perceber.

Para tentar compreender e perceber o professor Amaral Dias, foi-me dado a conhecer Bion. W. R. Bion foi para mim um "professor" difícil de entender; tal como Amaral Dias, Bion fazia-me sentir ignorante e pouco inteligente. Lia e voltava a ler. Comecei pelos livros de introdução e depois os outros e os outros e novamente os livros de introdução e os outros e os outros … Muitas vezes parecia-me arrogante e pretensioso. Parecia-me que complicava as coisas simples e que não dava os devidos esclarecimentos às coisas complexas. Explicava de forma demasiado sintética e pouco esclarecedora. O meu companheiro é testemunha que muitos foram os meus momentos de desespero e desesperança.

Mas em cada volta, em cada nova leitura percebia um pouco mais e sem saber bem como, fiquei a perceber o professor Amaral Dias, a poder pensar com ele e com a ajuda dele. Fiquei a perceber Bion e a poder também pensar com a ajuda dele.

De facto, W. R. Bion e Carlos Amaral Dias estão a marcar a minha personalidade, estão a fazer-me ver a vida de forma diferente e principalmente estão a modificar a minha clínica e a minha maneira de ser psicóloga.

Se daqui a alguns anos reflectirei sobre o que vi em Bion da mesma forma que hoje faço com o que vi ao 19 anos em Sartre, não o sei. Não sei e isso não me preocupa. Agora ainda sinto a “ferida” que Bion e Amaral Dias abriram em mim.

2- Introdução

Wilfred Ruprecht Bion nasceu em 1897 e faleceu em 1979, deixando uma vasta obra dedicada ao estudo da psicanálise. Tecnicamente, Bion constituí-se como um seguidor da corrente teórica desenvolvida por M. Klein, mas a riqueza dos seus textos e dos seus pensamentos têm vindo a por em causa a ideia de que o seu trabalho é apenas mais uma expansão do pensamento desta autora. De facto, na nossa opinião, Bion desenvolve uma nova corrente dentro da psicanálise, ou inaugura mesmo uma nova época.

O trabalho elaborado por Bion assenta numa reflexão profunda e detalhada sobre alguns aspectos fundamentais da obra de Freud, nomeadamente os textos: *Instincts and their Vicissitudes, Interpretation of Dreams, Two Principles of Mental Functioning, Remembering, Repeating and Working Through, Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. O seu trabalho desenvolve-se, também, muito a partir de alguns conceitos fundamentais de M. Klein, como sejam a identificação projectiva, a cisão e as teorias sobre a posição esquizo-paranóide e depressiva. O facto de M. Klein ter sido sua analista também parece ter influenciado de forma determinante as suas produções intelectuais. Para nós é claro que Bion transforma quase tudo o que o seu pensamento toca, mas é curioso verificar que no livro *Cogitations*, uma compilação de textos elaborada por Francesca Bion, o nome de Freud aparece referido 104 vezes, enquanto que Klein aparece apenas 34. Talvez isto seja significativo da importância que Bion deu a um e a outro autor.

As contribuições de Bion são de facto fascinantes. Conforme referiremos mais adiante nesta dissertação, pensamos que Bion utiliza os pensamentos de muitos e diversos autores (psicanalistas e não psicanalistas) como se fossem instrumentos ao dispor da investigação. Com estes instrumentos ele investiga uma realidade que foi denominada por Freud de Psicanálise. Investiga a Psicanálise e investiga o objecto de estudo da psicanálise: a mente humana. Como qualquer outro investigador Bion tem uma

produção que lhe é própria e que se distingue com toda a clareza dos instrumentos que utilizou nessa investigação.

O trabalho desenvolvido por Bion é extremamente rico e abrange uma área muito vasta. Temos a noção muito clara de que esta dissertação fica muito aquém de revelar todo a genialidade de Bion, mas não tínhamos pretensões de o conseguir. Pretendemos, contudo, elaborar uma síntese que pudesse por em evidência algumas das relações que são possíveis de se encontrar entre os vários modelos e teorias propostas por Bion.

Esta síntese obrigou-nos a seleccionar da obra de Bion alguns pontos, e a oferecer-lhes um destaque maior com o custo inevitável de não referir muitos outros, ou colocá-los numa posição de menor destaque. Este jogo valorativo, deve-se mais à nossa leitura da obra de Bion do que à tentativa de atribuir um relevância equivalente à que ele próprio atribuiria. Neste jogo alguns conceitos terão ficado a ganhar, e outros a perder.

Bion organizou as suas investigações sobre a ciência, sobre a psicanálise e sobre o funcionamento da mente humana, com um profundo sentido crítico e com uma excelente capacidade de apreensão de novos factos, de novos dados da realidade. Durante esta investigação ele parecia estar convicto que de a ciência (e o método cientifico) era fruto da mente humana, e que a mente humana a tinha "criado à imagem e semelhança" do seu próprio funcionamento. Com isto pretendemos dizer que Bion talvez tenha "pensado" que o método cientifico enquanto um método ou forma de abordar a realidade, reflectia a forma e o modo como a mente abordava essa mesma realidade. Desta forma, Bion dedicava-se ao estudo do método cientifico para compreender a mente, e dedicava-se ao estudo da mente para perceber como deveria funcionar o método cientifico. Apesar de poder existir esta relação, para Bion parecia também ser claro que o método cientifico não era uma reprodução (fotocópia) do modo de funcionamento da mente, já que a mente poderia funcionar de forma semelhante ao método cientifico, mas não se esgotava nele. Bion sabia que "havia mais coisas na mente do que aquelas que o método cientifico ou analítico poderiam explicar". O método psicanalítico, contudo, revelou-se ao longo da investigação de Bion como sendo um método que satisfazia os requisitos do método cientifico mas

que não se esgotava nele. Depois da leitura atenta da obra de Bion fica no ar a ideia de que o método psicanalítico é de alguma forma "superior" ao método cientifico.

Se o método analítico é de alguma forma superior ao método cientifico, então é fundamental trabalhar sobre ele investigando as suas particularidades e especificidades. Investigar o que é e como se faz psicanálise não é uma tarefa simples, a complexidade da relação que se estabelece entre dois seres humanos quando estes estão envolvidos na actividade analítica é colossal. A mente humana é frágil, no sentido em que é apesar de tudo pouco poderosa e delicada, e com facilidade sucumbe ao peso esmagador do desconhecido. Para ajudar a mente humana a lidar com a complexidade que emerge de qualquer sessão analítica Bion criou e desenvolveu um método de notação dos acontecimentos analíticos, a Tabela. A Tabela permite investigar a realidade analítica e aumentar o grau de cientificidade dos diversos conceitos e teorias.

O critério de cientificidade não é, contudo, suficiente por si só para levar uma qualquer ideia ou teoria a ser reconhecida e aceite como verdade. No texto *La Tabla*[1], Bion faz referência a uma citação de Max Planck para ilustrar o que ele próprio pensa e sente sobre o reconhecimento de uma teoria cientifica; nessa citação Planck diz claramente que uma verdade cientifica não ganha por ter convencido os seus opositores ou por ter tornado possível ver a luz, mas vence porque com o tempo os seus opositores morreram e surge uma nova geração que está familiarizada com ela[2]. Pensamos que esta dissertação já se enquadra nesta nova geração que não põe em causa a veracidade de muitos dos achados realizados por Bion, mas que se esforça no

[1] O texto La Tabla foi publicado no livro *La Tabla y la Cesura*. Ver referência bibliográfica [16]

[2] "La segunda es una cita de la autobiografia de Max Planck acerca de un descubrimiento que fue sólo incidental respecto de su trabajo en mecánica cuántica. «Una de las más dolorosas experiencias de toda mi vida es que rara vez -y en realidad podería decir nunca- llegué a obtener reconocimento universal para un nuevo resultado cuya veracidad podía demostrar por una prueba concluyente pero sólo teórica … Esta experiencia me permitió también aprender algo que en mi opinión es un hecho notable: una nueva verdad científica no triunfa convenciendo a sus oponentes y haciéndoles ver la luz, sino más bien porque con el tiempo sus oponentes mueren y surge una nueva generación que está familiarizada con ella.»"

sentido de expandir e "aperfeiçoar" algumas das "coisas" que possam ter ficado mais obscuras ou embrionárias.

Com este estudo — ***Ensaio para a informatização da Tabela*** — pretendemos contribuir para o desenvolvimento das teorizações e aplicações práticas trabalhadas por W. R. Bion e posteriormente por Carlos Amaral Dias e outros.

A Tabela é uma grelha, construída através da operacionalização do modelo criado por Bion para o entendimento do pensamento, e que permite a categorização de enunciados verbais numa “nomenclatura” mais abstracta, sem perda de rigor. A posse de informação nesta nova notação permite-nos observar e ler os dados de uma outra forma, mais frutífera e passível de originar associações ainda não pensadas.

A Tabela é um instrumento que permite ao clínico exercitar-se mentalmente. Enquanto instrumento de investigação parece-nos de uma enorme utilidade, mas apresenta, a nosso ver, algumas dificuldades que se prendem fundamentalmente com o "manuseamento" da informação após ter sido transformada pela Tabela. Foi na resolução (ou tentativa de resolução) destas dificuldades que surgiu e se desenvolveu a ideia de informatizar a Tabela revista e modificada por Amaral Dias.

A versão informatizada da tabela de Bion revista e modificada por Amaral Dias permite que qualquer investigador ou clínico possa facilmente registar o seu trabalho pessoal, ou “alvo” de estudo, e “manipular” esse registo numa investigação mais viva e frutífera. É ainda de referir a utilização de uma metodologia estatística (Unidimensional Scaling), que organiza o que viemos a chamar de *modelo,* e que permite organizar a informação obtida na classificação dos enunciados na Tabela e convertê-la de tal forma que se pode elaborar um gráfico que reflecte a evolução/regressão do pensamento, e os movimentos operados entre os diversos usos.

Apresentamos 3 exemplos, que visam ilustrar o modo de funcionamento da aplicação BION (o programa por nós desenvolvido) e mostrar como uma nova apresentação dos dados se pode constituir como uma nova leitura, e dessa forma abrir novos mundos

conceptuais e colocar hipóteses que até aí se mantinham obscurecidas, ou não pensadas.

Não temos dúvidas sobre o facto de estarmos, ainda, muito longe de atingir a compreensão total dos fenómenos que surgem quando duas pessoas se juntam para fazer psicanálise, mas sentimo-nos satisfeitos por sabermos que estão a ser empreendidos esforços nesse sentido. Esperamos que esta dissertação possa ser enquadrada como mais uma tentativa de aumentar a compreensão do modo de funcionamento da mente humana, uma vez que disponibiliza um velho/novo instrumento, que permite o aumento da capacidade de tolerância à frustração imposta pelo contacto com a realidade e a verdade.

Esperamos que a versão informatizada da Tabela possa vir a constituir-se como um instrumento útil para todos os clínicos que trabalham com os conceitos Bionianos.

3- Enquadramento da Obra de Bion no seio da Psicanálise

O valor e a importância da obra de Bion na Psicanálise

Bion nasceu na cidade de Muttra, na Índia, em 1897, e faleceu em Oxford, Inglaterra, em Novembro de 1979. Entre o seu nascimento e a sua morte passaram-se 82 anos. Durante as últimas quatro décadas da sua vida, Bion transformou a psicanálise e a maneira de se pensar a psicanálise. O valor e a importância dos seus desenvolvimentos teóricos são, hoje em dia, polémicos. Para alguns, aquilo que Bion acrescenta à psicanálise é suficientemente vasto e coerente para merecer a designação de uma nova corrente, a "bioniana". Para outros, mais radicais que os primeiros, Bion instala uma ruptura com a psicanálise desenvolvida até então, e inaugura uma nova "era", a que chamam de psicanálise actual por contraposição a uma psicanálise clássica. Outros ainda pensam que os desenvolvimentos teóricos de Bion não são mais que uma continuidade natural ao desenvolvimento do pensamento analítico Kleiniano. Por último, há quem negue a validade e a importância dos desenvolvimentos teóricos de Bion. Esta corrente defende que "parte" do corpo teórico desenvolvido por Bion está mais ligado (ou orientado) para uma disciplina como a filosofia do que para uma disciplina como a psicanálise, que é eminentemente prática.

De facto, o espectro de opiniões sobre a obra de Bion é bastante amplo, variando entre a adoração (como a um mestre religioso) e o desprezo ou indiferença. A não existência de um consenso na avaliação do valor desta obra faz com que seja particularmente difícil situá-la na história da psicanálise. O lugar que se oferecer à obra de Bion será sempre condicionado pela opinião valorativa que tivermos dela, pelo que, autores diferentes oferecem lugares diferentes.

Neste contexto pensamos ser importante posicionarmo-nos em relação à obra de Bion. Para nós, a obra de Bion tem vindo a revelar-se como altamente profícua, quer ao nível teórico, onde nos estimula a uma constante reflexão e a uma abordagem

diferente da realidade, quer ao nível prático, onde as novas ideias interiorizadas se transformam num "novo dizer" ao paciente, num novo modo de interpretar e de nos deixarmos interpretar pelo paciente. No entanto, como nos encontramos no inicio daquilo que pensamos vir a ser uma longa (talvez mesmo interminável) investigação da obra de Bion, pensamos também que "tudo pode acontecer", e que aquilo que agora nos parece "espantoso" poderá vir a ser visto como "bizarro". Queremos com isto salientar que a nossa posição é prudente, mas cheia de expectativas positivas. Encontramo-nos naquilo que pensamos ser um equivalente da pré-concepção, isto é, queremos deliberadamente deixar uma grande área insaturada nas nossas mentes disponível para sondar de novo a obra de Bion.

Independentemente do lugar que cada um de nós pretender oferecer a Bion e às suas teorias, a verdade é que ele tem vindo a conquistar muitos adeptos. É referido em muitos dicionários e enciclopédias, e cada vez mais frequentemente se realizam encontros de psicanalistas de todo o mundo para discutir as suas ideias e as contribuições da sua obra para a comunidade cientifica.

O percurso de W. R. Bion

Os seus analistas

Se ainda é difícil determinar para onde vai a obra de Bion é bastante mais fácil determinar de onde ela veio. Apesar de revolucionária em muitos pontos, a obra de Bion inscreve-se em linhas de desenvolvimento estritamente relacionadas com o seu desenvolvimento pessoal e a sua experiência de vida. Uma das experiências de vida claramente determinantes, pelo seu peso e influência, foi o facto de ter sido psicanalisado por John Rickman e depois por Melanie Klein. No seu livro "Aprendiendo de la experiencia" diz:

> "Cuento, sin embargo, con la vantaja de haber estado en análisis primeiro con John Rickman y luego con Melanie Klein."[3].

Melanie Klein tem, de facto, uma importância vital na forma como Bion aborda e pensa a psicanálise, quer pela integração de muitos dos conceitos que ela desenvolveu, quer pela experiência marcante que foi ter sido sua analista. A este respeito encontramos, na obra de compilação elaborada por Francesca Bion, os seguintes comentários:

> " … I certainly cannot claim for myself—who have been analysed by Melanie Klein—that I am incapable of experiencing feelings of persecution; in our present state of progress I think any analyst would be rash to think that he was. …"[4]

Neste pequeno excerto, podemos verificar que Bion leva em consideração a sua experiência vivida para diferenciar a verdade da não-verdade nos conceitos desenvolvidos pela psicanálise e mais concretamente por Melanie Klein. Ele não pode pôr em causa aquilo que sentiu, e tê-lo sentido deve-se ao facto de ter sido analisado por M. Klein. Desta forma, verificamos que existe uma integração da sua experiência de vida nos seus desenvolvimentos teóricos.

Num outro excerto, ainda no livro Cogitations, observamos que Bion procurou deliberadamente M. Klein, e que a sua influência se passa a um nível bastante consciente. Bion integra muitos dos conceitos de M. Klein, mas não o faz sem uma profunda reflexão crítica.

> " … However, I took the plunge and went to see Melanie Klein. I found that what she said, while seeming very often to be rather extraordinary stuff, had a kind of common sense about it -not altogether what I would have regarded as obvious or clear to me, but on the other hand not divorced from what I knew about myself or other people, or even about my war experience. …"[5]

---

[3] Bion, W. R. *Aprendiendo de la experiencia*. Pág. 13, parágrafo 2. Ver referência bibliográfica [13]

[4] Bion, W. R. *Cogitations*. Pág. 291. Com o titulo de "Reverence and awe". Redigido em Março de 1967. Ver referência bibliográfica [11]

[5] Ibidem. Pág. 376. Excerto retirado da transcrição de uma casete. Abril de 1979. Ver referência bibliográfica [11]

Ter sido analisado por M. Klein foi de facto a "grande" experiência "cientifica" na vida de Bion. John Rickman teve um impacto muito menor na vida e obra de Bion. Poder-se-á pensar que a análise com Rickman tenha sido demasiado curta para exercer sobre Bion uma influência marcanda, mas apoiando-nos no excerto apresentado de seguida podemos levantar a hipótese que tenha sido Rickman a conduzir Bion até Freud e depois para M. Klein, que se intitulava seguidora directa de Freud.

> " … There were rumours during my time at Oxford about a thing called "psycho-analysis" and somebody called Freud. I knew nothing about it, nor was much known about it at the university.
>
> I made some enquiries but was persuaded that it wasn't really very much good -there were a lot of foreigners and Jews mixed up with it, so it was better not to get involved.
>
> However, when I was fortunate enough to come across John Rickman, I decided to launch out onto an analysis with him.
>
> That I found to be extremely illuminating; to my surprise, psycho-analysis seemed to have a distinct relationship to what I thought was common sense. Then, alas, came the threat of war, and I found my analytic experience terminated.
>
> After the war, Rickman did not feel that it was possible to continue with me because we had had plenty of experience together during the war. …"[6]

Pela leitura deste pequeno excerto ficamos com a ideia que foi Rickman que apresentou a psicanálise a Bion e que o convenceu dos seus méritos. Até então ele parecia desconfiar do valor da Psicanálise. Nota-se ainda um tom pesaroso ao referir a necessidade que Rickman sentiu de terminar a análise. Fica-se também com a ideia de que foi o contacto com a situação analítica (a experiência de ser analisado) que o convenceu do interesse e da pertinência da psicanálise. Já aqui se manifestava a tendência que acompanhou toda a sua obra, de só se deixar convencer pela (e na) experiência.

Bion assume para o exterior uma aderência à escola Kleiniana, apesar de os seus desenvolvimentos teóricos se afastarem em alguns pontos dos desta corrente.

---

[6] Ibidem, página 376, excerto retirado da transcrição de uma casete, datado em Abril de 1979.

> " … More than one patient has said my technique is not Kleinian. I think there is substance in this. …" [7]

Após ter estado nos Estados Unidos, Bion reflecte sobre a sua associação com a escola de M. Klein e sobre os problemas das sucessões e da aderência a esta ou àquela escola. Nessa reflexão ele deixa bastante claro que aquilo que tem uma importância fundamental são as ideias desenvolvidas e o valor que lhes é intrínseco, e não a sua pertença em termos de escola ou corrente de pensamento. Se não vejamos:

> " … I am always hearing - as I have always done - that I am a Kleinian, that I am crazy. Is it possible to be interested in that sort of dispute? I find it very difficult to see how this could possibly be relevant against the background of the struggle of the human being to emerge from barbarism and a purely animal existence, to something one could call a civilized society. …" [8]

Podemos, contudo, verificar o reconhecimento da existência de diferenças entre as suas ideias e as ideias de M. Klein, nos seguintes excertos:

> "… Winnicott says patients need to regress: Melanie Klein says they must not: I say they are regressed, and the regression should be observed and interpreted by the analyst without any need to compel the patient to become totally regressed before he can make the analyst observe and interpret the regression. …"[9]

> "… I use this phrase deliberately so as to emphasize a peculiarity in the use I am making of these two Kleinian concepts. …"[10]

O que parece ser um facto sem qualquer dúvida é que Bion se inspirou muito em M. Klein e que transportou (transformando) alguns dos conceitos desenvolvidos por ela para as suas teorizações. Bion transforma quase tudo aquilo em que o seu pensamento toca. A respeito da influência de M. Klein e do seu pensamento analítico podemos observar o seguinte excerto,

---

[7] Ibidem, página 166, sobre o titulo de "Analytic technique", datado de 1960

[8] Ibidem, página 377, excerto retirado da transcrição de uma casete, datado em Abril de 1979.

[9] Ibidem, página 166, sobre o titulo de "Analytic technique", datado de 1960

[10] Ibidem, página 170, sobre o titulo de "The synthesizing function of mathematics", datado de 1960

> " … It is not possible to do this if you cannot tolerate depression, because this ideational counterpart (the same as the "scientific deductive system"?) is the process Melanie Klein calls the synthesis of the depressive position. And this would mean that the breakdown in symbol formation is the inability to transform an actual union of actual elements into an abstraction, i.e. a scientific deductive system or calculus. …"[11]

Este excerto permite-nos verificar a relação entre as suas próprias ideias e as de M. Klein, e a forma como ele parte das ideias de Klein e as desenvolve. Numa outra situação podemos observar como Bion pensa criticamente Freud e Klein. No primeiro excerto Bion dá razão a Freud, enquanto que no segundo excerto dá razão a Klein. De facto, Bion tem acima de tudo um pensamento critico, e é com essa capacidade crítica que ele aborda as teorias desenvolvidas por Freud e Klein.

> " … If this is so, Freud's denial of guilt before the Oedipal situation, except for social guilt, is a more fruitful theory than Melanie Klein's [Developments in PsychoAnalysis, p. 272 et seq.]. …" [12]

e, mais tarde;

> " … This means that Melanie Klein is right in saying that the depressive-position depression is about all the destruction the patient has wrought. But has she regarded the splits as being parts of the whole object that has been destroyed? …"[13]

Bion sempre se considerou Kleiniano. Mas a verdade é que ele foi "Kleiniano" de uma forma muito "Bioniana". Não restam dúvidas de que M. Klein enquanto pessoa, analista e teórica teve uma influência decisiva nos seus desenvolvimentos teóricos, mas a forma como ele absorveu as teorias de Klein não foi neutra. Bion integrou, digeriu e modificou alguns dos modelos desenvolvidos por Klein. O pensamento de Klein não é exactamente o mesmo antes e depois de ter sido tocado pela mente de Bion. Se a transformação que Bion operou sobre os desenvolvimentos de Klein é suficientemente grande para se observar uma ruptura entre eles, e portanto criar-se uma cisão e estabelecer-se a diferença entre corrente Bioniana e Kleiniana é motivo de

[11] Ibidem, página 4, excerto datado de 10 de Janeiro de 1959

[12] Ibidem, página 31, excerto datado de 18 de Julho de 1959

[13] Ibidem, página 255, excerto não datado, inserido num texto intitulado de "Metatheory".

reflexão. Essa reflexão ocupa muitos estudiosos do pensamento de Bion, mas até agora não foi possível encontrar um consenso. Na nossa opinião, Bion criou de facto uma ruptura com M. Klein e desenvolveu uma nova forma de pensar a psicanálise e a mente humana que se impõe por si só. Para nós, a corrente Bioniana é uma realidade.

Os pensadores que mais o influenciaram

Bion era um homem muito culto, e os seus interesses tocavam muitas áreas. A abordagem que fez da psicanálise levou-o ao desenvolvimento de vários modelos. António Rezende refere o desenvolvimento de 3 modelos: o cientifico-filosófico, o estético-artístico e o místico-religioso.[14]

Bion utilizou como "matéria prima" para os seus desenvolvimentos teóricos, os desenvolvimentos de Freud e M. Klein. Estes dois psicanalistas, o fundador da psicanálise e a sua analista são referidos inúmeras vezes ao longo de toda a sua obra. É notório que as ideias desenvolvidas por Freud e Klein são o pano de fundo, o terreno fértil de onde surgem as suas próprias ideias. Curiosamente, Bion não leva em consideração os desenvolvimentos teóricos de nenhum outro psicanalista. Por exemplo, Winnicott é referido no excerto anteriormente apresentado, mas como se pode constatar, as suas ideias não são tidas em consideração. É referido e nada mais. Este facto não significa que Bion fosse desconhecedor do trabalho desenvolvido pelos seus colegas (seus contemporâneos ou não), mas que deliberadamente delimitou a "matéria prima" sobre a qual iria trabalhar. Observa-se uma exclusão clara e deliberada de todos os outros psicanalistas. Tudo se passa entre Bion, Klein e Freud. É como se Bion tivesse resolvido pensar e repensar Freud e Klein no seio da psicanálise, e a psicanálise que acolheu Freud e Klein.

No que respeita ao contributo de pensadores de outras áreas que não a psicanálise no desenvolvimento das suas ideias, modelos e teorias, pode-se dizer que foram muitos e

[14] Rezende, A. M. *Bion e o futuro da psicanálise*. Pág. 28. Ver referência bibliográfica [27]

diversos os pensadores que influenciaram Bion. Bion foi beber inspiração a muitos ramos da ciência. Observam-se influências de matemáticos, filósofos e místicos. É como se Bion tivesse utilizado uma série de pensadores e os seus pensamentos para auscultar, pensar, expandir, desmistificar e repensar a realidade psicanalítica e as teorias e/ou modelos de Freud e Klein.

De facto, Rezende na obra supracitada apresenta uma relação directa e quase estanque entre cada um dos modelos construídos por Bion e uma série de pensadores que influenciaram o desenvolvimento desse mesmo modelo. Se não vejamos:

> "Para o modelo cientifico-filosófico, dois interlocutores preciosos são Gotlob Frege e Ludwing Wittgnstein, além de Kant. Para o modelo estético-artístico, um autor significativo é William Blake, e não por acaso (…) Para o modelo místico-religioso, os principais interlocutores são Mestre Eckhart, São João da Cruz, e o Bhagavad gitá."[15]

Rezende utiliza a expressão "interlocutores", como se tivesse havido uma troca dinâmica de ideias entre Bion e os referidos pensadores. Essa escolha deve-se à forma como vemos Bion a integrar as contribuições destes autores e a expandi-las para além deles, num movimento muito próprio a Bion. Rezende identificou estes autores como os mais "preciosos", mas as referências de Bion a outros pensadores são frequentes. Podemos, ainda destacar Aristóteles, Arnold Bennet, George Berkeley, Nils Bohr, F. H. Bradley, R. B. Braithwaite, Lewis Carroll, Kenneth Clark, Nicolaus Copernicus, Charles Darwin, Descartes, Euclydes, Heisenberg, Hume, Milton, Sir Isaac Newton, H. Poincaré, etc. A lista é muito extensa, e dá conta do à vontade com que Bion se situava no mundo da cultura, e a facilidade com que ele integrava ideias provenientes de campos de estudo bastante diversos. Um outro ponto digno de atenção, segundo o nosso ponto de vista, é a coexistência de pensadores actuais com pensadores clássicos, como se a "data" da produção desta ou daquela ideia não tivesse qualquer peso. Bion parece lidar com as ideais e os pensamentos enquanto "elementos" intemporais. Isto é, a verdade de um pensamento é testada no contacto com a realidade e só aí ele ganha ou perde. Antes desta prova todos estão ao mesmo nível, nem verdadeiros nem falsos; nem modernos nem antigos.

[15] Ibidem. Pág. 28. Ver referência bibliográfica [27]

Sintetizando, poderíamos dizer que Bion utiliza os pensamentos de muitos e diversos autores (psicanalistas e não psicanalistas) como se fossem instrumentos ao dispor da investigação. Com estes instrumentos ele investiga uma realidade que foi denominada por Freud de Psicanálise. Investiga a Psicanálise e investiga o objecto de estudo da psicanálise, a mente humana. Como qualquer outro investigador, Bion tem uma produção que lhe é própria e que se distingue com toda a clareza dos instrumentos que utilizou nessa investigação.

4- O pensamento de W. R. Bion

W. R. Bion inovou e revolucionou a psicanálise. Como já referimos no capítulo anterior, Bion modificou profundamente a maneira de pensar a psicanálise, desenvolvendo vários modelos que permitem abordar a realidade de uma forma geral, e a mente humana em particular.

Neste capítulo pretendemos elaborar uma descrição sumária do trabalho realizado por Bion, dando conta das suas contribuições mais importantes. Esta tarefa é deveras difícil, porque a obra de Bion não se presta a ser dividida e esquartejada. A forma como o seu pensamento evoluí ao longo de um determinado livro ou texto não é linear. O leitor é obrigado a envolver-se na expectativa de vir a ficar esclarecido mais à frente, mas de facto o único elemento esclarecedor é todo o texto, todo o livro. Falar do pensamento de Bion é talvez mais difícil do que percebê-lo e compreendê-lo.

A grande maioria dos autores que pretende resumir ou sintetizar o pensamento de Bion, optaram por seguir a ordem cronológica do seu aparecimento em público. É este o caso de Gérard Bléandonu, com o livro intitulado "W. R. Bion - A vida e a Obra", e o de León Grinberg, Dario Sor e Elizabeth Tabak de Bianchedi, com a obra intitulada "Nueva introducción a las ideas de Bion". Em ambos os casos, os livros iniciam-se com as teorias sobre os grupos, passando depois pela análise da psicose, as teorias do pensamento e do conhecimento, e em último lugar a abordagem mística e as preocupações com a verdade absoluta. David Zimerman[16] optou por abordar a obra de Bion em dois registos diferentes: o teórico e o prático. Na abordagem da teoria segue a sequência cronológica dos desenvolvimentos de Bion, e na parte prática reflecte sobre o impacto da teoria anteriormente referida na prática quotidiana do analista. António Muniz de Rezende discute a obra de Bion de uma forma inovadora, pois utiliza os modelos desenvolvidos por Bion para perscrutar a realidade, como marcadores de

[16] Zimerman, D. E. *Bion da Teoria à Prática - Uma leitura didáctica*. Ver referência bibliográfica [31]

fases do seu desenvolvimento pessoal, quer como investigador quer como indivíduo. Desta forma, Rezende apresenta-nos a obra de Bion fazendo-nos acompanhar a evolução dos modelos. Do modelo cientifico-filosófico para o modelo estético-artístico e por último para o modelo místico-religioso. Para além de nos conduzir ao longo deste trajecto no seu livro "Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento",[17] Rezende apresenta-nos ainda um outro livro denominado "A metapsicanalise de Bion - Além dos modelos",[18] onde nos mostra que a obra de Bion não termina com a construção de modelos.

Nós também pretendemos abordar a obra de Bion segundo uma bipartição, necessariamente artificial, mas que nos parece útil. Iremos dividir a obra de Bion segundo as suas preocupações e desenvolvimentos respeitantes à ciência em geral, e à psicanálise em particular; no primeiro e no segundo momento iremos tentar elaborar uma visão de conjunto sobre as suas preocupações, investigações e desenvolvimentos sobre a mente humana.

Esta proposta parece-nos útil, pois nem sempre é fácil distinguir aquilo que pertence a uma ou a outra área de interesse. Bion reflectiu ao longo de toda a sua obra sobre o que é ou deve ser a ciência e sobre o que é e como funciona a mente humana. Estas duas preocupações e interesses acompanharam-se mutuamente, e ambas sofreram evoluções ao longo do tempo, assim como se influenciaram reciprocamente. Isto é, se Bion evoluía na forma como via e pensava a ciência e a psicanálise, então a forma como via e pensava a mente humana também evoluía e vice-versa.

Para tentar explicitar o pensamento de Bion de uma forma mais clara iremos, então, criar duas secções razoavelmente estanques; numa iremos pensar em Bion como um epistemologo, e verificar como ele pensa, reflecte e estrutura a ciência e a psicanálise enquanto disciplina cientifica que tem como objecto de estudo a mente humana; numa

---

[17] Rezende, António Muniz. *Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento.* Ver referência bibliográfica [29]

[18] Rezende, António Muniz. *A Metapsicanálise de Bion - Além dos Modelos.* Ver referência bibliográfica [28]

outra secção iremos pensar em Bion como um psicanalista que investiga o seu objecto de estudo a mente humana, e verificar quais são as suas especulações, observações, modelos e teorias. Como já dissemos anteriormente, esta bipartição é artificial, já que Bion vai evoluindo nestas duas áreas em uníssono, e numa mesma obra observamos desenvolvimentos e reflexões sobre ambas. Por exemplo, podemos verificar que no livro "Aprendiendo de la experiencia"[19] os capitulo I e II reflectem uma preocupação em utilizar os termos correctamente, constituindo-se portanto como uma preocupação com a psicanálise enquanto disciplina cientifica, assim como a matéria abordada nos capítulos XIII, XIV, XIX, XXII e XXIII. Em todos os outros capítulos a matéria abordada diz respeito a investigações, achados e conclusões sobre o que é e como funciona a mente humana. Pensamos que este exemplo ilustra muito bem a dificuldade em criar esta separação, já que as duas áreas estão imbricadamente juntas, e sofreram uma evolução em paralelo; por outro lado pensamos que mostra também a pertinência em fazê-lo.

Bion — O epistemologo[20]

Bion — O epistemologo que investiga a ciência

Bion estudou história moderna desde 1919 no "The Queen's College", e foi aí que conheceu H. J. Paton, um professor de filosofia que o levou a interessar-se muito particularmente pela obra de Kant. Este duplo encontro com um filosofo conhecido pela sua crítica a Kant e pelo contacto com a obra da Kant gerou algumas das suas ideias sobre a ciência e a psicanálise. Em 1921 obteve a licenciatura em Letras, o que lhe proporcionou uma excelente cultura geral e uma óptima cultura artística. Cultivava o conhecimento da língua e literatura francesa. Segundo Gérard Bléandonu,[21] Bion

[19] Bion, W. R. *Aprendiendo de la experiencia.* Ver referência bibliográfica [13]

[20] Epistemologia, s. f. disciplina que trata dos problemas filosóficos postos pela ciência, particularmente o do valor do conhecimento cientifico. (Do gr. Epistéme + lógos). In Dicionário da Língua Portuguesa. Ver referência bibliográfica [21]

[21] Bléandonu, G. *Wilfred R. Bion - A vida e obra.* Pág. 45 Ver referência bibliográfica [17]

impressionava pela abundância e pertinência das suas citações. Mais tarde, em 1930 licenciou-se em Medicina e passou a exercer a actividade de psiquiatra.

Foi a partir dos sessenta anos que Bion revelou a importância que estes conhecimentos não-psicanaliticos iriam ter nas suas reflexões. Com uma base cultural muito forte e sólidos conhecimentos sobre filosofia, Bion começou a questionar-se sobre qual era o papel da ciência, como é que ela funcionava e o que a sociedade em geral esperava dela. As suas reflexões foram-se centrando cada vez mais na psicanálise, na psicanálise enquanto ciência e na ciência enquanto psicanálise. Estas reflexões mostraram-se bastante profícuas, quer no desenvolvimento do seu pensamento analítico, quer na tentativa de desenvolver uma psicanálise cientifica.

A 10 de Janeiro de 1959[22] Bion dá-nos conta de uma preocupação e reflexão que o acompanhou durante muitos anos. Ele preocupou-se em encontrar resposta, mas principalmente em fazer a seguinte pergunta: Poderia a abordagem da investigação cientifica ser consequência de um compromisso obtido entre as necessidades impostas pela realidade externa (necessidade de obter conhecimento dos factos da realidade externa, por forma a dar cumprimento à compulsão à sobrevivência) e a necessidade imposta pela mente intolerante à passagem entre a posição depressiva e esquizo-paranóide ou intolerante a uma dessas posições?

> "…how far is the scientific outlook, the attempt to understand, a compromise between the necessity, imposed by the compulsion to survive the "reality principle", of knowing the facts of external reality, and the necessity, imposed by the psyche's intolerance of the paranoid-schizoid position or the depressive position, to move freely from one position to the other and back without depressively coloured persecutory feelings on the one hand, and depressive feelings untinged with feelings of persecution on the other? …"[23]

Ao levantar e investigar esta questão, Bion verifica que os trabalhos realizados segundo o método cientifico são vulneráveis à crítica de que possam ser a expressão

[22] Bion, W. R. Cogitations — *Cientific method* Pág. 12 Excerto datado de 10 de Janeiro de 1959. Ver referência bibliográfica [11]

[23] Ibidem. Pág.07 Ver referência bibliográfica [11]

de tensões profundas (*inner tensions*) inerentes à personalidade dos seus autores. Bion tenta demonstrar que o método cientifico em si é falho na "objectividade" que lhe é geralmente atribuída, e que poderá até "nascer" de elementos da personalidade (inconscientes) que procuram a sua realização.

Uma outra questão que encontramos reflectida na obra de Bion com uma frequência significativa é a de saber em que é que se baseia a generalização do método cientifico. A função da ciência parece ser a de estabelecer leis gerais que convertam o comportamento de acontecimentos ou objectos impiricos de tal forma que passe a ser possível extrapolar acontecimentos ou objectos ainda não conhecidos. Ao investigar esta questão, Bion verifica que a experiência é em última instância a prova de validade de uma generalização. Verifica, também, que a generalização depende muito intimamente da capacidade de acumular dados da experiência (factos históricos) e da capacidade de utilizar essa experiência passada acumulada para predizer o futuro. Desta forma a formulação de uma generalização cientifica (através do estabelecimento de uma hipótese e na verificação dessa hipótese) está dependente de uma "capacidade", e é portanto uma função da personalidade capaz de aprender com e pela experiência

> "… I wish to emphasize the fact that the historical question may be regarded as the reciprocal of prediction in that the function of the scientific generalization is to make it possible to summarize past experience in such a way that when, as it were, a whale turns out not to be a mammal, it will at once become clear either that an error has been made in the original formulation of the hypothesis, or is about to be made. It follows that the scientific law is closely related to, and an epitome of, experience, that it has relationships with memory, and that a capacity for the formulation of scientific generalization must be an essential function of any personality if it is to be capable of learning by experience (i.e. storing experience in an epitome and comparing a fact with the expectation engendered by the "law"). …"[24]

Uma terceira questão que é alvo de reflexão por parte de Bion, e que ainda se encontra relacionada com o método cientifico, prende-se com o que poderá ser considerado material legítimo para o estudo cientifico, isto é, qual é ou quais são os tipos de dados

[24] Ibidem, pág. 08

apropriados à formulação de leis cientificas. A resposta a esta questão remete-nos para o facto de que não existem restrições a este nível, a não serem as impostas pelo facto de terem que ser dados observáveis. O material legítimo para o estudo cientifico é aquele que se quiser que seja. Isto significa que estamos no domínio da "escolha" quando definimos o "material legítimo". Bion cita Braithwaite para explicitar que o material legítimo para o estudo cientifico tem que ser observável, tendo esta palavra o valor e o significado que o senso comum lhe atribuí, - "facts observed by common sense". Mais tarde iremos discutir esta noção de "observável, segundo o senso comum", para reflectir sobre a cientificidade do método psicanalítico.

De uma forma geral, a questão principal passa por saber o que é uma hipótese cientifica, já que os resultados científicos são confirmações da veracidade de hipóteses cientificas. Bion defende a tese de que a hipótese cientifica é uma generalização abstraída da constatação de que determinados factos foram encontrados constantemente conjuntos. Por isto considera que as hipóteses cientificas têm as seguintes características:

- Primeiro, uma experiência privada é transmutada (transformada) numa comunicação pública (quer o facto se tenha tornado público ou não);
- Segundo, certos tipos de experiências, factos ou acontecimentos são vistos como estando aglomerados, se estiverem articulados no tempo (passado, presente ou futuro); consequentemente a hipótese passa a estar associada com a memória e a predição. Este facto está intrinsecamente relacionado com a realidade, e não pode ser (a menos que deliberadamente) divorciada do teste da realidade, isto é, da experimentação e da aplicação prática.
- Terceiro, a "criação" mental de uma organização dos elementos, de tal forma que no momento de união se inicie um processo em que os elementos em mudança produzirão aquilo a que chamamos efeito, e a selecção de certos elementos mentais análogos aos factos matemáticos que segundo Poincaré (citado por Bion) "unite elements long since known but till then scattered and seemingly foreign to each other", para que desta maneira se possa ver o espaço que cada elemento ocupa no todo.

Bion defende que o método cientifico entra em linha de conta com factores "objectivos" e "subjectivos", na medida em que estabelece uma relação entre factos da realidade externas mas a relação encontrada é produto da mente do investigador.

> "… My view diverges from the view that the scientific hypothesis or law includes more than a generalization and that that something is a function of external reality. It approximates to the views of those epistemologists - Kant, Whewell, Mill, Peirce, Poincaré, Russell and Popper - who tend to the beliefs compatible with the idea that scientific knowledge is the result of the growth of common-sense knowledge. My agreements - and disagreements - with these epistemologists are a direct consequence of a psycho-analytic investigation of the phenomena known to all of them under various synonyms for scientific common sense. …"[25]

Bion acaba por demonstrar de uma forma bastante clara que os desenvolvimentos cientificos, e os métodos por ela utilizados dependem e estão limitados pelas capacidades dos homens que os produzem e utilizam. Isto é, a produção cientifica é profundamente subjectiva mas rigorosa na aplicação do seu método; ela reflecte o modo como a mente humana funciona e está por isso condicionada às suas limitações e aos seus erros. Da mesma forma que a mente humana é incapaz de apreender a globalidade dos fenómenos que se passam à sua volta, também uma determinada ciência é incapaz de dar sentido à globalidade dos fenómenos. A mente humana só é capaz de conhecer e esclarecer aquilo que está dentro das suas capacidades, o mesmo se passando em relação à ciência. Bion explícita isto da seguinte forma:

> " …it is simply a peculiarity of the human mind which tends to illuminate just those phenomena that lie within its powers of illumination …"[26]

A generalização e a precisão dos conceitos fazem também parte das preocupações básicas de Bion. Ele preocupa-se em saber até que ponto é que um determinado conceito não perde a sua precisão por ter sido generalizado, e de que forma é que um determinado conceito pode manter o seu nível de precisão apesar de ter sido generalizado. Para investigar esta questão Bion foi observar o que acontece com os

---

[25] Ibidem. Pág. 21

[26] Bion, W. R. Cogitations — *Common sense.* Pág. 27 Excerto datado de 16 de Maio de 1959. Ver referência bibliográfica [11]

conceitos (no que respeita à precisão e generalização) numa série de ciências e verificou que a precisão de um conceito é dada pela delimitação precisa do seu campo de acção e que a generalização é conseguida através da abstracção. Quanto mais abstracto um conceito é, mais abrangente se torna.

Um determinado conjunto de conceitos tem limitações que não são óbvias a partir do conjunto em si. Da mesma forma, um sistema dedutivo cientifico só é válido num e para um sistema limitado, mas não é dedutível a partir desse mesmo sistema dedutivo cientifico. Isto é, um conceito (ou um conjunto de conceitos ou um sistema dedutivo cientifico) não é capaz de determinar o seu próprio limite.

Da mesma forma que se reflecte sobre a incapacidade de um sistema cientifico dedutivo determinar os seus limites, também se deverá reflectir sobre a capacidade que o sistema cientifico dedutivo tem de obter conhecimento. Isto é, Bion levanta a questão (que não era nova) de saber o que é que de facto se conhece (se obtém) quando se utilizam as metodologias inerentes ao sistema cientifico dedutivo. Bion, considera que os factos descobertos como resultado da aplicação do método cientifico não constituem uma prova de que o método empregue — por exemplo as formulas matemáticas utilizadas na predição de fenómenos da astronomia — tenha uma validade independente do observador que os elabora e os emprega. Heisenberg e Nils Bohr mostraram que nenhum facto se encontrada isolado da totalidade dos factos. Isto é, que todos os factos se encontram relacionados, e são influenciados pela totalidade; e por sua vez, a totalidade é desconhecida. Desta forma, o conhecimento obtido é necessariamente uma fracção, e os métodos (conceitos, etc.) utilizados para o obter são sempre limitados, e estão necessariamente relacionados com a “mente” que os produziu.

A discussão gira à volta de saber o que é, ou o que deve ser, o método cientifico, e sobre quais são ou quais devem ser os objectivos daqueles que empregam esse método. É necessário, então, explicitar quais são as regras e/ou leis às quais se deve obedecer para levar a bom termo uma investigação cientifica.

A hipótese cientifica é baseada na tendência da mente humana para associar vários elementos, e não na tendência de os elementos para se associarem entre si. A ciência debate-se com alguns problemas que põem em causa a sua "cientificidade/ objectividade". Um desses problemas está relacionado com a percepção, e centra-se na dificuldade de saber qual é o grau de validade que deve ser atribuído à nossa crença na existência real de uma entidade que de facto apenas pode ser "observada" através da dedução de informação sensorial. Um outro está relacionado com a validade das contribuições que a mente humana faz a qualquer hipótese.

Na página 156 do livro Cogitations, Bion explicita o que entende por sistema dedutivo cientifico:

> " …By the term, "scientific deductive system", I mean any system of hypotheses in which certain hypotheses occupy a high level in the particular system, and are used as premises from which lower-level hypotheses are deduced. Lower-level hypotheses are of decreasing generalization until the lowest level of all, which have a degree of particularization that makes them suitable for verification by empirical experience such as scientific experiments, or, in the case of psycho-analysis, clinical experience…" "… I consider it of great importance that there should be established a calculus that represents the scientific deductive system, and in all cases where the scientific deductive system is represented by the associated calculus I include calculus and scientific deductive system as essential to each other; unless otherwise stated, I wish it to be assumed that when I speak of a scientific deductive system I refer to it and the associated calculus that represents it. …"

Bion considera que o problema central do método cientifico é a comunicação, e nesta medida considera pertinente que se faça uma abordagem do método cientifico através da discussão da psicologia do indivíduo, assim como do indivíduo enquanto membro de um grupo. Os "erros" do método cientifico estão associados a dificuldades de comunicação, isto é, à passagem do conhecimento privado para o conhecimento público; daqui se depreende a importância vital da linguagem utilizada pela ciência e as suas técnicas de notação.

> " …We must consider the possibility that in a scientific deductive system the appearance of bi-polarity that is presented by the hierarchical arrangement of a theory (with premises and highlevel hypotheses of high generalization at one end, and low-level sets of empirically

> verifiable data of high degree of particularization at the other) must be replaced by something far more complex in which what I later call "a selected fact" has grouped about it a constellation of elements in sets that are determined only by the nature of the link and its characteristic of being attached to the selected fact. In such a system the scientific deductive system would form only one set of elements, linked by the logic of the deductive system, and possessing the selected fact as one of its elements. …"[27]

Em síntese, o método cientifico visa obter conhecimento sobre a realidade. O conhecimento não é uma coisa-em-si, isto é, não existe nada na realidade externa que seja a contra-parte do conhecimento. O conhecimento é, então, "qualquer coisa" que o homem tem e produz na sua relação com a realidade. O conhecimento sobre a realidade não é estático, mas modifica-se no contacto com a realidade. A ilusão de que o conhecimento é estático advém da permanência com que determinadas "coisas" se relacionam com outras, e da constância com que o homem verifica empiricamente essa permanência. Os padrões de relações parecem ser mais estáveis entre objectos não-vivos do que entre objectos vivos.

Conhecimento é então a palavra escolhida para dar conta de um fenómeno que pode ser descrito como o estabelecimento e o desenvolvimento de uma determinada relação entre o homem e a realidade. Esta relação (entre o homem e a realidade, chamada de conhecimento) é muito específica. A sua especificidade inclui,

1. Tentar traduzir a experiência numa linguagem tal que esta possa ser "aproveitada" pelo homem para predizer o futuro, explicar o passado e modificar a realidade.
2. Visa diminuir a ansiedade e a angustia originada pelo contacto com uma realidade não-conhecida, não-prevista e indutora de sofrimento (físico e/ou psicológico).
3. Visa modificar a realidade, por forma a torná-la mais tolerável ou até mesmo agradável.

[27] Bion, W. R. Cogitations — *Communication*. Pág. 179. Excerto não datado. Ver referência bibliográfica [11]

Ser capaz de conhecer a realidade é, então, uma “arma/ferramenta” poderosa que o homem tem ao seu dispor para lidar com ela. A capacidade de *conhecer* não é a única “arma” de que o homem dispõe para lidar com a realidade, mas é uma delas, e talvez seja a mais importante.

Desta forma torna-se claro que ser capaz de conhecer algo, ser capaz de traduzir a realidade numa linguagem suficientemente apta para predizer o futuro e para explicar o passado seja fundamental para o desenvolvimento e a sobrevivência do homem. É, então, lícito pensar que a possibilidade de sobrevivência e de desenvolvimento do homem é tanto mais elevada quanto mais preciso, eficaz e verdadeiro for o conhecimento que ele tem acerca da realidade (interna e externa, consciente e inconsciente). É neste momento que o método cientifico se introduz como um factor de elevada pertinência. O método cientifico permite a obtenção de um conhecimento mais eficaz, mais preciso e verdadeiro. Por verdadeiro entende-se: "que de facto traduz a realidade", isto é, que existe na realidade uma contra-parte dessa “ideia”, desse “pensamento”. O estar na “posse” de um conhecimento desta natureza (cientifico) permite uma acção na realidade mais eficaz; permite a modificação da realidade por forma a reduzir ou a minimizar o sofrimento, e a aumentar o prazer físico e/ou psíquico.

Nesta altura pensamos ter sido capazes de responder, pelo menos em parte, à pergunta, "Porque é que o homem procura conhecer a realidade?" De facto, o homem parece procurar conhecer a realidade porque através desse conhecimento é capaz de a modificar, melhorando as suas possibilidades de sobrevivência e de desenvolvimento, e diminui o sofrimento inerente ao contacto com a realidade. Uma outra pergunta pertinente a responder seria: "De que forma tenta o homem “obter” conhecimento acerca da realidade?" Esta pergunta seria melhor formulada da seguinte forma: "Que tipo de relação estabelece o homem com a realidade, quando está envolvido na actividade de a conhecer?". O método cientifico parece ser uma forma de investigação muito adequada e eficaz. Neste sentido, o estudo do método cientifico parece ser uma forma adequada para compreender como é possível ao homem “obter” conhecimento. O método cientifico não é o único método pelo qual se pode “obter” conhecimento, mas parece ser o método pelo qual se “obtém” um conhecimento mais verdadeiro.

Ao estudar o método cientifico, Bion apercebeu-se de que ele é, segundo um determinado prisma, profundamente subjectivo. Bion considera que o contacto com a realidade e o processo de indução (reflexão sobre um conjunto de dados acumulados) levantam questões[28] sobre aquilo que é percebido como real. Para ele, as hipóteses fundamentais ao processo cientifico são a resposta "natural" da mente humana para tentar lidar com essas questões. [29] Contudo, a hipótese levantada nem sempre visa responder à questão colocada pelo contacto com a realidade, ou pelo processo de indução. Ainda de acordo com o pensamento de Bion, o levantamento de hipóteses está intrinsecamente relacionado com a capacidade individual do investigador para escolher o "facto seleccionado"[30], isto é, com a selecção de um facto que dá nome e

---

[28] "… My theory is that contact with reality induces questions, and that the process of induction gives rise to questions. The hypothesis is inspired by the need to deal with—not necessarily to answer—the question. It may still be true that the hypothesis does answer the question, but that may only be because in a particular instance there is an answer that would deal with the question. …". In Cogitations. Não datado. Página 190/1.

[29] "… I think the fault lies in the belief that the inductive method consists of the collection of data and the inference, from the data observed, of generalizations such as are commonly embodied in a hypothesis. I believe the hypothesis is not based on what is commonly supposed to be observation, but is essentially a statement that such-and-such is a fact. This supposed fact has invariably the following features, which are essential to it as a hypothesis.

1. It states that certain elements are constantly conjoined.
2. It states that these elements are conjoined in a particular way.

When one of the elements is time, the elements are always stated to be related to each other as cause and effect. The word, "cause", is applied to the selected fact that, for the particular individual observer, gives coherence to certain elements that have, to him, been mentally present as incoherent and demanding coherence. Essential amongst these elements are (externally) time, and (internally, and peculiar to the individual) feelings of guilt. …". In Cogitations. Não datado. Pág. 194/5

[30] " …I have said that the inchoate mass of incoherent, or apparently incoherent, elements can, by selection of the appropriate fact, be made to appear to the observer to come together as a whole in which the elements are now seen to be related to each other as parts of the whole. When time is essential, this selected fact is known as the cause, but this fact is otherwise no different from other facts

organiza todo o conjunto de factos que até então se encontravam separados, dando-lhes coerência e evidenciando relações até aí insuspeitas.

Segundo este ponto de vista, uma das fases fundamentais do método cientifico, o levantamento de hipóteses, depende mais de uma capacidade individual do que da "recolha de informação e posterior inferência de hipóteses". O levantamento de hipóteses é um "acto criativo" profundamente dependente da subjectividade do seu criador[31]. Contudo, esta subjectividade não invalida a "cientificidade" do método cientifico, já que esta se prende com o rigor da aplicação do método e não com a criatividade da hipótese, apesar de depender desta última para se desenvolver.

No que respeita ao método cientifico, enquanto elaboração de um sistema dedutivo cientifico, podemos dizer que este é independentemente da sua eficácia, necessariamente limitado, apesar de não ser possível definir esses limites do interior

---

that are selected for their apparent ability to bring these elements together as a whole. Such facts do not necessarily possess intrinsic significance; that depends on what fact the observer lacks, and that clearly depends on the observer. …". In Cogitations. Não datado. Pág. 193

[31] "… I believe that philosophers are correct in expressing the need for some theoretical concept, such as induction, to represent a verifiable fact that plays an essential role in the scientific method. I also believe that the process of induction—whatever that might turn out to be—is and must be related to a sensory awareness of data of external reality. But the function of induction is to extract from the data that have been collected via the sensory apparatus, not a hypothesis but a question-preferably the right question. By "right question" I mean that which is dictated by common sense (in the sense in which I have defined it); for any other question is a matter of private concern, and all scientific matters are of public knowledge of public facts made public—the scientific work consisting of public-ation. I suggest then that the process is one of awareness of incoherent elements and the individual's ability to tolerate that awareness until such time as induction leads to the formulation of a question. (Of the nature of those questions I shall speak later.) The question once formulated gives rise to an inspiration, the selection of the "fact" or, as I would suggest, the sophisticated fact or hypothesis. From this follow the steps by which a scientific deductive system is built up: from the high-level hypotheses acting as premises, through the intermediate derived hypotheses, through decreasing generalization to the lowest-level hypotheses, we reach the particularizations that are open to invalidation by empirical testing. …". In Cogitations. Pág. 195

do próprio sistema cientifico dedutivo. O conhecimento obtido através da utilização de um qualquer sistema cientifico dedutivo é sempre parcial, e os métodos e técnicas por ele utilizados são também sempre limitados. Uma outra dificuldade que o método cientifico tem de enfrentar está relacionada com a necessidade de criar (desenvolver) uma linguagem cientifica que possa dar conta desse conhecimento cientifico (obtido através da aplicação do método cientifico a uma determinada realidade).

Dissemos anteriormente que o conhecimento é o processo pelo qual se "traduz" a experiência numa linguagem tal que esta possa ser “aproveitada” pelo homem para predizer o futuro, explicar o passado e modificar a realidade. A estruturação e o desenvolvimento desta linguagem cientifica é o desenvolvimento e a estruturação de um sistema (Ex. sistema métrico, cálculo matemático, etc.) que represente o sistema cientifico dedutivo ao mesmo tempo que o torna generalizável e possível de ser comunicado e partilhado por todos.

No conhecimento cientifico a generalização não pode acarretar a perda de precisão dos conceitos envolvidos. Esta dificuldade (a imprecisão) é ultrapassada pela delimitação precisa do campo de acção do conceito e pela explicitação clara da sua definição, enquanto que a generalização é conseguida através da abstracção.

Bion — O epistemologo que investiga a psicanálise

Bion ao investigar a ciência e a psicanálise faz um duplo movimento; aproxima o método cientifico do método psicanalítico e este último ao método cientifico. De facto ao identificar os elementos susceptíveis de subjectividade no seio do método cientifico, como seja a elaboração da hipótese, Bion está a abrir espaço para o estabelecimento de uma ciência onde a subjectividade é desejável. Por outro lado, e como veremos de seguida, Bion esforça-se para introduzir na psicanálise o rigor e a objectividade, obrigando-a a aproximar-se das condições exigidas pelo método cientifico.

A psicanálise coloca muitas e sérias dificuldades no que respeita ao seu método de trabalho e à publicação das suas descobertas. O facto de se servir da mente humana (a do analista) como instrumento de investigação de uma realidade muito específica, a mente humana (a dos outros; a do paciente), a psicanálise cria uma dificuldade aparentemente muito complexa e difícil de ultrapassar. O investigador, o instrumento de investigação e o objecto a investigar são uma e a mesma realidade, a mente humana. Esta aparente confusão (fusão) entre investigador, técnica e objecto de estudo vai-se desfazendo à medida que reflectimos e a observamos mais de perto.

As criticas feitas à psicanálise [32] que mereceram uma profunda reflexão por parte de Bion são variadas, mas talvez se possam identificar três como sendo as mais pertinentes:

1. Até que ponto é que a mente humana é capaz de observar e registar os fenómenos de forma objectiva? Isto significa que a capacidade do analista como instrumento de observação é posta em causa.

[32] "… I shall approach the subject as if my aim were to see in what way the criticism that psycho-analysis is unscientific is justified. To do this it is necessary first to try to understand what constitutes scientific method and by what criteria it is possible to determine whether a given method is scientific or not. To this end I propose to consider the views of physicists and philosophers. I choose these two disciplines because it would generally be conceded today that it is in the field of physics that scientific method has achieved its greatest successes, and in the field of philosophy—particularly through the labours of the philosophers of science—that the most rigorous investigation of the methods by which these successes have been achieved has been set in train.

I must say at once that the idea that there is any generally accepted view of what constitutes scientific method, or indeed that there is a scientific method, is one of which one rapidly becomes disabused. The search, as I hope to show, is rewarding; the more thoroughly it is carried out, the greater and more fascinating is the complexity that is revealed. In the first place it is clear that psycho-analysis is not alone in being vulnerable to criticism of the scientific soundness of its methods and results. …". In Cogitations. Não datados Pág. 242

2. Até que ponto é que a mente humana (os seus conteúdos e os seus modos de funcionamento) são acessíveis à observação? Isto é, poderá a mente humana ser considerada objecto de estudo?
3. Até que ponto é que as teorias e os modelos desenvolvidos pela psicanálise são passíveis de confirmação e infirmação. Isto é, poderão as teorias e os modelos da psicanálise ser sujeitos à experimentação cientifica? Se sim, como é que poderá isso ser feito?

A exposição que se apresenta de seguida pretende elucidar estes 3 pontos. A reflexão que o primeiro ponto induz obriga-nos a pensar sobre se será de facto necessário ser-se totalmente imparcial e objectivo para se trabalhar ao nível da produção cientifica. A "defesa" deste ponto não passa por uma contraposição, ou por uma contra-argumentação, no sentido de que a mente humana pode de facto ser capaz de uma observação isenta e imparcial; passa por reflectir sobre a importância dessa mesma objectividade e imparcialidade para o desenvolvimento de um conhecimento que se quer cientifico; a questão centra-se, então, na implicação da objectividade versus subjectividade na produção de conhecimento cientifico. A questão converte-se, então, numa outra: poderá a mente humana servir como instrumento de observação, apesar de apreender o real (o objecto da observação) de forma necessariamente subjectiva e parcial? E que validade tem esta observação?

A resposta a esta pergunta leva-nos a reflectir sobre as diversas ciências, particularmente sobre as ciências naturais, que se têm apresentado como o modelo a seguir, dada a sua completa objectividade e isenção. Uma reflexão cuidada, como aquela que foi empreendida por Bion, impele-nos no sentido de que se torna cada vez mais evidente que a objectividade e imparcialidade destas ciências se deve por um lado à utilização de instrumentos de observação – criados com o objectivo de distanciar o investigador do seu objecto de estudo, padronizar as observações e permitir o desenvolvimento de uma linguagem técnica (isto é, precisa e isenta de conotações emocionais) –; e por outro lado ao facto de os seus objectos de estudo

serem inanimados, o que faz com que mantenham uma grande parte das suas características ao longo do tempo facilitando assim a observação.[33]

A esta explicitação podem acrescentar-se os argumentos utilizados na secção anterior, que retiram à objectividade e à imparcialidade uma parte da sua importância, já que, de facto, todo o conhecimento cientifico está intimamente relacionado com o investigador que o "produziu", e nem por isso perde em termos de "cientificidade".[34] e [35]. Retomando a problemática introduzida no ponto 1, podemos dizer, sem qualquer tipo de rodeios que a mente humana de facto é um observador subjectivo e imparcial; no entanto este facto não inviabiliza a possibilidade de a mente humana poder servir

---

[33] "… The psycho-analyst is in the curious position of studying a subject that illuminates the most ineradicable source of unscientific inquiry, namely the human mind, using that same mind as his scientific instrument, and having to do so without the comfort of thinking his observations are made by an inanimate machine that, by virtue of being dead, must be objective. But clearly an inability to be satisfied that the methods of scientists of other disciplines are scientific decreases rather than increases the psycho-analyst's hope to be more successful. Yet the attempt must be made to use psychoanalytic experience to improve on classical scientific method, and to use such improvements to fortify the procedures we employ. …". In Cogitations. *Metatheory*. Não datado. Pág. 244

[34] "… Ultimately, a science stands or falls in proportion as it is a valid technique for discovery, and not by virtue of the "knowledge" gained. This last is always subject to supersession; indeed, supersession of findings by new findings is the criterion by which vitality of the subject is judged. …". In Cogitations. Pág. 190

[35] "… In the natural sciences the quantum mechanical theories have disturbed the classical concept of an objective world of facts which is studied objectively. And the work of Freud has at the same time excited criticism that it is unscientific because it does not conform to the standards associated with classical physics and chemistry; it constitutes an attack on the pretensions of the human being to possess a capacity for objective observation and judgment by showing how often the manifestations of human beliefs and attitudes are remarkable for their efficacy as a disguise for unconscious impulses rather than for their contribution to knowledge of the subjects they purport to discuss.

But, it may be argued, do not the facts discovered as a result of the application of scientific methods constitute a proof that the methods employed—for example mathematical formulas in the prediction of astronomical phenomena—have a validity independent of the observer who elaborates and employs them, that the methods belong to ontology, not epistemology, and are "objective", not "subjective"?". In Cogitations. 4 Outubro 1959. Pág. 84

como instrumento cientifico, e dessa forma ganhar em termos de objectividade e imparcialidade. A mente humana é, então, capaz de observar e registar os fenómenos de forma objectiva (tanto quanto em qualquer outra ciência) desde que funcione como instrumento cientifico. Esta passagem é subtilmente introduzida, mas tem uma importância fundamental.

A passagem da mente humana enquanto mente humana para a mente humana enquanto instrumento cientifico introduz uma nova questão, e por isso um novo debate: em que circunstâncias, sob que condições pode a mente humana funcionar como instrumento cientifico? Esta questão aparentemente simples tem uma resposta bastante complexa, que passa pela análise de algumas teorias analíticas e pela reflexão sobre as modalidades de anotação e de comunicação das investigações realizadas. A resposta a esta questão prende-se com a resposta aos dois outros pontos, já mencionados.

A problemática introduzida no ponto 2 "até que ponto é que os conteúdos e os modos de funcionamento da mente humana são acessíveis à observação", é também muito complexa e dificilmente se esgota nesta apresentação. Contudo, iremos fazer um esforço no sentido de focar os pontos que nos parecem ser de maior relevância para a discussão. Que a mente humana existe, e que tem conteúdos é evidente para todos aqueles que poderão ler este trabalho, isto é: é evidente para toda a mente humana que seja capaz de ter consciência de si e da realidade. Nesta altura ligámos a existência de conteúdos mentais com a consciência deles, mas a partir de Freud os conteúdos mentais ultrapassaram a barreira do consciente. Com a definição de inconsciente passou a existir um “espaço” onde os conteúdos mentais existem para além da consciência (ou apesar da consciência). Desta forma, apesar de ser impossível negar a existência de conteúdos mentais, não é possível falar deles sem recurso à linguagem. Os conteúdos mentais só se tornam visíveis quando sobre eles qualquer coisa se diz (não necessariamente de forma verbal). Este dizer dos conteúdos mentais ganha uma nova dimensão com a descoberta da linguagem do inconsciente, que se deve também a Freud. Com esta descoberta, os conteúdos mentais podem ser ditos pelo menos em duas linguagens: a do consciente e a do inconsciente.

Pelo que atrás foi referido podemos dizer que saber acerca dos conteúdos mentais é ser capaz de "perceber/interpretar" as linguagens em que eles se expressam. Muitos dos constructos teóricos desenvolvidos por Freud e Lacan, entre outros, visam dar conta da linguagem do inconsciente. Portanto a realidade interna (consciente e inconsciente) é o verdadeiro objecto de estudo da psicanálise. Mas a questão não se esgota aqui, porque a realidade interna (enquanto coisa-em-si) não é passível de ser conhecida (é incognoscível); dela só se sabe o que é expresso através da linguagem, e portanto da comunicação. A comunicação coloca novas questões, inerentes à passagem de um conhecimento privado para o conhecimento público, isto é, com que certeza se poderá dizer que aquilo que o analisando diz a respeito de si [36] próprio reflecte aquilo que são os seus conteúdos mentais, e ainda, até que ponto é que aquilo que o analista observa e aquilo que diz ter observado são uma e a mesma coisa. Por tudo isto, Bion considera que o verdadeiro objecto de estudo da psicanálise é o "elemento actual", que postula como sendo um fenómeno constituído e definido por três condições fundamentais. [37]

---

[36] "… Private knowledge becomes public knowledge when the common sense of analyst and analysand agree that the perceptions of both indicate that some idea corresponds to an external fact independent of both observers. I shall later suggest that it is the moment of public-ation that is the point at which a mental phenomenon—a thought, an idea, a hypothesis—becomes an action in a psycho-analysis. When the psycho-analyst gives an interpretation that is a public-ation of private knowledge, he is translating thought into action, word into deed, just as much as the physicist conducting a laboratory experiment. …". In Cogitations. Não datado. Pág. 197

[37] "… What does the psycho-analyst do? He observes a mass of "elements long since known but" - till he gives his interpretation - "scattered and seemingly foreign to each other". If he can tolerate the depressive position, he can give this interpretation; the interpretation itself is one of those "only facts worthy of our attention" which, according to Poincaré, "introduce order into this complexity and so make it accessible to us". The patient is in this way helped to find, through the analyst's ability to select, one of these unifying facts.

The fact that I here equate with what Bradley calls "the actual element" is in a sense in no way different from the facts or actual elements that are the objects of curiosity, elucidation, and study in any science whatever, although this fact may be obscured because it is a "fact" or "actual element" of the kind that the analyst is inviting the patient to study-namely, the patient's own.

It will be observed that in the theory I am putting forward I am postulating a phenomenon with three facets:

Da leitura da nota 37 percebe-se que o objecto da psicanálise não pode ser dissociado da relação que se estabelece entre analisando e analista. Desta forma, não são mais os conteúdos mentais do analisando que definem o objecto de estudo da psicanálise, mas sim a relação que se estabelece entre analisando e analista quando ambas as mentes investigam os conteúdos mentais de um deles, o analisando. A relação estabelecida desta forma ganha em termos de objectividade, pois o objecto da psicanálise passa a ser tudo aquilo que se passa durante a sessão, e não "coisas" relatadas pelo paciente, ás quais o psicanalista não tem, nem nunca poderá ter acesso. Nesta linha de raciocínio, o pensamento, a ausência de pensamento e tudo o que possa surgir no lugar

---

> **(1)** what Bradley would call "actual elements in an actual union", which is identical with what the scientist would call "observable data" in a relationship with each other that is equally observable,
>
> **(2)** an ideational counterpart of the above, which is dependent upon the individual's ability to translate an "actual element" into an idea. (The psychotic fails to do this, and even when he verbalizes still thinks that words are things.) This operation depends on the individual's capacity to tolerate the depression of the depressive position and therefore to achieve symbol formation. This phase is identical with the scientist's ability to produce a scientific deductive system and the representation of this, which is called calculus [Braithwaite, p. 231]
>
> **(3)** a mental development that is associated with an ability "to see facts as they really are" [Samuel Johnson to Bennet Langton, see p. 114 of text for details] and internally with a sense of well-being that has an instantaneous ephemeral effect and a lasting sense of permanently increased mental stability. …"

The peculiarity that distinguishes the psycho-analyst from his analysand is that the analyst is able to select the worthwhile fact, produce the deductive system and its associated calculus experience the moment of union when the elements meet to give rise to a feeling that the cause has been found, and begin a process that issues in a change that produces a feeling that an effect and its cause have been linked [Poincaré, on defect of logic, p. 126; Braithwaite, p. 24].

The analysand, on the other hand, is made aware of an hypothesis in a deductive system which he may or may not be able to use as a premise for further deductions. The deductive system thus formed may enable him in his turn to select one of these unifying facts of which Poincaré speaks. …". In Cogitations *Scientif method.* 10 de Janeiro de 1959 Pág. 5

do pensamento são os temas principais da abordagem da psicanálise. O aqui e agora do acontecimento permitem a observação. [38]

O terceiro e último ponto introduzia a questão de saber até que ponto é que as teorias e os modelos construídos pelos psicanalistas podem ser "testados". Bion considera que o teste das teorias e dos modelos se faz na própria situação analítica, isto é, um modelo (e/ou teoria) é tanto mais válido quanto mais útil se mostrar na resolução dos "problemas" apresentados pelo paciente. Esta situação levanta alguns problemas adicionais, porque exige que o psicanalista tenha uma consciência exacta do que está a fazer, isto é, de quais são os modelos e/ou teorias que está a utilizar quando faz uma determinada interpretação. As interpretações fornecidas pelo analista não são mais do que hipóteses que este levanta sobre aquilo que ele pensa estar a passar-se no "aqui e agora" da sessão com o analisando. Nesta medida, o que é de facto passível de verificação empírica é o grau de certeza que o analista tem de que aquilo que se está a passar é de facto aquilo que ele elaborou em termos de interpretação. [39]

---

[38] "… Como porém considerar "visíveis" as manifestações de elementos, notório sendo alguns analistas afirmarem ver o que para os outros não existe, discrepância comum bastante, entre paciente e analista, que partilham a experiência "vista"?

Como critério do que constituí a experiência sensível, proponho o consenso, na acepção que alhures lhe atribuo de "sentido" comun a mais de um sentido. Considero sensível à investigação psicanalítica o objecto quando, apenas quando, satisfaz condições análogas àquela em que a sua presença física se confirma à evidencia de dois ou mais sentidos. …". In *Elementos em Psicanalise.* Pág. 21. Ver referência bibliográfica [14]

[39] " … There is a great difficulty in making the step between the scientific deductive system and the low-level hypothesis that is susceptible of clinical verification. The gap between the actual clinical (experimental) data and the theory that is being tested and is to contribute to the formation of an interpretation, seems to me to be very big; it is not only the "size" of the gap, but the actual dimension in which it exists, which is so difficult to determine. Once the two have been brought together, it becomes simpler.

It is very important that the analyst knows not what is happening, but that he thinks it is happening. That is the only certitude to which he lays claim. If he does not know that he thinks such-and-such is happening, he has no grounds for making the interpretation. This may help to bridge the gap. The theory that is being subjected to empirical test must be related to its power to enable the analyst to feel certain that he thinks that X is the case—not to its power to make it certain that X is the case. The fact susceptible of empirical test is the certainty, or the degree of certainty, that the analyst

Terminando aqui esta exposição, necessariamente sumária, dos três pontos, resta-nos reorganizar de novo a informação num todo coerente. Do acima exposto, ficamos com a ideia de que a psicanálise pode de facto ser considerada como uma ciência desde que se tenham algumas precauções na execução do seu método. Estas precauções passam pela aplicação rigorosa do método cientifico, levando para isso em consideração que:

- O objecto de estudo da psicanálise é a relação que se estabelece entre analisando e analista quando ambas as mentes investigam os conteúdos mentais de um deles, o analisando.
- As interpretações fornecidas ao paciente pelo analistas não são mais do que hipóteses que este último levanta sobre aquilo que ele pensa ser o que se está a passar no "aqui e agora" da sessão.
- A articulação destas hipóteses num todo coerente perfaz um sistema cientifico dedutivo, isto é uma teoria ou modelo do que se está a passar.
- As teorias e os modelos devem poder ser expressos num conjunto de hipóteses de baixo nível, porque só estas são passíveis de verificação empírica.
- A verificação empírica é feita sobre o grau de certeza que o analista tem de que a hipótese por si levantada representa de facto aquilo que se está a passar no "aqui e agora" da sessão.
- São as teorias e os modelos desenvolvidos pelos analistas que permitem que a mente do analista possa funcionar como um instrumento cientifico. As teorias e os modelos que o analista dispõe são utilizados por este como instrumentos de apreensão da realidade. [40]

---

can achieve about what he thinks is going on. He could say, "I quite realize that my view may be entirely wrong, but I do know that I am certain at any rate that this is my view". …". In Cogitations α. 21 de Agosto de 1959. Pág. 70

[40] " …The theories of psycho-analysis are peculiar in that their use in the consulting room emphasizes, in a manner rare in other sciences, their function as actual tools which the analyst has to use in his practice. In other sciences the theories inform the use to which various tools and appliances are put: in psychoanalysis the theory is the tool itself. …". In Cogitations. *Resistance.* 11 de Outubro 1959. Pág. 92

- As teorias e os modelos da psicanálise devem obedecer às mesmas imposições que o desenvolvimento de teorias e modelos em qualquer outra ciência, isto é, devem obedecer às regras da lógica e da consistência/ coerência internas. Para tal, é necessário que os conceitos envolvidos sejam definidos de forma precisa, e que seja perfeitamente delimitado o seu campo de actuação.
- É necessária a existência de uma linguagem cientifica
- É necessária a existência de um sistema de notação adequado à expressão da observação.

Foi com a preocupação de levar a psicanálise ao rigor cientifico que Bion a repensou. O corpo teórico e a prática analítica exigiam um olhar crítico. Bion debruçou-se então sobre a psicanálise de forma crítica e construtiva. Mais do que apontar as falhas do corpo teórico e da prática analítica, Bion propõem modificações e desenvolvimentos.

Uma das grandes investigações empreendidas por Bion foi, então, descobrir o que de facto se passa no "aqui e agora" da sessão analítica, descobrir o que é verdadeiramente a psicanálise. Com intenção de criar uma psicanálise que se adequasse melhor às exigências do método cientifico, Bion criou, de certa forma, uma nova psicanálise, uma psicanálise à procura do rigor e da objectividade. Foi como explorador desta nova psicanálise que ele se embrenhou na descoberta do que acontecia nas sessões psicanalíticas, onde desempenhava o papel de analista.

Bion começou por observar; para garantir que a sua observação tinha alguma isenção e imparcialidade forçou-se a adoptar de um "estado de espírito" que definiu da seguinte forma: "Sem desejo, Sem compreensão e Sem memória"[41]. Esta postura intelectual foi-se revelando muito eficaz na recolha de informação, informação esta

[41] "… O primeiro ponto para o analista é se impor a disciplina categórica de rechaçar memória e desejo. Afirmo que "esquecer" não é suficiente: requer-se ato deliberado de abster-se de memória e desejo. …"; "… A adesão deliberada à disciplina fortalece de modo gradual os recursos mentais do analista, …." E "… Memória e desejo são "ofuscações" que destroem o poder de observar do analista, como a luz que inunda a câmara destrói a condição do filme à exposição seletiva. …" Ver *Atenção e Interpretação*. Pág. 41, 62 e 79. Referência bibliográfica [6]

que se mantinha dispersa até ao momento de elaborar a hipótese. A hipótese é, então, o momento que se segue à recolha de informação. Como já foi referido anteriormente, Bion partilha a opinião de que o levantamento de uma hipótese assenta na declaração de que tais e tais factos se encontram co-relacionados de uma determinada maneira; portanto, acredita que a hipótese é o facto seleccionado que dá coerência a uma massa de elementos incoerentes ou aparentemente incoerentes. Seguindo estes passos, temos que Bion observou o "aqui e agora" da situação analítica (e o aqui e agora dos grupos), retirando dessa observação uma "massa de elementos aparentemente incoerentes", e depois seleccionou um determinado facto (psíquico), por forma a com ele dar coerência à aparente incoerência.

Pelo menos duas das suas obras "Elements of Psycho-analysis" e "Transformations" surgiram para dar conta dos resultados obtidos nesta investigação. Duas outras obras "Attention and Interpretation" e "Learning from Experience" só parcialmente dão conta desta investigação, mas não deixam de ter material fundamental para a compreensão do que se passa no "aqui e agora" da sessão analítica.

Na página 6 do livro "Transformations" encontramos:

> "… Throughout this book I suggest a method of critical approach to psycho-analytic pratice and not new psycho-analytical theories. …".

Na página 11 do livro "Elementos em psicanálise" enuncia algumas dificuldades com que a psicanálise se debate, e propõe ao longo do resto do livro soluções para essas mesmas dificuldades:

> "… Sendo as teorias psicanalíticas misto de material de observação e dele a abstracção, são acoimadas de não-cientificas. Demasiado especulativas de imediato, isto é, mais representando a observação que aceitáveis como sendo-a, e concretas em excesso, para a flexibilidade que permite à abstracção se una à realização. (…) A falha pois é dúplice: de um lado, a descrição dos dados empíricos é insatisfatória, tal se manifesta no descrito em linguagem coloquial, mais como "teoria" sobre o que ocorre que relato factual do ocorrido, e, de outro, a teoria que o

> ocorrido não satisfaz os critérios aplicáveis à teoria, tal se emprega o termo, para descrever os sistemas em uso na investigação cientifica rigorosa. …"[42]

Foi na procura de uma psicanálise que satisfizesse as exigências da investigação cientifica rigorosa que Bion enunciou os elementos em psicanálise. Bion pretendia descobrir os "invariantes" em psicanálise, isto é, pretendia definir de forma exacta quais eram os "factores" que permitiam dizer que se estava a fazer psicanálise e não uma outra coisa qualquer. Pretendia descobrir as características fundamentais da psicanálise; para isso partiu do principio de que deveria haver qualquer coisa em psicanálise que fosse o equivalente do "átomo", que funcionasse como um elemento base, como uma letra do alfabeto, e que permitisse a organização e reorganização desses elementos por forma a dar conta da realidade do "aqui e agora" da sessão analítica. Por outro lado, o livro "Transformações" dá conta dos movimentos, da dinâmica daquilo que acontece na sessão. Fazendo uso dos elementos em psicanálise, Bion descreve as "leis" que permitem as "ligações" entre os vários elementos.

Com uma única teoria, Bion descreve o objecto da psicanálise (a relação que se estabelece entre analisando e analista quando ambas as mentes investigam os conteúdos mentais de um deles, o analisando) e cria as condições para o desenvolvimento de um sistema de notação: a tabela. Será apresentado um capítulo sobre a tabela enquanto sistema de notação e instrumento de investigação pelo que aqui nos abstemos de desenvolver este assunto.

Pensamos que com a teoria das transformações, e com a postulação dos elementos em psicanálise [43], Bion resolve (pelo menos numa grande parte) um dos problemas mais difíceis e que mais têm contribuído para a dificuldade que a psicanálise tem tido em se desenvolver enquanto ciência.

---

[42] Bion, W. R. *Elementos em Psicanálise.* Pág. 11. Ver referência bibliográfica [14]

[43] "… Proponho encontrar a abstração, cujo enunciado teórico encerre o mínimo de particularização. A perda de compreensão que isto implica se refaz pelo uso de modelos que suplementam os sistemas teóricos. …" e "… os elementos que busco são tais que, comparativamente, poucos se requerem para expressar, em mudanças de combinações, quase todas as teorias essenciais ao trabalho do psicanalista.[5] …". In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 11/12. Ver referência bibliográfica [14]

Bion deduziu a existência de 7 elementos fundamentais em psicanálise: A relação dinâmica entre Continente e Conteúdo, a interacção entre as posições Esquizo-paranóide e Depressiva, os vínculos (L, H e K), a razão, a ideia, o sofrimento e as emoções ou sentimentos. [44] e [45]. Bion considera que os elementos são funções da

---

[44] "… Para a finalidade, são as seguintes as características dos elementos em psicanálise: 1) representar a realização que a princípio descrevem; 2) articular-se a elementos similares; 3) assim articulados, formar o sistema dedutivo cientifico que representa a realização existente: as demais características do elemento psicanalitico ulteriormente se deduzem. …". In *Elementos em Psicanalise*. Pág. 12. Ver referência bibliográfica [14]

[45] Elementos da Psicanálise:

- ♂♀ - Denomina-se de ***Relação Dinâmica entre Continente e Conteúdo***

  Este elemento representa (com alguma perda de exactidão) as características essenciais da concepção desenvolvida por M. Klein de Identificação Projectiva

- PS ↔ D - Denomina-se por ***Interacção entre as Posições Esquizoparanoíde e Depressiva***

  Este elemento representa-se mais correctamente por : Ps→D→Ps (2º ciclo) →D (2º ciclo) →Ps→ (ciclo n-1) … Pertende representar

  a) a interação das posições esquizoparanoide e depressiva, descritas por M Klein e

  b) a reacção suscitada pelo que Poincaré descreve como o descobrir do facto seleccionado

- L, H e K - Denominado de ***Os Vinculos***

  Este elemento representa os vinculos (nomeadamente L de Love, H de Hate e K de Knowlege) que ligam os objectos psicanaliticos.Quaisquer objectos que assim se vinculem, presume-se, que se influenciam mutuamente.

- R - Denominado de ***Razão***

  Este elemento pertende representar a razão própriamente dita. A sigla R destina-se a representar a função que serve às paixões, quaisquer que sejam, orientando-lhes a supermacia no mundo da realidade. Por paixões entende-se tudo aquilo que se incluíu em L, H e K

- I - Denominado de ***Ideia***

  Este elemento pertende representar as ideais, inclusivamente as que surgem no seio do pensamento. *I* destina-se a representar os objectos psianaliticos compostos de elementos-α, produtos da função-α. Por função-α entende-se que transforma as impressões sensíveis em elementos que se armazenam, aptos a uso no sonho e noutros pensamentos.

A sigla R associa-se à sigla *I* na medida em que *I* se emprega para preencher o iato entre o impulso e a sua satisfação. A notação R dá conta que o impulso alcançou outra finalidade que não a modificação da frustração durante a espera.

personalidade, e que na mente do analista são *representados* pelas impressões dos sentidos, o mito e a paixão. Estes elementos são então "coisas" cuja concretização depende da personalidade do paciente, que se tornam "visíveis à mente do analista" através da impressões que este último tem nos seus sentidos, nos mitos que desenvolve e na paixão que vive.

Sintese realizada por nós das páginas 12, 13 e 14 do livro "*Elementos em Psicanálise*". Ver referência bibliográfica [14]

(…)

"… A dificuldade é estabelecer emprego similar ou convenção que defina a natureza do sentido mediante que percebemos o elemento psicanalitico e, o que lhe equivale, definir-lhe a natureza das dimensões …" In *Elementos em Psicanalise.* Pág. 22. Ver referência bibliográfica [14]

(…)

" … A investigação psicanalitica formula permissas diferentes das da ciencia comum, como o são as da fiosofia ou teologia. Os elementos psicanalíticos e objectos deles derivados apresentam as seguintes dimensões:

1. Estendem-se ao terreno dos Sentidos
2. Estendem-se ao terreno dos mitos
3. Estendem-se ao terreno das paixões

…" Ibidem

Bion — O Psicanalista que investiga a mente humana

Bion desenvolveu três teorias principais, que dizem respeito ao modo de funcionamento da mente humana. Algumas destas teorias estão directamente relacionadas com as descobertas relacionadas com a epistemologia, e portanto com a preocupação em levar a psicanálise ao rigor cientifico. Esta preocupação permitiu-lhe observar uma série de fenómenos que até então estavam obscurecidos. As três teorias principais de Bion são, na nossa opinião, a Teoria do Pensamento, a Teoria do Conhecimento e a Teoria das Transformações. Nas Teorias do Pensamento e do Conhecimento, Bion desenvolveu a Teoria das funções e a Teoria da Função-α. Esta última tem uma importância fundamental como organizador de todo o corpo teórico.

As teorias do conhecimento e do pensamento estão intimamente relacionadas, já que poder aceder ao pensamento é também poder aceder ao conhecimento; contudo, o inverso já não é correcto. Pode ter-se conhecimento sobre a realidade sem que se tenha desenvolvido o pensamento. No artigo "Uma teoria sobre o pensar"[46], Bion apresentou um sistema teórico que articulava estas duas teorias, a do pensamento e a do conhecimento. Neste artigo Bion considera que a actividade de pensar depende do desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos, e que o desenvolvimento desse aparelho se dá pela pressão exercida pelos pensamentos. Nesta medida, Bion postula que os pensamentos são anteriores à existência de um aparelho que os possa utilizar. O desenvolvimento desse aparelho aparece, de facto, como consequência da existência de pensamentos.[47] Uma vez que os pensamentos são anteriores ao desenvolvimento de um aparelho para os utilizar, os pensamentos são vistos como tendo diferentes graus ou níveis evolutivos. Desta forma, o pensamento propriamente dito depende da existência de um aparelho para pensar pensamentos,

[46] Bion, W. R. *Estudos Psicanaliticos Revisitados.* Capítulo nono. Ver referência bibliográfica [15]

[47] "… o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos. …". In *Estudos Psicanaliticos Revisitados.* Pág. 128. Ver referência bibliográfica [15]

enquanto que o conhecimento apenas depende da existência de pensamentos. Na escala evolutiva dos pensamentos, existem ainda pensamentos anteriores aos pensamentos propriamente ditos, que são os proto-pensamentos. Esclarecendo, temos proto-pensamentos, pensamentos propriamente ditos e a actividade ou faculdade de pensar. A actividade ou faculdade de pensar depende da existência de um aparelho para pensar pensamentos, e a teoria que descreve essa actividade é a teoria do pensamento; os pensamentos propriamente ditos não dependem desse aparelho, e a teoria que descreve a sua formação é a teoria do conhecimento. Os proto-pensamentos são de certa forma, as sementes que após maturação originam os pensamentos propriamente ditos, e subsequentemente a capacidade de pensar. A teoria que descreve o funcionamento e o desenvolvimento dos proto-pensamentos é a teoria da função-α. Existe uma relação dinâmica entre os proto-pensamentos, os pensamentos, a faculdade de pensar, a realidade (interna e/ou externa), e o conhecimento que a personalidade é capaz de alcançar. Estas relações são descritas pela teoria das funções[48] e das transformações.

Após esta pequena apresentação das principais teorias de Bion, pensamos ter articulado o conteúdo de algumas das suas obras mais significativas. De seguida iremos tentar apresentar as conceptualizações e teorizações de Bion, de acordo com o esquema evolutivo do pensamento (em sentido lato) que foi anteriormente definido como:

Proto-pensamentos → Pensamentos → Faculdade de pensar

Nesta medida, não iremos fazer a separação entre Teoria do Conhecimento, Teoria do Pensamento e Teoria das Funções, mas sim tentar articulá-las num todo coerente, que (esperamos) melhor elucide as excelentes e radicais contribuições de Bion para a Psicanálise.

---

[48] "… 'Función' es el nombre para la actividad mental propia a un número de factores operando em consonancia. 'Factor' es el nombre para una actividad mental que opera en consonancia con otras actividades mentales constiuyendo una función. …". In *Aprendendo de la experiencia.* Pág. 19. Ver referência bibliográfica [13]

De facto, o constante dizer de Bion de que apenas está a fazer considerações sobre a forma de fazer psicanálise, e não a desenvolver teorias psicanalíticas, leva-nos a prestar menos atenção a estas últimas. No entanto, o que sucede é que o pequeno número de teorias que desenvolveu a este respeito excluem na quase totalidade a necessidade das teorias psicanalíticas mais frequentemente utilizadas.

Num pequeno artigo com o título *Methateory*[49], publicado no "Cogitations" Bion apresenta de forma muito resumida as principais premissas que organizam todo o seu sistema teórico. Os títulos das diferentes secções são por si só significativos:

1º- Frustração;
2º- Negação da frustração;
3º- Modificação da frustração;
4º- Preocupação com a Verdade e a Vida;
5º- Emoções Violentas;
6º- O seio;
7º- O pénis;
8º- A fragmentação (*splitting*)

Pensamos ser pertinente analizar estes 8 conceitos (ou premissas) antes de avançarmos para as conceptualizações mais elaboradas, que as põem em jogo.

Os primeiros 3 pontos (Frustração, Negação da Frustração e Modificação da Frustração) são vitais para a compreensão da abordagem de Bion, e poderiam ser agrupados num único tema, como iremos ver de seguida.

[49] Bion, W. R. *Cogitatons*. Pág. 244 a 255. Ver referência bibliográfica [11]

Sobre a frustração

A vivência de uma situação de frustração origina sentimentos que são difíceis de tolerar. A intolerância a estes sentimentos varia de indivíduo para indivíduo.[50] Varia com a idade e com características intrínsecas à sua personalidade. Quando se tem uma experiência de frustração é-se forçado a tomar uma decisão: ou se decide negar a frustração ou se decide modificá-la. Quando a decisão tomada é a de negar a frustração e se continua a negá-la a consequência é um "empobrecimento" da percepção da realidade. Na situação extrema da negação da frustração encontramos as bases da psicose, já que a ausência de contacto com a realidade é a sua problemática fundamental. O ódio à frustração é facilmente estendido, e acaba por abarcar a própria realidade, ou até abarcar aquela parte do aparelho mental de que a percepção da realidade (e da frustração) depende.

Há vários graus de intolerância à frustração, e há vários níveis de intensidade com que se tenta negar a frustração. Quando a intolerância e o grau de intensidade da negação é moderado, o indivíduo está na posse de um "estado de espírito" adequado ao predomínio do principio da realidade, onde a frustração e os sentimentos dolorosos a ela associados são suficientemente tolerados para permitir à personalidade a possibilidade da modificação da frustração, em oposição à sua negação.

O aparelho mental tem, segundo Bion, as seguintes componentes:

- Uma capacidade para pensar (um aparelho para pensar pensamentos), que está disponível como um substituto para a acção imediata; por sua vez, esta surge sobre o principio do prazer permitindo libertar o psiquismo de um acréscimo de estimulo;
- Um sistema de notação, associado ao desenvolvimento da capacidade de atenção selectiva de que depende a memória.
- Um mecanismo de percepção (consciência) das informações sensoriais.

[50] "… mas pessoas há, tão intolerantes ao sofrimento ou à frustração (ou para quem o sofrimento e frustração são tão intoleráveis) que sentem o sofrimento sem sofrê-lo e assim não o descobrem. …". In *Atenção e Interpretação*. Pág. 19. Ver referência bibliográfica [6]

Negar a frustração implica destruir ou negar estas funções. Curiosamente, Bion chama a atenção para o facto que a terceira função (percepção das informações sensoriais) pode ficar comparativamente muito pouco afectada. Se, pelo contrário, a intolerância à frustração é menos intensa e permite a tomada de decisão no sentido da modificação, então as funções anteriormente referidas poderão desenvolver-se e amadurecer sob o domínio do principio da realidade.

A preocupação com a verdade e a vida

Este postulado ou premissa é de extrema importância nos desenvolvimentos teóricos de Bion. Segundo ele, a preocupação com a verdade e a vida é inata. Por preocupação pretende salientar a consideração, simpatia e/ou valor que o indivíduo tem pelo objecto. Segundo ele, a pessoa que se preocupa com a verdade ou com a vida é impelida a ter uma atitude positiva e activa perante elas.

A preocupação com a verdade é distinta da capacidade para estabelecer contacto com a realidade. A preocupação com a vida não significa apenas que a pessoa deseja não matar. Significa que a pessoa se preocupa com um determinado objecto, precisamente porque ele tem a característica de estar vivo. Significa que a pessoa é capaz de distinguir entre dois objectos, porque um está vivo e o outro não. Significa que essa diferença é de extrema importância. Significa ser curioso sobre as qualidades que permitem que surja aquilo que conhecemos como vida, e ter um desejo de as compreender. Por outro lado, uma reduzida preocupação com a vida significa que um objecto vivo é indistinto de uma máquina, uma coisa ou um lugar. Por último, preocupação com a vida significa que a pessoa tem respeito por si próprio enquanto portador das características de um objecto vivo. Falta de preocupação com a vida significa falta de respeito por si próprio e, posteriormente, pelos outros; significa, também, que o indivíduo deixa de ter protecção contra os impulsos assassinos e suicidas.

Uma pessoa que não tenha respeito pela verdade ou por ela própria, alcança um tipo de liberdade que está relacionada com o facto de passar a ter à sua disposição actividades destrutivas que até então não possuía. Ela poderá comportar-se de tal forma que destrói o respeito por si própria e pelo analista, desde que mantenha o contacto com a realidade suficiente para perceber (sentir) que ainda existe algum respeito para destruir. Desta forma, o grau em que um paciente é capaz de se preocupar com a verdade, com a vida e com a verdade em simultâneo é um elemento importante para avaliar os recursos do paciente.

Emoções Violentas

Utilizando o termo violência, Bion pretende dar conta da intensidade, quer ao nível qualitativo, quer ao nível quantitativo. Segundo ele, um aumento quantitativo induz uma mudança qualitativa na emoção. Bion considera apenas duas emoções, o amor e o ódio. Acha que todas as outras emoções se podem "reduzir" a estas duas. Não separa o amor do instinto de vida, e o ódio do instinto de morte. A mudança qualitativa operada sobre o amor e/ou ódio introduz crueldade, e induz a diminuição do respeito pelo objecto. Tanto o amor como o ódio, quando violentamente sentidos, tornam-se mais facilmente associados com a falta de preocupação pela verdade e pela vida.

O Seio e o Pénis

Tanto o seio como o pénis são utilizados como hipóteses definitórias. Seio e Pénis são condensações, são elementos-α. As hipóteses definitórias condensadas sob o nome de Seio e sobre o nome de Pénis têm como função serem interpretações psicanalíticas. A interpretação Seio está ligada a uma penumbra de associações que põe em jogo diferentes hipóteses. Por Seio, entendem-se as interpretações que relacionem ou ponham em evidência uma ligação (*link*) entre dois objectos. O Seio é também fonte de bem-estar, e de "coisas" boas. O Seio pode ser maltratado, destruído, fragmentado e cortado. Indica, também, uma conjunção constante que abarca uma quantidade de fenómenos simples como, por exemplo mulher, calor, amor, sensualidade, etc.

Pénis está ligado a uma penumbra de associações diferente do Seio, mas ambas funcionam como interpretações psicanalíticas e são plásticas; isto significa que na mente a sua imagem visual pode sofrer alterações enormes sem que haja qualquer tipo de perda da sua identidade.

Fragmentação (*Splitting*)

Splitting é o último dos postulados de Bion, referidos na "Metatheory". "Splitting" é, também, o nome de uma interpretação: a interpretação tem afinidades com uma hipótese de conjunção constante, sendo por isso um elemento-α, logo uma condensação plástica. Esta conjunção constante pretende descrever o fenómeno subjacente ao surgir de "fragmentos" e posterior "desaparecimento" sem deixar rasto. Esta conjunção constante contém a penumbra associativa relacionada com a posição esquizo-paranóide descrita por Melanie Klein. A posição esquizo-paranóide é indistinta (na mente) de uma terrível fragmentação do objecto. A posição depressiva é também indistinta da sintetização de um objecto, ou seja da definição de "facto seleccionado", "conjunção constante" ou "elemento-α".

Articulando estas premissas com as teorias do conhecimento e do pensamento temos que:

O contacto com a realidade induz frustração, e perante a frustração a pessoa é invadida por sentimentos dolorosos, que são, por isso mesmo, difíceis de suportar ou tolerar. O grau de tolerância que a pessoa tem em relação ao sofrimento depende de uma série de variáveis, de entre as quais se destaca a predisposição hereditária. Se existir um grau suficientemente elevado de tolerância à frustração, o contacto com a realização negativa (ou seja, com a situação frustrante) dá lugar a um pensamento[51] sobre a

[51] "… No pensar incluo o que é primitivo, mesmo os elementos-alfa tal os descrevo. Excluo de modo arbitrário, por definição, os elementos-beta. …" e "… Como defino o pensamento, quem não produz

"coisa ausente", e desenrola-se o processo de desenvolvimento de um aparelho para pensar pensamentos. Se não existir um grau suficientemente elevado de tolerância à frustração, isto é, se houver um grau de intolerância à frustração demasiado elevado, que impossibilite a permanência de sentimentos dolorosos na mente o tempo suficiente para se eleger o facto seleccionado, ir-se-á fazer uso da identificação projectiva, que "expulsará" a percepção e o sentimento doloroso a ela associado para fora da mente, negando esse mesmo sofrimento. Desta forma, a reacção e a relação que a personalidade mantém com a frustração é determinante para o evoluir da personalidade. Poder-se-á, igualmente pensar que o grau de preocupação que a pessoa tem para com a verdade e a vida irá influenciar a sua relação com a realidade e com a frustração. Se a curiosidade em relação à verdade é suficientemente forte, e se encontra acompanhada por uma preocupação em relação à vida, então o indivíduo irá "esforçar-se" no sentido de aumentar o seu grau de tolerância à frustração e às emoções a ela associadas. Pelo contrário, se existir um predomínio do ódio à verdade e à vida, o indivíduo irá reforçar os mecanismos de identificação projectiva, que lhe permitem "livrar-se" rapidamente de sentimentos e emoções indesejadas. A utilização excessiva dos mecanismos de identificação projectiva aumenta a intolerância à frustração, porque priva o indivíduo do exercício da faculdade de pensar, e por isso mesmo priva-o da possibilidade de produzir modificações sobre a realidade (interna e externa; consciente e inconsciente), e dessa forma diminuir a frustração. Nestas circunstâncias, as emoções são vividas de forma muito intensa (violentamente), operando uma mudança qualitativa que se expressa através da crueldade e de um reduzido respeito por si próprio, pelo objecto, pelas coisas vivas e pela verdade.

O primeiro contacto com a situação (frustrante ou não) é feito através da percepção das informações sensoriais (directamente relacionadas com os órgãos dos sentidos e/ou com a percepção das qualidades psíquicas), daqui que a intolerância à frustração possa levar à destruição da estrutura responsável pela percepção das qualidades psíquicas e/ou ao desenvolvimento da alucinação. Enquanto a estrutura responsável pela percepção das qualidades psíquicas se mantiver intacta, o indivíduo tem

---

elementos-alfa não consegue pensar. …". In *Atenção e Interpretação.* Pág. 21. Ver referência bibliográfica [6]

percepção da frustração, e é compelido à tomada de decisão sobre o que vai fazer àqueles sentimentos vividos com dor. Se existir um nível de tolerância à frustração suficientemente elevado, essas impressões dos sentidos (externos e internos) permanecem dispersas até que seja eleito o facto seleccionado. Quando o facto seleccionado emerge, organiza-se à sua volta uma penumbra de associações. Esta passagem que vai da percepção das impressões dos sentidos ao emergir do facto seleccionado é, segundo Bion, a transição entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva; é simultaneamente, a forma como se transformam os elementos-β em elementos-α.

Dito de uma outra forma, os elementos dispersos que foram percepcionados pelas impressões dos sentidos (refiro-me novamente à percepção das qualidades psíquicas e à percepção das qualidades físicas elaboradas pelos órgãos dos sentidos), mantêm-se dispersos durante algum tempo (o tempo suficiente para emergir o facto seleccionado). Enquanto estes elementos (elementos-β) se encontram dispersos, a mente vive um sentimento doloroso associado ao medo do desconhecido, e quando surge na mente o facto seleccionado, ela reorganiza-se à volta de uma penumbra de associações que dá sentido, reduzindo, por isso mesmo, o medo do desconhecido, o que consequentemente permite uma redução da intensidade do sentimento doloroso vivenciado. O facto seleccionado já não pertence à categoria dos elementos-β mas pertence à categoria dos elementos-α. O elemento-α é então uma penumbra de associações que se organiza à volta de um nome, de uma imagem ou de um som, e que estabelece uma hipótese definitória, na medida em que afirma que tais e tais factos se encontram unidos segundo determinadas regras e normas. O elemento-α é, então, um elemento plástico e maleável. Porque é plástico e maleável (contrariamente ao elemento-β que é estático e fixo), o elemento-α presta-se a ser manuseado, transformado, convertido, expandido, etc. Presta-se a ser pensado, enquanto que o elemento-β apenas se presta a ser transformado em elemento-α, ou a ser expulso do psiquismo através da utilização da identificação projectiva.

Já vimos como é feita a conversão de elementos-β em elementos-α, resta-nos dizer que Bion denominou esse processo por função-α ou alfa-dream-work[52]. De facto, a função-α (ou o alfa-dream-work) é o que permite a emergência do facto seleccionado. O modo exacto como a função-α funciona parece ser, por enquanto, mais desconhecido do que conhecido. Para além do que já foi dito, a função-α parece ser, a nosso ver, qualquer coisa semelhante a um gerador de algoritmos[53] (se houvesse algum …). A função-α parece desenvolver-se no contacto com os outros, isto é, parece ser indispensável para o desenvolvimento da função-α a vinculação. Tudo (a observação) leva a crer que a função-α seja uma aquisição do aparelho mental posterior à existência de órgãos que permitem a percepção das impressões dos sentidos, e anterior há produção de pensamentos propriamente ditos. Nesta medida, a aquisição da função-α será esboçada depois de o bebé nascer e antes de começar a falar. Bion pensa que a função-α se "aprende" da mesma forma que se "aprende" a desenvolver a função psicanalítica da personalidade. Isto é, Bion pensa que o outro a quem a criança está vinculada, e que por sua vez está vinculado à criança, faz as vezes

---

[52] "… Pareceu-me conveniente supor que existia uma função alfa que converte os dados sensoriais em elementos alfa, fornecendo assim à psique material para pensamentos oníricos, e propiciando, portanto a capacidade de acordar ou de dormir, de estar consciente ou inconsciente. …". In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Uma teoria sobre o pensar.* Pág. 133. Ver referência bibliográfica [15]

[53] Por gerador de algoritmos pretendo referir-me a um hipotético gerador de soluções para um dado problema. Poderiamos pensar que o contacto com a realidade poría ao individuo um problema, na medida em que este é "compelido" a seleccionar um facto que organize a "informação" que possuí. Seria, então pela resolução deste problema (dar sentido ao elementos-beta) que se constiuiria o elemento-alfa. Neste caso a função-α funcionaria como um gerador de soluções, isto é, como um gerador de algoritmos. No livro *Data Structure and Algoritms,* ver referência bibliográfica [1], encontramos a seguinte definição de algoritmo:

"… algorithm is a solution, which is a finite sequence of instructions, each of which has a clear meaning and can be performed with a finite amount of effort in a finite lenght of time. …". Numa outra obra *Introduction to the Design and Analysis of Algorithms* (ver referência bibliográfica [24]) encontramos:

"… We can loosely define an algorithm as an unambigus procedure for solving a problem. ..". Um algoritmo é, então, uma resposta concreta e específica para um problema, mas que tem um grau de eficácia variável. A cada algoritmo está associado um determinado grau de eficácia. Nesta medida, poderiamos também supor que a cada elemento-α estaria associado um grau de eficácia.

da função-α, permitindo-lhe o acesso a elementos-α, mesmo antes de os poder produzir ela própria. Desta forma, a criança fica na posse de elementos-α que fazem pressão no sentido do desenvolvimento de um aparelho para pensar e, talvez, que a primeira estrutura a construir desse aparelho seja precisamente a função-α. Após interiorizar a função-α, a criança fica mais autónoma, e pode, por si só, continuar a construir e a consolidar o aparelho para pensar pensamentos. Se, por qualquer motivo, a função-α não foi correctamente "interiorizada/ assimilada" existem fortes riscos de que nunca venha a poder desenvolver a faculdade de pensar, ficando seriamente limitada no seu contacto com o real.

A criança parece oferecer os seus dados da realidade (elementos-β) para serem trabalhados/transformados pela função-α através da utilização da identificação projectiva. Nesta medida a identificação projectiva parece ser uma parte do aparelho mental inata e disponível para ser utilizada desde o momento em que o bebé nasce. A identificação projectiva permite, então, estabelecer uma certa comunicação, mesmo que seja razoavelmente primitiva, entre ele e o outro[54]. É com base nesta capacidade comunicativa que se estabelece a interacção entre mãe e bebé, ou seja, entre conteúdo e continente, e que se cria o "ambiente" propicio à aprendizagem da função-α.

A função-α exerce a sua actividade de forma continuada, durante o dia e a noite, sobre os pensamentos de vigília e sobre os pensamentos inconscientes. Opera sobre os estímulos produzidos pelo psiquismo e não só. Opera na contra-parte mental dos acontecimentos da realidade externa. A contra-parte ideativa em que a função-α opera parece ser a consciência associada a certas impressões dos sentidos, será aquilo que Freud definiu como a consciência "atrelada" aos órgãos dos sentidos. A função-α presta atenção às impressões dos sentidos. Mas para que de facto possa exercer a sua função sobre elas (as impressões dos sentidos), estas têm que permanecer na mente

[54] "… o ele de ligação entre o paciente e o analista, ou entre o bebê e o seio, é o mecanismo de identificação projectiva. …". In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Ataques à ligação*. Pág. 121. Ver referência bibliográfica [15]

durante algum tempo, só depois se tornando disponíveis para serem memorizados e recordados.

Até aqui vimos que:

- Os elementos-β são impressões dos sentidos, quer ao nível das percepção das qualidades psíquicas elaboradas pela consciência, quer ao nível da percepção das qualidades físicas elaboradas pelos órgãos dos sentidos
- O elementos-β prestam-se a ser "expulsos" da mente através da identificação projectiva, ou a serem transformados em elementos-α através da função-α.
- A existência de elementos-α é fundamental para pôr em marcha os procedimentos que dão origem à formação e constituição de um aparelho para pensar pensamentos.
- É fundamental a existência de um outro real que possa funcionar como função-α para que a criança possa ficar na posse de elementos-α.
- É fundamental que exista identificação projectiva, porque é através desta modalidade que a personalidade pode oferecer os seus elementos-β a um outro (que funciona como função-α [*reverie*]) para serem convertidos em elementos-α.
- É fundamental que a função-α seja interiorizada/assimilada, e dessa forma passe a fazer parte do aparelho mental da personalidade.

E que:

- O modo de funcionamento da função-α é mais desconhecido do que conhecido.
- A função-α funciona de tal forma que a mente passa da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva. Isto é, a função-α permite a emergência do facto seleccionado que organiza uma penumbra de associações, que por sua vez se organiza à volta de um nome ou de uma emoção, e que estabelece uma hipótese definitória, na medida em que

afirma que tais e tais factos se encontram conjuntamente unidos segundo determinadas regras e normas.

- O elemento-α é plástico e maleável. Pode ser descrito como um fenómeno no sentido em que Kant define este termo.
- Os elementos-α podem ser armazenados, constituindo a memória.

Para além disto, temos que:

- A geração dinâmica de elementos-α organiza o consciente em consciente e o inconsciente em inconsciente.
- A geração dinâmica de elementos-α organiza uma estrutura permanente e transitória; permanente porque existe enquanto existirem elementos-α, e transitória porque é a todo o momento constituída por elementos-α sempre diferentes. Esta estrutura permanente e transitória tem o nome de barreira de contacto.[55]
- A barreira de contacto estabelece a separação entre consciente e inconsciente de forma dinâmica, o que significa que o que é consciente pode passar a ser inconsciente e vice-versa.
- Se não existir função-α e seus derivados (elementos-α) não existirá consciente e/ou inconsciente.

Os elementos-α organizam-se e reorganizam-se, em movimentos de "dispersão" e "fusão" que originam uma capacidade crescente de abstracção. Dito de outra forma;

---

[55] "… la función-alfa del hombre, dormido o despierto, transforma las impresiones sensoriales relacionadas con una experiencia emocional en elementos-alfa, los que al proleferar adhieren formando la barrera de contacto. Esta barrera de contacto, de este modo en continuo proceso de formación, marca el punto de contacto y separación entre los elementos conscientes e inconscientes y origina la distinción entre ellos. La naturaleza de la barrera de contacto dependerá de la naturaleza de la provisión de elementos-alfa y de cómo éstos se relacionan entre sí. Pueden adherirse. Pueden estar aglomerados. Pueden estar ordenados en secuencia para dar la apariencia de una narración (…) Pueden estar ordenados logicamente. Pueden estar ordenados geométricamente. …". In *Aprendiendo de la experiencia.* Pág. 37. Ver referência bibliográfica [13]

quando existem elementos-α disponíveis e uma capacidade de tolerância à dor mental suficiente, é possível aprender com e pela experiência. Quando existem elementos-α disponíveis, mas não existe uma tolerância suficiente à dor mental, inicia-se uma reversão da função-α, que provoca como que uma "explosão" do elemento-α. A "explosão" estilhaça e fragmenta o elemento-α. Os estilhaços e fragmentos resultantes deste processo são designados por Bion como objectos bizarros,[56] e descritos como sendo elementos-β com pedaços de personalidade agarrados. Estes objectos bizarros possuem as características dos elementos-β, e podem como eles ser "expulsos da personalidade" através da utilização da identificação projectiva.

Se existir um predomínio do principio da realidade, ou seja, se existir um grau de tolerância à frustração suficientemente grande, então pode desenvolver-se um aparelho para pensar pensamentos e pensá-los. Os pensamentos pensados (isto é, trabalhados pelo aparelho para pensar pensamentos) ganham níveis de abstracção cada vez maiores. Bion identifica os pensamentos oniricos e míticos, as pré-concepções, as concepções, os conceitos, o sistema científico dedutivo e o cálculo algébrico. Carlos Amaral Dias, subdividiu, mais recentemente, os pensamentos oniricos e míticos em dois momentos distintos. Os capítulos sobre a Tabela irão desenvolver este assunto em maior profundidade.

Para que o pensamento possa alcançar estes diversos níveis de abstracção é necessário que em nenhum momento o pensamento perca flexibilidade e plasticidade. A manutenção destas características depende novamente do grau de tolerância à dor mental, porque em qualquer salto qualitativo (de menor grau de abstracção para maior grau de abstracção) é necessário proceder à destruição da abstracção já conseguida. Isto é, a reestruturação da abstracção (independentemente do nível evolutivo em que se apresenta) implica que a estrutura inicial seja desfeita para que se possa construir sobre as "peças soltas" uma outra estrutura, mais abrangente, igualmente (ou mais)

[56] "… os objectos bizarros - pelos quais se sente rodeada a parte psicótica da personalidade, quando a identificação projectiva se mostra hiperativa -, são sempre constituídos de vários elementos sendo um deles uma parcela da personalidade do próprio paciente. …". In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Sobre a Alucinação.* Pág. 85. Ver referência bibliográfica [15]

precisa e flexível. Este processo de "splitting" implica a vivência de dor, já que a personalidade tem que enfrentar o sentimento de perda (destruição da estrutura encontrada anteriormente) e de "ansiedade" pelo desconhecido.

O movimento que permite o aprender com e pela experiência está associado (ou é semelhante) ao conceito de Melanie Klein sobre a transição entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Como já tivemos ocasião de referir, Bion faz uma expansão deste conceito imprimindo-lhe uma dinâmica diferente. Para Bion, esta transição opera-se sempre que se organiza um elemento-α, e sempre que um pensamento (em sentido lato) se torna mais abstracto. Para ele, este movimento é também bidireccional, isto é, a transição é feita em ambos os sentidos, se bem que em momentos diferentes. Um elemento que esteja na posição depressiva pode ser estilhaçado e fragmentado passando a estar na posição esquizo-paranóide, e um conjunto de estilhaços e fragmentos pode "unir-se" sobre a égide de um nome, um som ou de uma imagem, e ficar na posição depressiva; ficará nesta posição até voltar a sofrer uma nova fragmentação.

Dissemos anteriormente que a teoria das funções e das transformações elucida a forma como se estabelecem as relações entre os proto-pensamentos, os pensamentos e a faculdade de pensar, assim como elucida as relações entre a realidade (interna e/ou externa) e o conhecimento que a pessoa é capaz de alcançar. Isto é, a teoria das transformações permite esclarecer a forma como o homem se relaciona com a realidade quando está envolvido na actividade de a conhecer ou descobrir.

Sobre a forma como a teoria das funções elucida a passagem entre os diversos níveis evolutivos do pensamento (em sentido lato) pensamos já ter sido dito o fundamental. Pensamos que se tenha tornado claro pelo acima exposto que a função-α é uma função transformadora na medida em que ao agir sobre os elementos-β os transforma em elementos-α. Os elementos-α, por sua vez, são de tal forma plásticos e flexíveis que podem ser agrupados e submetidos a arranjos e re-arranjos, num crescendo de capacidade simbólica e abstrativa. Esta capacidade de agrupamento parece estar relacionada com uma forte capacidade de integração e vinculação entre si. Os

elementos-α têm, também, a capacidade de se desvincularem. A desvinculação é representada pela dispersão observada quando a mente se encontra na posição esquizo-paranóide, e é muito benéfica para o desenvolvimento da faculdade de pensar (o aparelho para pensar pensamento), na medida em que os elementos desvinculados se tornam disponíveis para outros arranjos que porventura podem ser mais evoluídos que os primeiros. A inversão da função-α é, pelo contrário, uma transformação de elevada capacidade destrutiva, em que o elemento-α como que "explode", sendo os seus fragmentos lançados para muito longe, como mísseis. Os fragmentos resultantes desta "explosão" são "amálgamas" de elementos-β com restos de personalidade. Estes novos objectos, designados de objectos bizarros, têm as qualidades de rigidez e inflexibilidade que caracterizam os elementos-β, e por isso mesmo apenas têm utilidade como "munições para a identificação projectiva".

Por outro lado, quando a mente ou a personalidade está envolvida na actividade de conhecer a realidade (interna ou externa; consciente ou inconsciente), também se observam uma série de transformações. Bion decidiu postular que a realidade é "O" (letra ó). Com "O", ele enuncia uma conjunção constante que articula as ideias de verdade absoluta, realidade incognoscível, realidade última, coisa-em-si, divindade e ponto de origem. "O" serve como um ponto de referência. É uma meta a atingir, um ponto de partida e um ponto de chegada. [57]

Como vimos na secção referente aos desenvolvimentos de Bion em relação à ciência, a verdade absoluta ou a realidade última são por definições incognoscíveis. Ou seja, o máximo que se consegue é uma aproximação à realidade última, mas esta impossibilidade (como também vimos na altura) não retira a pertinência da mente se envolver na actividade de a tentar descobrir. Mais ainda, conforme Bion postulou (ver nossa referência sobre a preocupação com a verdade e a vida) a preocupação com a verdade e a vida é inata. O Homem tem uma pulsão inata que o impele a tentar

[57] "… Por O se representa a verdade absoluta imanente de qualquer objecto; admite-se que o ser humano não o conhece; dele se sabe a respeito, sente-se-lhe e reconhece a presença, embora incognoscível. Possível é ser tornado O. …". In *Atenção e Interpretação*. Pág. 40. Ver referência bibliográfica [6]

conhecer a realidade que o cerca, a pulsão epistemofilica, isto é, o Homem tem curiosidade e desejo de conhecer a realidade que o envolve. Este desejo e esta curiosidade leva-o a envolver-se numa busca activa. Para estudar a forma, como o paciente se envolve nesta busca activa, Bion postulou a existência de "O", que como vimos anteriormente representa uma conjunção constante que engloba o conceito de realidade última, verdade absoluta e coisa-em-si. Existe, portanto, um "O" que pode ser qualquer coisa, pode pertencer à realidade interna do paciente, pode pertencer à realidade externa, pode ser uma impressão dos sentidos, pode ser um sonho, pode ser um pensamento, pode ser consciente, pode ser inconsciente, etc.. Este "O" sofre uma transformação, e é como "O-transformado" que é apreendido pelo outro, por si próprio, pelos órgãos dos sentidos, pelo órgão que detecta as impressões psíquicas, etc. [58]

Para simplificar vamos imaginar que o "O" a que nos referimos é uma impressão dos sentidos. Vamos imaginar que é a impressão dos sentidos que ocorreu quando o indivíduo queimou um dedo. Então, temos: quando perante o acontecimento (queimadura do dedo) o indivíduo apreendeu uma série de estímulos (internos e externos: sensação de aquecimento súbito, sensação de dor e mau estar, movimento do braço, cheiro a pele queimada, etc.), que organiza segundo os passos inerentes à formação de concepções e acaba por dizer "Ai, queimei-me!!". A realidade última inerente à situação é incognoscível, mas o contacto da situação com o indivíduo produziu uma série de impressões que, após terem sido transformadas, se organizaram numa frase: "Ai, queimei-me!!". Esta frase pode ser o facto seleccionado que deu sentido às inúmeras sensações, e ao mesmo tempo é o resultado da transformação operada sobre a percepção da situação real. [59]

---

[58] "… I transform the facts I describe by regarding them in a particular way …" In *Transformations.* Pág. 10. Ver referência bibliográfica [9]

[59] "… the term "transformation" related to (I) the total operation which includes the act of transforming and the end product: for this I shall use the sign T; (ii) the process of transformation: sigh Tα; and (iii) the end product: sign Tβ. …". Ibidem. Ver referência bibliográfica [9]

A percepção da situação real e a situação real não são uma e a mesma coisa, porque, como foi demonstrado anteriormente a capacidade de percepção da realidade é necessariamente limitada, e seleccionar um facto implica, também necessariamente, desprezar uma quantidade inumerável de outros. Nesta medida, e de acordo com o exemplo anterior, temos:

> O (a situação incognoscível associada à queimadura) → Tβ (o resultado da transformação das impressões dos sentidos obtidos na e pela experiência) → Tα (a transformação induzida pela função-α às impressões dos sentidos). Se a frase surgir à consciência, ou mais correctamente, se se tornar consciente poderá ser verbalizado, e quando isso acontece inicia-se um outro ciclo. Temos, então:
>
> O (O enunciado verbal "Ai. queimei-me!!") → $T\beta_R$ (o resultado no receptor do enunciado da transformação das impressões dos sentidos obtidas na e pela experiência de ouvir o enunciado verbal "Ai. Queimei-me!!") → $T\alpha_R$ (a transformação induzida pela função-α ao $T\beta_R$)

O número de ciclos é infinito, quer no interior de um mesmo indivíduo, quer num conjunto cada vez maior de indivíduos. Há medida que se vão introduzindo novos ciclos, a experiência original fica cada vez mais distante.

Bion, para além de ter detectado estes ciclos de transformações que um qualquer "O" pode sofrer, também se apercebeu que nem todas as transformações pareciam ser operadas da mesma forma. Através da sua experiência clínica identificou e caracterizou 3 tipos diferentes de transformações a que um "O" pode ser sujeito.

As transformações identificadas por Bion são as Transformações em Movimento Rígido, as Transformações Projectivas e as Transformações em Alucinose. As Transformações em Movimento Rígido introduzem modificações relativamente pouco acentuadas. Entre o "O" inicial e o α final encontram-se um número de invariantes suficientemente grandes para o analista poder, com alguma facilidade, identificar (inferir) "O". Este tipo de Transformações são efectuadas pela parte neurótica da personalidade, ou por personalidades neuróticas; nelas o analista observa que foi

utilizado o mecanismo da repressão com o intuito de "afastar" a percepção daquela realidade. Nas Transformações Projectivas assiste-se a um movimento em que o "O" inicial e o α final se encontram, aparentemente, menos relacionados. Isto é, entre o "O" inicial e o produto final encontram-se relativamente poucos invariantes. O analista tem dificuldade em inferir o "O" inicial. O que introduz a dificuldade de reconhecimento é o facto de a transformação não respeitar as noções de tempo e espaço lineares. Este tipo de Transformações são efectuadas com o intuito de impedir ou dificultar a percepção de uma realidade, são utilizados mecanismos do tipo da dissociação e da projecção, tal como é descrito por M. Klein. Por último, as Transformações em Alucinose são as que mais radicalmente impedem o reconhecimento do "O" original. Nelas, o produto final quase que não possui invariantes do original. O reconhecimento é extremamente difícil, e a inferência dele não respeita as leis da lógica. A inferência do "O" original é feita pela percepção de que "alguma coisa" foi projectada pelos órgãos dos sentidos e posteriormente re-introjectada, também sobre essa forma[60]. A Transformação em Alucinose processa-se quando não foi possível operar-se a transformação pela função-α, ou quando houve uma reversão da função-α deixando o indivíduo na posse de objectos bizarros. A projecção desses objectos bizarros é uma transformação em alucinose, assim como a re-introjecção de um elemento-β que foi projectado para ser sujeito a modificação pela função-α do outro, e que por qualquer motivo não foi modificado. Este elemento-β projectado estava embebido pela angustia do desconhecimento, e quando é re-introjectado é-o com essa mesma angustia, o que reforça a angustia e a transforma num terror sem nome.[61]

---

[60] "… Na esfera da alucinose, o evento mental se transforma em impressão sensível, e elas, nessa área, não significam; proporcionam prazer ou sofrimento. Desse modo, o fenômeno mental que não chega a ser sensível transforma-se em elemento-beta, de maneira que evacuado e reintroduzido, o ato estimula não a significação, mas prazer ou sofrimento. O analisando, em alucinose, experimenta alucinações visuais auto-renováveis. …". In *Atenção e Interpretação.* Pág. 47. Ver referência bibliográfica [6]

[61] "… To summarize the preceding discussion:

1 - In psycho-analyis any O not common to analyst and analysand alike, and not available therefore for transformation by both, may be ignored as irrelevant to psycho-analytiis. Any O not common to both is incapable of psycho-analytic investigation; any appearance to the contrary depends on a failure to understand the nature of psycho-analytic interpretation.

Até aqui foi dito que "O" é incognoscível, e que por isso mesmo é uma meta inatingível. Contudo, o Homem saudável vive um sentimento de realidade, e não de irrealidade. A razão para que o Homem viva um sentimento de realidade apesar de nunca poder conhecer inteiramente a realidade, deve-se à sua capacidade de ser, isto é, de se transformar em "O". A Transformação em "O" é a última grande descoberta de Bion. A Transformação em "O" enquanto conceito, permite superar o enorme hiato que existia entre a teórica e a prática, entre o pensamento e a vida. A teórica transforma-se num vivido, o pensamento transforma-se em vida. O homem conhecedor é na Transformação em "O", o homem que vive e sente. Na obra de Fernando Pessoa, "poemas de Alberto Caeiro"[62], o tema desenvolvido e elaborado em todos os poemas é este mesmo: a Transformação em "O". Na página 81 da referida obra, Alberto Caeiro diz: "Basta existir para ser completo". Na página 78 transmite-nos a diferença entre a Transformação de "O" em "K" (ou seja, entre a realidade e a interpretação que se pode elaborar sobre ela, que é também o conhecimento que se pode obter no contacto com ela) e a Transformação de "K" em "O".

> " Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.
> Para ti tudo tem um sentido velado.
> Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.
> O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.
> Para mim, graças a ter olhos só para ver,
> Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;
> Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.
> Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação. "

---

2 - Transformation, i. e. Tp α or Ta α, is influenced by L, H and K. The analyst is assumed to allow for or exclude L or H from his link with the patient and Ta α and Ta β are assumed for purposes of this discourse to be free from distortion by L, H (i. e. by counter-transference). Tp α e Tp β, on the contrary, are assumed always to be subject to distortion and the nature of that distortion, in so far as it is an object of illumination through psycho-analytic interpretation, is the O of the transformation that the analyst effects in his progress from observation to interpretation.". In *Transformation.* Pág 48. Ver referência bibliográfica [9]

[62] Obras Completas de Fernando Pessoa. *Poemas de Alberto Caeiro.* (1987). Ver referência bibliográfica [26]

Referi aqui este pequeno excerto da obra de Alberto Caeiro, mas poderia referir muitos mais, porque na nossa opinião o que Alberto Caeiro faz do principio ao fim de cada um dos seus poemas é ilustrar a Transformação em "O".

Não é por acaso que a ilustração da Transformação em "O" se faz através de uma poesia. Bion percebeu e explicitou que a qualidade do "Ser", é radicalmente oposta à qualidade do "Conhecer", não pode ser explicada, não pode ser compreendida através da construção de um sistema cientifico dedutivo, apenas pode ser sentida; a poesia, a par da música e da pintura, oferece essa possibilidade. Um poema, um quadro ou uma música criam no leitor, no observador, no ouvinte, um sentimento, uma emoção; essa emoção é "ser" e não "conhecer". O pensamento mítico parece ser a forma privada de cada um de nós fazer arte, isto é, de exprimir qualquer coisa em termos de "O", mas também a forma como a sociedade cria a sua arte "privada".

Apesar de "Ser" e "Conhecer" possuírem qualidades radicalmente opostas, complementam-se numa espiral em que cada um ocupa uma posição relativa, num jogo de pólos opostos. O movimento perpétuo e sempre intercambiavel entre a Transformação de "K" em "O" ($K \rightarrow O$) e de "O" em "K" ($O \rightarrow K$) é a vida.

5- Contributos de Bion para a psicopatologia

Bion não desenvolveu, de facto, uma verdadeira psicopatologia, no sentido em que não procurou a confirmação das entidades clínicas definidas, nem procurou encontrar novas psicopatologias. Tentou, isso sim, desenvolver teorias e modelos teóricos que permitissem compreender as diversas psicopatologias que surgem na prática clínica de qualquer analista. Bion parece ser da opinião de que a divisão em entidades nosológicas muito específicas, complica mais do que esclarece. Segundo ele, a psicopatologia está organizada de tal forma que uma série de elementos que são comuns a todas as psicopatologias concorrem para a discriminação de certas psicopatologias como elementos isolados. A utilização de um factor comum com intuito discriminativo origina uma confusão enorme, porque uma mesma entidade clínica possui significados distintos consoante o contexto em que está inserido. A Depressão é disto um bom exemplo: existe a Depressão psicótica, a Depressão neurótica, a Depressão isolada e como sintoma associado a uma outra problemática. Existe a Depressão normal e a depressão patológica, etc.

No seu livro "*Elementos em Psicanálise*" encontramos o seguinte excerto:

> "A maioria dos analistas experimenta o sentimento de que a descrição de características de determinada entidade clínica perfeitamente se enquadra dentro da caracterização de algumas bem diferentes. A mesma descrição, todavia, raro é representação adequada, mesmo de realização que obviamente se destinam a expressar. A combinação que certos elementos mantêm[6] é essencial ao significado[7] que encerram. O dispositivo que se supõe típico da melancolia só o é por se manter em determinada combinação. Compete-nos abstrair[8] tais elementos, libertando-os das combinações em que se mantêm e da peculiaridade que os acompanha, oriunda da realização que primeiro se destinam a representar. … " [63]

[63] Bion, W. R. *Elementos em Psicanálise.* Pág. 12. Ver referência bibliográfica [14]

Pela leitura do excerto anterior é possível perceber que uma das preocupações de Bion foi a de reduzir (ou até mesmo anular) a ambiguidade que estas entidades clínicas traziam para a prática clínica. Ao longo de toda a sua obra, facilmente nos defrontamos com vocábulos como esquizofrenia, psicose, depressão e neurose. Num primeiro momento estes vocábulos poder-se-ão confundir com a nomeação de entidades clínicas, mas num olhar mais atento é possível ver que eles nada têm a ver com entidades clínicas, mas que representam processos que operam na mente humana, independentemente de haver ou não psicopatologia associada.

A psicopatologia de Bion é uma psicopatologia do pensamento. Com Bion, a velha dicotomia entre cognição e emoção perdeu toda a sua pertinência. Sob a égide do pensamento Bion une (através de uma articulação complexa) a emoção e a cognição. Nesta perspectiva deixa de fazer sentido falar-se de psicopatologia da afectividade e de psicopatologia do pensamento. A psicopatologia passa a ser apenas a psicopatologia do pensamento. Bion diz, por vezes, que as suas teorias se adaptam a todos os pacientes que sofrem de perturbações do pensamento.[64] Este tipo de enunciados pode induzir o leitor a pensar que existem outras perturbações que não estejam relacionadas com perturbações do pensamento, mas por muito que se percorra a obra de Bion não se encontram referências a quaisquer outros tipos de perturbação que não sejam uma perturbação do pensamento. A psicopatologia é, de facto, uma psicopatologia do pensamento. A utilização do pensamento de uma forma eficaz e sofisticada é indício de saúde mental, enquanto que a utilização do pensamento de forma ineficaz e primitiva é indício de doença mental. [65]

---

[64] "… Este sistema teórico destina-se à aplicação a um número significativo de casos; cumpre ao analista, portanto, vivenciar "realizações" que se aproximem desta teoria.

Não atribuo qualquer valor diagnóstico à presente teoria, embora ache que poderá ser aplicável sempre que se acredite esteja havendo um distúrbio do pensamento. Sua significação diagnostica depende da configuração formada pela conjunção constante de várias teorias, dentre as quais se inclui a teoria em apreço. …" In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Uma teoria sobre o pensar*. Pág. 127/8. Ver referência bibliográfica [15]

[65] Dada a especificidade com que Bion utiliza a palavra pensamento, (Bion utiliza a palavra pensamento em sentido lato e em sentido estrito, mas em ambos os casos existe uma precisão grande no termo) penso que talvez fosse útil pensar-se não numa psicopatologia do pensamento, mas numa psicopatologia da Ideia. Bion nos livros "*Elementos em Psicanálise"* e "*Aprendendo com a experiência*

No livro "Atenção e Interpretação" Bion diz que o problema psicanalítico é o do crescimento.[66] Nesta medida, a perturbação do pensamento é uma perturbação do crescimento, da maturação da personalidade. Relacionar as perturbações do pensamento com perturbações do crescimento poderá levar o leitor a pôr em marcha uma penumbra de associações que inclua a noção de fases, numa perspectiva genético-evolutiva, como a que foi elaborada por Freud. É, necessário protegermo-nos contra a invasão desta penumbra associativa, já que Bion faz um corte radical com esta noção. Este corte é talvez o mais radical, aquele que mais contribui para que se possa falar de uma corrente Bioniana, isto é, para que se possa falar de um verdadeiro corte epistemológico com as outras correntes da psicanálise. Relacionar as perturbações do pensamento com as perturbações da maturação da personalidade nada tem haver com a instauração de uma visão genético-evolutiva. Os processos que visam o desenvolvimento da personalidade estão constantemente activos ao longo de toda a vida do indivíduo, não podendo ser vistos como fases a atingir e a ultrapassar. Em qualquer altura uma personalidade pode evoluir, estagnar ou sofrer uma regressão (por regressão entende-se que existe uma inversão do processo que leva à evolução, e não a mudança de uma posição mais evoluída para uma menos evoluída; a pessoa não regride para uma fase evolutiva em que esteve anteriormente, mas passa a utilizar mecanismos para lidar com a realidade que são menos sofisticados, que são, nesse sentido, mais primitivos). Sobre este assunto encontramos no livro "Estudos Psicanaliticos Revisitados" o seguinte frase:

> "… Em suma, para se entender a natureza do desvio do paciente frente ao "normal" é necessário se ter uma ideia de "normal" que não seja em si um afastamento do normal. Os analistas frequentemente se referem a fases "iniciais" e "avançadas" da vida anímica. A

---

explica o que entende por Ideia que representa pela letra *I* e torna claro que "*I* representa a realidade psíquica que engloba o pensamento, mas que não se limita a ele. "… e ".. a Sigla I, oriunda da palavra "ideia" e todas as suas realizações, inclusive as que o "pensamento" representa; a sigla I se destina a representar os objectos psicanalíticos compostos de elementos-α, produtos da função-α …"

[66] " … O problema psicanalítico é de crescimento, de que a solução harmoniosa está na relação continente/contido, que se repete no indivíduo, no par e por fim, no grupo (intra e extra-psiquicamente). In *Atenção e Interpretação.* Pág. 26. Ver referência bibliográfica [6]

> discussão de episódios da análise em termos de reactivações ou reminiscências de experiências com o seio implica a percepção de uma dimensão de tempo, sugerindo que determinado elemento cuja presença se faz notar teria uma história. Por vezes isso pode ser expresso dizendo-se que o elemento em causa tem um "lugar" no tempo ou no espaço — "superficial" ou "profundo". Tenho aceito essa convenção, mas surge um problema quando o analista dispõe de motivos, como sucedeu comigo, para duvidar da utilidade de uma interpretação que se baseia na aceitação dessa convenção. A complexidade do problema se amplia quando se torna claro que tais aferições de tempo e espaço se alicerçam, no caso de certos pacientes, na realidade psíquica, e não no tempo ou espaço físico; ambas as medições somente são factíveis quando o paciente é capaz de tolerar a frustração. Se a personalidade do paciente não consegue tolerar frustração, este último impede o desenvolvimento de qualquer aparelho que meça frustração. Assim, se ele estiver a tantos anos ou minutos do seu objectivo, aniquilará o espaço ou o tempo que medem a sua frustração. O desenvolvimento de aplicações mais sofisticadas dessa capacidade, tais como mensuração de tempo ou espaço, fica, desse modo, prejudicado. Produz-se um estado em que o paciente reluta em admitir a percepção de distância ou de tempo. …". Ver referência bibliográfica [14]. Pág. 155 e 156.

A transcrição deste excerto, apesar de um pouco longa, tornou-se necessária, já que explícita uma questão de elevada pertinência. Na verdade, este parágrafo explica porque é que uma abordagem genético-evolutiva irá introduzir distorções na observação do paciente. O analista que espera encontrar no seu paciente o relato e/ou a vivência de um episódio passado, enfrenta a confusão inerente à ausência, por parte do paciente, de um aparelho que faça essa medição. Na ausência de um aparelho para medir o tempo e o espaço, os acontecimentos (psíquicos) surgem à mente numa sequência que não é temporal nem espacial. A procura de elementos significativos organizados numa sequência temporal e/ou espacial pode induzir em erro, porque estes não são condicionantes da organização do discurso falado ou pensado.

A psicopatologia de Bion é, então, uma psicopatologia do pensamento, não tem em conta a evolução genética do paciente. Contudo, Bion aponta para a existência de certas condições ambientais[67] (carência de recursos internos suficientes para fazer frente a uma mãe com uma capacidade de *reverie* insuficiente) que podem condicionar

[67] Por condições ambientais, referimo-nos à constituição hereditária e a todos os outros factores que não podem ser manipulados pela personalidade em causa. As condições ambientais são, nesta medida, internas e externas ao sujeito.

a evolução do ser humano (a evolução do bebé). Numa primeira abordagem, estas condicionantes iniciais parecem forçar o desenvolvimento a uma perspectiva genético-evolutiva, mas reflectindo melhor acabamos por ver que só em casos muito dramáticos é que as condições mínimas não são encontradas, e nestes casos os pacientes nem sequer se encontram em condições de se deslocarem ao consultório para serem analisados. Desta forma, todos os pacientes em psicanálise conquistaram o mínimo necessário ao desenvolvimento da sua personalidade. Isto é, todos os pacientes analisáveis (mesmo que psicóticos) tiveram recursos internos (suficientes ou mínimos) para fazer frente a uma mãe com uma capacidade de *reverie* insuficiente, ou tiveram uma mãe com uma capacidade de *reverie* suficientemente bem elaborada para fazer frente aos seus recursos internos insuficientes.

> "… Pelo menos no que se refere aos pacientes que teríamos chance de encontrar na prática analítica, não creio que alguma vez o ego esteja inteiramente afastado da realidade. (…) Uma vez que jamais se perde, por completo, o contacto com a realidade, os fenómenos que costumamos associar às neuroses jamais estão ausentes, servindo a sua presença, em meio a material psicótico, para complicar a análise, quando se obtém suficiente progresso. A existência de uma personalidade não-psicótica paralela à personalidade psicótica, embora obscurecida por esta última, depende disso - do facto de o ego conservar contacto com a realidade. …"[68]

Em síntese, tentar perceber a psicopatologia de Bion cria um sentimento de estranheza que dificulta o entendimento. Este sentimento de estranheza deve-se ao facto de não ser uma abordagem genético-evolutiva a que todos nós estamos muito habituados. A ausência de um eixo genético-evolutivo que possa guiar o nosso pensamento e entendimento e a coexistência em simultâneo de vários acontecimentos na mente humana que estamos a analisar concorrem para a dificuldade que um qualquer psicólogo ou analista sente quando se debruça sobre a obra de Bion.

Uma das consequências da ausência de abordagem genético-evolutiva é a perda acentuada da importância da vida infantil como organizador e condicionador da vida

---

[68] In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica.* Pág. 59. Ver referência bibliográfica [15]

adulta. Vimos no capítulo anterior que Bion definiu o objecto da psicanálise como a relação que se estabelece entre paciente e analista, quando ambos de dedicam à investigação da mente do paciente. Nesta altura já nos tínhamos apercebido de uma queda acentuada na importância dos conteúdos (das recordações e das histórias contadas pelo paciente), mas se houvesse a intenção de manter uma perspectiva genético-evolutiva, a importância dos conteúdos manter-se-ia através da necessidade de vir a descobrir (conhecer) o que se passou, para que o paciente tivesse ficado "bloqueado" naquela fase do desenvolvimento, e posteriormente "recriar" os sentimentos vividos no "aqui e agora" da sessão, por forma a resolver o bloqueio. Mas Bion "recusa-se" a enveredar por uma perspectiva genético-evolutiva e, em vez de "salvar" o valor dos conteúdos, diz-nos que aquilo que é importante é que uma determinada dinâmica se dê entre uma série de elementos, e que o valor do conteúdo é o de exibir a forma como essa dinâmica se processa.

Neste ponto, o psicólogo e o analista comum sentem-se profundamente desamparados; nós pensamos que a grande resistência de que a obra de Bion é por vezes alvo prende-se exactamente com a ausência de uma abordagem genético-evolutiva. O psicólogo está habituado a trabalhar com os dados do conteúdo, a dar uma enorme importância ao facto de o paciente ter tido uma infância saudável ou doentia, de ter tido uma mãe carinhosa e compreensiva ou fria e intolerante, etc. Bion retira-nos o sossego inerente à abordagem genético-evolutiva, e atira-nos para uma visão totalmente diferente do paciente. Na abordagem de Bion, a história do paciente e as histórias que nos conta desempenham um papel secundário, na medida em que são mais reveladores de uma dinâmica do que organizadores dessa dinâmica.

Amaral Dias é um dos autores que mais tem trabalhado sobre esta mudança radical que é o corte com a visão genético-evolutiva. No seu a livro "(A) Re-pensar"[69] diz-nos:

[69] Amaral Dias, Carlos *(A) Re-pensar – Colectânea Psicanalítica*. Pág. 65-73. Ver referência bibliográfica [5]

> "… 1. A contínua especificação das tarefas desenvolvimentais próprias de cada período do desenvolvimento trouxe como consequência um inevitável espartilhamento genético da fantasia no quadro etário (e provavelmente mentiroso) da sua emergência. Haveria assim uma "idade" oral, anal, fálica, edipiana, que a sua categorização naturalista apagaria do homem a sua dimensão poética.
>
> Sem se dar conta, a psicanálise, também ela, promoveu desta forma a fantasia à classe do comportamento. …" e "… A psicanálise, *saber aberto*, caminhou paulatinamente, desta forma, pela mão da feiticeira metapsicológica (da feticheira) em direcção a um esperanto do comportamento, língua universal mas moralizadora do destino do homem."

Amaral Dias mostra, neste pequeno excerto, que a visão genético-evolutiva criou uma série de dificuldades à psicanálise, principalmente porque a levou a caminhar no sentido do reducionismo e da standartização. São estas e outras limitações que a visão de Bion (ou seja, a sua proposta teórica) vai tentar ultrapassar.

Os constructos teóricos

Bion utiliza relativamente poucas teorias na construção da "sua" psicanálise. Uma grande parte dos pacientes de Bion eram psicóticos (no sentido habitual do termo, ou seja, sofriam de uma psicopatologia denominada Psicose). Este facto fez com que a investigação de Bion sobre a psicopatologia seguisse um determinado rumo. Bion começou por tentar compreender o funcionamento da mente dos pacientes psicóticos, e a partir dessa compreensão extrapolou para outro tipo de psicopatologias, tendo acabado por desenvolver uma teoria geral para a compreensão do funcionamento da mente humana.

A parte Psicótica e a parte Não-psicótica da personalidade

Na sua observação e investigação com pacientes psicóticos (principalmente esquizofrénicos), Bion verificou que existiam duas modalidades de funcionamento em paralelo, uma modalidade de funcionamento psicótico e outra modalidade de funcionamento neurótico. Estas duas modalidades de funcionamento coexistem num

mesmo indivíduo (ou personalidade), actuando cada uma delas em momentos diferentes (ou num mesmo momento) sobre elementos diferentes.[70] A actuação da parte psicótica da personalidade leva à utilização da identificação projectiva, enquanto que a actuação da parte neurótica da personalidade leva à utilização de mecanismos frequentemente associados à repressão e à sublimação.[71]

A investigação do modo de funcionamento de cada uma destas partes permite a compreensão das diversas psicopatologias, já que em cada uma delas se observam diferentes formas (eventualmente padrões) de predomínios de funcionamento e de relação que se estabelece entre as duas partes.[72] A investigação do modo de funcionamento da parte psicótica da personalidade foi elaborada directamente a partir da observação e da prática clínica (psicanalítica) com pacientes psicóticos.

Na pagina 51 deste trabalho dizemos que: "na situação extrema da negação da frustração encontramos as bases da psicose, já que a ausência de contacto com a realidade é a sua problemática fundamental". Vamos agora tentar elucidar um pouco mais esta questão, por forma a que se possa compreender a psicose enquanto uma das

---

[70] "… Como resultado dessas modificações, chegamos à conclusão de que os pacientes cuja gravidade leve a que, por exemplo, recebam oficialmente o atestado de psicóticos, contêm, na parte psíquica da personalidade, resquícios de diversos mecanismos neuróticos (sobejamente conhecidos, graças à prática da psicanálise), e, junto, uma parte psicótica da personalidade, que predomina a tal ponto que a parte não-psicótica (com a qual coexiste em justaposição negativa) fica obscurecida. In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica.* Pág. 59. Ver referência bibliográfica [15]

[71] "… Está implícito na descrição que fiz que a personalidade psicótica, ou parte psicótica da personalidade, utilizou a cisão e a identificação projectiva como um substituto da repressão. Enquanto a parte não-psicótica da personalidade recorre à repressão como meio de eliminar da consciência (…) certas tendências da mente, …" Ibidem. Pág. 65

[72] "… "Há uma dor. Ela deve ser removida. Alguém deverá fazê-lo sem demora, de preferência através de mágica, ou omnipotência, ou omnisciência, e imediatamente; caso isso fracasse, pela ciência." O conflito entre a personalidade psicótica e a não-psicótica poderia ser descrito como um entrechoque entre uma parte religiosa da personalidade e uma parte que é cientifica. As opiniões conflitantes assemelham-se entre si no fanatismo. São semelhantes, também, ao lembrarem personalidades em disputa, sendo a vitória assinalada pela aniquilação da experiência dolorosa; ou, da percepção desta. …". In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Comentário.* Pág. 168/9. Ver referência bibliográfica [15]

mais complexas e difíceis psicopatologias. Os pacientes esquizofrénicos (que perfaziam a grande maioria dos pacientes de Bion) exibem características muito particulares no seu modo de funcionamento, fundamentalmente no que diz respeito à peculiaridade da expressão verbal. É exactamente sobre o exame minucioso do pensamento verbal[73] nestes pacientes que Bion constitui as raízes das suas teorias sobre a psicose, e mais tarde sobre a psicopatologia geral.

Bion começou por perceber que a linguagem [verbal] é utilizada pelo esquizofrénico de 3 maneiras diferentes: sob a forma de uma acção, como um método de comunicação e como uma forma de pensamento. Observou, também, que parecia haver uma incoerência entre o modo de utilização da linguagem verbal e as exigências da realidade. Uma determinada situação real exige a utilização de uma determinada forma de aplicação da linguagem, que não é posto em marcha pelo paciente (por exemplo; para compreender porque é que alguém está a tocar piano é necessário utilizar a linguagem como forma de pensamento, mas o esquizofrénico poderá utilizá-la como acção[74], etc.).

A linguagem verbal como forma de acção (por exemplo quando confrontado com a situação de estar num lugar quando deveria de estar noutro, ou seja, quando é confrontado com um problema cuja a solução depende da acção, o esquizofrénico recorre ao pensamento [pensamento omnipotente] como forma de transporte) é constantemente utilizada pelo esquizofrénico. Muitas vezes a linguagem, enquanto forma de acção encontra-se ao serviço da identificação projectiva[75]. Assim, a

---

[73] "Ao abordar este tema através do exame do pensamento verbal, corro o risco de parecer não levar devidamente em conta a natureza das relações de objecto do esquizofrénico. É necessário acentuar agora, portanto, que considero o carácter peculiar das relações objectais do esquizofrénico o traço marcante da esquizofrenia. A importância das questões que desejo levantar está no potencial que tem de esclarecer a natureza dessa relação de objecto, da qual são elas função subordinada.". In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Notas sobre a teoria da esquizofrenia.* Pág. 33/4. Ver referência bibliográfica [15]

[74] Exemplo utilizado por Bion para ilustrar esta inadequação entre a exigência da realidade e a resposta do paciente esquizofrénico.

[75] "No momento, desejo examinar somente a sua utilização da linguagem como forma de acção e a serviço ou da divisão do objecto, ou da identificação projectiva. Notarão que esse é apenas um dos

identificação projectiva revela-se assim como um dos principais conceitos manuseados e trabalhados por Bion.

A Identificação Projectiva, a Posição Esquizo-paranóide e a Posição Depressiva

No seu trabalho sobre a esquizofrenia realizado em 1953[76], Bion revelou a relação que existe entre a identificação projectiva e a linguagem verbal. Nesse trabalho diz-nos que a capacidade para formar símbolos, da qual depende a linguagem verbal, está por sua vez dependente da:

1. Capacidade para apreender objectos totais;
2. Abandono da posição esquizo-paranóide e da cisão que a acompanha;
3. Correcção das cisões e entrada na posição depressiva.

Desta forma, Bion relaciona o pensamento verbal com a capacidade para integrar, associando assim o seu aparecimento com a ascensão à posição depressiva (fase de síntese e integração activa definida por M. Klein). O pensamento verbal, ao aguçar a consciência da realidade psíquica e, portanto, da depressão vinculada à destruição e perda de objectos bons, pode levar o paciente a sentir que a relação que se estabelece entre a posição depressiva e o pensamento verbal é do tipo causa e efeito. O paciente pode, então, perceber que se "evitar" o pensamento verbal evitará concomitantemente a dor psíquica associada à entrada na posição depressiva. Quando o pensamento verbal não foi "evitado", o paciente sente a necessidade de o destruir, pois a sua existência é vivida como causadora de sofrimento psíquico. A forma como o paciente tende a destruir o pensamento verbal é através da utilização da identificação projectiva

---

aspectos das relações de objecto do esquizofrénico em que ele ou divide os objectos, ou neles penetra e sai. ". In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Notas sobre a teoria da esquizofrenia*. Pág. 35. Ver referência bibliográfica [15]

[76] *Notas sobre a teoria da esquizofrenia*. Trabalho lido no Simpósio "A Psicologia da Esquizofrenia", no 18º Congresso Internacional de Psicanálise em Londres, a 28 de Julho de 1953

e dos mecanismos associados à posição esquizo-paranóide. Os mecanismos da posição esquizo-paranóide levam à fragmentação do pensamento verbal e a identificação projectiva encarrega-se de os expulsar da mente. Paralelamente, para o paciente, a falta dessa capacidade (linguagem verbal) é sentida como sendo equivalente a estar louco.

Bion está convicto que o distúrbio esquizofrénico surge da interacção entre o meio e a personalidade, mas por motivos práticos, ignora o efeito do meio externo e tenta descobrir o que se passa com a personalidade. Verifica, então, que a personalidade esquizofrénica depende da existência das seguintes quatro características no paciente:

1. Conflito permanente entre os instintos de vida e os de morte;
2. Predomínio dos impulsos destrutivos;
3. Ódio à realidade interna e externa;
4. Uma relação de objecto ténue, mas muito adesiva[77].

O paciente portador destas características faz um emprego maciço da identificação projectiva, é pela utilização excessiva da identificação projectiva que se constitui o grande "handicap" da personalidade esquizofrénica. Para Bion, a personalidade é uma "entidade" que "habita" a pessoa. A pessoa tem que aprender a lidar com a sua personalidade da mesma maneira que tem de aprender a lidar com a realidade externa.

Temos, então, que a personalidade esquizofrénica se confronta com inúmeras dificuldades, de entre as quais se destacam as inerentes à sua configuração (inata). Neste cenário a personalidade torna-se incapaz de "ultrapassar" a posição esquizo-paranóide e perpetua um movimento de "**cisão**" — via mecanismos esquizo-paranoídes e "**expulsão**" — via identificação projectiva que impedem a ascensão à posição depressiva, e subsequentemente a aquisição de pensamento verbal. Quando o pensamento verbal é (apesar de tudo) elaborado, é vivido pelo paciente como profundamente ameaçador. Este sentimento é intoleravelmente doloroso para o

[77] In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Desenvolvimento do pensamento esquizofrénico.* Pág. 49. Ver referência bibliográfica [15]

paciente, e põe em marcha mecanismos de ataque à percepção consciente e consequentemente ao começo do pensamento verbal que lhe está associado. Os ataques são executados em condições semelhantes às descritas por M. Klein para a posição esquizo-paranóide, já que aquilo que ela observou é também observado por Bion nestes pacientes. O paciente "desfere" ataques sádicos contra o ego e contra as bases do pensamento verbal. Estes ataques levam à destruição (com diferentes graus de sucesso) da percepção consciente. A diminuição da percepção consciente implica um declínio na capacidade para perceber. Os fragmentos (resultantes dos ataques anteriormente referidos) são expelidos para fora da personalidade através da identificação projectiva. Na medida em que deixam de fazer parte da personalidade, são vividos pelo paciente como objectos externos reais. Estes objectos constituem-se como objectos bizarros, que são utilizados pelo paciente como se fossem protótipos de ideias (que mais tarde se tornam palavras). Esta utilização indevida cria uma enorme confusão no paciente, que passa a achar que as palavras são as próprias coisas que elas designam. Nesta medida o paciente fica perplexo quando constata que os objectos obedecem às leis das ciências naturais e não às leis do funcionamento mental. Por esta razão o paciente psicótico igualiza, mas não simboliza.

O paciente psicótico nutre uma enorme hostilidade em relação ao aparelho mental, seu ou dos outros, porque este o põe em contacto com a realidade (externa e interna). O problema do paciente psicótico está vinculado à predominância do principio do prazer-dor, e atinge a sua singular qualidade porque o principio do prazer-dor hegemónico tem de funcionar no âmbito do prazer e da dor endopsíquica. O paciente não pode contar com nenhuma solução adequada para os problemas do prazer-dor que provenha do mundo da realidade externa. O problema do psicótico é um problema da gestão do conflito instaurado pelo principio do prazer-dor ao nível endopsíquico.

Em ocasiões em que a personalidade não-psicótica, ou parte dessa personalidade, emprega a repressão, o psicótico (ou a parte psicótica da personalidade) empregará a identificação projectiva. Nestas situações não há, portanto, repressão, e aquilo que deveria ser inconsciente é substituído por um mundo de conteúdos oniricos.

A utilização excessiva e inadequada da identificação projectiva leva a um progressivo empobrecimento da personalidade, na medida em que os "conteúdos mentais" são expulsos do psiquismo após minuciosa destruição. Os objectos bizarros (entidade psíquica resultante do procedimento anteriormente descrito) são vividos como coisas-em-si externas à personalidade, sendo portanto considerados como potencialmente ameaçadores. A par desta situação, observa-se no paciente psicótico uma "incapacidade" para introjectar. Esta dificuldade faz com que a recuperação dos objectos expelidos (objectos bizarros) seja profundamente complicada, apesar de fundamental para o prosseguimento do desenvolvimento da capacidade para pensar. A recuperação dos objectos bizarros tem de ser processada através da utilização dos mecanismos disponíveis e, como já vimos anteriormente, o único mecanismo disponível é a identificação projectiva; consequentemente não é de espantar que este mesmo mecanismo seja utilizado para trazer de volta à mente os objectos dela expelidos. A mente (ou a personalidade), fazendo uso da identificação projectiva invertida (o paciente sente que o objecto foi colocado dentro de si, da mesma forma que ele coloca objectos dentro dos outros), esforça-se para voltar a controlar as partículas expelidas. As partículas expelidas de volta à personalidade são amontoadas, aglomeradas e comprimidas, constituindo os elementos "pseudo-simbólicos" utilizados pelos psicóticos, que se revelam numa linguagem altamente compacta. [78]

A parte não-psicótica da personalidade no paciente psicótico apercebe-se de que a introjecção conduz à formação do pensamento inconsciente, e nesta medida dá a "conhecer" à parte psicótica da personalidade a necessidade de "atacar" todo e qualquer pensamento, ou seja, todo e qualquer mecanismo que conduza à consciência da realidade externa e interna. A parte não-psicótica da personalidade vê-se assim desprovida do material com que se formam os pensamentos (elementos-α) e incapaz de progredir. Para além do pensamento primitivo ser atacado, em virtude de ligar as impressões dos sentidos à consciência, os elos de ligação no interior do próprio processo de pensamento também são atacados e destruídos. Em consequência destes

[78] In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Desenvolvimento do pensamento esquizofrénico e Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica.* Pág. 47-77. Ver referência bibliográfica [15]

ataques aos "vínculos" torna-se praticamente inviável juntar dois objectos mantendo intactas as suas qualidades intrínsecas, tendo em vista a criação de um novo objecto mental que fosse a conjugação dos outros dois. A parte psicótica da personalidade utiliza uma "espécie" de fala aglomerada, enquanto que a parte não-psicótica da personalidade utiliza uma fala articulada.

Em certos casos não se observa a existência de uma psicose propriamente dita, mas observa-se o funcionamento intenso de mecanismos psicóticos ligados à utilização excessiva e/ou inadequada da identificação projectiva. Nestas situações é patente uma relação de carácter muito particular com a Curiosidade, a Arrogância e a Estupidez. O analista (e o paciente, na medida em que este se identifica com o analista) surge ora como cego, ora como imbecil, ou ainda como suicida, curioso e arrogante. A instalação deste tipo peculiar de transferência deve-se à consolidação de modalidades defensivas que pretendem evitar a tomada de conhecimento e a investigação analítica. O paciente necessita da análise para melhorar a sua condição psíquica, mas é ao mesmo tempo invadido por um temor a essa mesma análise e por um desejo de se proteger dela. O temor e o desejo de protecção devem-se ao facto de a "doença" se ter instalado, em primeira instância, como uma forma defensiva à tomada de consciência da existência (interna e externa) de sentimentos frustrantes e dolorosos. A análise enquanto modalidade de investigação, favorece o "*insight*", tornando-se por isso mesmo indutora do sofrimento tão acalentadamente evitado. Nestes pacientes, também se verifica um ataque massivo à linguagem, já que esta é o instrumento que o analista utiliza para investigar a realidade psíquica do paciente. O ataque à linguagem é fundamentalmente exercido sobre os vínculos (elos de ligação)[79] que são despedaçados. Por todos estes motivos, "o paciente dá a impressão de não ter problema algum a não ser a existência do próprio analista."[80]

[79] "Os ataques ao elo de ligação surgem na fase que Melanie Klein chamou de esquizo-paranoíde." In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Ataques à ligação*. Pág. 118. Ver referência bibliográfica [15]

[80] In Estudos Psicanalíticos Revisitados — *Sobre arrogância*. Pág. 103. Ver referência bibliográfica [15]

Bion levanta também uma hipótese - a nosso ver bastante interessante - e que se prende com a sanidade e a insanidade de um psicótico. Segundo ele, será útil admitir um tipo de progresso analítico que vai da psicose insana à sanidade psicótica. Pensamos que esta hipótese não foi suficientemente trabalhada e/ou esclarecida por ele, mas aquilo que depreendemos foi que a "fala aglomerada" utilizada pela parte psicótica da personalidade pode evoluir no sentido de se tornar sofisticada ao ponto de cumprir uma grande parte das funções da fala articulada. Nesta altura o psicótico poderá (de certa forma) encontrar um equilíbrio entre a realidade (interna e externa) e a personalidade.[81] e [82]

De seguida apresentamos um pequeno quadro que pretende resumir as principais diferenças entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade.

PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE	PARTE NÃO-PSICÓTICA DA PERSONALIDADE
• Identificação Projectiva Excessiva[83] • Cisão (fragmentação) • Aglomeração e Compressão • Instauração de um pensamento Omnisciente (Fanático)	• Identificação Projectiva "Normal" [84] • Dissociação • Repressão • Discriminação entre o verdadeiro e o falso

[81] "… Agora, a melhora surpreendente, e até desconcertante, a que me referia diz respeito à questão do conglomerado engenhoso; *(aglomerado de objectos bizarros com valor de ideograma e que consegue transmitir significado)* pois verifiquei que não só os pacientes recorriam mais e mais ao pensamento verbal ordinário, revelando desse modo uma maior capacidade em usá-lo e maior consideração pelo analista como ser humano comum, mas também pareciam se tornar cada vez mais peritos nesse género de fala aglomerada em vez de articulada." e "… O extraordinário é o tour de force por cujo o intermédio o paciente utiliza modalidades primitivas de pensamento para a formulação de temas de grande complexidade. …"

[82] "… Apregoa-se que o génio é afim da loucura. Mais verdade é afirmar que os dispositivos psicóticos requerem o génio para manejá-los de modo adequado a que promovam crescimento ou vida (sinónimo esta de crescimento)." In *Atenção e Interpretação.* Pág. 73. Ver referência bibliográfica [6]

[83] "… o elo de ligação entre o paciente e o analista, ou entre o bebé e o seio, é o mecanismo de identificação projectiva. Os ataques destrutivos a este elo de ligação originam-se numa fonte externa ao paciente, ou ao bébé; ou seja, no analista, ou no seio. O resultado é a excessiva identificação projectiva por parte do paciente e a deterioração dos processos de desenvolvimento deste último."

Após termos explicitado de forma mais ou menos minuciosa os modos de funcionamento da psicose e do psicótico, estamos agora em condições de dizer que para Bion a psicopatologia pode estar relacionada com a existência de conflitos entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade, ou pode dever-se a dificuldades no desenvolvimento dos pensamentos (em qualquer uma das suas várias fases) e/ou no desenvolvimento de um aparelho para os pensar.

O predomínio do funcionamento da parte psicótica da personalidade acarreta dificuldades imensas ao desenvolvimento dos pensamentos. Mesmo quando é possível a união entre uma pré-concepção e uma realização, com o consequente surgimento de uma concepção, esta é tratada pelo paciente como se fosse indistinta de uma coisa-em-si, sendo por isso evacuada através da utilização da identificação projectiva. A predominância da identificação projectiva faz com que se dissipe a distinção entre o *self* e o objecto externo, entre o consciente e o inconsciente. Nestas condições é possível observar que a alucinação surge como a possibilidade de "re-introjecção" do material projectado ou como a possibilidade de evasão da realidade frustrante.

A Compulsão — expressão de uma personalidade perturbada

Segundo Bion, a compulsão é um dos grandes indicadores da existência de psicopatologia. Por compulsão ele entende todo o "comportamento" (consciente/ inconsciente) que leve o paciente a proteger-se da verdade, quer ela se exprima através da intuição do analista, quer utilizando uma outra forma.

Conforme foi referido anteriormente, a linguagem é o meio através do qual a pessoa tenta dar a conhecer a realidade "O". A realidade é por vezes frustrante, e nessa

---

[84] "Partirei do pressuposto de que existe um grau normal de identificação projectiva (sem definir os limites em que se situa a normalidade) e de que, associada à identificação introjectiva, a primeira constitui a base em que repousa o desenvolvimento normal." In Estudos Psicanaliticos Revisitados — *Ataques à ligação.* Pág. 119. Ver referência bibliográfica [15]

medida indutora de sofrimento. A compulsão manifesta-se na tendência em evitar o contacto com este sofrimento e consequentemente na tendência em evitar o contacto com O. O paciente acossado pela compulsão deita mão de todos os mecanismos que se encontram à sua disposição, inclusive a linguagem. A linguagem ao serviço da compulsão a evitar o contacto com a dor psíquica tem como intenção ocultar o pensamento e não a de o elucidar ou transmitir. Por outro lado, a própria linguagem, na medida em que é restritiva, põe em evidência o negativo. A consciência dessa restritividade e do negativo induz sofrimento psíquico, na exacta medida em que frustra o intento da linguagem. A linguagem (enquanto forma de comunicação) surge como frustrante *per si,* e nessa medida a compulsão pode ir no sentido de utilizar a "alucinação" como forma de comunicação que não padece das mesma restrições que a linguagem.[85] Verifica-se, assim que a palavra é utilizada tanto para expressar a comunicação verbal, como para expressar as transformações em alucinose. Contudo, a palavra que representa o pensar, apesar de semelhante, não é igual à que representa a alucinação. As alucinações não são representações, são coisas-em-si advindas da intolerância à frustração e da presença de desejo. Na esfera da alucinose, o acontecimento mental transforma-se numa impressão sensível. O acontecimento mental, uma vez que passa a equivaler a uma impressão sensível, não possui significado, mas proporciona prazer ou sofrimento. Desta forma, o fenómeno mental transforma-se em elemento-β. Este elemento-β evacuado e reintroduzido estimula o prazer ou o sofrimento.

A dinâmica que estimula a compulsão encontra-se intimamente relacionada com a primazia do prazer-sofrimento. Para se livrar do desprazer (e/ou sofrimento) a mente enquanto conteúdo [♂] evacua-o. A evacuação tem como objectivo transformar esse desprazer em algo praseíroso, ou pelo menos a obtenção do prazer associado ao alívio

---

[85] "… Chamo a propósito a atenção para que o sentido de perda na hipótese definitória e o de gratificação na alucinação dependem de faixa mental limitada. Em ambos os casos, a reacção de intolerância numa e de gratificação noutra se ligam a uma "acepção" estreita. Considera-se pois que o pensar não oferece liberdade para o desenvolvimento, sendo restritivo; ao contrário, a "atuação" transmite um sentido de liberdade." In *Atenção e Interpretação.* Pág. 27. Ver referência bibliográfica [6]

da evacuação e ao prazer de ser contido. Por outro lado, a mente enquanto continente [♀], (ou uma outra mente na função de continente [♀], ou ainda um qualquer objecto [interno e/ou externa] com a mesma função) também por motivos relacionados com o principio do prazer-desprazer, recebe o conteúdo projectado (as evacuações). O prazer associado à aceitação das evacuações prende-se com a voracidade e a sua satisfação. A disponibilidade do continente varia de acordo com as suas necessidades: se predomina a necessidade de posse retém-se o prazer; se predomina o acumulo de impulsos agressivos (belicosidade) retém-se o ressentimento. O predomínio da retenção do prazer organiza um ataque à verdade e à realidade; o predomínio da necessidade de posse induz intensos medos de perca. A selecção do material que é evacuado ou retido é regida pelo principio do prazer-desprazer.

Quando a mente funciona de acordo com o impulso para se livrar de estímulos penosos torna-se incapaz de aprender, porque está satisfeita. A sua memória está cheia de objectos que originam sentimentos de prazer, e desprovida de componentes de desprazer. A psicopatologia, como já o dissemos anteriormente, está relacionada com uma séria dificuldade em crescer. Segundo Bion, a resistência ao crescer é endopsíquica e endogregária e associa-se à turbulência no indivíduo e no grupo a que pertence o indivíduo que cresce.[86] A hostilidade ao processo de maturação torna-se evidente quando é necessário subordinar o principio do prazer por forma a permitir que o principio da realidade possa sobressair.

O enunciado compulsivo é um enunciado que o paciente intui como defensivo e que actua como uma barreira contra pronunciamentos que acarretem tumulto psicológico. O tumulto psicológico é a mudança catastrófica. A veemência com que a mente elabora enunciados compulsivos dá conta da intensidade do sentimento de ameaça instaurado pela proximidade da mudança catastrófica. A iminência da mudança catastrófica leva o paciente a sentir necessidade de fugir, e de facto ele consegue fugir à sua verdade, transformando "O" em "-O" [O→T(-O)]. O enunciado compulsivo é então "-O", ou seja não-verdade.

---

[86] Ver *Atenção e Interpretação.* Pág. 44. Referência bibliográfica [6]

Na página 110 do livro "Atenção e interpretação" Bion, ao desenvolver este tema, diz:

> "O paciente temeroso de sofrer afigura-se compelido a estar sendo de modo a se livrar da eficácia da análise e prossegue vivendo a compulsão, rejeita as interpretações que lhe ameaçam a defesa, e ostenta convicção em seus pronunciamentos"

Nesta medida, o trabalho do analista é o de substituir a não-verdade pela verdade. Este processo é vivido pelo analisando como profundamente doloroso, e concomitantemente a analise é sentida como um procedimento perigoso e, por vezes, odiado. Quando o psicanalista está atento à compulsão consegue perceber o sintoma que revela o padrão pelo qual o paciente tenta escapar ao efeito da análise e das interpretações do analista.

A não-verdade depende do pensador, e através dele adquire significação. A compulsão é o vinculo entre hospedeiro e parasita, numa relação fortemente parasitária. A compulsão é característica do estabelecimento de um vinculo entre uma mente que acolhe a compulsão e outra que a parasita. O resultado do estabelecimento deste vinculo é a destruição de ambas. O vinculo que se estabelece entre duas mentes, e que origina a destruição de ambas, é a compulsão. As relações que se estabelecem entre o compulsivo e o ambiente são muito complexas. O próximo excerto, retirado da página 118 do livro "Atenção e Interpretação" é muito denso, mas é uma contribuição inestimável para o esclarecimento deste problema:

> "A compulsão é peculiar a vínculo entre mente que abriga e outra parasitária e que destrói ambas. O pensador acolhe pensamentos se deles não precisa para lhe conferirem significado e tolera os que não o fazem. Se indispensável ao pensamento, o pensador conflita com os outros pensadores que se julgam essenciais ao pensar. A inveja, o ciúme e a possesividade são equivalentes mentais dos componentes tóxicos do parasitismo físico. Contribuem para a natureza da actividade que advêm da presença da compulsão. O ímpeto do indivíduo que admite único e indispensável seu contribuir para o pensamento diverge do clima emocional em que a imanência do pensamento dispensando pensador para pensá-lo não lhe lisonjeia o narcisismo e perde, assim, o atractivo emocional. O esforço que corrobora a verificação de outros não constitui apelo. Ainda que requeira pensador, não se refere a algum *determinado* e nisso se assemelha às verdades - pensamentos que não precisam pensador.

As implicações na prática clínica

Conforme decorre do anteriormente exposto, a psicopatologia está intimamente relacionada com a compulsão a evitar (de várias formas) o contacto com a verdade e a realidade. Nesta medida, a psicanálise surge como um processo que investiga fenómenos mentais; ao fazer essa investigação repõe e/ou descobre a verdade e a realidade. A "cura" depende da capacidade de o paciente se tornar "O", o que significa que depende da capacidade do paciente para crescer e amadurecer. É o processo denominado de "Psicanálise" que progressivamente fornece ao paciente as "ferramentas" necessárias ao investigar e ao envolvimento de "O", no tornar-se "O".

No trabalho psicanalítico "não há resultado genuíno com base em não-verdade. O efeito positivo depende da vizinhança com que a avaliação interpretativa se aproxima da verdade".[87] Da mesma maneira, o que é de facto importante na sessão é a personalidade desconhecida do paciente, e não aquela que o psicanalista ou o analisando acham que conhecem. Para se conseguir proteger, o compulsivo necessita de um ouvinte, pois só ele lhe poderá reconhecer o sentido das compulsões. Quando o ouvinte é o analista, "analista-vitima", é necessário que ele reconheça o sentido da compulsão ouvida como formulando verdades. O reconhecimento da compulsão como verdade permite que o analista vá observando os elementos incoerentes, e identifique o padrão que une os elementos compulsivos. A identificação do padrão faz-se pelo processo anteriormente descrito como a emergência do facto seleccionado. O facto seleccionado, que une os elementos compulsivos, oferece uma coerência e um significado que eles não apresentavam antes.

A Psicanálise é, para Bion, o método de investigação que mais habilitado está para lidar com a perturbação mental. Ele parte de duas premissas base para organizar as suas ideias à volta dos processos inerentes à psicanálise. A primeira diz que *há em*

[87] In *Atenção e Interpretação*. Pág. 38. Ver referência bibliográfica [6]

todo o objecto, material ou imaterial, uma realidade última incognoscível, denominada de coisa-em-si, e a segunda diz que *dos objectos promanam ou emergem qualidades, envolvem características imanentes que advêm como fenómenos à personalidade humana*[88]. Destas duas premissas decorre, para a prática clínica, que: o analista nunca conhecerá a realidade última, a coisa-em-si a que corresponde o analisando, mas que poderá ter acesso a essa realidade através das qualidades imanentes da coisa-em-si (analisando) que podem envolver o analista, apresentando-se a este último como fenómenos de que a sua personalidade tem "consciência". Se a personalidade que "recebe" as emanações[89] estiver sobre determinadas condições tem mais hipóteses de se aperceber delas (isto é, dos fenómenos que advêm à personalidade humana). A personalidade que tem como objectivo o contacto com O[90] deve estar isenta de memória e compreensão. O estado mental resultante é um estado mental de paciência.

As "memórias" e os "desejos" provêm da experiência sensível, advinda dos sentidos; evocam sentimentos de prazer ou sofrimento; são enunciados "contendo" prazer ou sofrimento. As "memórias" e os "desejos" são enunciados falsos (coluna 2 da tabela), já que têm como função evitar o contacto com O; evitar as transformações do tipo vinculo K→O. O psicanalista deve lutar activamente contra a criação de enunciados deste tipo, porque eles afastam o psicanalista do seu principal objectivo que é o de tornar-se O. As "memórias" e os "desejos" saturam o aparelho das pré-concepções de

---

[88] In *Atenção e Interpretação.* Pág. 97/8. Ver referência bibliográfica [6]

[89] "… A aproximação religiosa postula a emanação e a encarnação da divindade. Ambos enunciados se requerer para representar estados mentais em que há interacção de estados de um objecto às vezes total, outras, cindido em fragmentos dispersos dentro de múltiplos outros. Para o analista, a doutrina da encarnação constituí modelo fecundo …" In *Atenção e Interpretação.* Pág. 98. Ver referência bibliográfica [6]

[90] "… Em suma, valho-me de O para representar o carácter essencial da situação que o psicanalista encontra. Ele vai sendo tornado; com o evolver de O se identifica de modo a formulá-lo na interpretação. Refiro adiante estados mentais que impedem o processo. …" In *Atenção e Interpretação.* Pág. 99. Ver referência bibliográfica [6]

forma prematura, impedindo-o de funcionar de forma apropriada para a "captação das emanações".[91]

Esta proposta de Bion é bastante radical, e entra em conflito com a postura da psicanálise da altura. Para a maioria dos analistas não existia grande "mal" em desejar o bem-estar dos pacientes, uma cura rápida ou até desejar que surgisse este ou aquele acontecimento em sessão. Os desejos que iam surgindo na mente do analista poderiam ser utilizados à posteriori na análise da contra-transferência e nessa medida tinham um valor no processo terapêutico. As memórias também eram, se não estimuladas pelo menos bem aceites. Uma vez que a história de vida do paciente tinha uma importância fundamental, as relações e inter-relações que se podiam tecer entre diversas associações eram bem-vindas. Para que elas fossem de facto viáveis era necessário que o analista possuísse recordações das sessões passadas. Aquilo que Bion vem dizer é que o analista deve treinar-se por forma a ser capaz de estar na sessão com um estado de espírito que ele próprio denomina de ***fé***. Fé é uma palavra emprestada da religião e aplicada à psicanálise. Transpor um conceito originalmente da religião para a psicanálise é uma atitude que por si só poderá acarretar algumas críticas, mas Bion vai mais longe e retira todo o conteúdo religioso do termo, afirmando que Fé é um estado mental cientifico, e deve ser reconhecido como tal.[92]

A Fé que Bion pretende que os psicanalistas desenvolvam é muito particular, na medida em que pretende que eles acreditem cegamente (tenham fé) que existe a

---

[91] "… O psicanalista não condescende com as características acima mencionadas *(com o desejo e as memórias)* sem deterioração de capacidade analítica. Quem se habitua a recordar o que os pacientes diziam e a desejar-lhes o bem-estar, difícil lhe é escapar ao dano à intuição analítica, intrínseco a *quaisquer* memórias e *quaisquer* desejos.

O primeiro ponto para o analista é se impor a disciplina categórica de rechaçar memória e desejo. Afirmo que "esquecer" não é suficiente: requer-se ato deliberado de abster-se de memória e desejo." In *Atenção e Interpretação.* Pág. 41. Ver referência bibliográfica [6]

[92] "… A frase acima representa o "ato" do que chamo "fé". É, a meu ver, um enunciado cientifico pois para mim, "fé" é estado mental cientifico, a se reconhecer como tal." In *Atenção e Interpretação.* Pág. 42. Ver referência bibliográfica [6]

realidade e a verdade última. Na página 44 do livro "Atenção e Interpretação" podemos ler:

> "A disciplina que advogo para o analista, isto é, rechaçar memória e desejo na acepção que uso os termos, aumenta-lhe a aptidão para admitir "actos de fé", condição peculiar ao processo cientifico, diferencia-se da significação religiosa de que se investe na linguagem habitual; torna-se apreensível ao se representar no pensamento e por ele. (…) O "ato de fé" entanto não é pronunciamento ou afirmação coluna 6, embora se compare a elementos dessa coluna. (…) O "ato de fé" não se liga a memória, desejos ou sensação. Relaciona-se ao pensar, como conhecimento *a priori* ao entendimento. Não pertence ao sistema do vinculo $\pm$K, mas ao sistema de O. (…) O "ato de fé" tem como base algo inconsciente e desconhecido porque não aconteceu.

O acto de fé surge como um pensamento colocado deliberadamente na esfera do fanático[93], com intenção de suscitar um estado mental adequado à percepção das emanações de O. O acto de fé é então uma crença inabalável de que vai ser encontrada uma solução, isto é, de que o analista vai ser capaz de eleger um "facto seleccionado" que dê coerência ao material disperso e aparentemente incoerente, ou ainda, dito de uma outra forma, o acto de fé cientifico é a crença inabalável de que existe um qualquer "facto seleccionado" que permite "ler" dados aparentemente dispersos e incoerentes como fazendo parte de um todo coerente. *F* surge como o "caldo emocional" sobre o qual a função-α pode trabalhar e "criar" o "facto seleccionado".

O "estado de espírito" que se forma quando a mente se encontra desprovida de desejo, memória, e compreensão é o mais adequado para o analista que procura entrar em contacto com o seu analisando e com a psicanálise. Por outro lado, quando a mente se encontra repleta de curiosidade, desejo e memória, encontra-se demasiado saturada para se "abrir" a R(ξ).

---

[93] Fé - crença absoluta na existência de certo facto; convicção intima; lealdade; primeira das virtudes teologais, graças à qual acreditamos nas verdades reveladas; crédito; confiança; prova; religião; adesão aos dogmas de uma doutrina religiosa considerada revelada. In Dicionário da Língua Portuguesa, Edição Electrónica. Porto Editora. (1997). Ver referência bibliográfica [21]

Genericamente podemos dizer que R(ξ) [a realidade psíquica externa ao analista, isto é, o O do paciente] emana do paciente e envolve o analista. O analista "apercebe-se" de R(ξ) porque se apercebe de ψ(ξ) [realidade psíquica interna ao analista, isto é, as suas emoções e sentimentos] em si próprio. A passagem de R(ξ) para ψ(ξ) exige que a mente receptora (♀) se encontre sobre determinadas condições, a saber: sem desejo, sem memória, sem compreensão e com fé[94]. A forma final com que o fenómeno surge à mente do analista depende do vértice que ele elegeu para abordar as emanações de R(ξ).

Quando a mente do analista é capaz de preencher as condições anteriormente definidas, este começa a observar (intuir) uma série de material [R(ξ) transformado em ψ(ξ)] e inicia-se a etapa seguinte. Nesta segunda etapa o analista descobre um padrão que permanece inalterado em contextos aparentemente muito diversos. A grande maioria das interpretações que o analista fornece ao paciente é formada por enunciados que reconhecem e comunicam estes invariantes do padrão.

Para que a análise decorra sem dificuldades e se obtenha o sucesso, é necessário que o analista coloque a sua atenção em O — desconhecido e incognoscível. O êxito da psicanálise depende da capacidade do analista para manter o ponto de vista psicanalítico, e o vértice da psicanálise é O. Com o vértice em O, o psicanalista é *tornado* O. O objecto conhecido ou cognoscível pelo homem, inclusive ele, é o envolver das imanências de O. Quando O envolve o suficiente, o analista pode chegar a estabelecer um vinculo K. O analista nunca consegue alcançar a "realidade última" da ansiedade, do tempo ou do espaço enquanto estiver sobre o domínio do vinculo K.

O psicanalista sabe coisas a respeito do que o paciente diz, faz e está sendo, mas não tem acesso ao O de que o paciente é o envolver. O acesso ao O do paciente só é possível no "estar sendo tornado" O. As interpretações surgem simultaneamente ao

[94] "… O "acto de fé" *(F)* decorre da rejeição deliberada de memória e desejo". In *Atenção e Interpretação*. Pág. 51. Ver referência bibliográfica [6]

processo de "estar sendo tornado" O. A interpretação é um acontecimento real comum a analista e analisando.

O psicanalista não aguarda a fala do analisando, ou o seu silêncio, ou o seu gesto, ou qualquer outra ocorrência que seja um acontecimento concreto, mas o envolver de O que se manifesta pelo vinculo K, emergindo de fenómenos concretos

6- A Tabela de W. R. Bion

A tabela concebida por Bion é um instrumento de enorme interesse para a investigação e para a actividade clínica. Com a tabela, Bion conseguiu apresentar de um modo prático, simbólico e condensado as suas teorias sobre o pensamento. A tabela favorece e estrutura um modo de notação, ao mesmo tempo que permite o desenvolvimento da intuição clínica.

A tabela surge na sequência das suas investigações sobre o pensamento e as suas vicissitudes, mas surge principalmente como consequência do seu esforço no sentido de levar a psicanálise a atingir um maior grau de cientificidade. Bion apercebeu-se, como já foi referido em capítulos anteriores, de que as teorias em psicanálise eram ou demasiado concretas e inflexíveis, ou demasiado abstractas e especulativas. No primeiro capitulo do livro "Os elementos em Psicanálise" podemos ler:

> "Sendo as teorias psicanalíticas misto de material de observação e dele abstracção, são acoimadas de não-cientificas. Demasiado especulativas de imediato, isto é, mais representando a observação que aceitáveis como sendo-a, e concretas em excesso, para a flexibilidade que permite à abstracção se una à realização. A teoria pois, passível de aplicação ampla, se enunciada de modo abstracto, arrisca-se a ser proscrita porque a sua concretude dificulta se reconheça a realização que representa. Ao contrário, disponível a realização, aplicá-la à teoria implica distorção do significado da teoria. A falha pois é dúplice: de um lado, a descrição dos dados empíricos é insatisfatória, tal se manifesta no descrito em linguagem coloquial, mais como 'teoria' sobre o que ocorre do que relato factual do ocorrido não satisfaz os critérios aplicáveis à teoria, tal se emprega o termo, para descrever os sistemas em uso na investigação cientifica rigorosa.". In *Elementos em Psicanálise*. Pág. 11. Ver referência bibliográfica [13]

Neste pequeno excerto podemos ver a forma como Bion enuncia o problema que tenta resolver através da enumeração dos elementos em psicanálise e através da construção e utilização da tabela. Aos descrever os elementos em psicanálise, Bion está a construir uma nova psicanálise. Ele encontra uma série de elementos que podem exprimir todas as teorias essenciais ao trabalho do psicanalista, apenas com mudanças

de combinações.[95] Os elementos em psicanálise são de uma natureza tal que o enunciado teórico encerra o mínimo de particularização. A deficiência que isto acarreta é compensada pela existência de modelos teóricos que oferecem uma mais valia em termos de contextualização, o que se reflecte ao nível da compreensão

Bion deduziu a existência de 7 elementos fundamentais em psicanálise: a Relação Dinâmica entre Continente e Conteúdo **(♀♂),** a Interacção entre as Posições Esquizo-paranóide e Depressiva **(PS↔D),** Os Vínculos **(L,H e K)**, a Razão **(R)**, a Ideia **(I)**, o Sofrimento (dor psíquica), e os sentimentos ou as emoções[96]. Já anteriormente falámos vagamente sobre estes elementos e o seu valor para o corpo teórico desenvolvido por Bion. A tabela é um modo de organizar, esquematizar e simplificar as diversas "fases" de ***I*** (Ideia)[97].

A tabela é um instrumento ao serviço da prática clínica psicanalítica. Com a tabela é possível ao analista classificar enunciados, os seus e o(s) do(s) paciente(s). Ao classificar os seus próprios enunciados, o analista reflecte sobre si próprio, o que promove um aumento do *insight* sobre a sua prática clínica. Esta consciência aumentada das características subjacentes às suas intervenções[98] impulsiona-o no sentido de desenvolver a intuição clínica.

---

[95] "… A maioria dos analistas experimenta o sentimento de que a descrição de características de determinada entidade clinica perfeitamente se enquadra dentro da caracterização de algumas bem diferentes. A mesma descrição, todavia, raro é representação adequada, mesmo da realização que obviamente se destina a expressar. A combinação que certos elementos mantêm é essencial ao significado que encerram. (…) Compete-nos abstrair tais elementos, libertando-os das combinações que mantêm e da peculiaridade que os acompanha, oriunda da realização que primeiro se destinam a representar.".

[96] "Os problemas do instinto e da emoção pertencem ao corpo principal da teoria psicanalítica e cumpre considerá-los entre os elementos em psicanálise, tal aparecem na clinica psicanalítica. …" In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 86. Ver referência bibliográfica [14]

[97] "… Ao usar a sigla *I*, entendo represente a tabulação inteira ou um ou mais compartimentos, que diferencio por coordenadas." In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 39 Ver referência bibliográfica [14]

[98] As intervenções do analista são na grande maioria das vezes interpretações. A atribuição de uma determinada classificação à interpretação dada, obriga o analista a reflectir sobre o seu pensamento quer no que respeita ao "grau" evolutivo quer em relação ao tipo de funcionalidade (uso) que lhe conferiu.

Ao classificar os enunciados do paciente, o analista permite-se a realizar um exercício de especulação que poderá ser extremamente útil, dado que as características inerentes ao *setting* analítico tendem a produzir uma certa monotonia, que culmina muitas vezes na saturação quase completa de toda e qualquer pré-concepção que o analista tenha sobre o paciente. O facto do analista estar em contacto com o paciente 3/4 vezes por semana, durante um período de tempo muito longo, leva com facilidade à instauração de um "estado de espírito" em que o analista tem a sensação de já saber exactamente o que é que se vai passar na sessão seguinte, da mesma forma que tem a tendência a perpetuar os mesmos erros de interpretação e de convicção.

A proposta de Bion é no sentido de o analista desenvolver um "estado de espírito composto por: ausência de memória, desejo, compreensão, mas com fé"; isto é um forte auxiliar no sentido de evitar a saturação da pré-concepção, mas nada nos diz sobre a qualidade das intervenções feitas pelo analista. É também nesta medida (como instrumento de avaliação da qualidade da intervenção (interpretação)) que a tabela presta um precioso serviço ao analista. Permitindo-se, então, especular sobre a verdade do paciente, o analista estimula-se a pensar no seu paciente como uma personalidade dinâmica, e dirige o seu interesse para aquilo que não sabe sobre o paciente, em vez de perpetuar a contemplação daquilo que já sabe. Para além desta vantagem, classificar os enunciados do paciente permite reflectir sobre a gravidade da perturbação que ele apresenta e conjecturar hipóteses de evolução. O analista pode ainda observar os movimentos realizados pela mente do paciente ao longo da sessão, assim como pode observar as alturas em que a parte psicótica da personalidade está em funcionamento, e as alturas em que a parte não-psicótica (neurótica) domina a actividade da mente.

As informações obtidas através da classificação utilizando o sistema de Bion (A Tabela) podem ser preciosas, não tanto porque permitem situar o paciente num registo mais psicótico ou mais neurótico, mas principalmente porque permitem observar as circunstâncias em que a mente tende a funcionar em registo psicótico e em registo neurótico. A dinâmica de funcionamento da mente do paciente pode ser posta em confronto com a dinâmica de funcionamento da mente do analista. O cruzamento da

informação facultada por estas duas vertentes (paciente/analista) pode ser bastante frutífera, pois permite observar o verdadeiro objecto da psicanálise, que é "a relação que se estabelece entre analisando e analista quando ambas as mentes investigam os conteúdos mentais de um deles, o analisando". Nesta medida, a investigação poderá levar o analista a encontrar padrões de funcionamento que possam tipificar determinadas patologias, assim como pode levar o analista a observar os seus próprios padrões de funcionamento perante determinado paciente e/ou perante determinado tipos de pacientes ou modalidades de funcionamento mental. Será ainda possível ao analista observar, através da utilização da tabela, o efeito que as suas interpretações tiveram sobre o analisando e o efeito das intervenções do analisando, sobre a sua própria mente e capacidade de analisar.

Por tudo o que foi anteriormente dito é fácil perceber que a tabela (se correctamente utilizada) poderá constituir um instrumento de grande valor para qualquer analista que queira progredir no sentido de melhorar a sua intuição e a sua prática clínica.

No texto de 1971 (La Tabla)[99] podemos ler o seguinte:

> "La interpretación producida por el psicoanalista depende del vincula intuitivo entre analizado y analista. Su fragilidad essencial, la simple fatiga o los ataques deliberados la ponen constantemente en peligro, por lo que es necesario protegerla y conservarla. La finalidad de la Tabla es proporcionar un instrumento de gimnasia mental. Puede ser utilizada a relativo resguardo del ataque y no resulta prejudicial siempre que se evite su interferencia en la relación entre analizado y analista, como lo sería la elaboración de una teoría referente el paciente, que queda almacenada para después usarla a la manera de algo que se dispara como un misil en una batalla."

Neste parágrafo são perceptíveis os grandes beneficios e os grandes malefícios em que o uso da tabela pode trazer. Se utilizada correctamente, a Tabela favorece o desenvolvimento da intuição clínica; se utilizada incorrectamente, pode ser um obstáculo na execução da técnica psicanalítica. Como dissemos anteriormente, a Tabela favorece o desenvolvimento de conjunturas especulativas, assim como permite

[99] In *La tabla y la Cesura - Bion en Nueva York y San Pablo.* Pág. 41. Ver referência bibliográfica [16]

que o analista observe os padrões de funcionamento do paciente. Na posse desta informação, o analista menos atento pode "cair na tentação" de desenvolver teorias precisas sobre um determinado paciente, e transpor essas teorias para a sessão, colocando-se numa posição em que aguarda que o paciente forneça material adequado à interpretação que preparou. Quando o analista cai nesta tentação não está a investigar as perturbações do paciente, não está a fazer Psicanálise. Conforme Bion refere, a finalidade da Tabela é proporcionar a realização de ginástica mental. A Tabela não é um substituto da observação ou da psicanálise, mas um preludio delas.

As linhas e as colunas na tabela

A Tabela concebida por Bion tem como objectivo ser um instrumento que permita classificar os enunciados (verbais ou não) que ocorrem em consequência de se estar a fazer psicanálise. A Tabela é composta por 7 colunas e 8 linhas. O cruzamento entre as colunas e as linhas cria 56 células (ou casas). Das 56 células apenas 34 têm utilidade clínica.

De seguida iremos apresentar a Tabela propriamente dita, e explicar de forma sucinta o que representa cada uma das 34 células interiores, e qual o significado e utilidade das linhas e das colunas.

A Tabela de W. R. Bion

	Hipótese Definitória **1**	**Ψ** **2**	**Notação** **3**	**Atenção** **4**	**Indagação** **5**	**Acção** **6**	**… n**
A Elementos β	**A1**	**A2**				**A6**	
B Elementos α	**B1**	**B2**	**B3**	**B4**	**B5**	**B6**	**… Bn**
C Pensamentos Oníricos sonhos e Mitos	**C1**	**C2**	**C3**	**C4**	**C5**	**C6**	**… Cn**
D Pré-concepção	**D1**	**D2**	**D3**	**D4**	**D5**	**D6**	**… Dn**
E Concepção	**E1**	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E6**	**… En**
F Conceito	**F1**	**F2**	**F3**	**F4**	**F5**	**F6**	**… Fn**
G Sistema Dedutivo Cientifico		**G2**					
H Cálculo Algébrico							

A coluna e a linha em cinzento mais escuro são utilizadas para descrever os conteúdos das linhas e das colunas respectivamente.

Na vertical Bion representa de forma condensada e simbólica as suas teorias sobre o pensamento e o conhecimento. Na horizontal identifica as principais utilizações que são possíveis dar ao pensamento. Qualquer enunciado, para além de ter um determinado conteúdo, tem uma determinada intenção e/ou finalidade. O eixo vertical analisa o conteúdo (em grau de sofisticação), e o eixo horizontal analisa a intenção e/ou finalidade.

Linha A — Elementos-β

A 1ª linha (linha A) corresponde à abstracção teórica denominada por Bion de Elementos-β. Esta linha tem como objectivo dar conta daqueles elementos que estão relacionados com o pensamento, mas que ainda não o são. Os elementos-β[100] são os elementos mais primitivos, já que o seu funcionamento não depende da existência de um aparelho para pensar pensamentos, nem da existência da função-α. Para que os elementos-β existam basta existir um aparelho que permita percepcionar as impressões dos sentidos. Os elementos-β são muito pouco exigentes, na medida em que são a contra-parte psíquica dos dados sensoriais brutos. Nesta perspectiva são também classificados os objectos bizarros. Os objectos bizarros[101] são objectos mais ou menos complexos, que resultam da inversão da função alfa. Comportam-se como elementos-β, coisas-em-si, e são manuseados pela identificação projectiva, como foi já oportunamente referido. Todos os enunciados que se encontrem a um nível evolutivo muito primitivo (como os elementos-β ou os objectos bizarros) são classificados nesta linha. A titulo de exemplo pode dizer-se que estaríamos perante um elemento-β se o paciente fizesse sons guturais ou apresentasse um qualquer tipo de tique.[102] Estamos perante um objecto bizarro sempre que se observam indicadores

---

[100] "… The β-elements are characteristic of the personality during the dominance of the pleasure principle: on them depends the capacity for non-verbal communication, the individual's ability to believe in the possibility of ridding himself of unwanted emotions, and the communication of emotion within the group." In Cogitations — *Communication*. Pág. 181. Ver referência bibliográfica [11]

[101] ".. El elemento-beta difiere del objeto extraño, en que este último es un elemento-beta sumado a vestigios del yo y del superyó." In *Aprendiendo de la experiencia*. Pág. 24. Ver referência bibliográfica [13]

[102] "… Estos elementos-beta son tratados por un procedimiento de evacuación similar a los movimientos de la musculatura, cambios de expresión, etc., que Freud describió como tendientes a desembarazar a la personalidad de los incrementos de estímulos y no a efectuar cambios en el ambiente; un movimiento muscular, una sonrisa, por ejemplo, debe interpretarse en forma distinta de la sonrisa de una personalidad no psicótica." e " La actividad que tiene lugar bajo el predominio del principio del placer, tendiente a liberar a la personalidad de ineremento de estímulos es reemplazada, en la fase de

de que o paciente está a alucinar. É de notar que Bion estende amplamente o conceito de alucinação.

Os elementos-β podem ser amalgamados e comprimidos, construindo aquilo que Bion chama de Barreira (ecrã) de elementos-β. Este ecrã organiza uma espécie de objectos que se observam na prática clínica com pacientes psicóticos. Os pacientes psicóticos, por apresentarem um predomínio de elementos-β, são altamente profícuos em exibir objectos desta natureza. Na página 23 do livro "Aprendiendo de la experiencia", Bion faz uma pequena (mas precisa) descrição de como o ecrã de elementos-β se apresenta à observação, na de prática clínica:

> " … Clinicamente esta pantalla de elementos-beta se presenta a la observación casual como imposible de distinguir de un estado confuso y en particular de cualquiera de esa clase de estados confusos que semejan sueños, a saber: 1) Una producción de frases o imágenes desconectadas que, si el paciente estuviera dormido, las tomaríamos ciertamente como pruebas de que el paciente soñaba. 2) Una producción similar pero expresada en forma tal que sugiere que el paciente simula que suena. 3) Una producción confusa que parece ser prueba de alucinación 4) Similar al anterior, pero sugiriendo una alucinación de un sueño; no he tenido motivo para suponer que el paciente soñaba que estaba alucinado.".

Depois desta pequena explicação tornar-se razoavelmente fácil distinguir e identificar os elementos-β e os objectos bizarros, mas subsiste ainda a dúvida de como identificar elementos tão primitivos como estes quando o paciente os manifesta através da linguagem verbal. Esta questão pode ser resolvida com a ajuda de um pequeno excerto retirado da obra anteriormente citada.[103] Vejamos:

> " … Si se siente que son *(os pensamentos)* acrecentamientos de estímulos, entonces pueden ser similares o idénticos a los elementos-beta y como tales se prestarían a tratamiento por medio de descarga motora y la acción de la musculatura para efectuar la descarga. Por lo tanto, el

---

predominio del principio de realidad, por la expulsión de elementos-beta indeseados. Una sonrisn o una frase dicha debe interpretarse como un movimiento muscular de evacuación y no como una comunicación de sentimientos. In *Aprendiendo de la experiencia*. Pág. 18. Ver referência bibliográfica [13]

[103] Ibidem. Ver referência bibliográfica [13]

> conservar debe ser considerado como dos diferentes actividades en potencia, una como un modo de comunicar pensamientos y la otra como un empleo de la musculatua para desembarazar la personalidad de pensamientos." In *Aprendiendo de la experiencia*. Pág. 62 Ver referência bibliográfica [12]

Então, quando os pensamentos e/ou os enunciados que lhes dão corpo são sentidos como um aumento da estimulação, podem ser vividos pelo paciente como idênticos aos elementos-β, e nessa medida utilizados como munições para a identificação projectiva. Desta maneira, a identificação projectiva liberta a personalidade de pensamentos não desejados. Conforme afirma Bion a conversação pode ter duas finalidades bem distintas: uma delas é a de comunicar, e a outra é a de livrar a personalidade de pensamentos que não quer (ou não consegue tolerar) dentro de si. A conversação que realiza este segundo propósito deve ser classificada na linha A, isto é, deve ser classificada como elemento-β, objecto bizarro ou barreira de elementos-β.

Linha B — Elementos-α

Os elementos-α são produto da função-α. Quando a função-α opera sobre os elementos-β origina os elementos-α. Os elementos-α são os elementos-β transformados pela função-α.[104] O elemento-α é a unidade mínima de significação individual. O elemento-α é o "nome" que organiza à sua volta uma determinada penumbra de associações. Este "nome" (que pode ser concretizado num som, numa imagem, num cheiro, numa palavra, numa emoção, etc.) é extremamente subjectivo, e possuí um grau de abstracção muito baixo.[105] O elemento-α está intimamente dependente da experiência subjectiva individual, e dificilmente se presta à

---

[104] "… This supposes that the, β-elements can be employed when α-elements do not exist, and the α-elements are a later stage of β-elements …". In Cogitations — *Communication.* Secção *Dream-work-α.* Pág. 183. Ver referência bibliográfica [11]

[105] "… Los elementos-alfa comprenden las imágenes visuales, los modelos auditivos, modelos olfativos, y son adecuados para ser empleados en el pensamiento onirico, el pensar inconciente de vigilia, sueños, barrera de contacto, memoria.". In *Aprendiendo de la experiencia*. Pág. 25. Ver referência bibliográfica [13]

comunicação.[106] O elemento-α tem, contudo, a particularidade de poder ser utilizado para o desenvolvimento do pensamento inconsciente que ocorre durante a vigília e para a formação do pensamento onírico. Os elemento-α são, também, os precursores da memória, na medida em que se prestam a ser armazenados.[107]

No 1º capitulo deste trabalho (secção sobre o pensamento de W. R. Bion) foi descrita com alguns pormenores a forma como se constituem os elementos-alfa e os elementos-beta, assim como foi explicitado o modo de funcionamento da função-alfa e a sua importância para o crescimento e para a maturação. Nesta medida abstemo-nos de continuar a desenvolver este assunto. É de notar que tudo o que foi anteriormente dito sobre o elemento-α é pertinente para a compreensão da importância desta linha. A existência de elementos-β e de elementos-α é fundamental para o desenvolvimento de um aparelho para pensar pensamentos, como se pode deduzir a partir do excerto apresentado de seguida.

> "… The function of the α-element with which we are concerned in a discussion of scientific method, is its key position in the apparatus by which the individual learns anything. Similarly, the function of the β-element which concerns us is in communication within a group.
>
> Without α-elements it is not possible to know anything. Without β-elements it is impossible to be ignorant of anything: they are essential to the functioning of projective identification; any unwanted idea is converted into a β-element, ejected from the personality, and then becomes a fact of which the individual is unaware, though he may be aware of feelings of persecution stimulated by it.
>
> I reserve the term, "knowledge", for the sum total of α- and β-elements. It is a term that therefore covers everything the individual knows and does not know. As I use it, the term must not be supposed to imply the existence of a thing in itself called "knowledge"; it is a name for a postulate that has no actuality; there is no corresponding "realization" in the sense that

---

[106] "… The α-elements may be presumed to be mental and individual, subjective, to a high degree personal, particular, equivocally belonging to the domain of epistemology in a particular person.". *Cogitations.* Pág. 181. Ver referência bibliográfica [11]

[107] "La función-alfa opera sobre las impresiones sensoriales y las experiencias emocionales produciendo elementos alfa que pueden ser almacenados y utilizados posteriormente para crear pensamientos oniricos". In *Aprendiendo de la experiencia* Pág. 4. Ver referência bibliográfica [13]

abstract mathematical systems may have one or more concrete realizations.". *Cogitation* Pág. 182.

Linha C — Pensamentos Oníricos, Sonhos e Mitos

O mito é uma construção pessoal que organiza uma série de elementos-alfa num todo coerente e significativo para o próprio. O sonho é uma combinação em forma narrativa de pensamentos oníricos e estes pensamentos por sua vez derivam de combinações de elementos-alfa. A organização que preside a estruturação de um pensamento onírico não tem de ser a lógica, e na grande maioria das vezes não o é.[108]

Os pensamentos oníricos, os sonhos e os mitos são construções formadas a partir de elementos-alfa, distinguindo-se entre si pelo grau de sofisticação que apresentam e pelo facto de se encontrarem conscientes e/ou inconscientes. Os elementos-alfa têm a capacidade de se agruparem (aderem entre si) e formarem a barreira de contacto. A barreira de contacto funciona como uma membrana permitindo que o indivíduo esteja consciente de certos factos e inconsciente de outros.[109] Temos, então, que os

---

[108] "… Resumiendo: "el sueño", junto con la función-alfa, que posibilita el soñar, es fundamental para el funcionamiento de la conciencia y la inconsciencia, de lo cual depende el pensamiento ordenado. La teoria de la función-alfa del "sueño" tiene los elementos del enfoque de la teoria psicoanalitica clásica de los sueños, o sea que la censura y la resistencia están representados en ella. Pero en la teoria de la función-alfa las fuerzas de censura y resistencia son esenciales para la diferenciación de consciente e inconsciente y ayudan a mantener la discriminación entre los dos. Esta discriminación deriva del funcionamiento del "sueño", que es una combinación en forma narrativa de pensamientos oniricos, y estos pensamientos a su vez derivan de combinaciones de elementos-alfa. En esta teoria la capacidad para "soñar" preserva a la personalidad de lo que es virtualmente un estado psicótico. Por lo tanto, ayuda a explicar la tenacidad con que el sueno, como se lo presenta en la teoria clásica, se defiende del intento de convertir lo inconsciente en consciente.". In *Aprendiendo de la experiencia.* Pág. 19. Ver referência bibliográfica [13]

[109] "… De acuerdo con esto he reformulado mi enunciado de que el hombre debe "soñar" una experiencia emocional corriente, tanto si ésta ocurre durante el dormir o durante la vigilia, de esta manera: la función-alfa del hombre, dormido o despierto, transforma las impresiones sensoriales relacionadas con una experiencia emocional en elementos-alfa, los que al proliferar se adhieren formando la barrera de contacto. Esta barrera de contacto, de este modo en continuo proceso de

pensamentos oníricos, os sonhos e os mitos são construções de um mesmo tipo (articulam elementos-alfa), mas diferem no grau de sofisticação em que esses elementos se articulam. Os pensamentos oníricos e os sonhos podem ser pensamentos inconscientes, enquanto que os relatos dos sonhos e os mitos são pensamentos conscientes. Quando um sonho se organiza numa narrativa (quando é contado ou pensado) ganha uma significação mais estruturada, que pode denunciar um mito.

Na prática clínica, os elementos da linha C apresentam-se como imagens visuais, como aparecem nos sonhos e nos devaneios. Os mitos são constelações de fantasias inconscientes pessoais organizadas numa narrativa. Os mitos organizam e denunciam uma constelação que o indivíduo (ou o Homem) identificou como uma conjunção constante.

A existência de pensamentos oníricos, de sonhos e de mitos dependem da existência prévia de elementos-α, quer eles tenham provindo da transformação da experiência emocional, quer da participação em acontecimentos. No quadro seguinte, (retirado do livro *Cogitations*, página 149) é possível ver que o sonho é "organizado" pela racionalização e pela construção da narrativa, enquanto que os pensamentos oníricos emergem directamente da manipulação dos elementos-α. Também é possível ver que os sonhos dependem da experiência emocional, enquanto que os pensamentos oníricos dependem da participação da personalidade em acontecimentos que se sucedem numa determinada sequência temporal. Os sonhos são, graças ao trabalho da função-alfa, a versão comunicável e armazenável da experiência emocional; no entanto, a experiência emocional em si própria contém um valor social muito reduzido, na medida em que é uma versão extremamente privada e individualizada. Existem certas

---

formación, marca el punto de contacto y separación entre los elementos conscientes e inconscientes y origina la distinción entre ellos. La naturaleza de la barrera de contacto dependerá de la naturaleza de la provisión de elementos-alfa y de cómo éstos se relacionan entre si. Pueden adherirse. Pueden estar aglomerados. Pueden estar ordenados en secuencia para dar la apariencia de una narración (al menos en la forma en que la barrera de contacto puede manifestarse en un sueño). Pueden estar ordenados lógicamente. Pueden estar ordenados geométricamente.". In *Aprendiendo de la experiencia.* Pág. 19. Ver referência bibliográfica [13]

construções que podem ser agrupadas, tornando-se cada vez mais generalizáveis, até atingirem o estatuto de mitos com significado nacional ou universal.

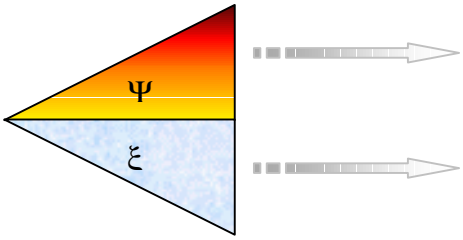
Emotional experience → dream-work-α → α-elements → rationalization and "narrativization" → dream
Sensation of waking event in which personality is participating as in an unfolding narrative → dream-work-α → α-elements → dream-thoughts

Linha D — Pré-Concepção

A pré-concepção não é um pensamento propriamente dito, na medida em que ainda não possui um grau de abstracção suficiente para ser qualificado como tal. É bastante difícil relacionar esta categoria com as precedentes, já que Bion não estabeleceu de forma explicita esta articulação. Pensamos que a pré-concepção é um desenvolvimento natural a partir dos pensamentos oníricos, na medida em que um pensamento onírico organiza uma penumbra de associações na determinação de uma conjunção constante. A conjunção constante (identificada através do facto seleccionado), por definição, organiza uma quantidade de elementos, alguns com características invariáveis e outros com características variáveis. Uma conjunção constante pode não se alterar mesmo quando algumas das suas características se alteram. Temos, então, que uma pré-concepção é um objecto psíquico composto de vários elementos-α organizados segundo uma ou várias regras precisas, e que serve para "sondar" a realidade. Os enunciados susceptíveis de serem classificados como pré-concepção (linha D) reflectem um estado mental de expectativa voltada para uma gama restrita de realizações. O facto de ser uma gama restrita de realizações deve-se à existência de características inalteráveis.

A pré-concepção[110] é representada pela formula ψ(ξ), o que significa que a pré-concepção é um elemento composto por duas partes distintas: uma parte saturada e não disponível à modificação, e uma outra não saturada e disponível à mudança. O conceito de pré-concepção[111] revela um "tipo" da maturação do pensamento, assim como ilustra um mecanismo utilizado para auscultar a realidade (interna e externa): o aparelho pré-conceptual.

A formula ψ(ξ) pode ser representada graficamente da seguinte forma:



PSI - Elemento saturado da Pré-concepção
Não é susceptível de mudança

XI - Elemento não saturado da Pré-concepção
É susceptível de mudança

O modo de acção do aparelho pré-conceptual, a distinguir do estágio evolutivo pré-concepção, será discutido mais à frente, mas poder-se-á já adiantar que é um mecanismo essencial ao crescimento e à maturação, o que significa que é um mecanismo essencial ao aprender com a experiência.

Linha E — Concepção

No dicionário da língua portuguesa podemos ler:

> Concepção - acto ou efeito de conceber ou ser concebido; geração; conceição; faculdade de entender; fantasia; imaginação; percepção; conceito; plano. *(Lat. conceptione)*

---

[110] "A pré-concepção poderá ser vista como análogo, em psicanálise, do conceito Kantiano de "pensamento vazio". Do ponto de vista psicanalítico, poderíamos empregar, como modelo a teoria de que o bebé tem uma disposição inata que corresponde à expectativa de um seio." In *Estudos Psicanalíticos Revisitados.* Pág. 129. Ver referência bibliográfica [15]

[111] "… O termo "pré-concepção" é ambíguo porque denota instrumento, função para que existe e uso a que se destina; ambos, de fato, são idênticos. " In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 101. Ver referência bibliográfica [14]

O conceito de concepção desenvolvido por Bion, que é aplicado como organizador da linha E, relaciona de facto vários níveis, como se subentende pela definição apresentada anteriormente. A concepção é, simultaneamente, o acto e o efeito de conceber. A justaposição de uma pré-concepção com uma realização é o acto de conceber, que cria a concepção propriamente dita. A concepção faz a ligação entre o mundo interno e a realidade externa; permitindo também a expansão do mundo interno, porque as produções mentais (inconscientes e conscientes) podem encontrar-se perante as pré-concepções como se fossem realidade externa. Como a própria definição sugere, a concepção inaugura a faculdade de conhecer. O produto do acto de conceber é um "objecto" psíquico (a concepção) que pode ser armazenado como um objecto do conhecimento. A concepção vincula o indivíduo à realidade numa relação dinâmica.

A concepção corresponde ao 1º pensamento propriamente dito, e é fruto da união de uma pré-concepção com uma realização negativa. O fruto da união de uma pré-concepção com uma realização positiva de natureza sensorial é também uma concepção, mas já não possui o atributo de pensamento. A concepção é um elemento saturado, e corresponde à exclamação de "Há! É isto …", ou há exclamação "Há! Não é isto …". A expectativa de encontrar uma determinada realização é frustrada, e essa frustração origina um pensamento acerca da coisa ausente. O grau em que a concepção se torna saturada depende do grau em que a realização satisfaz a pré-concepção.

O aparelho pré-conceptual (descrito mais à frente) pode actuar sobre a concepção, criando uma nova área não saturada. A existência de uma área insaturada faz com que a concepção possa ser utilizada como pré-concepção, ou seja, nestas condições a concepção pode ser utilizada como uma "ferramenta para exploração do real, interno (consciente e inconsciente) e externo". A concepção como ferramenta para exploração do real distingue-se da pré-concepção por ter um maior grau de abstracção.

No livro "Elements of Psycho-Analysis" podemos ler:

> "The conception - The conception may be regarded as a variable that has been replaced by a constant. If we represent the pre-conception by ψ(ξ) with (ξ) as the unsaturated element, then from the realization with wich the pre-conception mates there is derived that which replaces (ξ) by a constant. The conception can howevwe be employed as a pre-conception in that it can express an expectation. The mating of ψ(ξ) with the realization satisfies the expectation but enlarges the capacity of (ξ) for futher saturation". In *Elements of Psycho-Analysis.* Pág.. 23/24

O facto de a variável (ξ) ser substituída por uma constante quando se dá a justaposição da pré-concepção com a realização, é apenas uma hipótese académica, ou fruto de patologia, porque de facto, na prática, no dia-a-dia a realização nunca satura por completo a pré-concepção, apenas se aproxima dela. Numa linguagem mais simples, podemos dizer que a substituição por uma constante só acontece quando a realidade e a expectativa que temos dela são exactamente iguais. Por definição esta situação é impossível. Na concretização deste conceito (na vida) a realidade (interna e externa) apenas se aproxima (com maior ou menor desvio) da expectativa que temos dela. O "desvio" é do domínio do sentir, e concretiza-se na frustração e na vivência de dor psíquica. O "desvio" organiza uma nova área insaturada dentro da própria concepção.

Linha F — Conceito

No "Dicionário da Língua Portuguesa" podemos ler:

> Conceito - s. m. tudo o que se concebe; juízo que se faz de alguém; dito sentencioso; entendimento; parte final e elucidativa de uma charada; moralidade; *filos.* noção; representação abstracta e geral, com ficção impessoal, objectiva (o conceito de justiça; a minha ideia de justiça). (Lat. conceptu).

No livro "Elements of Psycho-Analysis", página 24:

> "The concept is derived from the conception by a process designed to render it free of those elements that would unfit it to be a tool in the elucidation or expression of truth."

e no texto "The Grid", página 10:

> "Row F is intended to represent a category of statements, formulations which already exist. In it can be placed psycho-analytical theories, scientific by non-analytical theories, so called laws of nature and other constructs already accepted by various disciplines as being at least temporarily acceptable as genuine attempts to formulate scientific observations."

Como se pode ver pelo confronto entre estas duas definições (a do dicionário e a de Bion), não existem diferenças significativas, isto é, para Bion o conceito é uma representação abstracta, geral e objectiva que funciona como um dito sentencioso (sem parte insaturada) que aumenta o entendimento porque é a "solução" de uma charada. A charada pode ser um problema a ser investigado cientificamente, e o conceito pode ser uma teoria cientifica que se apresenta como solução (mesmo que provisória) do problema enunciado.

O conceito e a concepção podem servir como ferramentas de auscultação do real (interno e externo), desde que tenham sido transformadas pelo aparelho pré-conceptual.

Linha G — Sistema Dedutivo Cientifico

No livro "Elements of Psycho-Analysis" podemos ler o seguinte sobre a linha G:

> "The scientific dedutive system. In this context the term 'scientific dedutive system' means a combination of concepts in hypotheses and system of hypotheses so that they are logically related to each other. The logical relation of one concept with another and of one hypothesis with another enhances the meaning of each concept and hypotheses and links do not individualy possess. In this respect the meaning of the whole may be said to be greater than the meaning of the sum of its parts."[112]

O sistema dedutivo cientifico é uma composição que articula vários conceitos segundo regras precisas (as regras do sistema cientifico). Os elementos (conceitos) assim articulados ganham uma significação mais profunda e mais abrangente. Um sistema dedutivo cientifico é mais evoluído do que um conjunto de conceitos não articulados

[112] In *Elements of Psycho-Analysis.* Pág. 24 Ver referência bibliográfica [7]

entre si, ou articulados segundo regras não cientificas. O corpo teórico de uma ciência poderia ser considerado um elemento desta linha (G). Para Bion, não existe na Psicanálise uma articulação de conceitos suficientemente trabalhada para pertencer a esta linha. Para um individuo sozinho é quase impossível atingir um nível de complexidade tão elevado quanto aquele que é exigido pelo sistema dedutivo cientifico. Os sistemas dedutivo cientifico são habitualmente produto da contribuição de muitos indivíduos, por vezes ao longo de vários séculos.

Linha H — Cálculo Algébrico

No livro "Elements of Psycho-Analysis" podemos ler o seguinte sobre a linha H:

> "Calculi - The scientific dedutive system may be represented by an algebraic calculus. In the algebraic calculus a number of signs are brougth together according to certain rules of combination."[113]

São razoavelmente poucas as ciências que atingiram este nível de abstracção. Nenhuma das ciências sociais atingiu este ponto; Bion pensa que uma tentativa excessivamente precoce para desenvolver a Psicanálise ao ponto de esta poder ser traduzida num sistema de cálculo poderá ter efeitos prejudiciais, porque uma vez estabelecido ele poderá limitar os desenvolvimentos do próprio sistema dedutivo cientifico. Os enunciados catalogáveis nas linhas G e H são enunciados totalmente (ou quase totalmente) saturados, pelo que se apresentam com razoavelmente pouca capacidade para auscultar a realidade, apesar de terem um enorme poder ao nível explicativo.

Colunas

As colunas permitem definir e catalogar a intencionalidade do enunciado. A intenção do enunciado determina o potencial evolutivo desse mesmo enunciado.

Coluna 1 - Hipótese Definitória

A coluna 1 refere-se ao estabelecimento de uma definição que funciona como hipótese. O facto seleccionado estabelece e organiza uma penumbra de associações; nesta medida, o facto seleccionado estabelece a hipótese de que uma série de elementos se relacionam da maneira que ele determina. Ao dizer-se que "um cão é …" está-se por um lado a criar uma definição, que organiza uma quantidade de elementos de uma determinada maneira, mas está-se também a dizer que um cão não é tudo aquilo que fica fora da área delimitada pela definição. No texto "The Grid" podemos ler:

> "Columm 1 is subtitled a definitory hypothesis. …Statements, to which this category is appropriate, mark that elements previously regarded as unrelated are believed to be constantly conjoined, and to have coherence. A statement in this column should be considered to have significance but not meaning. … From the fact that the definitory statement does not refer to an earlier conjunction springs the objection sometimes made that a definition is negative."

Não é possível fomentar uma discordância com a hipótese definitória, já que a única objecção válida é mostrar que o enunciado é absurdo por ser contraditório em si próprio.

Coluna 2 — Psi (ψ)

Esta coluna é reservada para enunciados falsos e/ou para enunciados que têm por finalidade impedir a emergência da verdade, sobre a forma de um novo *insight*. Nesta coluna são classificados todos os enunciados que se apresentam como uma resistência ao trabalho analítico. No texto sobre a tabela, "The Grid", podemos ler:

---

[113] In *Elements of Psycho-Analysis* Pág. 24 Ver referência bibliográfica [7]

> "Column 2 is to categorize the 'use' to wich a statement, of whatever kind it may be and however untrue in the context, is put with the intention of preventing a statement, however true in the context, yhat would involve modification in the personality and its outlook. I have arbitrarily used the sign to emphasize the close relationship of this 'use' to phenomena known to analysts as expressions of 'resistance'" In *The Grid*. Pág.3. Ver referência bibliográfica [12]

Esta coluna é fundamental para a compreensão da psicopatologia, porque é "produto" da resistência ao contacto com a verdade e/ou realidade. Toda a gama de fenómenos mentais psicopatológicos organizam-se em torno da coluna 2 ou da coluna 7. A coluna 2 está intimamente relacionada com as noções de verdade e realidade. Estes dois conceitos encontram-se interligados no corpo teórico desenvolvido por Bion, conforme foi oportunamente referido. Quando a mente opera ao nível desta coluna, estamos perante o predomínio do principio do prazer, portanto o evitamento da dor psíquica é o principal organizador. A forma como a mente em questão "arquitecta" a sua fuga (no sentido de fuga à dor psíquica) pode ser observado pelo cruzamento desta coluna com as diversas linhas.

Coluna 3 - Notação

A coluna 3 serve para classificar os enunciados que têm o propósito de registar um acontecimento (externo ou interno / consciente ou inconsciente). O registo de acontecimentos passados (a memória e os traços mnésicos) deve ser realizado nesta coluna. Os desejos, enquanto memórias do futuro, e o registo de possíveis satisfações são também coluna 3. No texto sobre a tabela podemos ler:

> "Column 3 contains the categories of statements which are used to record a fact. Such statements are fulfilling the function described by Freud as notation and memory". In *The Grid* Pág.3. Ver referência bibliográfica [12]

E no livro "Elements of Psycho-Analysis" lemos:

> "Statements that are representations of present and past realizations. An exemple of such a statement would be a brief summary reminding the patient of something that the analyst belives

took place on a previous occasion. This corresponds to the function Freud denotes by the term *notation*." In *Elements of Psycho-Analysis.* Pág.18 Ver referência bibliográfica [7]

Coluna 4 — Atenção

A coluna 4 serve para classificar todos os enunciados que são determinados pela função da atenção. Quando a pessoa tem comportamentos que revelam que está a prestar atenção ao que se passa no meio ambiente (externo e interno) eles devem ser alvo de cotação na coluna 4. Esta coluna serve para classificar a atenção dirigida ou focalizada e a atenção flutuante ou dispersa. A função da atenção é a de exploradora do meio ambiente ou das impressões do próprio individuo. Enquanto função que permite explorar o real, a atenção assemelha-se à linha D (Pré-concepção). No texto sobre a tabela podemos ler:

> "Column 4 represents the 'use' described by Freud in Two Principles of Mental Functioning, as the function of attention." …"Statements properly regarded as appropriate to Column 4 relate to constant conjunctions that have been previously experienced and the 'use' represented by Column 4 categories differs in the respect from the 'use' represented by Column 1.". In *The Grid.* Pág. 4. Ver referência bibliográfica [12]

E no livro "Elements of Psycho-Analysis" lemos:

> "Statements representing a scientific deductive system in so far as such a system can be expressed in ordinary conversational English. Such a statement has affinities with 3 above in that it may be regarded as representing a realization from which it has been derived. But essentially its function is similar to that of *attention* as described by Freud. It is the statement one expects to follow an analyst's cliché. 'I would like to draw your attention to...' It is similar to 5 below, but more passive and receptive, corresponding to reverie. It is a theoretical formulation, expressed with as much scientific rigour as the circumstances of analytical practice permit, whose function is to probe the environment. In this respect it has affinities with the pre-conception. It is essential to discrimination. One of its functions is receptiveness to the selected fact. (By selected fact I mean that by which coherence and meaning is given to facts already known but whose relatedness has not hitherto been seen.)". In *Elements of Psycho-Analysis. Pág.* 19. Ver referência bibliográfica [7]

Coluna 5 - Indagação

Os enunciados categorizáveis nesta coluna visam, em primeiro lugar, satisfazer os impulsos de investigação e de indagação. A investigação ou a indagação é dirigida para um acontecimento ou fenómeno preciso. Quando o enunciado proferido é uma interpretação (enunciado elaborado pelo psicanalista), a interpretação é uma teoria utilizada para explorar a incógnita. Pretende esclarecer o material revelado, por forma a ajudar o paciente a libertar e revelar mais material. No texto sobre a tabela podemos ler:

> "Column 5, particular the gloss 'Oedipus' requires some explanation. In so far as it represents a 'use' similar to Column 4 it may be regarded as redundant. ... A criticism of Oedipus, implicit in the story, is the obstinacy with which he pursues his inquiry. This aspect of curiosity may seem unimportant to the philosopher of science but it is of significance clinically and therefore worth including with Columns 3 and 4 as representing something that is more than a difference of intensity just as 4 (attention) is more than an intense 3 (notation)". In *The Grid.* Pág. 4. Ver referência bibliográfica [12]

E no livro "Elements of Psycho-Analysis" lemos:

> "Similar to 1,2,3 and 4 as far as formulation is concerned - all are formulated by an identical representation, or, in other words, the interpretation can be verbally identical in each case - but it is a theory used to investigate the unknown." ..." The primary object is to obtain material for satisfaction of the impulses of inquiry in patient and analyst.". In *Elements of Psycho-Analysis.* Pág. 19. Ver referência bibliográfica [7]

Numa palestra sobre a tabela, dada em Los Angeles (1971) Bion disse que:

> "columns 3 - 5 may be conveniently regarded as a spectrum of attention ranging from memory and desire to floating, general attention to a further extreme of particularity." In *Two Papers: The Grid and Caesura.* Pág. 11-12. Ver referência bibliográfica [12]

Coluna 6 — Acção

Esta coluna pretende dar conta de todo o tipo de enunciados que, de uma forma ou de outra, funcionam como acções. "Funcionar como uma acção" significa que é um enunciado que tem por finalidade libertar o psiquismo de "estimulação indesejável" e/ou produzir uma modificação no meio. No texto sobre a tabela podemos ler:

> "The last column which I have annotated 'action' also requires comment. It refers to those phenomena that resemble motor discharge intended to unburden 'the mental apparatus of accretions of stimuli'. To qualify for inclusion in this category the action should be an expression of a theory that is readily detectable - otherwise it cannot be described as a 'use' of a theory.". In *The Grid.* Pág. 4. Ver referência bibliográfica [12]

E no livro "Elements of Psycho-Analysis" lemos:

> "In this, the last category that I propose to distinguish, the statement, though still embodied in a representation identical with those employed in all the other statements, is used as an operator." "...Functions of interpretations that fall in this category, and therefore the interpretations in this one of their aspects, are analogous to *actions* in other forms of human endeavour. For the analyst the transition that comes nearest to that of decision and translation of thought into action is the transition from thought to verbal formulations of category 6.". In *Elements of Psycho-Analysis.* Pág. 19-20. Ver referência bibliográfica [7]

Navegar na tabela

O cruzamento das várias linhas com as várias colunas cria 56 células (ou casas). Das 56 células apenas 34 têm utilidade clínica. Como foi referido inicialmente, a tabela serve para classificar enunciados verbais e não verbais, como os gestos, as imagens, os sons, etc. Um único enunciado pode ser alvo de uma classificação que corresponda a várias células da tabela. Não é obrigatório que um enunciado corresponda apenas a uma classificação numa das categorias da tabela. Por motivos que se prendem com a necessidade de sermos concisos não iremos referir-nos a cada uma das 34 células de forma detalhada; iremos apenas referir algumas, devido à sua particular importância para o trabalho analítico.

Bion, no livro "Elementos em Psicanálise" diz que a interpretação proferida pelo analista deverá ser possível de catalogar, em simultâneo, nas linhas C, D e G.[114] Esta sugestão levanta algumas dificuldades de ordem prática e teórica. Em primeiro lugar verificamos que a linha G origina apenas uma célula útil, a G2. A célula G2 denota a "falsidade" associada ao sistema cientifico dedutivo, isto é, qualquer corpo teórico por melhor que seja em termos da sua capacidade explicativa da realidade organiza-se como uma resistência ao emergir de "O". Desta forma, Bion estaria a propor que a interpretação possuísse um elemento de falsidade, logo um elemento "-K"; esta ideia parece-nos pouco adequada e lógica. Por outro lado, Bion refere-se à interpretação, ou mais concretamente ao objecto psicanalítico, como devendo estender-se ao domínio dos sentidos, dos mitos e da paixão.[115] O confronto entre estes dois parágrafos (o da

---

[114] "No capitulo 3º, sugiro que o objecto psicanalítico apresenta três "dimensões" - os sentidos, a mitologia e a teoria analítica. Traduzo-o em termos de categorias da grade, afirmando que qualquer objecto analitico, antes de assim se qualificar, apresenta traços categorizáveis nas fileiras B, C e G.". In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 114. Ver referência bibliográfica [14]

[115] " … A investigação psicanalítica formula premissas diferentes das da ciência comum, como o são as de filosofia ou teologia. Os elementos psicanalíticos e objectos deles derivados apresentam as seguintes dimensões.

página 22 e o da página 114) leva-nos a pensar que a teoria analítica e a paixão são intercambiáveis, pelo menos quando o vertex de trabalho é a interpretação que o analista fornece em sessão. É ainda de referir que a tabela que Bion descreve no livro "Elementos em Psicanálise" parece ser ligeiramente diferente da versão final apresentada ao publico em geral. Esta suspeita é partilhada por diversos autores, já que existem várias incongruências deste tipo ao longo do livro[116]. Na posse de todas estas informações pensamos que será correcto considerar que Bion se referia mais à classificação na linha F, do que propriamente na linha G. Se a nossa hipótese estiver correcta será licito dizer que a interpretação que revela um objecto psicanalítico deverá ser passível de classificação nas linhas C, D e F.

Se a nossa hipótese estiver correcta devemos pensar que as células correspondentes às linhas C, D e F são particularmente importantes. É necessário, contudo, chamar a atenção para o facto de que o enunciado do psicanalista nunca deve ser alvo das seguintes classificações: C2, D2, F2, C6, D7, F7. Resta-nos dizer que a interpretação elaborada pelo analista deverá ser sempre composta por elementos retirados do seguinte conjunto de 12 elementos: {C1, C3, C4, C5, D1, D3, D4, D5, F1, F3, F4, F5}.

---

1. Estendem-se ao terreno dos sentidos.
2. Estendem-se ao terreno dos mitos
3. Estendem-se ao terreno da paixão.

Não se considera satisfatória a interpretação a menos que elucide o objecto psicanalítico e este apresente, no momento da interpretação, estas dimensões.". In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 22. Ver referência bibliográfica [14]

[116] Rosa Beatriz Pontes de Miranda Ferreira, num artigo apresentado no Seminário decorrido em Torino, sobre a obra de Bion, diz: "It is interesting to note, in Elements od Psycho-Analysis (1963, p.1) where Bion develops virtually the whole structure of the grid, already in the first chapter he refers to categories C3, D3, E3, G3 and G4 and in the chapter VI, of the same book, he refers to categories D6, E6, F6, G6 and H6. We mention this because the structure of the grid printed in the cover of the book does not include categories G and H. It would seem, therefore, that this structure is that of the original grid (earlier 1963). Indeed, in the later books, Bion justifies not using categories G and H and in these, with reference to category G, only G2 remains.". The fundamental Role of the Grid in Bion's work. Pág. 2, versão em HTML. Ver referência bibliográfica [22]

A tabela, apesar de ser em si própria, uma ferramenta estática pretende descrever ou possibilitar a descrição da mente humana, que é um fenómeno profundamente dinâmico. Parthenope Talamo, filha de Bion e psicanalista internacionalmente reconhecida descreveu, em Março de 97, a ideia base da tabela da seguinte forma:

> "In the first chapter of 'experiences in groups' he describes an exercise in 'visualization' which I always think of as being the basis of the Grid: he talks about imagining the training block of the hospital as having a glass wall and being able to see the progress of each soldier as he moves from one room to another in the building. This is basically the idea of the grid, a sort of mapping out the path of, say, a phrase said by a patient, from its inception as a verbalisable mental image (an alpha-element, see Cogitations for greater and almost clarifying details on these strange beasts) through the various stages of a) ever greater sophistication (that is, moving downwards) and b) different sorts of use (moving across). " Escrito por Parthenope Talamo, no Discussion Group Bion97, em 27 de Março de 1997

Utilizando uma imagem do seu próprio pai, Parthenope descreve brilhantemente a essência da utilidade da tabela. A tabela é um instrumento que permite desenhar uma espécie de mapa onde são marcadas as diversas coordenadas que permitem traçar o caminho que a mente humana percorreu quando passou de um ponto a outro. Esta descrição do movimento é a verdadeira expressão do potencial da tabela. É, por isso mesmo, fundamental compreender aprofundadamente a dinâmica que permite a passagem uma casa da tabela a outra.

A passagem da linha A (elementos-β) para a linha B (elementos-α) é feita através da função-α. A função-α já foi amplamente discutida pelo que nada mais acrescentaremos sobre ela. A passagem da linha B para a linha C (pensamentos oníricos, sonhos e mitos) prende-se com a já oportunamente referida barreira de contacto. A passagem da linha C para a linha D (pré-concepção) é menos clara, mas pensamos que seja apenas uma alteração da intencionalidade, isto é, um pensamento onírico, um sonho ou um mito pode servir como pré-concepção desde que seja uma ferramenta para auscultar a realidade. A linha D, para além de poder ser interpretada como um estádio posterior ao da linha C, pode também ser visto como uma linha de origem quando se observa o desenvolvimento de uma pré-concepção inata (Por ex. a

expectativa de um seio no bebé). A passagem da linha D para a linha E (concepção) e desta para a linha F (conceito) faz-se através do aparelho pré-conceptual.

O aparelho pré-conceptual permite transformar uma concepção ou um conceito saturado em um outro com uma parte insaturada. O aparelho pré-conceptual é de alguma forma um aparelho dissolvente.

Saturar implica impregnar ao mais alto grau. Quando uma pré-concepção ficou totalmente impregnada pelo objecto[117] tornou-se saturada. Enquanto elemento psíquico saturado, a concepção (o resultado da justaposição da pré-concepção com a realização) ou o conceito encontram-se num limite extremo, sendo-lhes impossível continuarem a serem impregnados por aquela realização especifica. Podemos levantar a hipótese de que uma pré-concepção poderá ser saturada por uma determinada realização, mas encontrar-se ainda disponível para absorver outras realizações diferentes. Por exemplo uma determinada quantidade de água poderá estar saturada de um determinado elemento (sal, por exemplo), mas apesar disso estar disponível para absorver um outro elemento, como por exemplo açúcar. Para simplificar vamos considerar que uma pré-concepção se satura no contacto (justaposição) com uma única realização, e tentar ver como é que se poderá processar a dissolução, isto é, ver como é que actua o aparelho pré-conceptual por forma a recriar uma área insaturada num elemento previamente saturado.

Há pelo menos duas formas possíveis de o aparelho pré-conceptual funcionar. Uma delas prende-se com o facto de no dia-a-dia (na ausência de psicopatologia) a realização nunca saturar por completo a pré-concepção que a recebe. A outra prende-se com a necessidade de juntar mais solvente, o que seria representado no nosso modelo pelo aumento do poder de abstracção. Simplificando, ou a realização não satura por completo a pré-concepção e a justaposição origina uma concepção (ou um conceito quando a pré-concepção é substituída por um concepção) que possui uma área insaturada por não se ter dado uma completa justaposição [Tipo 1], ou a

[117] Por objecto entende-se aqui a realização que entra em contacto com a pré-concepção. A realização pode ser interna ou externa; consciente ou inconsciente

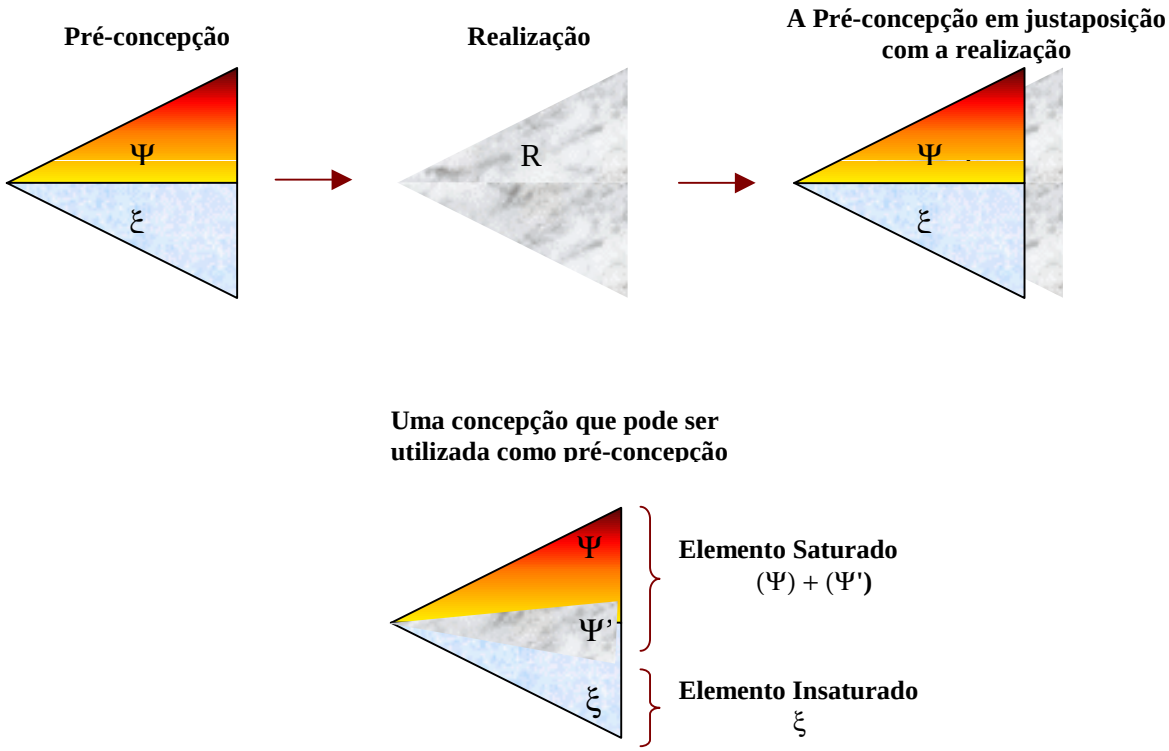
concepção originada pela justaposição entre a pré-concepção e a realização possui um grau de abstracção superior, que lhe permite estruturar uma área não saturada [Tipo 2].

A situação referida como Tipo 1 é facilmente compreendida através do auxilio de diagramas, como o anteriormente utilizado para representar a pré-concepção. A situação referida como Tipo 2 é bastante mais complexa, e não nos foi possível encontrar um diagrama que a representasse. Iremos começar por desenvolver a situação Tipo 1, por ser mais fácil em termos de organização da exposição. Ambas as situações têm igual importância e, tanto quando é possível afirmar no estado actual do conhecimento sobre estes fenómenos, ambas as formas são utilizadas pela parte neurótica da personalidade com igual interesse, já que ambas permitem o desenvolvimento e a maturação da personalidade. São formas de crescimento e possibilitam o aprender com e pela experiência.

Quando uma pré-concepção se encontra com uma realização que a satisfaz, isto é quando uma pré-concepção (que está disponível para absorver apenas uma quantidade limitada de fenómenos) entra em contacto (por justaposição) com um fenómeno com características adequadas à sensibilidade da pré-concepção, forma-se uma concepção. Utilizando o modelo retirado da química podíamos colocar as coisas da seguinte forma: é semelhante ao que acontece quando a água (a pré-concepção) entra em contacto com o sal ou o açúcar (a realização) e se forma um composto (a concepção) que pode ser denominado de água salgada ou água açucarada. A concepção (a água açucarada) é, por sua vez, um composto que permite a solvência de outras substâncias, e eventualmente permitirá a solvência de mais açúcar, caso não tenha atingido o ponto de saturação no 1º contacto. Se pegarmos na água açucarada (o composto resultante da justaposição da água com açúcar [a concepção]) e lhe misturarmos sumo de limão (justaposição ou união de uma concepção com uma realização) obtemos um composto denominado limonada (obtemos um conceito). A limonada, por sua vez, está disponível para receber mais açúcar, mais limão e outras substâncias ou compostos. Está também disponível para ser submetida a processos que podem ou não alterar a sua estrutura molecular, e nessa medida organizar uma transformação; podemos, a

titulo de exemplo, imaginar que colocamos a nossa limonada no congelador e fazemos um gelado.

Em diagrama[118] pode representar-se este movimento da seguinte forma:



Como é possível ver pelo diagrama, a pré-concepção, apesar de ter estado em contacto com a realização, não deixou de possuir uma área insaturada. Esta área insaturada permitir-lhe-á (à concepção) manter as propriedades de pré-concepção.

Na situação do tipo 2, a concepção e o conceito sofrem um outro tipo de transformação. Esta transformação é fundamentalmente qualitativa, enquanto que a transformação anteriormente referida (manutenção de uma área insaturada pela justaposição da pré-concepção com uma realização que só em parte satisfaz as exigências da pré-concepção) é principalmente quantitativa, isto é, origina e desenvolve o conhecimento, mas não a actividade de pensar. Uma concepção ou um

[118] O diagrama aqui apresentado foi concebido por Dario Sor e Maria Rosa Senet de Gazzano e divulgado no livro intitulado *Cambio Catastrofico - Psicoanálise del Darse Cuenta.* Ver referência bibliográfica [30]

conceito é um pensamento, independentemente do "diâmetro" da área insaturada. Contudo, quanto maior é o diâmetro da área insaturada maior é a curiosidade. Sobre isto leia-se a obra oportunamente citada de Dario Sor e Maria Rosa Gazzano. A situação do tipo 2 envolve um processo inevitavelmente dinâmico extremamente complexo, que articula dois mecanismos fundamentais: a interacção entre a posição esquizo-paranóide e depressiva (PS↔D) e a relação dinâmica entre continente e conteúdo (♀♂).

Levando em consideração o exemplo utilizado para ilustrar a situação de tipo 1, a limonada, poderíamos pensar que a situação de tipo 2 será um equivalente do gelado, feito a partir da limonada. Quando se coloca a limonada no congelador está-se a obrigar a uma reorganização da estrutura molecular, sem introduzir qualquer outra substância no composto. A concepção e o conceito também podem sofrer uma transformação (reorganização) sem que isso obrigue a um novo contacto com uma realização. Esta transformação oferece um aumento do poder de abstracção da concepção ou do conceito. Com um poder de abstracção superior a concepção (ou o conceito) torna-se apta a receber um número superior de realizações.

Estamos então na posse de um conceito ou concepção que possui uma parte saturada (isto é, fixa e imutável) e uma parte não saturada (ou seja passível de ser transformada). O diâmetro da parte insaturada determina o grau de abstracção que o conceito possui. Quanto maior o diâmetro da área insaturada maior é o leque de realizações que o conceito pode abarcar. A reestruturação do tipo 2 dá-se no seio do conceito favorecendo o aumento da abstracção. Para que o conceito ganhe um novo e maior poder de abstracção é necessário que seja desvinculado, estilhaçado, despedaçado, desagregado. É sobre os despojos e os estilhaços que surge uma nova ordem. O processo que desvincula, despedaça, desarticula e desfaz o conceito é denominado de PS (Esquizo-paranóide), enquanto que o processo que organiza, junta e vincula é denominado de D (Depressivo). O movimento alternante entre estas duas posições (ou processos) PS↔D fornece as modificações necessárias ao emergir de um novo conceito, mais abstracto que o primeiro. Vejamos então com algum pormenor a forma como se processa o aumento progressivo da capacidade de abstracção.

Quando o individuo produz uma concepção, através da justaposição de uma pré-concepção[119] com uma realização, obtém uma certa tranquilidade psíquica, oferecida pelo facto de ter desenvolvido (possuir) um pensamento. Quando é confrontado com a necessidade de destruir este pensamento para poder aumentar o seu poder de abstracção, o individuo é obrigado a confrontar-se com sentimentos de medo, insegurança e incerteza. Esta constelação de sentimentos é denominada de "Dor psíquica". A tolerância à dor psíquica é fundamental para que o individuo possa permitir-se ao desmembramento do conceito (ou concepção) previamente formado, e dessa forma permitir o desenvolvimento de uma capacidade de abstracção superior.

Se o individuo tem uma capacidade de tolerância à dor psíquica suficientemente adequada, isto é, se o individuo consegue suportar a permanência de sentimentos de perseguição, incerteza e medo o tempo suficiente para se efectuar o desmembramento do conceito ou da concepção, então está em condições de poder fomentar a evolução do conceito. O conceito desvinculado, desmembrado ou fragmentado produz uma quantidade de elementos dispersos, que ficam a partir dessa altura disponíveis para integrarem um outro arranjo (conceito ou concepção) ou para se reunirem novamente, mas numa configuração diferente da anterior. O novo arranjo (ou a nova configuração) organiza-se em torno de um nome, de um som, de um gesto, de uma imagem, etc.; isto é, organizando-se sobre os elementos dispersos, inicia uma nova procura e atribuição de nome, conforme acontece quando se dá a eleição de um "facto seleccionado". O novo conceito é fruto da capacidade para estabelecer o "facto seleccionado", e este por sua vez é fruto da capacidade do individuo para tolerar a dor depressiva.

Quando se observa uma intolerância excessiva à dor mental, uma das coisas que pode acontecer é uma estagnação da capacidade de abstracção do individuo. O individuo fica incapaz de desenvolver conceitos e/ou concepções com graus de abstracção superiores, porque não suporta a dor psíquica associada ao desmembramento do pensamento já conquistado. Os conceitos e as concepções tendem a ficar estáticas e o diâmetro da área insaturada tende a diminuir cada vez mais. Uma outra coisa que pode

[119] A pré-concepção pode ser fruto de uma evolução da categoria C ou ser inata.

acontecer é o desmembramento dar-se com uma violência tal que os fragmentos (os elementos) ficam tão dispersos que uma nova reunião ou reorganização se torna extremamente difícil, e a eleição de um facto seleccionado quase impossível. Nestas circunstâncias o individuo fica à mercê dos acontecimentos e dos fenómenos externos para poder exprimir a sua vivência psíquica complexa.

Pensar em termos de desmembramento do conceito ou da concepção implica a existência de um "espaço mental", onde os elementos dispersos possam existir. Nesta medida, a possibilidade de desmembrar e desagregar um conceito implica a existência prévia de um continente onde essa operação se possa dar. A construção de um espaço mental (continente) adequado à posição esquizo-paranóide, é da responsabilidade da correcta utilização dos mecanismos de identificação projectiva e da *reverie* materna, é, em última instância, da responsabilidade da existência de uma função-α eficaz, quer ela se situe interior ou exteriormente ao individuo. O conceito ou a concepção funcionam como um conteúdo que se pode alojar em outros continentes, que podem ser outros pensamentos. O facto seleccionado, que organiza uma penumbra de associações, é (dependendo da perspectiva) um continente ou um conteúdo. É conteúdo enquanto organiza e define uma determinada relação com os elementos que o compõem, e é continente porque se encontra apto a receber uma determinada quantidade de fenómenos. A posição esquizo-paranóide obriga a existência de um continente que aceite e recolha os fragmentos, e a posição depressiva cria um conteúdo disponível para ser projectado e para sondar a realidade[120].

A tabela foi desenvolvida com o intuito de servir como ferramenta para "monitorizar" o desenvolvimento mental, e o desenvolvimento mental consiste num acréscimo de capacidade para perceber a realidade e num decréscimo da força inibitória das ilusões. A tabela deve ser capaz de registar o desenvolvimento no sentido do aumento da capacidade para perceber a realidade, mas também deve ser capaz de registar o

[120] "Considera-se PS uma nuvem de particulas capazes de se conglomerar em D, e D, objecto capaz de se fragmentar e difundir como PS. As particulas PS encaram-se como nuvem de incerteza." e mais à frente "Observa-se que PS funciona como forma de ♀. " In *Elementos em Psicanálise.* Pág. 55. Ver referência bibliográfica [14]

desenvolvimento no sentido inverso, ou seja, deve de ser capaz de registar os processos que bloqueiam o desenvolvimento ou que favorecem o aumento da força das ilusões.

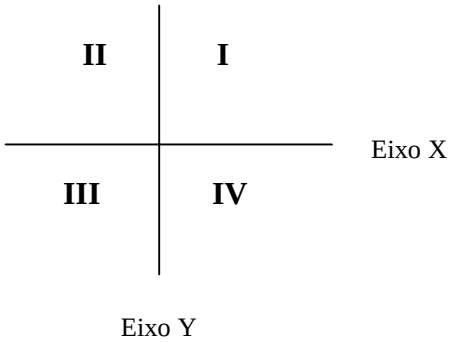
Os motivos que tendem a forçar um desenvolvimento no sentido negativo ou positivo (aumentar a capacidade de perceber a realidade ou diminuir a capacidade de perceber a realidade) são extremamente complexos, e ultrapassam o objectivo deste capítulo; no entanto encontram-se seguramente relacionados com os vínculos L, H e K e com as problemáticas relacionadas com os sistemas de vinculação, nomeadamente com o sofrimento psíquico.

7- Propostas para a modificação da Tabela de Bion

A tabela criada por Bion, e amplamente analizada no capitulo anterior, tem vindo a ser alvo de algumas modificações. Vários autores propuseram diferentes alterações. Discutir em pormenor todas as propostas ultrapassa os nossos objectivos, mas gostaríamos de fazer referência às propostas desenvolvidas por Dario Sor e Maria Rosa Gazzano, porque se destacam pelo seu rigor e pertinência, e porque são bastante diferentes das propostas de Amaral Dias. Pretendemos demonstrar que as propostas de Amaral Dias são, a longo prazo, mais úteis.

As modificações introduzidas por Dario Sor e Maria Rosa Gazzano

Dario Sor e Maria Rosa Gazzano fazem dois tipos de modificações fundamentais. Em 1º lugar propõem que a tabela seja lida sobre um eixo cartesiano.



O cruzamento do eixo X com o eixo Y forma 4 quadrantes. Nos quadrantes I e II o eixo Y (que corresponde na tabela ao eixo genétivo-evolutivo) é positivo; no quadrante I, o eixo X (que corresponde na tabela ao eixo dos usos) é positivo e no quadrante II é negativo. Da mesma forma, temos que nos quadrantes III e IV o eixo genético-evolutivo é sempre negativo, e o eixo dos usos é positivo para o quadrante IV e negativo para o quadrante III. Resumindo, temos:

Quadrante	Eixos	
	Genético	Usos
I	+	+
II	+	-
III	-	-
IV	-	+

Em cada um destes quadrantes há uma repetição do desenho completo da tabela. A tabela original de Bion tinha 34 células úteis, e a de Dario Sor e Maria Rosa Gazzano passa a ter 136, mais 22 resultantes do acréscimo de uma nova coluna (coluna7). Os autores consideram que o quadrante III é o mais adequado à representação da parte psicótica da personalidade, e deixam em aberto (sem resposta) a utilidade dos quadrantes mistos, II e IV. Em termos práticos, os autores classificam todos os enunciados no 1º ou no 3º quadrante, consoante se trate de um pensamento originário da parte neurótica ou da parte psicótica da personalidade.

Sobre isto podemos ler:

> "a) La extensón de la Tabla al 'lado negativo' nos hace entrar de lleno en el área psicótica de la personalidad. La naturaleza misma del ojeto que está siendo indagado, perturba en alto grando a quienes lo investigan. Pensamos que este obstáculo es, con mucho, el más grave de todos.
> b) La comprensión del esquema que ahora vamos a desarrolar, introduce un grado de complejidad mayor al sistema. Lo enriquece notablemente, pero obliga al pensamiento a un esfurezo notoriamente superior. Y la mente protesta ante estos requerimientos, con olvidos y cegueras.
> Qué fue lo que NO vimos?. Que el cruce de dos ejes cartesianos limita en realidad la existencia de CUATRO cuadrantes, y no dos, como nuestra anterior versión simplificada proponía.
> Pensamos que estos cuadrantes pueden llegar a describir estados peculiares de la mente, con mayor precisión que la que hasta ahora hemos utilizado.
> El cuadrante III, donde ambos ejes están en negativo, resulta apropiado para clasificar el fanatismo, así como la psicosis y las transformaciones en alucinosis.

> Los cuadrantes II y IV, mixtos, donde hay un eje positivo y otro negativo, plantean interesantes enigmas que áun no estamos en condiciones de develar." In *Cambio Catastrofico - Psicoanálisis del Darse Cuenta.* Pág.327/8. Ver referência bibliográfica [30]

Apesar de considerarem que ainda não estão em condições para desenvolver os enunciados que poderão vir a ser classificados nos quadrantes II e IV, Dario Sor e Maria Rosa Gazzano sentem-se suficientemente seguros para poderem dizer que apenas no quadrante I a mente se encontra em K. Em todos os outros quadrantes a mente encontra-se em -K.

Saber se a mente do analista ou do analisando está num determinado momento, em K ou em -K, é um dos conhecimentos mais valiosos que se pode obter através da utilização da tabela. Neste contexto é de interesse fundamental desenvolver um pouco mais a noção de vinculo K. Os vínculos do conhecimento "K" e "-K" constituem uma das investigações centrais na obra de Bion; para ele a Psicanálise visa esclarecer a relação entre dois objectos (analista e analisando) que se encontram vinculados. "Vinculo" é, então, um estado emocional que relaciona duas ordens de grandeza: o conteúdo (♂) e o continente (♀). Bion identificou 3 vínculos diferentes: o vinculo K, o vinculo L e o vinculo H. O vinculo K preside à organização de uma relação ao conhecimento, o vinculo L organiza uma relação de amor, e o vinculo H organiza uma relação de ódio. Qualquer um destes vínculos pode ser visto como promovendo esse tipo de relação (promovendo uma relação de conhecimento, amor ou ódio); nessa altura diz-se que o vinculo estabelecido é positivo. Pode, também, ser visto como organizando uma "resistência" ao estabelecimento desse tipo de relação; nessa altura diz-se que o vinculo estabelecido é negativo. O vinculo +K é, então, a nomenclatura utilizada para definir a relação que se gera entre conteúdo (♂) e continente (♀) quando ambos estão envolvidos numa actividade que visa o conhecimento. Uma vez que o resultado obtido através desta relação (o conhecimento) é de beneficio mutuo para ambos os intervenientes (♂ e ♀), podemos dizer que o vinculo +K organiza uma relação simbiótica, uma relação que promove o crescimento e a maturação. O vinculo -K pelo contrário preside à organização de uma relação de evitamento e de resistência. O intuito da vinculação -K é impedir a tomada de consciência, ou seja, a formação de

conhecimento. O estabelecimento de uma relação vincular do tipo -K está habitualmente associado à predominância de sentimentos marcados de inveja e voracidade, enquanto que o estabelecimento de uma relação vincular do tipo +K está habitualmente associada à predominância de sentimentos mais ou menos marcados de tolerância a um sentido de infinito, de tolerância à frustração, à dor mental, aos sentimentos depressivos, à duvida e à incerteza. A função do analista é, em última instância, transformar o vinculo "-K" em vinculo "+K". Bion define estes dois tipos de vinculação da seguinte forma:

> **+K** - Relação simbiótica. Dois que se juntam para formar um terceiro e para beneficio dos três.
> **-K** - Relação parasitária. Dois que se juntam para formar um terceiro e para destruição dos três.

Para além da proposta de expansão da tabela para os 4 quadrantes, estes autores propõem o acréscimo de mais uma coluna, a coluna nº 7. Bion deixou em aberto a possibilidade de se irem acrescentando colunas à medida que se fosse tendo consciência das necessidades suscitadas pela prática clínica. A nomenclatura utiliza na última coluna (n …) é indicadora de que Bion considera que a expansão é inevitável, e até desejável; contudo, ele tece algumas considerações sobre a necessidade de se ser cauteloso para não criar categorias de usos demasiado concretas ou desnecessárias.

Dario Sor e Maria Rosa Gazzano trabalham com alguma intensidade o conceito de fanatismo, e os mecanismos a ele associados. Para os autores o fanatismo é uma forma de utilização do pensamento com características particulares, e cuja a importância na psicopatologia justifica a abertura de uma nova coluna.

O uso fanático foi definido por Dario Sor e Maria Rosa Gazzano como uma força que se opõem ao encontro-descobrimento-transformação da ideia nova. Para os autores o uso fanático pode desenvolver-se e sedimentar-se numa estrutura, a estrutura fanática. O fanatismo pode-se caracterizar como ataques -K ao conhecimento, quebrando as uniões entre as ideias. Através do uso fanático só é possível realizar pseudo-articulações. O fanatismo acalma enquanto que a ideia nova inquieta. O fanatismo é

atraído pela intolerância à frustração originada pelo confronto com o desconhecido. O fanatismo cria uma presença porque odeia a ausência, a dúvida e a mudança.

O fanatismo é um uso -K. A contra-parte do fanatismo ao nível de +K é *poder com responsabilidade*. O poder com responsabilidade pretende enquadrar todas as fantasias de poder que impliquem manifestações de responsabilidade para com os outros ou no exercício de uma tarefa. Os autores consideram que a grande importância do uso fanático se situa no auxilio que este pode prestar na compreensão da psicopatologia; nesta medida, expõem com algum pormenor o significado das células associadas a -K. De seguida apresentamos um quadro que resume de forma abreviada o significado das diferentes células originadas pela coluna 7.

Célula	**Definição**
- A7	Esta célula é vazia.
A7	Evacuação de fantasias de poder não transformadas pela função-alfa
- B7	Certos usos fanáticos do corpo, tal como ocorrem em algumas perversões, que usam compulsivamente uma zona corporal.
- C7	Um mito ou um sonho transformado em ideia máxima, que se disfarça de formulações pseudo-lógicas que impedem o desenvolvimento de estratégias e possibilidades adequadas à evolução. Isto pode ocorrer tanto em indivíduos como em grupos sociais. Os sistemas totalitários criados sobre mitos, como por exemplo o mito da "raça superior" ou da "raça pura" são exemplos de -C7. Ao nível da psicopatologia temos o Fetichismo.
- D7	Uma pré-concepção utilizada como pré-determinação
- E7	Uma forma mais cristalizada da pré-determinação
- F7	Racionalizações elaboradas sobre ideias fanáticas
- H7	Utilizações fanáticas de sistemas hipotético-dedutivos

		A6				**A2**	**A1**	A Elemento-β	**A1**	**A2**				**A6**	**A7**	
Bn	**B7**	**B6**	**B5**	**B4**	**B3**	**B2**	**B1**	B Elemento-α	**B1**	**B2**	**B3**	**B4**	**B5**	**B6**	**B7**	**Bn**
Cn	**C7**	**C6**	**C5**	**C4**	**C3**	**C2**	**C1**	C Sonhos e mitos	**C1**	**C2**	**C3**	**C4**	**C5**	**C6**	**C7**	**Cn**
Dn	**D7**	**D6**	**D5**	**D4**	**D3**	**D2**	**D1**	D Pré-concepções	**D1**	**D2**	**D3**	**D4**	**D5**	**D6**	**D7**	**Dn**
En	**E7**	**E6**	**E5**	**E4**	**E3**	**E2**	**E1**	E concepções	**E1**	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E6**	**E7**	**En**
Fn	**F7**	**F6**	**F5**	**F4**	**F3**	**F2**	**F1**	F Conceitos	**F1**	**F2**	**F3**	**F4**	**F5**	**F6**	**F7**	**Fn**
						G2		G Sist. Cient. Dedu.		**G2**						
								H Cálculo Algébrico								

n …	7 Fana- tismo	6 acção	5 Inda- gação	4 Aten- ção	3 Nota- ção	2 ψ	1 Hip. Def.		1 Hip. Def.	2 ψ	3 Nota- ção	4 Aten- ção	5 Indaga- ção	6 acção	7 Poder	n …
		A6				**A2**	**A1**	A Elemento-β	**A1**	**A2**				**A6**	**A7**	
Bn	**B7**	**B6**	**B5**	**B4**	**B3**	**B2**	**B1**	B Elemento-α	**B1**	**B2**	**B3**	**B4**	**B5**	**B6**	**B7**	**Bn**
Cn	**C7**	**C6**	**C5**	**C4**	**C3**	**C2**	**C1**	C Sonhos e mitos	**C1**	**C2**	**C3**	**C4**	**C5**	**C6**	**C7**	**Cn**
Dn	**D7**	**D6**	**D5**	**D4**	**D3**	**D2**	**D1**	D Pré-concepções	**D1**	**D2**	**D3**	**D4**	**D5**	**D6**	**D7**	**Dn**
En	**E7**	**E6**	**E5**	**E4**	**E3**	**E2**	**E1**	E concepções	**E1**	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E6**	**E7**	**En**
Fn	**F7**	**F6**	**F5**	**F4**	**F3**	**F2**	**F1**	F Conceitos	**F1**	**F2**	**F3**	**F4**	**F5**	**F6**	**F7**	**Fn**
						G2		G Sist. Cient. Dedu.		**G2**						
								H Cálculo Algébrico								

As modificações introduzidas por Amaral Dias

Amaral Dias é um eminente psicanalista português que se tem dedicado ao estudo da obra de Bion. Tem actualmente uma vasta obra publicada, sendo facilmente perceptível uma profunda influência de Bion no seu pensamento. O trabalho de Amaral Dias destaca-se pela sua originalidade e pelo seu rigor cientifico. Tem reflectido intensamente sobre a obra de Bion e expandido alguns dos seus conceitos. O seu artigo dedicado à função continente do analista, publicado na Revista Francesa de Psicanálise[121] é um bom exemplo do seu inestimável valor como investigador e cientista.

Nos últimos anos tem-se dedicado à reflexão cuidadosa sobre a tabela de Bion. Encabeçou vários seminários e encontros científicos onde discutiu e desenvolveu este assunto. O livro recentemente publicado *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion* (Abril de 1997), é o resultado de um pensamento amadurecido ao longo de vários anos. Neste livro, Amaral Dias apresenta algumas propostas de modificação (expansão) da tabela de Bion. A tabela modificada por Amaral Dias constituí-se como uma nova tabela.

> "Irei começar por resumir um pouco a Tabela. Já não é a de Bion, é uma Tabela modificada da qual ensaiarei definir os diferentes níveis." In *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 11. Ver referência bibliográfica [3]

Carlos Amaral Dias propõe várias modificações fundamentais. Três reflectem-se imediatamente sobre o desenho da tabela, e as outras apenas se reflectem ao nível da interpretação e da concepção mais abstracta. Propõe o acréscimo de uma nova coluna, a coluna nº 7 denominada de *Decisão,* e a subdivisão da linha C em duas. A subdivisão tem como objectivo estabelecer uma separação entre os Sonhos e os pensamentos oniricos por um lado, e os mitos por outro. Por último propõe uma

[121] Ver referência bibliográfica [2]

demarcação entre a área reservada aos proto-pensamentos (linha A e B) e os pensamentos propriamente ditos.

Estas três alterações têm reflexos imediatos na planificação da tabela. Temos, então, que esta nova tabela passa a ter 7 colunas úteis, 9 linhas de A a I, e uma linha divisória entre a linha B e a linha C. As propostas de alteração, sem reflexos imediatos ao nível do desenho, mas com profundos reflexos ao nível da compreensão da dinâmica subjacente à tabela são:

- A linha E (das pré-concepções) pode funcionar como um ponto de origem, da mesma forma que a linha A (elementos-β). A linha A funciona como ponto de origem para as impressões dos sentidos, na medida em que os elementos-β são a contra-parte psíquica dos órgãos dos sentidos. A linha E funciona, por sua vez, como ponto de origem na medida em que pode trabalhar com pré-concepções inatas (determinação filogenética, características biológicas, neuro-biológicas, geno e fenotípicas) e com impressões psíquicas.[122]
- As colunas 2 (Ψ) e 7 (acção) são colunas -K, o que significa que estes "usos" visam impedir a tomada de consciência e o evitamento do contacto com a verdade e a realidade.
- As colunas 3 (notação), 4 (atenção), 5 (indagação) e 6 (decisão) são colunas +K, o que significa que os "usos" estabelecidos nestas colunas visam a tomada de consciência e o contacto com a verdade e a realidade.
- A coluna 1 (Hipótese definitória) é a base sobre a qual se poderão estruturar os outros usos.

[122] "… Penso, tal como outros (vg E. Sá), tratar-se de uma Tabela de dupla entrada. Considero que a chegada aos elementos conceptuais, que na Tabela de Bion é F e na nossa é G, e a chegada aos sistemas míticos, à estrutura mitica do sujeito, se pode fazer a partir de A, B, C ou E,F,G, ou seja, isto poderia ser visto assim: podemos conceber que a D, G se pode chegar a partir de A ou se pode chegar a partir de E, considerando, como também iremos ver, que A (β) é a entrada dos elementos da realidade sensorial/ realidade externa e que ψ(ξ) são elementos oriundos do endoceptivo." In *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Pág. 11-12. Ver referência bibliográfica [3]

A subdivisão da categoria C em pensamentos oniricos e sonhos por um lado, e mitos por outro, permite a separação entre aquilo que são pensamentos que se apresentam de uma forma sensorial e pensamentos que não se apresentam desta forma. Os elementos míticos são representações pessoais do sujeito, da sua história pessoal. Na página 13 da obra supracitada podemos ler:

> "… Os elementos míticos são, finalmente, todos aqueles elementos de que o individuo se serve para construir as suas próprias narrativas, as suas narrativas pessoais e as suas interpretações pessoais sobre os acontecimentos que se passam na sua própria vida e a maneira como ele interliga estes acontecimentos aos acontecimentos que se passam à sua volta. …" In *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion. Pág.* 13. Ver referência bibliográfica [3]

A categoria C (definida por Amaral Dias - Pensamentos oniricos e sonhos) está muito mais ligada ao sensorial do que a categoria D (definida por Amaral Dias - Mitos). Para além do sensorial ter uma importância capital nesta distinção é, ainda possível referir que a categoria C se processa em áreas da mente muito mais próximas do inconsciente e do pré-consciente do que a categoria D. Tendo em consideração que com a teoria desenvolvida por Bion não faz mais sentido falar de área inconsciente, pré-consciente e consciente, poderíamos dizer que a categoria C é reflexo imediato da barreira de contacto, enquanto que a categoria D se organiza a partir de uma certa cristalização de elementos oriundos da barreira de contacto.

Esta subdivisão tem implicações ao nível das categorias em que o analista se deve colocar quando elabora e fornece a interpretação. No capitulo anterior foi dito que, segundo Bion, a interpretação fornecida pelo analista deve ser categorizável em C, D e F; levando em linha de conta a modificação introduzida por Amaral Dias poderíamos dizer que: a interpretação fornecida pelo analista deve ser categorizável em C (Pensamentos oniricos e sonhos), E (pré-concepções) e G (conceitos). Daqui decorre que a categoria D (Mitos) não é adequada à formulação de interpretações, conforme é explicitado por Amaral Dias, porque o encontro de duas categorias míticas (a do paciente e a do analista) origina uma catástrofe, o que é bem diferente de uma reacção catastrófica. Sem esta modificação, continuando a manter a indiferencição entre pensamentos oniricos , sonhos e mitos não é possível chegar a este *insight*.

> "Podemos dizer, e isso é outra coisa que eu iria também comunicar, é que se a mente do analisando se pode observar na Tabela bem como a própria mente do analista na relação analítica, a mente do analista não pode estar nunca na categoria D. Ela não pode estar exposta. Há categorias que são interditas na mente do analista do decurso de uma análise. Como já disse a categoria D de um analista, ou seja, as suas estruturas narrativas, míticas e oníricas pessoais não devem poder estar em acção. …". In *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 19. Ver referência bibliográfica [3]

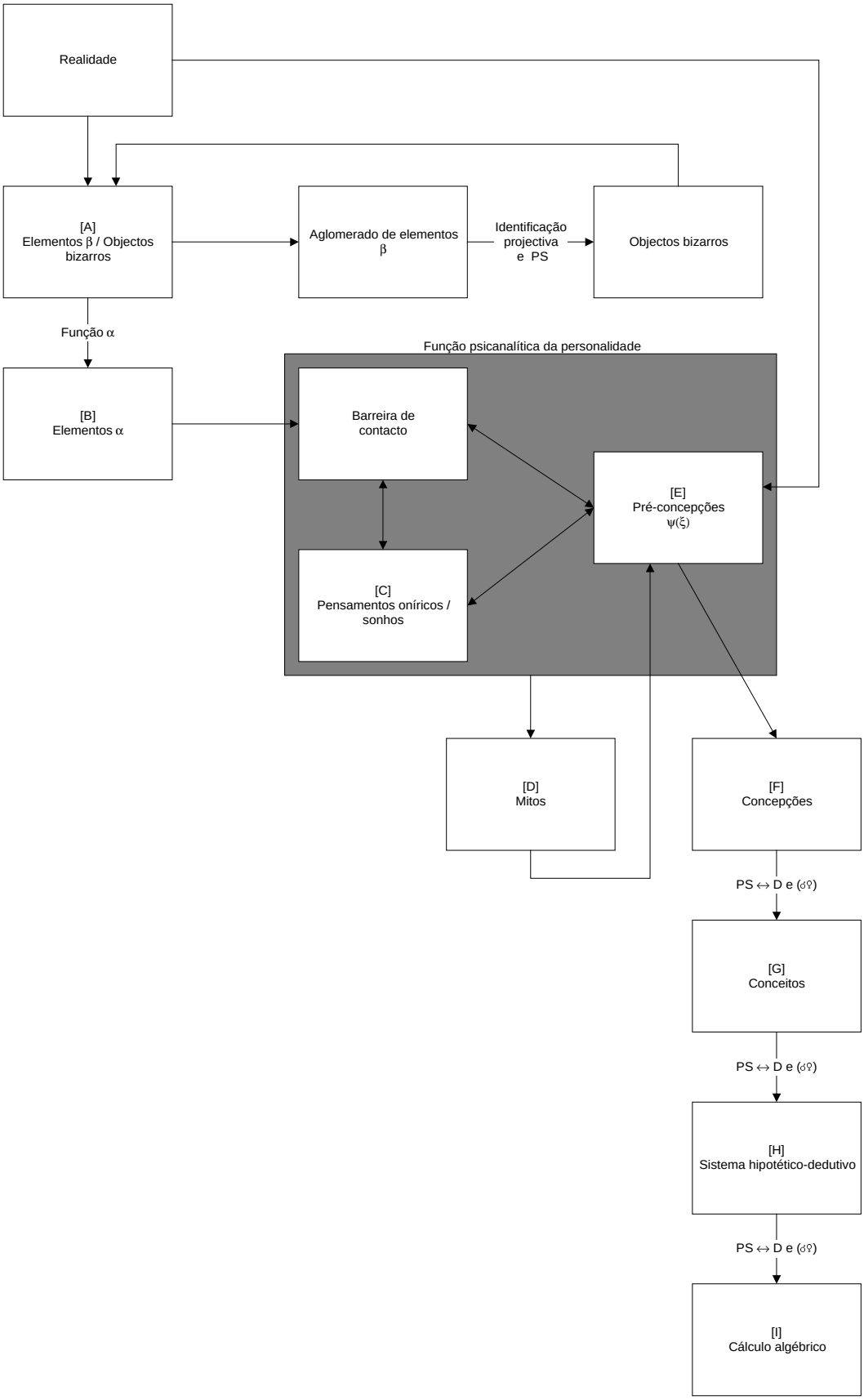
Amaral Dias destaca-se de muitos outros autores na medida em que propõe que a tabela seja lida como um sistema de dupla entrada; isto significa que a Tabela deixa de poder ter uma leitura linear de cima para baixo, que organiza um crescendo de complexidade e de maturação, para ter que ser lida como tendo dois pontos distintos de evolução máxima. Um desses pontos é a categoria H ou I (respectivamente Sistema hipotético - dedutivo ou Cálculo algébrico) e o outro é a categoria D (Mito). A introdução da categoria D como um ponto máximo, ou seja, como um ponto de chegada, permite compreender de uma forma mais perfeita (apesar de mais complexa) a dinâmica do funcionamento psíquico. Deixa de haver um "objectivo" para a evolução e maturação da mente humana, para passarem a haver dois. A evolução e a maturação não visam apenas atingir um crescendo de complexidade, mas visam também atingir uma capacidade de auto-observação e de introspecção que se revela num saber "prático" *sobre* e *na* realidade. A esta capacidade de leitura do sujeito da sua própria realidade Bion chamou de *Função Psicanalítica da Personalidade*.

A complexidade introduzida por esta nova leitura levou-nos a ensaiar um fluxograma para a ilustrar. No esquema apresentado existem "inputs" da realidade em dois níveis diversos, um ao nível da percepção dos órgãos dos sentidos (tacto, olfacto, audição, visão, e paladar) e um outro ao nível da percepção das qualidades psíquicas (consciência). Os "inputs" da realidade (quer ao nível das qualidades físicas quer ao nível das qualidades psíquicas) têm que ser sujeitos à função-α para se transformarem em elementos-α. Caso esta transformação não se realize inicia-se o circulo que leva à criação de objectos bizarros. Se a transformação se der, os elementos-α organizam-se por forma a constituir a barreira de contacto. A barreira de contacto é dinâmica, e a

sua formação define o consciente e o inconsciente ou, mais correctamente, define o que se encontra consciente e o que se encontra inconsciente.

Os pensamentos oniricos e os sonhos aparecem como a expressão directa da barreira de contacto, e podem constituir-se como pré-concepções conforme foi referido oportunamente. As pré-concepções podem entrar em contacto com os pensamentos oniricos e os sonhos para a formação de concepções, ou podem entrar em contacto com a realidade ou com os mitos para o mesmo efeito. As pré-concepções constituem-se como produto da evolução dos pensamentos oniricos, dos sonhos e dos mitos, ou como elementos originais sem antecessores, como acontece nas pré-concepções inatas.

A função psicanalítica da personalidade permite a construção de mitos pessoais, que por sua vez orientam o saber prático *sobre* e *na* realidade. A função psicanalítica da personalidade descreve o movimento dinâmico elaborado pelos intercâmbios entre os pensamentos oniricos/sonhos, os mitos, a realidade e as pré-concepções. Os mitos são o produto resultante do efeito da função psicanalítica da personalidade, mas também funcionam, num segundo tempo, como combustível para essa mesma função. Os mitos pessoais e privados evoluem, e essa evolução parece dever-se ao facto de funcionarem num 2º movimento, como pré-concepções (ver o anteriormente explicitado sobre o aparelho pré-conceptual). Se pretendêssemos elaborar uma perspectiva evolutiva, os mitos e as concepções teriam que estar a um mesmo nível. São ambos resultantes do contacto de uma pré-concepção com uma realização [interna (consciente/inconsciente) ou externa]. Por sua vez, as concepções evoluem progressivamente até atingir um elevado grau de complexidade e sofisticação. Esta evolução é consequente à actuação de dois mecanismos fundamentais: a relação dinâmica entre continente e conteúdo (♀♂) e a interacção entre as posições esquizo-paranóide e depressiva (PS↔D).


Realidade
[A]
Elementos β / Objectos bizarros
Aglomerado de elementos β
Identificação projectiva e PS
Objectos bizarros
Função α
Função psicanalítica da personalidade
[B]
Elementos α
Barreira de contacto
[E]
Pré-concepções
ψ(ξ)
[C]
Pensamentos oníricos / sonhos
[D]
Mitos
[F]
Concepções
PS ↔ D e (♂♀)
[G]
Conceitos
PS ↔ D e (♂♀)
[H]
Sistema hipotético-dedutivo
PS ↔ D e (♂♀)
[I]
Cálculo algébrico

Sobre este assunto podemos ler:

> "… Recapitulando e de uma forma mais simples, podemos dizer que entramos na Tabela pela realidade externa e, entramos na Tabela pela realidade "interna".
>
> Ambas estas realidades, a partir da pré-concepção ou dos elementos-β, vão ser susceptíveis de transformação até criarem uma narrativa pessoal e conceitos sobre o mundo.
>
> (…)
>
> Não esqueçamos o seguinte: o pensamento humano destina-se a duas coisas; à capacidade de criar conceitos e, mais tarde, sistemas hipotético-dedutivos e cálculos algébricos a um nível muitíssimo superior de abstracção e também à construção de uma capacidade de leitura do sujeito da sua própria realidade, ou seja, da construção de uma função psicanalítica da personalidade, de uma capacidade de auto-observação, da introspecção, de todas estas coisas que se encontram na categoria D. …" In *Tabela para uma nebulosa.* Pág. 14/15. Ver referência bibliográfica [3]

Uma outra modificação essencial proposta por Amaral Dias é o acréscimo de mais uma coluna, a coluna nº 7. Em termos práticos a nova coluna, a coluna da *Decisão*, passa a ser a coluna nº 6, enquanto que a coluna da *Acção*, anteriormente coluna nº 6, passa para coluna nº 7. A introdução da nova coluna depois da coluna da *Indagação* e antes da coluna da *Acção* serve um propósito. As colunas 3, 4, 5 e 6 (respectivamente: Notação, Atenção, Indagação e Decisão) formam uma sequência que exibe um crescendo de maturação, num progressivo movimento de "+K" a "O". Estas 4 colunas concorrem para a formação e desenvolvimento de "+K", enquanto que a coluna 2 e a coluna 7 (respectivamente: Ψ e *Acção*) concorrem para a formação e o desenvolvimento de "-K".

Amaral Dias descreve sumariamente, mas de forma muito inciziva, os diferentes vividos psicopatológicos que podem ser observados a partir do cruzamento das diversas linhas com a coluna 2[123].

A2	Vivido alucinatório
B2	Ilusões, despersonalização, desrealização, etc.
C2	Evacuações oníricas

[123] Ver Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 49. Ver referência bibliográfica [3]

D2	Mitos e versões mentirosas do mito
E2	Inveja primária e secundária
F2	Relação dogmática
G2	Fanatismo
H2	Ortodoxia

A importância da coluna 2 não se esgota neste cruzamento, até porque, conforme já referimos em outra ocasião, praticamente toda a gama de fenómenos psicopatológicos se situa ao nível destas duas colunas, a 2 e a 7.

Sobre a nova coluna (a *Decisão*) podemos ler:

> "… A categoria 6, introduzimo-la e transformamo-la a partir de uma sugestão de Bion, no livro "Os elementos em Psicanálise", onde é afirmado que a capacidade de decisão se pode considerar eventualmente um elemento da psicanálise. Num texto de 1994 falámos longamente deste problema. Para já consideramos uma categoria 6 versus uma categoria 7, já que decisões não são acções, decisões resultam de processos do pensamento.
> (…)
> É evidente que a capacidade de decisão implica uma relação com o pensamento de uma ordem superior. Se os pensamentos por si próprios valessem, então não tínhamos nenhumas decisões. Nada faríamos na nossa vida, por exemplo, não estaríamos aqui hoje. Houve uma decisão de estar aqui. Essa decisão implicou capacidade de pensarmos o que é que vínhamos aqui esperar, o que é que poderíamos aprender e portanto tomámos uma decisão de vir. A capacidade de decisão opõe-se à categoria de acção. As decisões fazem parte de factores maturativos da personalidade."

E mais à frente:

> "Uma decisão só o é se é tomada em função de um facto seleccionado. Há um facto seleccionado na mente e, antes desse facto seleccionado qualquer acção é tão só acção.
> Acção verdadeira implica um facto seleccionado. Melhor, a utilização combinatória de facto seleccionado e do princípio da realidade."[124]

A *Decisão* aparece, na Tabela de Amaral Dias, como um outro uso possível para o pensamento; este uso é, por sua vez, a finalidade máxima da intenção do pensamento. Ao tomar uma decisão, após reflexão e investigação, o Homem tenta resolver as mais

[124] In *Tabela para uma nebulosa.* Pág. 17/18 e 51. Ver referência bibliográfica [3]

diversas questões que a sua existência no mundo lhe coloca, e faz-se Homem, no sentido em opera a passagem de Saber para Ser.

Na coluna 6 dá-se a transformação de K em O (K→O). A decisão constituí-se num modo de estar, sentir, agir, etc. que "determina" o modo de Ser. É na passagem de NAI para Decisão que o Saber se transforma em Ser.

Subjacente à noção de decisão encontra-se a noção de escolha, já que toda e qualquer decisão implica uma escolha. A questão que se coloca é a de saber como é que se dá essa escolha. Como é que se escolhe de entre uma quantidade inumerável de factos que se apresentam à nossa curiosidade? Devido à natural limitação da mente humana, a nossa escolha não pode ser o resultado de uma avaliação sistemática, mas têm que se operar sobre uma qualquer solução heurística. Os factos seriam estéreis, se não houvessem mentes capazes de escolher entre eles. A escolha de um facto de entre uma quantidade inumerável de outros parece constituir-se de uma forma muito semelhante ao do desenvolvimento do "facto seleccionado". O facto seleccionado conforme o próprio nome indica implica a selecção de um facto de entre um determinado conjunto de factos disponíveis.

A nossa mente é frágil, como o são os nossos sentidos; perder-se-ia na complexidade do mundo, se essa complexidade não fosse harmoniosa; veria os detalhes da forma como um míope os vê e seria forçada a esquecer cada um desses detalhes antes de examinar o seguinte, por incapaz de entender a totalidade. Os únicos factos que merecem a nossa atenção são os que introduzem ordem nessa complexidade e a tornam, deste modo, acessível. Daqui se depreende a necessidade de tomar decisões "acertadas", ou seja, a necessidade de escolher (mesmo que criando) aquele facto que reúne à sua volta (forma uma penumbra associativa) factos até então dispersos e incoerentes.

No texto *Da capacidade de decisão*[125], Amaral Dias e colaboradores afirmam que inventar consiste em construir combinações úteis, e que estas não são mais do que uma ínfima minoria das possíveis. Segundo estes autores, inventar é discernir, é escolher. Desta maneira torna-se evidente a necessidade de escolher, e também as dificuldades que o não exercício dessa capacidade podem acarretar.

Ao nível da psicopatologia será muito interessante investigar as situações e os motivos que levam um determinado paciente a mostrar-se incapaz de aceder a esta categoria. À laia de hipótese podemos pensar que dificuldades nesta área estarão provavelmente relacionadas com sérias dificuldades em aceder à posição depressiva, ou seja, com a intolerância à dor mental. Conforme foi anteriormente referido, se a mente não consegue tolerar a dúvida e a incerteza o tempo suficiente para o facto seleccionado emergir, os elementos-α (ou um elemento mais complexo) mantêm-se dispersos, e portanto inúteis.

Nas palavras dos autores podemos ler:

> "Graças ao mecanismo PS↔D (dispersão↔integração), uma série de fenómenos isolados e dispersos são reunidos em redor de um facto escolhido que lhe confere uma coerência até aí desconhecida (D). Esses elementos dispersos, desintegrados, compostos de coisas em si, de sentimentos de depressão-perseguição e de culpabilidade, portanto de aspectos da personalidade ligados por um sentido de catástrofe - elementos-beta (Ps) -, ao encontrar um facto escolhido (o seio), com o seu papel de natureza catalisadora e transformadora, passam a estar integrados, ordenados, de forma coerente. Esta descoberta de coerência, ou conjungação constante dos fenómenos, é em seguida "fixada" através de uma denominação."

Desta forma, os autores propõem uma leitura do facto seleccionado que desemboca no facto escolhido e se inicia com a pré-concepção. (pré-concepção→realização→ significação→discriminação→facto escolhido).

---

[125] Dias, C. A., França, R., Coelho, E. P., Matos, A. P. *Da capacidade de decisão.* Pág. 11-32. Ver referência bibliográfica [4]

Ainda de acordo com o texto anteriormente citado percebemos que "a faculdade que liga a sensibilidade ao entendimento é a imaginação". A imaginação é, por sua vez, definida (de acordo com Kant) como a "faculdade de representar na intuição um objecto mesmo na sua ausência". Desta maneira, a imaginação aparece como uma capacidade intermédia que inclui a capacidade de síntese, e que organiza a produção de esquemas ou sínteses figuradas que precedem as sínteses intelectuais de onde resultam os conceitos.

Bion fala muitas vezes sobre a imaginação especulativa como sendo um exercício que favorece e estimula a capacidade de pensar. Pensamos que isso acontece porque ao fazermos "especulações imaginativas" estamos a produzir pensamentos que se constituem num segundo momento como matéria prima sobre a qual o aparelho para pensar pensamentos pode agir.

A imaginação encontra-se intimamente ligada à noção desenvolvida por Bion de função-α. E a noção de função-α está intimamente associada à noção de facto seleccionado, e desta forma à capacidade de escolha, que em última instância se traduz numa decisão. A decisão é a forma mais adequada de agir sobre a realidade.

A Tabela de W. R. Bion

Revista e Modificada por Amaral Dias

	Hipótese Definitória **1**	**Ψ** **2**	**Notação** **3**	**Atenção** **4**	**Indagação** **5**	**Decisão**	**Acção** **6**	**… n**
A Elementos β	**A1**	**A2**					**A7**	
B Elementos α	**B1**	**B2**	**B3**	**B4**	**B5**	**B6**	**B7**	**… Bn**
C Pensamentos Oníricos sonhos	**C1**	**C2**	**C3**	**C4**	**C5**	**C6**	**C7**	**… Cn**
D Mitos	**D1**	**D2**	**D3**	**D4**	**D5**	**D6**	**D7**	**… Dn**
E Pré-concepção	**E1**	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E6**	**E7**	**… En**
F Concepção	**F1**	**F2**	**F3**	**F4**	**F5**	**F6**	**F7**	**… Fn**
G Conceito	**G1**	**G2**	**G3**	**G4**	**G5**	**G6**	**G7**	**… Gn**
H Sistema Dedutivo Cientifico		**H2**						
I Cálculo Algébrico								

Comentários e considerações finais

A proposta de Dario Sor e Maria Rosa Gazzano torna a Tabela muito difícil de manusear porque o número de células úteis é muito elevado. A ideia de se cruzarem valores negativos e valores positivos obriga a um esforço suplementar para se conseguir identificar enunciados que revelem essa característica. Os próprios autores reconhecem que pelo menos dois dos quadrantes são pouco explícitos e exigem um enorme trabalho de pesquisa e investigação antes de se tornarem úteis para a clínica e para o analista. Por outro lado, a abertura para um sistema de eixos de coordenadas obriga-nos a repetir toda a tabela num eixo negativo, o que levanta sérias questões sobre o facto de se pode manter a significancia e as definições que Bion atribuiu aos diversos usos.

Pensamos que com a proposta de Dario Sor e Maria Rosa Gazzano a teoria nasceu antes da evidência clínica, o que nos alerta para o enorme perigo de tentar adequar a realidade à teoria, em vez de fazer exactamente o contrário. A proposta para o acréscimo da sétima coluna (Fanatismo/Poder com responsabilidade) levanta também algumas questões. Uma delas (e talvez a mais pertinente) será a de saber até que ponto é que é de facto válido isolar essa categoria, já que inicialmente (segundo as instruções do próprio Bion) o pensamento fanático seria sempre classificado como coluna 2. O pensamento fanático, como os próprios autores referem, é uma forma de evitar o contacto com a dor mental, e surgindo na prática clínica como uma resistência ao processo psicanalítico. É de referir ainda a noção de fanatismo positivo, denominado *poder com responsabilidade*, como sendo dúbia e como tendendo mais a complicar do que a simplificar. "Poder com responsabilidade" é um conceito, que na nossa opinião, é demasiado complexo para poder representar uma característica elementar.

As alterações propostas por Amaral Dias parecem respeitar na integra as condições de conceitos elementares. A proposta de uma linha divisória é apenas uma

"actualização", já que o próprio Bion a tinha sugerido numa das suas obras. A proposta "subdivisão da categoria C" ganha uma enorme pertinência quando se percebe que a mente do analista deve estar C (pensamentos oniricos e sonhos), mas não em D (mitos), e a introdução da categoria nº 6 (decisão) esclarece qual a finalidade última do pensamento, questão que se mantinha em aberto.

A Tabela, depois das modificações introduzidas por Amaral Dias, mantêm a mesma congruência, pertinência e interesse. Estas modificações não "desvirtuam" a intenção de Wilfred Bion, e permitem uma melhor compreensão da realidade psíquica. A leitura em "dupla entrada" é a proposta mais controversa, mas a nosso ver obriga a um salto qualitativo enorme. Este salto já existia num forma embrionária na obra de Bion, mas ganha muito mais clareza com o contributo de Amaral Dias. O aparente eixo genético transforma-se num eixo bidirecional, conforme pretendemos demonstrar com o fluxograma.

8- A informatização da Tabela. Metodologias, processos e decisões

A tabela é um instrumento extremamente valioso para a prática clínica e para a investigação, mas quando se tenta utilizar a tabela para qualquer uma destas finalidades surgem inúmeras dificuldades. Para além das dificuldades inerentes à classificação propriamente dita, encontramos dificuldades que se prendem com o manejo da informação após a execução da classificação – quantas vezes não sentimos já a necessidade de um perfil sintético de uma sessão, de um resumo da evolução de um paciente ao longo de uma sessão ou conjunto de sessões?

Pensamos que a "solução" para o 1º tipo de dificuldades passa necessariamente pelo estudo aprofundado da obra de Bion, e não vislumbramos qualquer tipo de atalho ou caminho mais simples. Pensamos mesmo ser preferível a não utilização da tabela à sua utilização sem os conhecimentos necessários ao seu completo entendimento. Conforme chamámos a vossa atenção anteriormente, pensamos que uma "má" utilização da tabela pode ser profundamente negativa. Por outro lado, mesmo quando o clínico tem um domínio adequado dos conceitos teóricos subjacentes ao entendimento da tabela confronta-se com algumas dificuldades. Uma dessas dificuldades prende-se com a organização e gestão do material trabalhado com o auxilio da tabela. Foi a resolução desta dificuldade que serviu de motivação base à informatização da tabela.

Se pensarmos em estudar um grupo de indivíduos, ou um individuo durante várias sessões, o volume de informação surge como uma das dificuldades com que nos temos que defrontar. Imaginemos, por exemplo, que pretendíamos estudar a evolução/retrocesso de um determinado paciente ao longo de 4, 6 ou 10 sessões. O volume de informação correspondente a 10 sessões é bastante elevado, e mesmo que só levássemos em consideração a nomenclatura utilizada pela tabela ficaríamos com uma quantidade muito elevada de informação. Mais ainda, o enunciado uma vez

convertido numa classificação através da aplicação da "tabela" ganha um valor *per si*, e como que se "desprende" do enunciado registado inicialmente. Quando se trata de volumes de informação muito grandes, este “desprendimento” é de alguma forma prejudicial, porque deixa de existir um contacto próximo com o material verbal produzido pelo paciente.

A tabela informatizada vem assim tentar ajudar o clínico a organizar o registo das suas sessões e os correspondentes valores transformados pela tabela, impedindo que se perca a relação entre o que se classificou e o resultado da classificação. A tabela informatizada foi, então, em primeiro lugar, conceptualizada como um instrumento auxiliar para organizar e gerir a informação que o clínico tem à sua disposição quando pretende iniciar um qualquer processo de investigação, ou quando pretende reflectir sobre um determinado paciente ou determinada sessão.

Pensamos que a intenção de informatizar a tabela por forma a permitir que o clínico passasse a ter uma maior capacidade de manejo e organização da informação com que trabalha diariamente era já por si um objectivo digno da nossa atenção e esforço, mas à medida que íamos trabalhando neste objectivo defrontámo-nos com uma série de dificuldades cuja solução permitiu expandir de uma forma inesperada (quando deitámos mãos à obra) a utilidade e pertinência da informatização da tabela.

O grande desafio neste projecto foi arranjar uma forma de apresentação e síntese da informação recolhida através da classificação que fosse verdadeiramente útil ao clínico e que não induzisse em erro. A primeira solução foi a de construir uma folha que apresentasse sequencialmente as diversas classificações, conforme sugerem Dario Sor e Maria Rosa Gazzano:

{[C2] → [-C2 → -E2] → [E3 → (C2 ↔ C3)] → [D3] → [F2] → [C2 → B3] → [(B4 ↔ B5)] → [-C2] → [C2] → [-C2] → [(C2 ↔ B3)] → [D4]}

Conforme se pode ver através deste exemplo retirado da obra *Cambio Catastrofico - Psicoanálisis del Darse Cuenta*, a sugestão dos autores é de que se coloquem os

elementos de classificação de um enunciado entre parêntesis rectos e separados entre si por uma seta unidireccional ou bidireccional. A seta unidireccional indica a passagem de uma célula a outra e a seta bidireccional indica oscilação entre duas células. O conjunto de classificações de uma sessão é mantido entre chavetas. Este sistema de organização da informação tem de facto algumas vantagens, mas também padece de algumas insuficiências. A referência directa à célula, pela identificação da linha e da coluna, exige que o clínico tenha um amplo e aprofundado conhecimento do significado inerente a cada sigla e da posição relativa que ela ocupa na tabela. Saber, por exemplo, que o 1º enunciado foi classificado como C2 e o segundo foi classificado como E2 só tem valor quando se sabe que C corresponde à categoria dos pensamentos oníricos, sonhos e mitos e que E corresponde à categoria das concepções. É ainda necessário saber que o número 2 associado a ambas as letras corresponde à coluna nº 2 denominada psi (Ψ). Para que seja possível interpretar correctamente o significado desta passagem (de C2 para E2) é ainda fundamental saber que a coluna 2 corresponde à coluna dos enunciados falsos, ou seja, que a classificação nesta coluna implica que o enunciado tenha surgido como uma forma ou um meio de evitar o contacto com a realidade ou a verdade, e que a linha E implica a existência de uma realização positiva e que é um grau mais elaborado do pensamento que a linha C. Por outro lado, a linha C pressupõem a existência de elementos-α previamente disponíveis. A passagem da linha C para a linha E indica-nos que a mente que se está a analisar deu um "salto", passando do pensamento onírico, mítico para um outro registo mais elaborado como as concepções, apesar de se ter mantido sempre num movimento que tinha como finalidade evitar o contacto com a verdade e/ou realidade. De facto, faz-nos pensar que não tenha havido uma verdadeira evolução, mas apenas o eventual escamotear de uma questão. Apesar de ter havido um movimento aparentemente positivo (evolução da linha C para a linha E) a mente nunca abandonou um modo de funcionamento -K, já que a utilização da coluna 2 é sempre e necessariamente um movimento anti-pensamento.

Temos então que a notação proposta por Dario Sor e Maria Rosa Gazzano tem alguma utilidade, porque permite olhar e ver num relance quais os diversos movimentos feitos pela mente em análise, mas contudo obriga a um profundo conhecimento da obra de

Bion e à análise exaustiva de todo o material disponível. Acresce ainda que, devido à sua forma condensada, e à utilização de símbolos que carregam um significado contextualizado de grande complexidade, esta notação não evidencia os "movimentos" existentes ao longo de uma sessão.

Estes factos levaram-nos a ousar ir um pouco mais além, pelo que tentámos desenvolver um método de representação dos dados que nos permitisse fazer diversos tipos de análise do material, por forma a contemplar diversos níveis de profundidade de observação. Tentámos facilitar a tarefa do clínico, e dessa forma estimular a utilização deste instrumento fantástico que é a Tabela de Bion, agora revista e modificada por Amaral Dias.

Metodologias, processos e decisões

A Tabela conceptualiza por Bion é uma proposta de organização e visualização de uma grande parte do corpo teórico por ele desenvolvido ao longo de vários anos. A Tabela pretende ser um instrumento facilitador da análise da mente humana, e é uma forma compacta de por em evidência e em relação muitos dos conceitos Bionianos. A teorização desenvolvida pôr Bion é extremamente complexa ; outra coisa não seria de esperar, já que a mente humana é talvez o fenómeno mais complexo que ela própria foi capaz de se aperceber. Quer nos referíramos à totalidade do corpo teórico desenvolvido por Bion, quer nos restrinjamos apenas à Tabela, estamos perante desenvolvimentos teóricos de elevada complexidade, já que eles próprios tentam dar conta de uma realidade hiper-complexa.

A informatização da Tabela de Bion torna-se impossível a não ser que se tenha em conta a enorme complexidade que lhe está subjacente. Por outro lado, o próprio processo de informatização tem determinadas exigências específicas, que estão intimamente relacionadas com as ferramentas (*software* e *hardware*) utilizadas pelo programador responsável pela concretização do projecto. A consumação deste projecto e o dar à luz um programa verdadeiramente útil para o clínico e/ou

investigador necessitou de uma constante troca de informações e adequações entre ambas as partes. É de notar a enorme paciência e "tolerância à frustração" manifestada pelo Sr. Pedro Roquette, que persistentemente tentava compreender os nem sempre fáceis conceitos desenvolvidos por Bion.

Grady Booch escreveu:

> "The fundamental task of the software development team is to engineer the illusion of simplicity."[126]

Concordamos plenamente com esta frase de Grady Booch, pois achamos que a aparente simplicidade oferecida por um programa não corresponde (necessariamente) a uma visão simplista ou excessivamente simplificada. Também aqui quisemos criar essa ilusão de simplicidade, mas sempre conscientes da enorme complexidade subjacente às teorizações de Bion. Aliás, pensamos que a simplicidade só é possível de atingir quando previamente existiu um longo e profundo trabalho.

Conforme foi anteriormente referido, o nosso 1º objectivo era o de desenvolver uma aplicação de informática que permitisse catalogar, organizar e simplificar a classificação com a Tabela. Nesta medida pretendíamos:

- Desenvolver um programa atractivo e "*user-friendly*"
- Desenvolver um programa que pudesse ser utilizado por pessoas pouco treinadas e com conhecimentos rudimentares de informática.
- Desenvolver um programa que permitisse a listagem de informações com facilidade e pertinência.

Para concretizar estes objectivos, o programa BION foi desenvolvido com cuidados especiais. Manteve-se a estrutura da Tabela exactamente como foi desenhada por Bion, tendo-se apenas acrescentado a linha e a coluna propostas por Amaral Dias,

---

[126] Booch, Grady. *Object-Oriented Analysis and Design - with applications.* Pág. 6. Ver referência bibliográfica [19]

conforme foi referido em capitulo anterior. Pensamos que é de elevada pertinência manter a Tabela com a mesma apresentação visual para que o clínico possa fazer a sua cotação de forma cuidada e intuitiva como fazia anteriormente, sem recorrer ao auxilio do programa. Cada célula da Tabela funciona como um pequeno botão que ao ser premido associa o respectivo valor ao enunciado visível na pequena janela que surge na parte superior esquerda do ecrã. Pensamos que este método é bastante intuitivo e "*user-friendly*", pois o utilizador tem sempre presente o enunciado que está a classificar e as classificações já atribuídas.

O programa BION foi desenvolvido para um ambiente Windows, que é actualmente o sistema-operativo mais conhecido e com mais potencialidades a vários níveis. O programa corre em Windows 95, e a sua instalação é extremamente fácil, permitindo que qualquer utilizador mesmo que não possuindo conhecimentos específicos de programação ou informática o possa executar. Uma vez instalado, o programa fica disponível para o utilizador através do "Desktop" pressionando o ícone com um Psi e um Xi entre parênteses curvos (formula utilizada por Bion para se referir à pré-concepção) [Ψ(ξ)] e o nome Bion escrito por baixo.

Num primeiro momento o utilizador é convidado a definir um nome (Titulo) para um conjunto de sessões sobre as quais pretenda trabalhar. Este titulo tanto pode ser o nome de um paciente, por exemplo João, com o nome de uma instituição ou qualquer outra característica que o investigador considere ser um elemento pertinente para agrupar uma série de sessões. Achamos que a construção de uma árvore simples, apenas com uma ramificação seria adequado para as necessidades da maioria dos utilizadores (psicólogos, psicanalistas, etc.). Levantámos a hipótese de permitir a construção de uma arvore mais complexa, com dois ou três níveis, mas concluímos que o beneficio seria menosprezável face às dificuldades de utilização que acarretaria.

Uma vez definido o titulo da série de sessões, e o nº da sessão sobre que se irá trabalhar, o programa convida o utilizador a introduzir os enunciados segundo a ordem temporal em que eles ocorreram, discriminando em cada um deles qual o sujeito que o enunciou. O programa foi especialmente concebido para classificar enunciados verbais, apesar de ser possível classificar outro tipo de enunciados ou

fenómenos. Após se terem introduzido todos os enunciados correspondentes a uma determinada sessão, está-se em condições de passar à fase seguinte em que se decide sobre a classificação propriamente dita.

A decisão de utilizar um ecrã principal com todas as opções fundamentais foi tomada tendo em consideração que:

- É importante a existência de um ponto a partir do qual o programa se expanda, e que funcione ao mesmo tempo como um ponto de ancoragem e de reflexão.
- A visualização em simultâneo do titulo do grupo de sessões do nº da sessão, do conteúdo da sessão, da discriminação do sujeito do enunciado e da cotação atribuída permite que o investigador nunca perda de vista a relação entre estes vectores.
- Neste ecrã o investigador pode observar ou reflectir minuciosamente sobre as várias sessões de um mesmo paciente, ou sobre sessões de diversos pacientes agrupados por tipo de patologia ou problemática, etc.

O texto correspondente a cada um dos enunciados pode ser modificado neste ecrã. O trabalho de introduzir o texto correspondente aos diversos enunciados é um trabalho muito pouco exigente, e pode ser executado por qualquer pessoa, mesmo que não possua qualquer tipo de conhecimento sobre a obra de Bion. Pensamos que esta separação poderá ser útil para aqueles investigadores e/ou clínicos demasiado ocupados, já que poderão deixar esta tarefa para a sua secretária sem qualquer tipo de prejuízo para a qualidade do trabalho final.

A partir deste ecrã principal pode iniciar-se um novo grupo de sessões, iniciar uma nova sessão, introduzir os enunciados sobre os quais se pretende trabalhar, apagar e modificar enunciados e observar as estatísticas e os gráficos. Sobre as estatísticas e os gráficos iremos falar na próxima secção.

Novas propostas de leitura da Tabela

Conforme foi referido na secção anterior, o grande desafio que a informatização da Tabela nos colocava prendia-se com a necessidade de encontrar novas formas de apresentar a informação que se torna disponível após a classificação com a Tabela.

Uma vez que, ao partirmos para esta "aventura", ainda não tínhamos uma ideia muito precisa do resultado que iriamos obter, foi necessário criar uma infra-estrutura técnica e conceptual que nos permitisse abordar este problema de uma forma interactiva e evolutiva.

Para tal servimo-nos de técnicas e métodos de utilização corrente nas disciplinas de Object Oriented Analizys and Design (OOAD)[127]. Apesar de não estar no âmbito deste trabalho a apresentação destes métodos e técnicas, não poderemos deixar de fazer uma pequena descrição de alguns pontos que consideramos chave, pois o resultado final – o programa implementado e a filosofia que o suportam – foi largamente condicionado pelas opções que foram tomadas nesta fase.

Verifica-se que um dos resultados mais importantes de uma análise object oriented (se não o mais importante) é a definição e levantamento da terminologia e conceitos próprios do domínio do problema analisado. É este levantamento que permite o entendimento correcto entre o especialista do domínio – neste caso a obra de Bion, e mais concretamente a tabela de Bion – e o técnico ou técnicos encarregues de desenhar e implementar o sistema informático.

Durante esta fase inicial foram identificados e classificados os objectos que deveriam ser utilizados no programa. Procedeu-se também a uma triagem de quais seriam os conceitos e objectos que, apesar de fazerem parte do corpo teórico que sustenta a tabela de Bion, deveriam ser excluídos da informatização. Esta selecção levou em

[127] Ver o livro de Grady Booch intitulado *Object-Oriented Analysis and Design.* Ver referência bibliográfica [19]

consideração factores como as limitações inerentes à representação informática do conhecimento, quais os conceitos cuja funcionalidade é pertinente ao correcto e expressivo funcionamento do programa, e quais são os que (devido à sua complexidade ou irrelevância no processo) deveriam permanecer como responsabilidade do utilizador.

Esta fase tornou-nos possível uma visão sistematizada e organizada da tabela diferente da habitual. Através desta nova perspectiva foi-nos possível reajustar os nossos objectivos – foi nesta fase que tomámos a decisão de adicionar às potencialidades do programa duas novas formas de análise dos dados que nos são oferecidos pela classificação de sessões utilizando o modelo representado pela tabela de Bion.

Assim, afigurou-se-nos de grande utilidade conseguir dar uma visão "quantitativa" do conteúdo classificado — corresponde às estatísticas, descritas adiante, bem como uma visão "evolutiva–interactiva" — corresponde aos gráficos, descritos adiante. Estas novas formas de representação tentam ser de simples interpretação, e tirar partido do potencial de um programa de computador no sentido de organizar e sintetizar grandes volumes de informação.

Relativamente à visão quantitativa, optámos por uma abordagem relativamente convencional, em que forneceríamos uma estatística descritiva básica (fundamentalmente frequências) das ocorrências e redundâncias das várias classificações. Optou-se por exprimir separadamente as estatísticas relativas ao paciente e ao terapeuta. Simultaneamente seriam apresentados os valores de –K e +K, para ambos os intervenientes. Este resumo permite-nos, com grande simplicidade, ver qual o registo de funcionamento dominante de cada um dos intervenientes durante o período de tempo analisado (uma sessão ou um conjunto de sessões).

Quanto à perspectiva evolutiva–interactiva a nossa abordagem teve de ser diferente. O que era por nós pretendido era que fossem tornados relevantes os movimentos e flutuações de cada um dos intervenientes em resultado da sua interacção com o outro – por exemplo, que tipo de resposta despoleta no paciente uma intervenção do terapeuta feita essencialmente em C4? Paralelamente, pretendíamos evidenciar quais

as situações em que as intervenções eram construídas num registo “positivo” ou num registo “negativo”, isto é, pretendíamos dar particular destaque aos movimentos -K e +K executados por qualquer um dos intervenientes. Todas as notações +K são representadas com valores positivos e todas as notações -K são representadas com valores negativos. As decisões sobre quais as "casas" da Tabela que deveriam ser consideradas +K ou -K foram tomadas com base na obra de Bion e, principalmente, com base no livro *Tabela para uma nebulosa* do Prof. Amaral Dias. Neste livro podemos ler o seguinte:

> "A categoria 2, a par com a 7 que corresponderia na Tabela de Bion à categoria 6, faz parte do que chamo as 'categorias -K' onde não há criação de conhecimento algum. São o contrário das categorias 3, 4 e 5, que são categorias de notação, atenção e investigação, são categorias K, ou seja, categorias onde o fenómeno de crescimento se dá"[128]

No que respeita às colunas temos então que as colunas 2 e 7 são -K e as colunas 3, 4 e 5 são mais +K. A coluna 1 é neutra, na medida em que funciona como a base sobre a qual se desenvolve o pensamento +K, mas não é em si mesmo +K. Em relação às linhas, a linha A (Elementos-β) e a linha B (Elementos-α) são linhas -K, pois situam-se ao nível de proto-pensamentos. Todas as outras linhas, apesar de variarem em termos de evolução genética (do menos evoluído ao mais evoluído) são linhas +K.

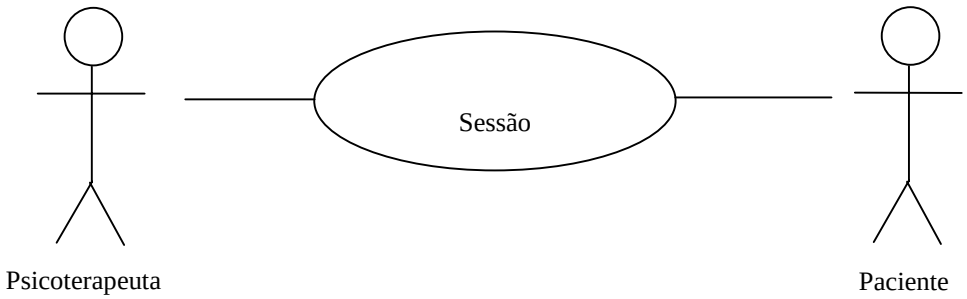
Estas condicionantes levaram-nos a tomar algumas opções a nível de design da aplicação. Passaremos a descrever de uma forma concisa quais as opções tomadas que tiveram influência na funcionalidade da aplicação e na sua forma de utilização. Para representar graficamente alguns dos detalhes de design, utilizaremos a Unified Modelling Language (UML). Esta linguagem torna acessível a representação de sistemas object oriented de uma forma objectiva e simples, tornando possível a representação de algumas das componentes do sistema de uma forma inteligível por leigos na área da análise e programação.[129]

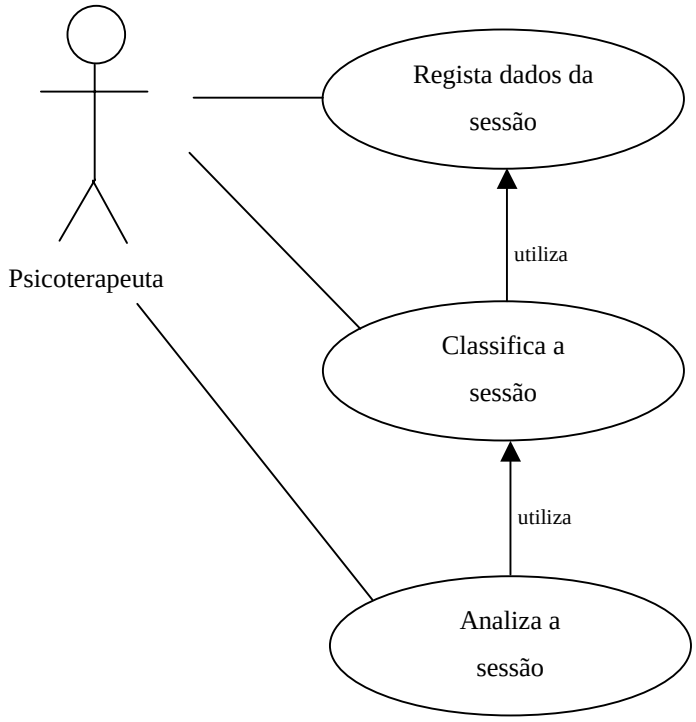
---

[128] Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Ver referência bibliográfica [3]

[129] Ver Fowler, Martin. *UML Distilled - Applying the Standard Object Modeling Language.* Ver referência bibliográfica [23]

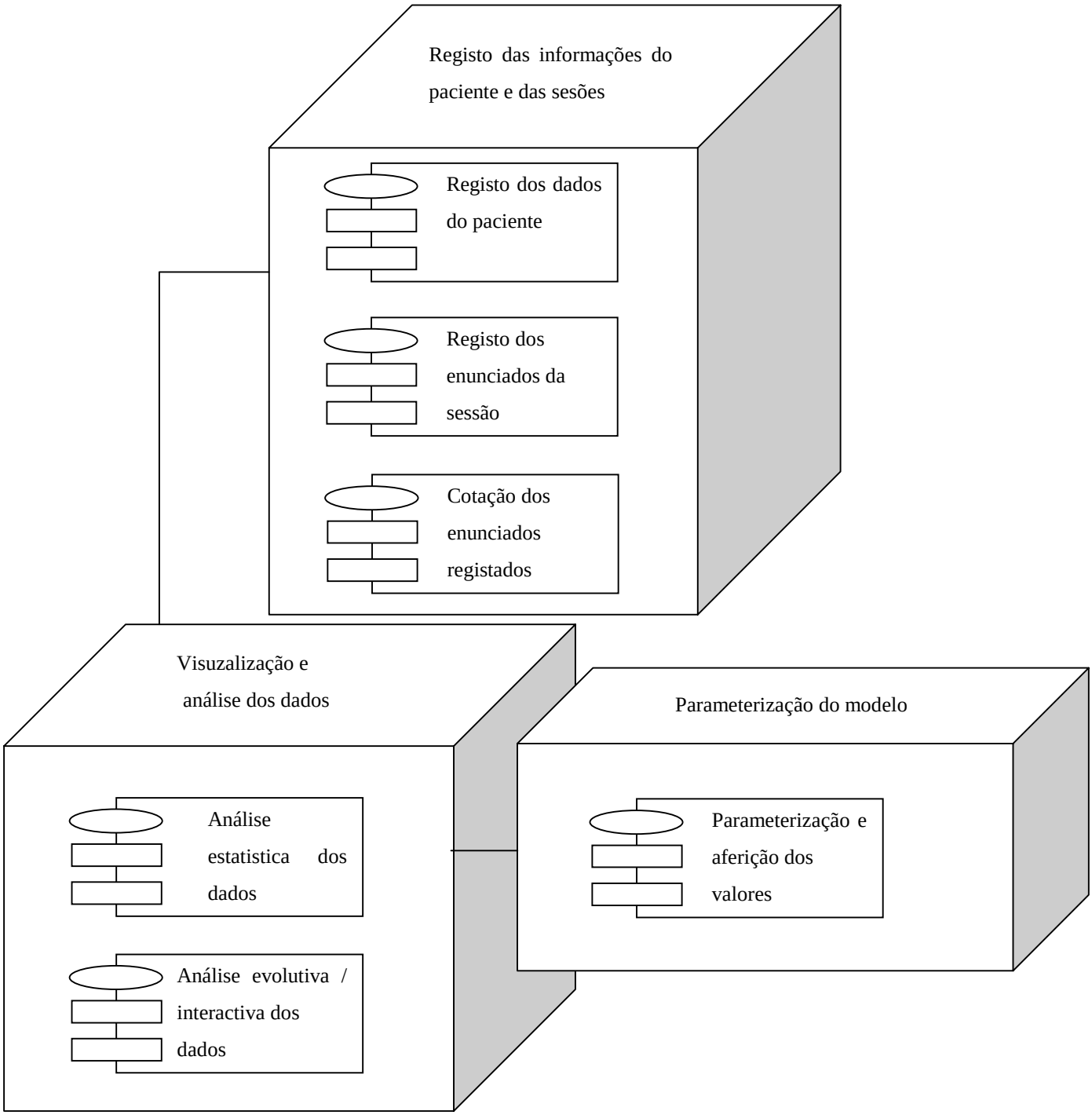
Através da discussão de diversos cenários de utilização determinámos os seguintes *use cases*:





O psicoterapeuta interage com o paciente, num setting específico, fazendo uso de um modo de relação particular, a psicanálise. Desta interacção organiza-se a sessão. Depois da sessão, o psicoterapeuta regista os dados da sessão, classifica a sessão e por último analisa a sessão, analisando o resultado da classificação

Com base nesta informação tomámos a decisão de separar a aplicação em três grandes blocos funcionais independentes:


Registo das informações do paciente e das sesões
Registo dos dados do paciente
Registo dos enunciados da sessão
Cotação dos enunciados registados
Visuzalização e análise dos dados
Análise estatistica dos dados
Análise evolutiva / interactiva dos dados
Parameterização do modelo
Parameterização e aferição dos valores

- O bloco de registo de informações do paciente e das suas consultas, em que se efectua o registo dos enunciados de cada sessão, bem como da sua cotação de acordo com a tabela de Bion, na sua versão aumentada de acordo com as propostas de Amaral Dias
- O bloco de análise de dados, no qual se analisam os dados de cada sessão ou grupo de sessões

- O bloco de parameterização do modelo de análise, no qual se alteram os parâmetros necessários ao modelo que efectua a análise dos dados

Esta estrutura tem como objectivo simplificar o trabalho do utilizador, permitindo que, em paralelo, se desenvolva um trabalho de investigação – o desenvolvimento e ajuste do modelo de análise de dados.

Seguindo este raciocínio foi decidido colocar o terceiro módulo – o módulo de parameterização do modelo – num programa independente, já que o mesmo não é necessário para o utilizador comum.

Em termos de design afigurou-se-nos favorável utilizar uma filosofia Model-View-Controller. Esta filosofia subdivide a implementação em três componentes: a componente do modelo, responsável pela gestão da informação e pela produção de resultados a partir dessa mesma informação; a componente de visualização, responsável pela apresentação de toda a informação, quer informação em bruto, quer informação trabalhada pelo modelo; e a componente de interface, responsável pela interacção com o utilizador.

Estas opções permitiram-nos obter uma correcta e adequada divisão de responsabilidades entre os vários objectos que compõem os programas implementados.

Consideramos que, em termos de interesse para esta dissertação de mestrado, a relevância se prende com o modelo de análise de dados e a sua implementação, já que as questões de *interface* e *display* são de carácter bastante técnico, no âmbito da informática. Paralelamente, é também o modelo e o seu potencial de análise de informação que tem mais interesse para o utilizador do programa. Como tal, será sobre o modelo e a sua implementação que incidirá a nossa atenção.

O Modelo

Conforme já foi mencionado atrás, o programa por nós descrito destina-se a permitir gerir informação sobre sessões psicoterapêuticas. Porém, o grande proveito da utilização de um sistema informático é, para o psicanalista, o de conseguir analisar a informação introduzida de uma forma mais sintética, e segundo uma perspectiva diferente.

A nossa ideia consiste em permitir apresentar dois tipos de análise relativa aos dados de uma ou mais sessões:

- A análise quantitativa, da qual se tem um exemplo na figura 1, não nos colocou problemas de maior. O modelo limita-se a aplicar algumas estatísticas descritivas aos dados a analisar, e a classificar os dados em termos de –K e +K.
- A análise evolutiva, da qual se tem um exemplo nas figuras 2. A análise qualitativa é possível de ser elaborada a partir da leitura dos gráficos de barras.

A apresentação de valores estatísticos pode parecer à primeira vista como um excessivo reducionismo, ou como o fornecimento de informação pouco ou nada útil. Pensamos que de facto, não é assim, e que este tipo de informação pode fornecer indicadores imediatos e francamente interessantes. O programa disponibiliza dois tipos de estatísticas: permite que o utilizador observe a frequência e o valor bruto obtido em cada uma das combinações possíveis, isto é, a frequência com que cada célula da Tabela foi pressionada, e o somatório da quantidade de vezes em que foram observados movimentos +K e –K, com a respectiva percentagem.

A frequência, percentagem e valores brutos de cada uma das células são baseados numa contagem simples do aparecimento daquele valor específico ao longo de toda a sessão (ou ao longo de um conjunto de sessões). Este valor é global, e não tem qualquer poder discriminativo em relação aos enunciados propriamente ditos. Isto significa que se, por qualquer motivo, um enunciado foi classificado com o valor C2 5

vezes, será contado como tendo ocorrido 5 vezes, sem levar em consideração o facto de a ocorrência se ter registado na catalogação de um único enunciado. Isto significa, ainda, que a classificação atribuída a um enunciado pode ter repercussões na leitura dos dados finais, enviesando de alguma forma a tendência. Esta leitura dos dados não leva em consideração o vector tempo, sendo arbitrária a sequência dos enunciados e da respectiva classificação.

A leitura feita com base nos valores de +K e –K é bastante mais rica que a leitura simples e directa, feita através da contagem de frequências, mas não permite uma descriminação dos valores que concorreram para a obtenção daqueles valores. Vejamos por exemplo uma situação hipotética em que o valor de +K e o de –K eram iguais entre si e iguais a 50%. Nestas circunstâncias ficaríamos a saber que o sujeito em estudo (analista ou paciente) utilizou, em quantidades iguais, processos que promovem o desenvolvimento e a maturação, e processos que evitam o crescimento e a maturação, mas nada ficamos a saber sobre o tipo e a qualidade desses processos. Existe uma diferença enorme entre utilizar o pensamento ao nível A (elementos-β), sobre a forma do tipo coluna 2 ou utilizar o pensamento ao nível E (concepções) ainda que sobre a forma do tipo coluna 2. No que respeita à ponderação para menos K, ambos os valores A2 e E2 contribuem, mas a diferença subtil entre um A2 e um E2 não é posta em evidência. O mesmo poderá ser dito a respeito de +K; sabemos que o sujeito em estudo elaborou 50% de movimentos num sentido positivo, mas nada sabemos a predominância deste ou daquele mecanismo, ou se houve uma distribuição equilibrada. Contudo, um olhar rápido sobre os valores de +K e –K permitem que o investigador fique imediatamente com uma ideia sobre se a mente da pessoa em causa está sobre o predomínio da actividade psicótica ou não-psicótica da personalidade. Esta informação pode ser preciosa para o estabelecimento (confirmação) de um diagnóstico, ou para avaliar os efeitos terapêuticos de uma determinada intervenção ou situação, mas é insuficiente para uma descriminação fina e subtil. Os valores do +K e do –K são independentes do tempo, ou seja, da sequência em que foram apresentados os enunciados.

O cruzamento entre a informação disponibilizada pelo 1º tipo de estatísticas apresentado (frequências e percentagens dos valores individuais) e a informação

disponibilizada pelo 2º tipo de estatísticas (percentagens de –K e +K) permite fazer uma leitura bastante mais completa da informação disponível.

O 1º quadro apresentado na figura 1 permite saber a frequência com que uma determinada notação foi utilizada ao longo de uma sessão ou de um conjunto de sessões. No exemplo apresentado podemos ver que a notação A7 foi atribuída 28 vezes, o que representa 35.44 % de todas as notações utilizadas, e que as notações A2 e C2 foram atribuídas respectivamente 12 e 16 vezes, o que corresponde a uma percentagem de 15.19 e 20.25. Todas as outras notações atribuídas foram iguais ou inferiores a uma frequência de 5. Para além de permitir ver discriminadamente a frequência e a respectiva percentagem de todas as notações utilizadas para classificar a sessão ou o grupo de sessões, a análise quantitativa permite ainda ver a frequência de itens que concorreram para os valores de -K e +K, e mostra o respectivo valor percentual. No nosso exemplo podemos ver que 13.92% das classificações atribuídas aos enunciados do paciente, nesta sessão específica, se situam em +K, e que 79.75% das mesmas classificações se situam em -K. Através de uma leitura rápida é possível inferir que durante uma grande parte do tempo da sessão a mente do paciente funcionou segundo um registo -K, o que nos permite levantar algumas hipóteses teóricas sobre o tipo de funcionamento deste paciente. Ainda dentro da estatística descritiva apresentamos, de uma forma condensada e simbólica, a sequência de notações atribuídas ao longo da sessão para os diversos enunciados. Nesta forma de apresentação foram seguidas as sugestões e indicações de Dario Sor e Maria Rosa Gazzano.

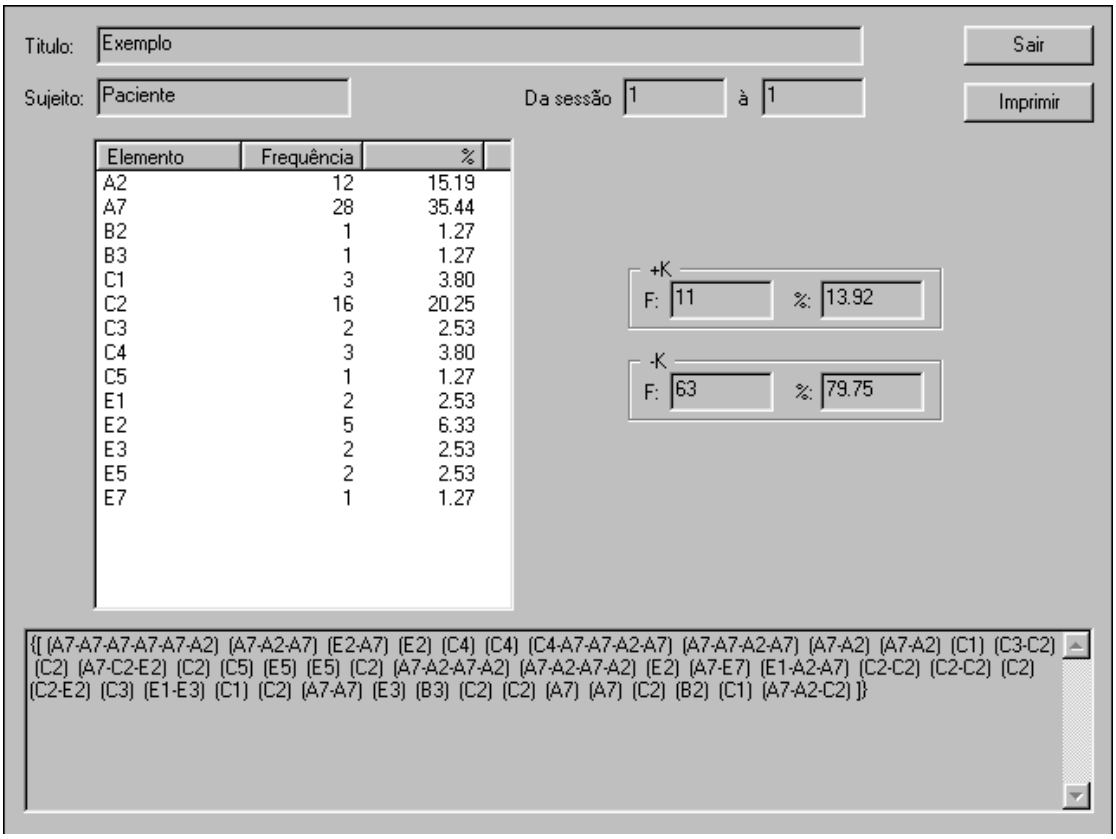


Figura 1 - Exemplo da análise quantitativa de uma sessão.

(Nota – ambas as figuras correspondem à análise dos dados do exemplo 1, apresentado no anexo)

Relativamente à análise evolutiva, que se nos afigurou a mais interessante (quanto mais não seja devido ao seu carácter inovador), o problema colocou algumas questões de mais difícil resolução.

O primeiro passo que foi tomado foi a atribuição de valores ponderados a cada uma das casas da tabela, com a finalidade de estabelecer uma “hierarquia” unívoca entre elas.

Este processo não se revelou fácil, colocando algumas questões de ordem técnica, e exigindo uma reavaliação constante dos resultados conseguidos. Este processo teve um cariz eminentemente interactivo, em que se tentaram várias formas de hierarquia

diferentes, até se obter uma que nos parecesse correcta – foi durante este processo que obtivemos os maiores benefícios das opções por nós tomadas na fase do design do software.

A atribuição de valores ponderados vem permitir que cada uma das células da Tabela tenha associado um determinado valor numérico. A determinação de qual o valor que deveria ser associado a cada uma das células da Tabelas foi alvo de intenso trabalho conceptual, para que não houvesse qualquer incongruência, e a atribuição respeitasse as premissas conceptuais fundamentais. Para facilitar este trabalho, definimos em 1º lugar os critérios que sustentavam a atribuição dos valores do seguinte modo.

Critérios para a Definição dos Valores Ponderados

A - Ao pensamento mais evoluído atribuí-se o Maior Score Positivo

B - Ao pensamento mais primitivo atribuí-se o Menor Score Negativo

C - São atribuídos scores negativos a todas as casas que contribuem para impedir o desenvolvimento do pensamento, ou seja, todas as casas referentes a -K e as casas das linhas correspondentes aos proto-pensamentos (Linha A e B).

D - São atribuídos scores positivos a todas as casas que contribuem para o desenvolvimento do pensamento (Linhas C, D, E, F, G, e H) com excepção das casas incluídas na categoria -K (C2, C7, D2, D7, E2, E7, F2, F7, G2, G7 e H2).

E - A distribuição dos scores é feita tendo em consideração que:

a) - O elemento mais primitivo (ou seja, o menos evoluído de todos) é o representado pela casa A7. Disto decorre que:

1 - A expulsão de um pensamento sobre a forma de uma acção é "pior" do que a elaboração de um pensamento com intenção (inconsciente e/ou consciente) de evitar a emergência de um outro pensamento.

2 - Os elementos-β são os mais primitivos de todos.

b) - O elemento mais evoluído de todos é representado pela casa G6. Disto decorre que:

1 - A elaboração de um "pensamento-decisão" a partir da análise de um outro pensamento é o ponto máximo que um determinado pensamento pode atingir , por forma a realizar todo o seu potencial.

2 - O "Sistema-Cientifico-Dedutivo" é a forma mais elaborada e sofisticada que o pensamento pode atingir.

F - Prestar atenção a um pensamento, registar a experiência de ter esse pensamento e indagar sobre ele, são actividades (usos) que permitem a evolução do pensamento e que se encontram num crescendo de importância.

G - Elaborar um pensamento com intuito (inconsciente e/ou consciente) de definir uma conjunção constante não obriga o pensamento a evoluir, mas estabelece a condição base para que o processo de evolução se inicie. A evolução inicia-se e desenrola-se com a atenção, notação e indagação, e culmina com a decisão.

H - Quando um pensamento se organiza numa conjunção constante passa a poder ser alvo da atenção, notação e indagação, o que permite a elaboração de um pensamento-decisão.

I - Quando a sequência referida no ponto H é interrompida, o pensamento abortou antes de realizar o seu potencial.

Após a aplicação destes critérios, elaborámos uma tabela em que os valores ponderados se distribuem num intervalo que vai de menos 90 (-90) a mais 90 (+90). A atribuição de valores levou ainda em conta a técnica "Unidimensional Scaling".

Segundo Cronbach[130] a aplicação desta técnica é possível sempre que seja necessário hierarquizar determinados elementos. Os elementos (nesta situação os elementos são as casas da Tabela) são cotados (é-lhes atribuído um determinado valor) segundo um determinado grau numa mesma dimensão (neste caso a dimensão será a evolução do pensamento e o grau será o grau de sofisticação). Desta maneira, elaboramos uma lista onde colocamos todos os pares, ou seja todas as casas da Tabela, ordenadas segundo o seu grau de sofisticação. Num extremo da nossa lista temos o elemento mais primitivo de todos e no outro extremo o elemento mais sofisticado de todos. Depois de elaborada a lista, atribuímos valores a cada uma das casas tendo em consideração os

[130] Cronbach, Lee J. *Essentials of Psychological Testing.* Ver referência bibliográfica [20]

critérios estipulados. A aplicação desta técnica (*sorting* de acordo com os critérios estipulados anteriormente) às diversas casas da Tabela permitiu a conversão das casas da Tabela em valores (valores ponderados). Para realizar o sorting definimos em 1º lugar qual deveria de ser a casa que teria o valor negativo mais elevado, a casa que teria o valor positivo mais elevado e a casa que corresponderia ao valor 0. Os outros valores foram distribuídos (hierarquizados) de acordo com os princípios definidos previamente, levando em consideração que:

- Os proto-pensamentos são significativamente mais primitivos que todos os outros
  - Os elementos-β são bastante mais primitivos que os elementos-α
  - Os elementos-α são bastante mais primitivos que todos os outros
- A passagem de uma linha evolutiva para outra é um salto qualitativo superior à passagem de uma casa para outra dentro de uma mesma linha.
- A passagem para a coluna 7 (Decisão) é um salto qualitativo superior ao da passagem das outras colunas.

Os valores ponderados podem ser colocados num sistema de coordenadas, dando origem a um gráfico que representa a evolução do pensamento ao longo de uma sessão ou de um conjunto de sessões.

A leitura interpretativa do gráfico continua a exigir o domínio dos modelos e das teorias de Bion, mas o acesso à informação organizada desta forma facilita uma leitura rápida e correcta. O gráfico não substitui um nível de interpretação mais profunda, onde se relacionam as duas dimensões, os enunciados propriamente ditos e a história do paciente e/ou do terapeuta.

Valores Ponderados para a Evolução do Pensamento

Elementos	Valores	**Elementos**	Valores	**Elementos**	Valores
A1	-87	**C7**	-52	**F2**	-20

A2	-88	**D1**	20	**F3**	62
A7	-90	**D2**	-40	**F4**	64
B1	-75	**D3**	22	**F5**	66
B2	-77	**D4**	24	**F6**	70
B3	-73	**D5**	26	**F7**	-22
B4	-72	**D6**	30	**G1**	80
B5	-70	**D7**	-42	**G2**	-10
B6	-68	**E1**	40	**G3**	82
B7	-78	**E2**	-30	**G4**	84
C1	0	**E3**	42	**G5**	86
C2	-50	**E4**	44	**G6**	90
C3	2	**E5**	46	**G7**	-12
C4	4	**E6**	50	**H2**	-2
C5	6	**E7**	-32		
C6	10	**F1**	60		

Com base neste novo instrumento de trabalho a questão passou a ser qual a melhor forma de analisar os dados das sessões, e apresentar os mesmos ao utilizador. Subdividimos a análise em: análise da evolução do pensamento e em análise dos diferentes tipos de utilizações do pensamento (usos).

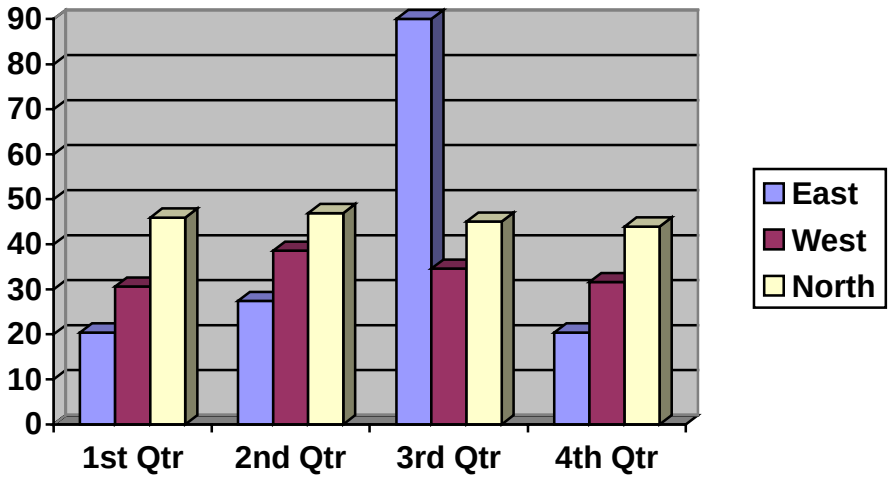
Análise da evolução do pensamento

No caso da análise ao nível da evolução do pensamento optámos por utilizar um gráfico de barras com duas séries – uma correspondente ao terapeuta, e outra correspondente ao analisado. Convencionámos representar todas as intervenções realizadas ao nível de –K abaixo do eixo horizontal, e todas as intervenções realizadas ao nível +K acima do referido eixo.

A informação que permite elaborar o gráfico de barras é ponderada, conforme foi anteriormente referido, e nesta medida pode acontecer que um enunciado classificado como pertencente à linha E possa estar associado a um valor negativo, não porque a

linha E seja negativa (a linha E é de facto positiva) mas porque a intencionalidade do pensamento foi classificada como coluna 2. Para que o psicoterapeuta possa confrontar esta informação (a ponderada) com uma informação que não leve em consideração as diferentes intencionalidades do pensamento (os usos) construímos um outro indicador, a linha vermelha, que exibe a evolução do pensamento sem levar em linha de consta os usos, ou seja, levando apenas em consideração o eixo genético-evolutivo. Comparando estes dois indicadores (linha vermelha e barras) é possível verificar se os sucessivos valores de –K se devem maioritariamente a uma dificuldade com o desenvolvimento genético do pensamento, ou a uma "deficiente" utilização do pensamento. Pensamos que a queda da linha vermelha ao eixo negativo é indicador de um modo de funcionamento psicótico, mas a existência de barras no mesmo eixo já não tem esse significado, apesar de ser sempre um revelador de pensamento perturbado ou patológico, na medida em que revela a existência de um anti-pensamento.

Em termos de concretização prática foi necessário criar um novo tipo de gráfico de barras, em que o facto de não haver alternância entre as duas séries não deve



condicionar a aparência do gráfico (em termos práticos isto significa, muito simplesmente, que existe a necessidade de representar vários pontos relativos a um único enunciado de um dos intervenientes – ver exemplo que se segue).

Figura 2 - Gráfico Tipo executado pelo programa Graph 97

Os gráficos criados pelos programas habitualmente disponíveis para esse efeito têm características muito especificas e são pouco adequados à apresentação da informação como é fornecida pelo sistema de "atribuição de valores ponderados". Como é possível verificar pelo exemplo fornecido, habitualmente os gráficos permitem a existência de várias séries [no exemplo série azul (East), vermelha (West) e amarela (North)], colocadas sobre um eixo horizontal (eixo dos X's). A leitura dos valores é feita sobre o eixo vertical (eixo dos Y's).

Este gráfico é inadequado para a representação das casas da Tabela através valores ponderados porque um único enunciado pode ser alvo de várias classificações, e cada classificação necessita de ser representada por uma barra de uma mesma cor. Se convencionarmos que a cor da barra define o sujeito do enunciado, podemos estabelecer uma alternância entre as cores das barras para representar as alternâncias das falas ou intervenções, mas não temos forma de representar a diversidade (várias classificações) no seio de uma única intervenção, porque em cada momento este tipo de gráfico só permite a atribuição de um único valor. Temos, então, que o gráfico de barras disponibilizado pelos programas a que tivemos acesso, obriga a uma estruturação de informação do tipo: um sujeito, uma série e um valor. Se a cada enunciado só fosse possível atribuir uma única classificação, então este tipo de gráfico teria resolvido o nosso problema, mas a verdade é que a um único enunciado podem corresponder várias classificações. Mais uma vez, vimo-nos perante uma situação delicada e difícil.

Quando não existem ferramentas disponíveis para lidar com a realidade, a melhor solução é criá-las. Foi de facto isso que fizemos. O Sr. Pedro Roquette desenvolveu desde a raiz, um programa que permite fazer um gráfico exactamente à medida das nossas necessidades. Este programa foi habilmente integrado com o programa BION e permitiu-nos conceber e apresentar um gráfico, ao qual denominamos Gráfico de Séries Temporais com Múltiplos Pontos em cada Série.

O Gráfico de Séries Temporais com Múltiplos Pontos em cada Série permite uma representação precisa e versátil da informação recolhida. Um grupo de barras de uma

mesma cor representa um enunciado e a variação da cor das barras representa a mudança do sujeito do enunciado.

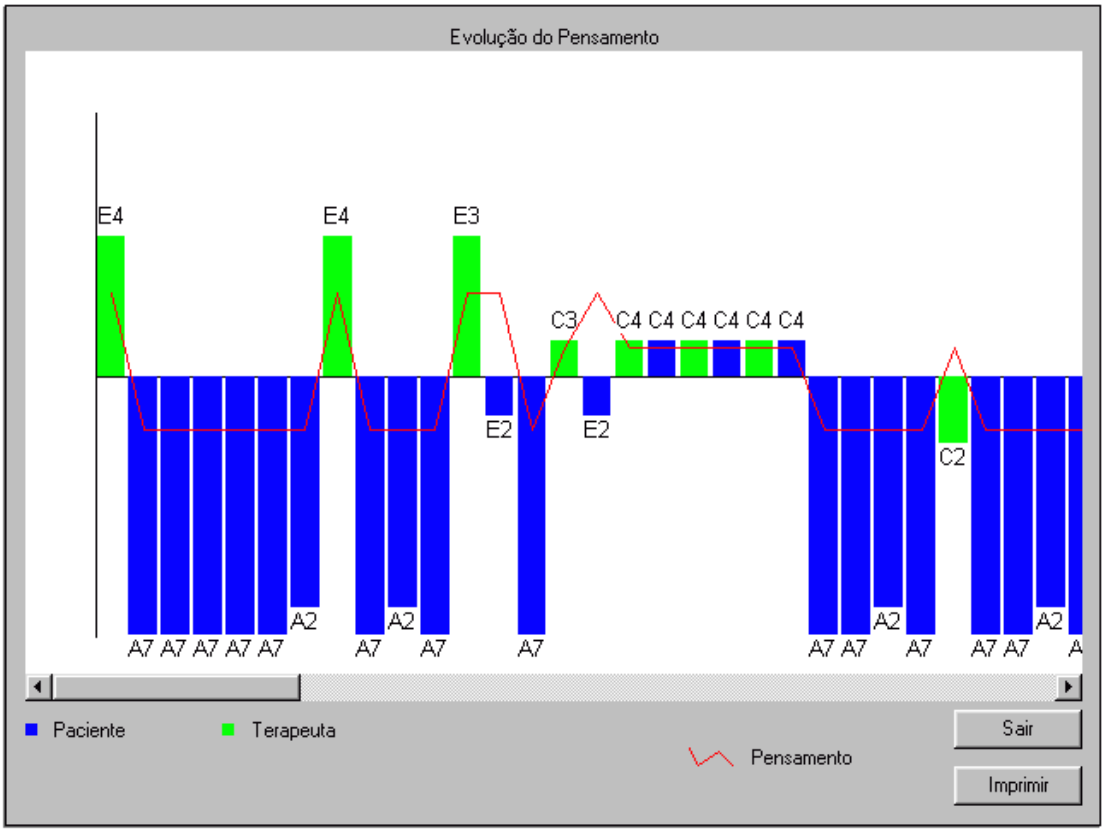


Figura 4 - Exemplo de um Gráfico de Séries Temporais com Múltiplos Pontos em cada Série

Neste exemplo, o paciente é representado pelas barras de cor azul e o terapeuta é representado pelas barras de cor verde. Podemos ver que o 1º enunciado foi elaborado pelo terapeuta e foi alvo de uma única classificação, o 2º enunciado (a resposta do paciente à intervenção do terapeuta) foi alvo de 6 classificações. Este grupo de seis classificações representa um único enunciado e não vários enunciados. Desta forma foi-nos possível encontrar uma representação gráfica adequada ao tipo de informação disponibilizada pelo sistema de conversão para valores ponderados (modelo).

Análise dos usos

No caso da análise ao nível dos usos optámos por utilizar gráficos *pie*, um para o terapeuta e outro para o paciente. Os gráficos mostram separadamente o que se passou com os vários intervenientes na sessão. Neste gráfico cada cor representa um determinado uso, e as proporções entre os diversos pedaços que compõem a *pie*

evidenciam as diferentes frequências em que foram utilizados os diversos usos ao longo da sessão.

Pretendemos com este gráfico analisar qual o mecanismo predominante utilizado por cada um dos intervenientes no processo.

Com o intuito de enriquecer esta parte, que para nós é fundamental desenvolvemos aquilo que convencionámos chamar "Model View". O Model View ofereceu-nos a possibilidade de apresentar os mesmos dados sob diferentes perspectivas. A leitura que fazemos dos dados depende da perspectiva com que olhamos para eles. Bion trabalha exaustivamente esta ideia quer com a noção de vertex quer com a noção de reversão de perspectiva. Também aqui nós pretendemos fornecer ao utilizador do programa BION várias perspectivas sobre os mesmos dados e/ou valores. Pensamos ter atingindo amplamente esse objectivo, pois oferecemos aos utilizadores do programa BION uma quantidade razoavelmente elevada de diferentes formas de trabalhar a mesma informação.

9- Descrição da aplicação desenvolvida

Neste capítulo pretendemos descrever de forma sumária o modo de funcionamento da aplicação BION. Este capitulo funciona como um manual técnico da aplicação. A sua leitura é fundamental para a correcta utilização do programa BION.

Conforme foi referido no capitulo anterior, desenvolvemos dois programas aparentemente separados mas que funcionam, de facto, interligados. O programa denominado BION é responsável por todo o trabalho de introdução, tratamento e análise dos dados e o programa denominado PONDERA – ***Programa de parametrização*** - é responsável pela tabela de valores ponderados.

O programa de Parametrização

O programa que permite a parametrização da tabela de valores ponderados é imprescindível para explorar o valor e o potencial do modelo por nós desenvolvido. Neste modelo, cada casa da Tabela é convertida num determinado valor (numérico) consoante um conjunto ou sistema de regras. Uma vez determinado esse valor, como foi explicitado no capitulo anterior, pode-se carregar o *Programa de Parametrização*. Uma vez carregada a tabela deste programa — o programa BION passa a executar o gráfico de barras (evolução do pensamento) de acordo com os valores introduzidos.

O programa que permite a parametrização da tabela de valores ponderados chama-se PONDERA, e é instalado ao mesmo tempo que o programa principal - BION. Tanto a aplicação BION como a aplicação PONDERA ficam disponíveis a partir do descktop.

Quando o utilizador abre o programa PONDERA vê uma tabela com 3 colunas e várias linhas. A primeira coluna serve para identificar o elemento, a segunda coluna regista o valor que aquele elemento deve assumir para a realização do gráfico

Evolução do pensamento e a terceira coluna regista o valor que o mesmo elemento deve assumir para o desenho da *linha vermelha*.

Se o utilizador desejar alterar estes valores tem apenas que seleccionar o elemento que quer modificar e escrever o valor corrígido.

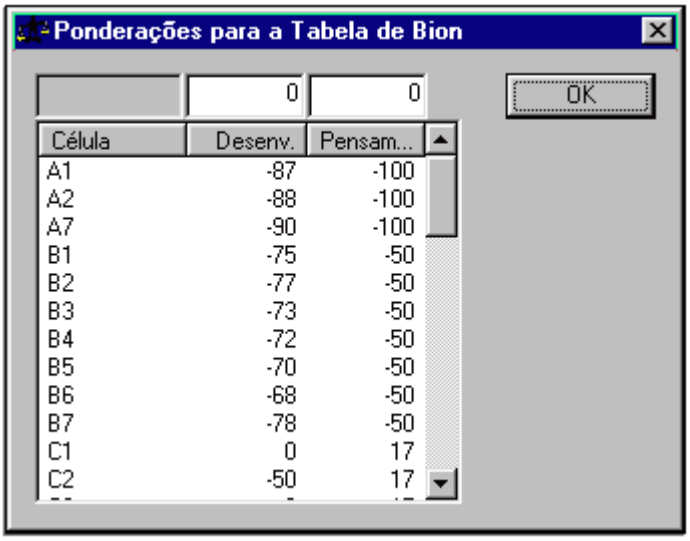


Figura 5 - Tabela com as ponderações para a Tabela de Bion

O programa "BION"

A instalação do programa BION é bastante simples, mas exige da parte do utilizador alguma interacção.

O programa BION (incluindo o programa PONDERA), por nós concebido e desenvolvido, é entregue a todos os membros do júri desta dissertação de mestrado em CD-ROM. O CD-ROM está identificado com uma etiqueta colada sobre uma das faces do CD, em que se pode ver o desenho da Tabela de Bion e a frase “Tabela de Bion”.

Para iniciar a instalação deve introduzir o Cd-rom no leitor de Cd-roms do seu computador. Não se esqueça que o seu computador deve ter previamente instalada

uma versão do Windows 95. Faça correr o programa de instalação (X:\BION\setup.exe, em que X é a letra do seu drive de Cd-rom) a partir da barra de navegação (Start →Run → setup.exe) ou a partir do programa de gestão de ficheiros (Explorer/Explorador).

Uma vez iniciada a instalação do programa (BION) o utilizador passa a receber instruções específicas através do ecrã. Estas instruções passam pela confirmação do *path* sugerido pelo próprio programa de instalação, e outras informações adicionais que são necessárias para a correcta instalação do programa. Uma vez terminada a instalação com sucesso, o utilizador poderá incluir o ícone do programa BION e do programa PONDERA junto de todos os seus outros ícones.

Ícone da aplicação BION que poderá colocar em qualquer ponto do seu Desktop

Ícone da aplicação PONDERA que poderá colocar em qualquer ponto do seu Desktop

Quando faz “double click” sobre qualquer um dos ícones no desktop o programa começa a correr.

O 1º ecrã do programa BION tem uma fotografia de Wilfred Bion sobre o lado direito, retirada da capa do livro *Cogitations*; na parte superior do lado esquerdo está visível o titulo mais extenso do programa – Tabela de W. R. Bion – revista e modificada por Amaral Dias –, e no canto inferior esquerdo aparece o nome da autora que concebeu a aplicação seguido do seu endereço de e-mail. Toda a parte de programação foi realizada pelo Sr. Pedro Roquette, ao qual a autora está imensamente grata. Por último, existem neste ecrã dois botões, um colocado no canto inferior esquerdo e outro no canto inferior direito. Um dos botões permite abandonar a aplicação e o outro permite avançar para o ecrã seguinte.

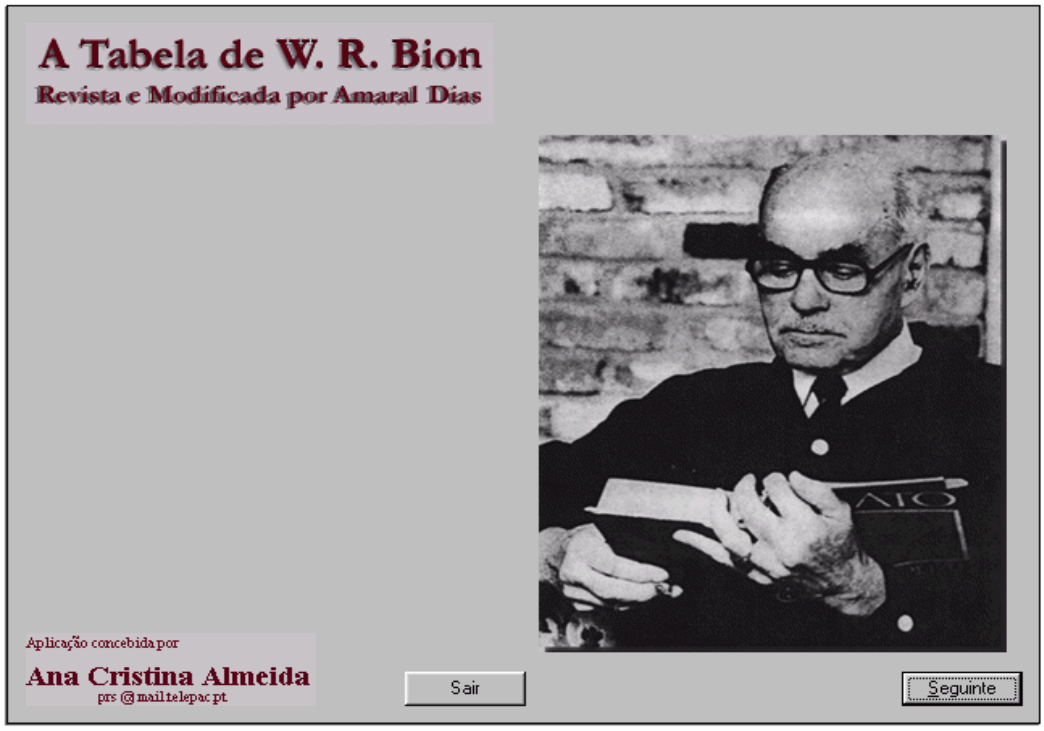


Figura 6 - Ecrã 1

Se o utilizador pressionar o botão que diz “SEGUINTE” avança para o ecrã nº 2.

O ecrã nº 2 é um ecrã com 3 campos de leitura e escrita. Destes campos, dois apresentam-se sob a forma de c*ombo-box*. A *combo-box* desdobra-se numa lista que pode conter vários elementos.

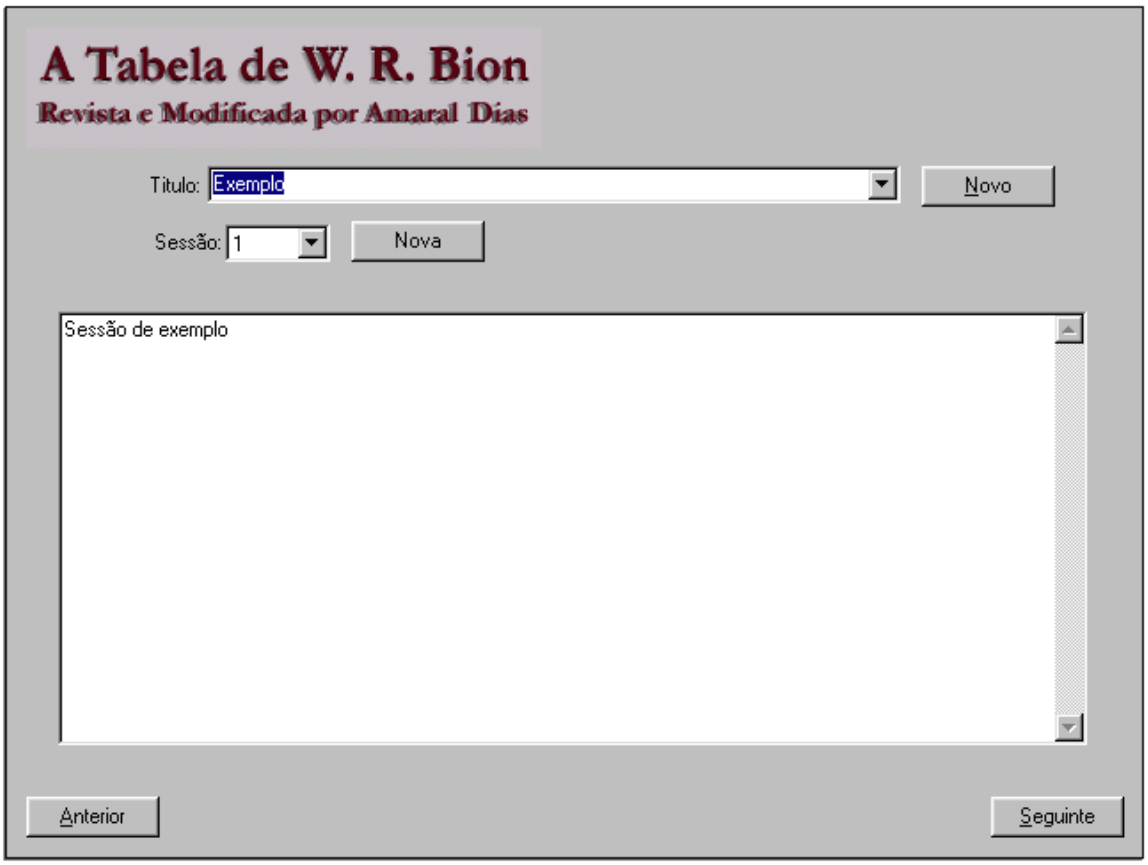


Figura 7 - Ecrã 2

Neste ecrã o utilizador (psicanalista, psicólogo, etc) procura o título de uma determinada sessão ou grupo de sessões e selecciona, utilizando para isso o rato, um dos títulos disponíveis na lista. Se o utilizador desejar iniciar a formação de um novo grupo deverá pressionar o botão que diz NOVO. Quando este botão é pressionado o campo de leitura que se encontra ao seu lado esquerdo transforma-se num campo de escrita permitindo ao utilizador escrever um qualquer nome para o agrupamento que pretende iniciar. Se o utilizador optar por iniciar um novo agrupamento o campo seguinte, que mostra/escreve o número de sessão, fará de imediato uma proposta para o número de sessão, já que se considerou que a numeração das sessões seria sequencial e automática, apesar de poder ser alterada pontualmente. Caso o utilizador tenha utilizado o 1º campo apenas para seleccionar um determinado grupo de sessões (por exemplo, as sessões do paciente Paulo) poderá abrir uma nova sessão neste agrupamento pressionando o botão que diz NOVA e que se encontra à direita do campo que permite visualizar o número da sessão.

Uma vez pressionado este botão o programa pergunta se quer de facto introduzir uma nova sessão - *Quer introduzir uma nova sessão?;* se o utilizador dizer que sim então ele sugere de imediato um número para a nova sessão; esse número é aquele que estiver na sequência das sessões já existentes. Se, por exemplo já foram feitos os registos correspondentes a 4 sessões no agrupamento denominado Paulo, o programa irá propor que a nova sessão seja numerada com o número 5. O terceiro e último campo de visualização e escrita é um espaço em branco que permite registar informações que considere pertinentes para identificar e catalogar o novo grupo de sessões. Este último campo está equipado com uma barra lateral que permite deslizar ao longo do texto.

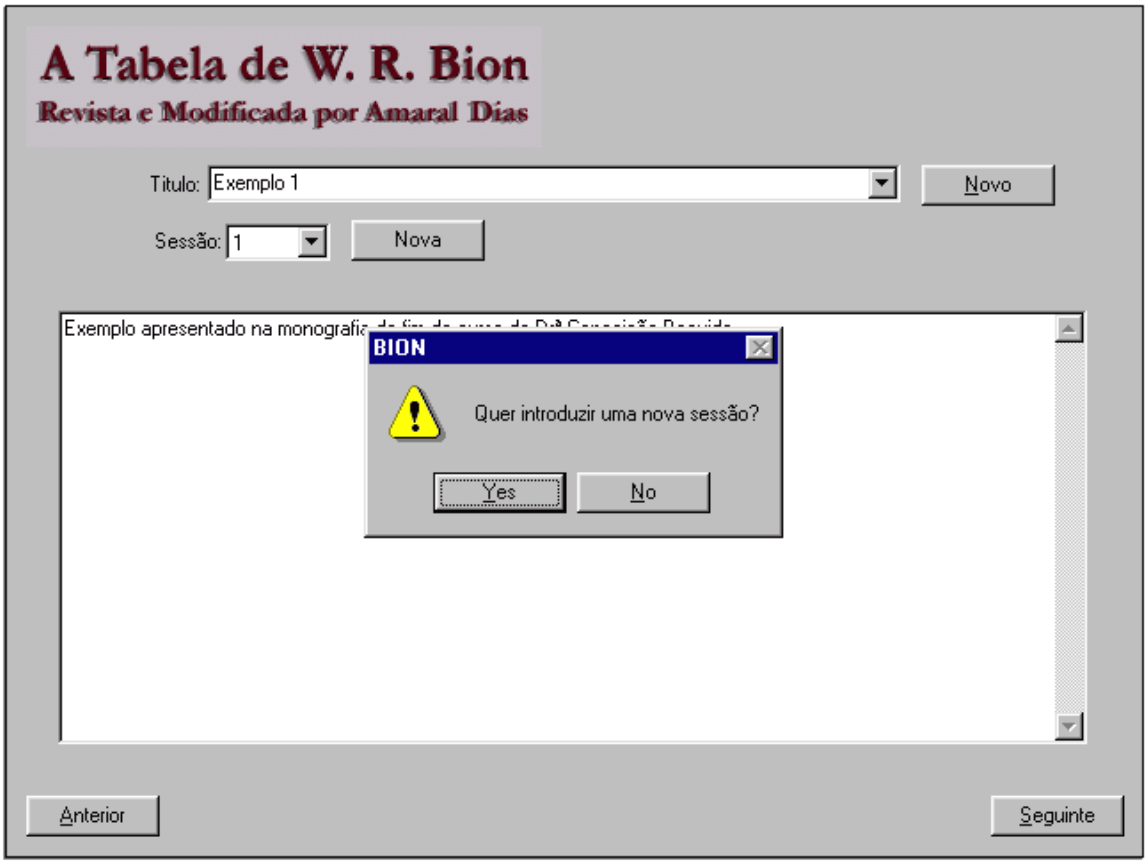


Figura 8 - Ecrã a exibir o pedido de confirmação para uma nova sessão

Por último temos dois botões nos cantos inferiores direito e esquerdo. O botão colocado no canto inferior direito leva o utilizador ao ecrã nº 1, e o botão no canto inferior direito leva o utilizador para o próximo ecrã, ou seja, para o ecrã número 3.

O ecrã 3 é um dos ecrãs mais complexos de todo o programa porque contém um número elevado de opções. Neste ecrã é possível introduzir dados e observar os dados introduzidos em outras ocasiões.

As áreas incluídas em rectângulos cinzento escuro são áreas exclusivamente de leitura, e servem apenas para referencia do utilizador, fornecendo informações úteis como sejam o titulo do grupo de sessões a que pertence a sessão seleccionada, número dessa mesma sessão e a classificação dos enunciados .

A área principal do ecrã está ocupada por uma tabela composta por 3 colunas que exibem informações sobre o enunciado, o sujeito e a cotação. Logo por debaixo desta tabela encontram-se um espaço destinado a permitir o trabalho sobre os enunciados.

Quando se corre o programa BION pela 1ª vez, estas áreas encontram-se em branco, com excepção do titulo e do número da sessão. Se o utilizador desejar introduzir os dados sobre uma sessão deverá utilizar o botão que diz INSERIR. Pressionar este botão permite introduzir o conteúdo (ou descrição) do enunciado. Os enunciados são introduzidos na janela que situa logo por baixo da tabela que exibe a informação já introduzida. O utilizador deve começar por seleccionar o sujeito responsável pelo enunciado que quer introduzir. O utilizador pode seleccionar o sujeito através da combo-box ou digitando o respectivo nome. Depois de seleccionar (ou escrever) o nome do sujeito, o utilizador poderá passar ao campo seguinte, situado à direita do campo de selecção do sujeito, e escrever o texto correspondente ao enunciado. Depois de terminar esta operação, o utilizador deve pressionar a tecla que diz INSERIR; o enunciado fica automaticamente registado e aparecerá na tabela. Para além de introduzir os enunciados também poderá utilizar este procedimento para alterar enunciados que por qualquer motivo contenham incorrecções.

Para alterar um enunciado previamente introduzido é necessário em primeiro lugar seleccionar o enunciado que se pretende alterar; para fazer isto basta seleccionar o enunciado seleccionando o sujeito que o emitiu. Quando se pressiona o botão esquerdo do rato e ele está a apontar para o sujeito de um enunciado, esse enunciado fica imediatamente seleccionado e aparecerá na área de trabalho, logo abaixo da

tabela. Nesta altura é possível apagar e acrescentar texto no enunciado. Depois de terminar as alterações é necessário voltar a primir a tecla INSERIR para que as alterações fiquem correctamente registadas.

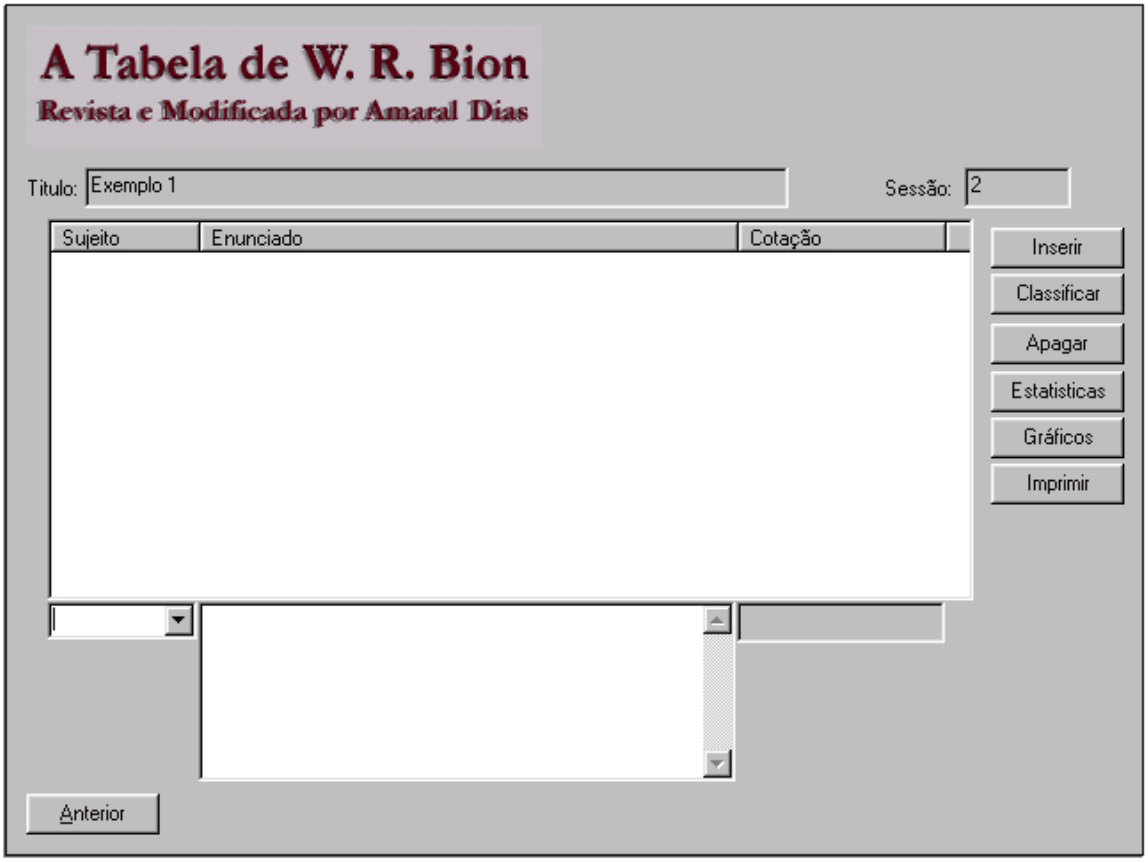


Figura 9 - Ecrã 3

Uma vez introduzidos os enunciados passamos a poder visualizar a sequência de enunciados ocorridos durante a sessão. Por motivos que se prendem com a possibilidade de visualizar um maior número de enunciados no espaço que lhe está reservado no ecrã, é apresentada apenas a 1ª linha de cada um dos enunciados e o sujeito da enunciação.

Se o utilizador desejar ver todo o conteúdo de um determinado enunciado deverá seleccionar o respectivo enunciado passando com o rato pela área do sujeito que emitiu esse enunciado. Desta forma aparecer-lhe-á o enunciado pretendido na janela mais abaixo e desta vez todo o seu conteúdo está perfeitamente visível.

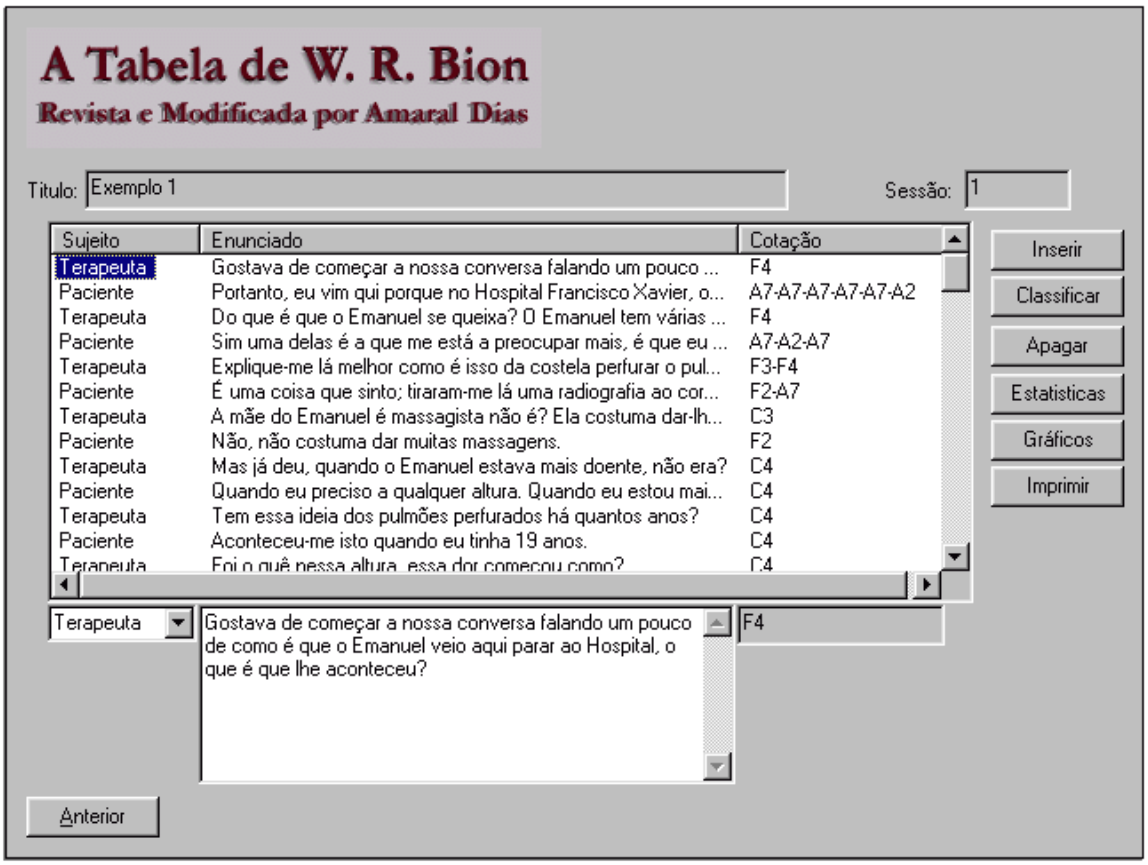

A Tabela de W. R. Bion
Revista e Modificada por Amaral Dias
Titulo: Exemplo 1
Sessão: 1
Sujeito
Enunciado
Cotação
Terapeuta Gostava de começar a nossa conversa falando um pouco ... F4
Paciente Portanto, eu vim qui porque no Hospital Francisco Xavier, o... A7-A7-A7-A7-A7-A2
Terapeuta Do que é que o Emanuel se queixa? O Emanuel tem várias ... F4
Paciente Sim uma delas é a que me está a preocupar mais, é que eu ... A7-A2-A7
Terapeuta Explique-me lá melhor como é isso da costela perfurar o pul... F3-F4
Paciente É uma coisa que sinto; tiraram-me lá uma radiografia ao cor... F2-A7
Terapeuta A mãe do Emanuel é massagista não é? Ela costuma dar-lh... C3
Paciente Não, não costuma dar muitas massagens. F2
Terapeuta Mas já deu, quando o Emanuel estava mais doente, não era? C4
Paciente Quando eu preciso a qualquer altura. Quando eu estou mai... C4
Terapeuta Tem essa ideia dos pulmões perfurados há quantos anos? C4
Paciente Aconteceu-me isto quando eu tinha 19 anos. C4
Terapeuta Foi o quê nessa altura, essa dor começou como? C4
Inserir
Classificar
Apagar
Estatisticas
Gráficos
Imprimir
Terapeuta
Gostava de começar a nossa conversa falando um pouco de como é que o Emanuel veio aqui parar ao Hospital, o que é que lhe aconteceu?
F4
Anterior

Figura 10 - Ecrã 3 em que é possível ver o enunciado completo

Como se pode constatar pela Figura 10, o enunciado "Gostava de começar a nossa conversa falando um pouco …" encontra-se incompleto, mas numa outra janela podemos ler este mesmo enunciado completo. Podemos então ler "Gostava de começar a nossa conversa falando um pouco de como é que o Emanuel veio aqui parar ao hospital, o que é que lhe aconteceu?"; este é conteúdo completo do 1º enunciado.

Depois de terem sido introduzidos, os enunciados estão disponíveis para serem classificados. Para esse efeito o utilizador deverá seleccionar o enunciado que pretende classificar e pressionar o botão CLASSIFICAR. Ao fazer isto passa automaticamente para ecrã nº 4. Depois de abandonar o ecrã nº 4 regressa ao ecrã nº3, mas este último apresenta uma modificação, já que exibe as diversas classificações a que cada enunciado foi sujeito.

Se o utilizador desejar apagar um qualquer enunciado poderá fazê-lo utilizando o botão que diz APAGAR. Pressionando este botão estará a apagar o enunciado que se

encontra seleccionado. A selecção de um enunciado faz-se a partir do sujeito, isto é, o utilizador deverá posicionar o rato sobre o sujeito que emite o enunciado que pretende apagar e carregar no botão esquerdo do rato. Quando faz isto a área sobre a qual se encontrava o cursor fica de cor azul, dando desta forma a indicação de que está seleccionada. A selecção de um enunciado é fundamental para poder executar as funções de INSERIR, CLASSIFICAR e APAGAR.

As funções ESTATÍSTICA, GRÁFICO e IMPRIMIR são independentes da selecção do enunciado. Pressionando o botão ESTATÍSTICA, o utilizador poderá dar indicações precisas sobre as sessões cuja a estatística terá incidência. Os gráficos disponibilizados incidiram sobre a sessão previamente seleccionada, e apenas sobre essa, enquanto que as estatística poderão incidir sobre várias sessões de um mesmo grupo.

A opção IMPRIMIR permite imprimir uma listagem que mostra o conteúdo da sessão, os sujeitos e as classificações.

De seguida iremos falar com maior detalhe de algumas das opções disponíveis a partir deste ecrã (ecrã nº 3).

Inserir

Esta opção permite inserir o texto correspondente aos vários enunciados e definir qual foi o sujeito responsável por esse enunciado. Através desta opção é possível inserir o conteúdo das diversas sessões, sobre as quais o investigador pretende trabalhar.

Classificar

A opção classificar é uma das partes mais importantes do programa BION. A classificação é um dos factores que está totalmente a cargo do utilizador (psicólogo, psicanalista, etc.), pois não nos parece possível nem adequado qualquer tipo de

automatização deste procedimento. Os resultados que se possam obter com este programa dependem fundamentalmente da classificação dos diversos enunciados. A atribuição de uma determinada classificação é fruto dos conhecimentos e da sensibilidade do técnico que a executa. Muitas das vezes é necessário levar em conta o contexto em que o enunciado foi elaborado para deliberar correctamente sobre a qualidade e a intenção desse enunciado. A tomada de decisão da classificação a atribuir a cada enunciado é da exclusiva responsabilidade do psicólogo/psicanalista e pensamos que não poderá ser de outra forma. Conforme foi amplamente desenvolvido ao longo dos diversos capítulos desta dissertação, mas principalmente no capitulo respeitante à Tabela, a classificação de um enunciado na Tabela é extremamente difícil e exige uma enorme perícia e profundos conhecimentos da teoria psicanalítica de uma maneira geral e da teoria psicanalítica desenvolvida por Wilfred Bion em especial.

Se o utilizador dominar correctamente os princípios teóricos que permitem a execução da classificação com um grau de confiança e fiabilidade aceitáveis, poderá classificar cada um dos enunciados de uma forma fácil e rápida através da utilização da *Tabela electrónica* criada por nós. Voltamos a chamar a atenção para o facto de que a *Tabela electrónica* não pretender substituir o conhecimento e a intuição técnica especializada (nem o poderia fazer), mas apenas facilitar o trabalho daqueles que dominam a teórica e a técnica proposta por Bion sobre o modo de utilizar e manusear a Tabela. Da mesma forma que uma calculadora não substitui o conhecimento acerca dos números e das suas operações, a nossa *Tabela Electrónica* também não substitui a necessidade de se ter conhecimentos profundos sobre o seu significado e o seu manuseio. Uma criança que desconheça o significado dos números e das suas operações pode brincar com uma calculadora, mas não tira dela qualquer proveito; da mesma forma, qualquer pessoa poderá atribuir classificações aos enunciados (no sentido em que associa a um enunciado algumas casas da tabela) mas será incapaz de tirar qualquer vantagem ou proveito desta ferramenta.

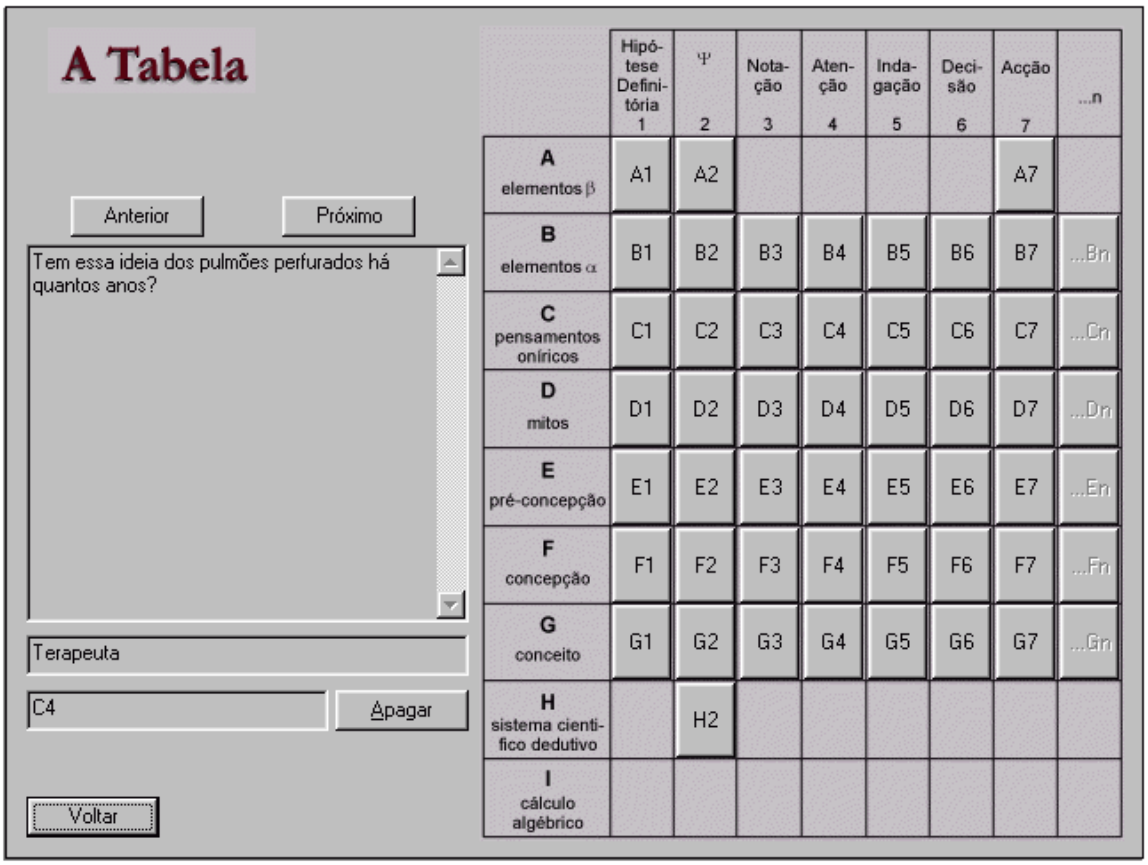


Figura 11 - Ecrã 4 (A Tabela)

Neste ecrã existe uma caixa de texto, onde aparece o enunciado completo. Por cima dessa caixa aparecem dois botões, um de PRÓXIMO e outro ANTERIOR. Estes botões permitem navegar pelos diversos enunciados: o botão Próximo permite que o utilizador passe a visualizar o enunciado seguinte, e o botão Anterior permite que o utilizador passe a visualizar o enunciado anterior. Logo por baixo do enunciado, o utilizador pode ver o sujeito do enunciado.

Para classificar o utilizador tem apenas que pressionar um dos diversos botões que se encontram colocados em cada uma das casas úteis da Tabela. Cada enunciado pode ser classificado com um número indeterminado de pares. Quando um enunciado é classificado com mais do que um par eles aparecem separados por um pequeno traço.

Quando pressiona um dos botões **Anterior** ou **Próximo** o programa assume automaticamente a classificação que se encontrava atribuída quando o enunciado era visível no ecrã. Se o utilizador se enganar pode corrigir o erro pressionando a tecla

Apagar, que apagará um par de cada vez. Pressionando a tecla VOLTAR regressa ao ecrã nº 3 e memoriza todas as alterações que foram introduzidas. Ainda respeitante ao ecrã 3, vamos falar um pouco sobre as restantes opções.

Apagar

A opção apagar permite-lhe apagar um qualquer enunciado. Para isso basta seleccionar o enunciado que pretende apagar e carregar na tecla APAGAR. Deve ter em atenção que um enunciado apagado é impossível de recuperar.

Estatística

O botão ESTATÍSTICA permite-lhe observar um conjunto de estatísticas descritivas previamente definidas. Quando pressiona esta botão aparece-lhe um pequeno ecrã no centro do ecrã nº 3. Este ecrã permite-lhe especificar alguns parâmetros que irão determinar a incidência da estatística.

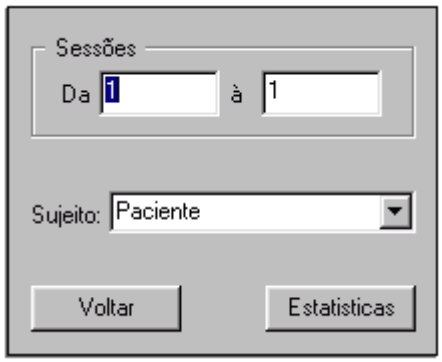


Figura 12 - Ecrã 6

Neste espaço o utilizador pode identificar o número de sessões sobre as quais as estatísticas deverão incidir. É de ressaltar que as estatísticas incidiram apenas sobre um grupo de sessões, ou seja, sobre um titulo. Para além de ser necessário definir as sessões com que pretende trabalhar, é também necessário definir sobre que sujeito é que as estatísticas deveram incidir.

O utilizador poderá mandar executar as estatísticas para todos os sujeitos que sejam intervenientes nas sessões escolhidas. Se o utilizador estiver a trabalhar sobre um grupo (grupanálise) poderá pedir as estatísticas individuais para cada um dos elementos do grupo.

Depois de introduzir a parametrização necessária para as estatísticas, o utilizador poderá pressionar o botão ESTATÍSTICAS e aguardar que o programa BION lhe apresente a folha de estatísticas.

A folha com as estatísticas disponibilizada pelo programa BION é composta por 3 tipos diferentes de indicadores:

- Valores percentuais e frequências para cada par (elemento)
- Valores de +K e de -K
- Listagem com todas as classificações elaboradas ao longo das diversas sessões, segundo o modo de apresentação sugerido por Dario Sor e Maria Rosa Gazano.

Para além de poder consultar esta folha directamente do ecrã poderá imprimi-la.

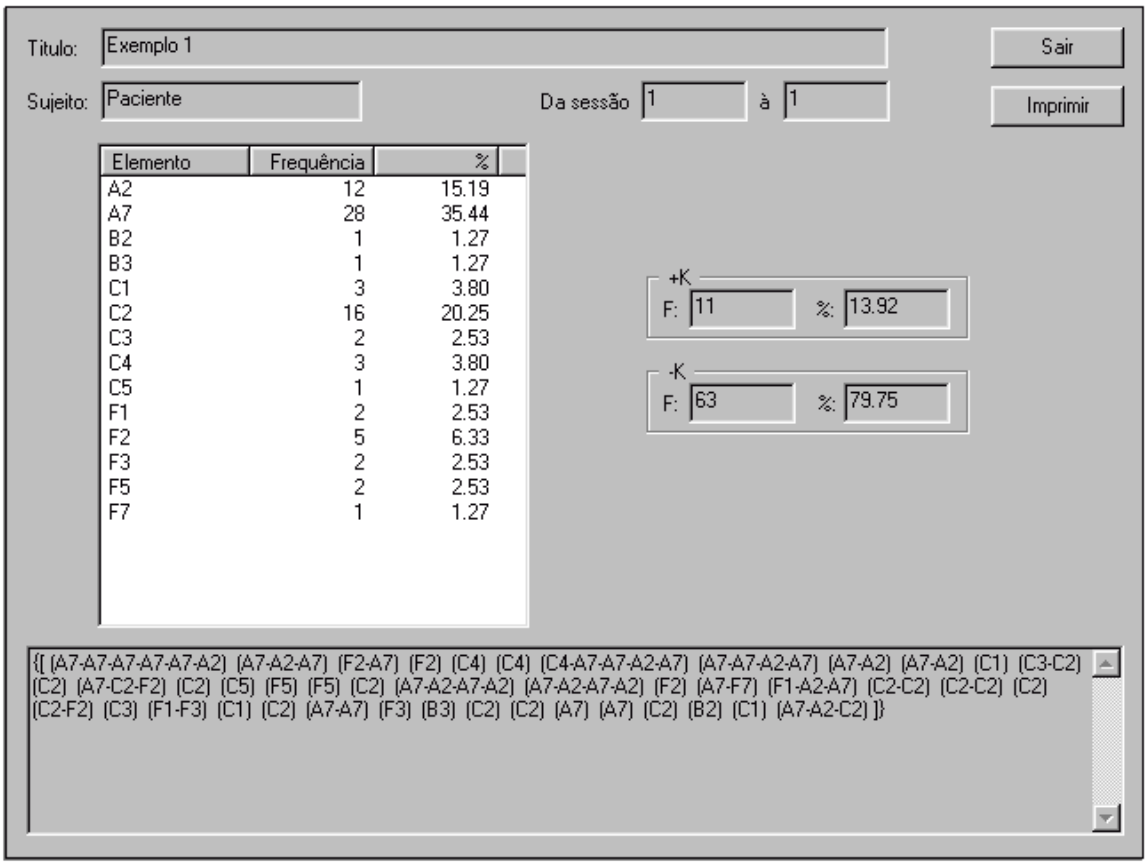


Figura 13 — Ecrã com as estatísticas sobre o paciente

Para imprimir esta listagem basta pressionar o botão IMPRIMIR que está situado no canto superior direito. Quando pressiona este botão surge um outro ecrã que permite definir a impressora e o número de cópias.

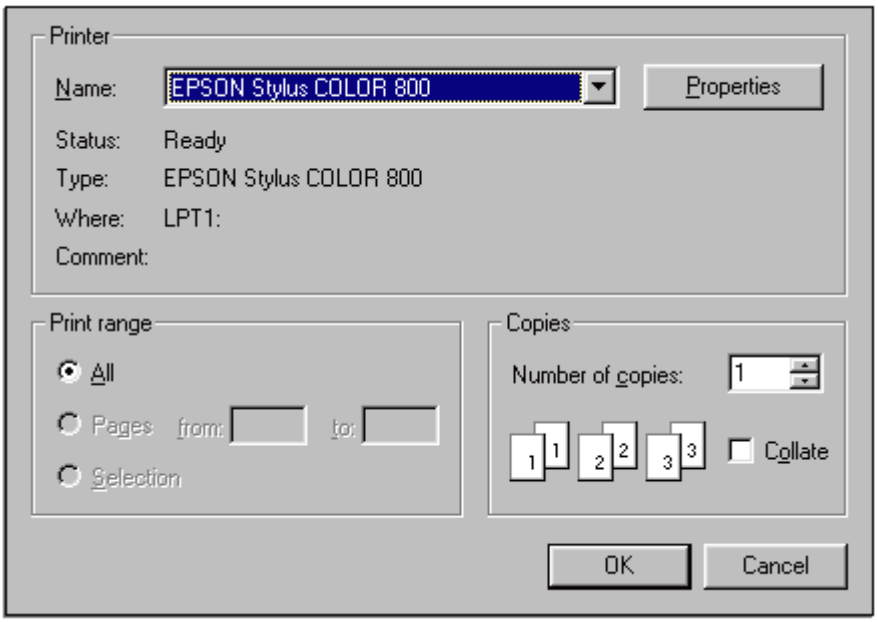


Figura 14 - Parametrização da impressão

Gráficos

O botão GRÁFICOS permite-lhe ter acesso ao display de 2 tipos de gráficos distintos:

- Gráfico de barras, que exibe a evolução/regressão do pensamento, ou seja, que oferece uma visão “evolutiva–interactiva”.
- Gráfico "pie", que mostra os USOS que o sujeito utilizou e as suas proporções.

O gráfico de barras é o principal indicador oferecido pelo programa BION. Este gráfico permite uma leitura dos dados totalmente nova e "revolucionária". Conforme já foi referido por diversas vezes ao longo deste trabalho, a atribuição de valores ponderados permite criar um certo dinamismo, pondo em evidência os movimentos das diversas mentes em interacção.

Assim que o utilizador pressiona o botão GRÁFICO aparece um ecrã intermédio, que serve para especificar a incidência do gráfico.

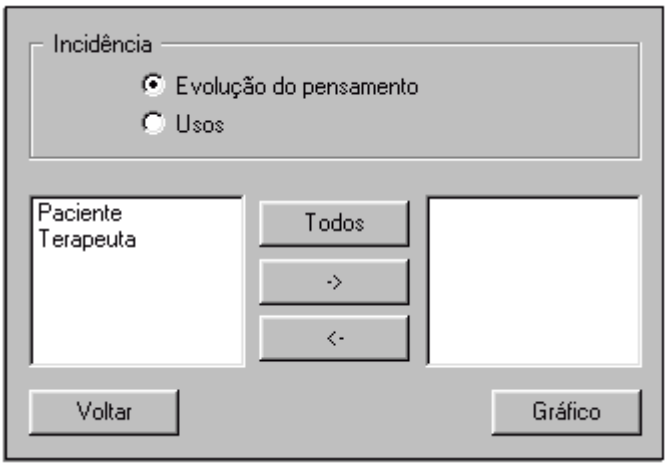


Figura 15 - Ecrã intermédio que permite especificar a incidência do gráfico

Neste ecrã o utilizador define se quer visualizar o gráfico de barras (Evolução do pensamento) ou o gráfico pie (Usos). Depois de feita a selecção do tipo de gráfico, o utilizador deverá especificar o(s) sujeito(s). Uma vez feitas todas as definições

necessárias, o utilizador poderá pressionar o botão GRÁFICO e dessa forma visualizar os respectivos gráficos.

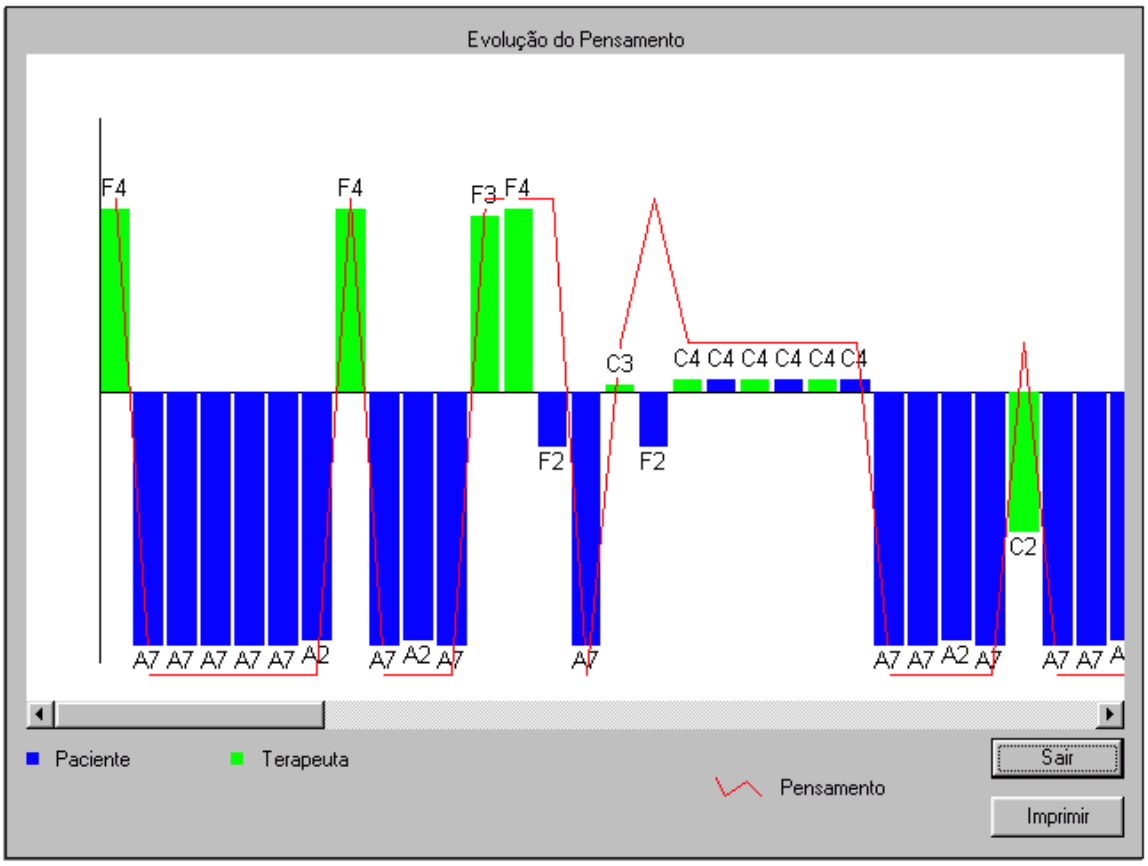


Figura 16 - Visualização de um gráfico com incidência "Evolução do pensamento" e "Todos os sujeitos".

O gráfico do tipo *pie* mostra a predominância e a utilização relativa dos diferentes usos ao longo da sessão. Através da visualização e interpretação deste gráfico, o psicólogo ou psicanalista fica a saber quais são os usos que o paciente e/ou terapeuta evita ou priviligia.

Para a execução deste gráfico é também necessário definir a incidência.

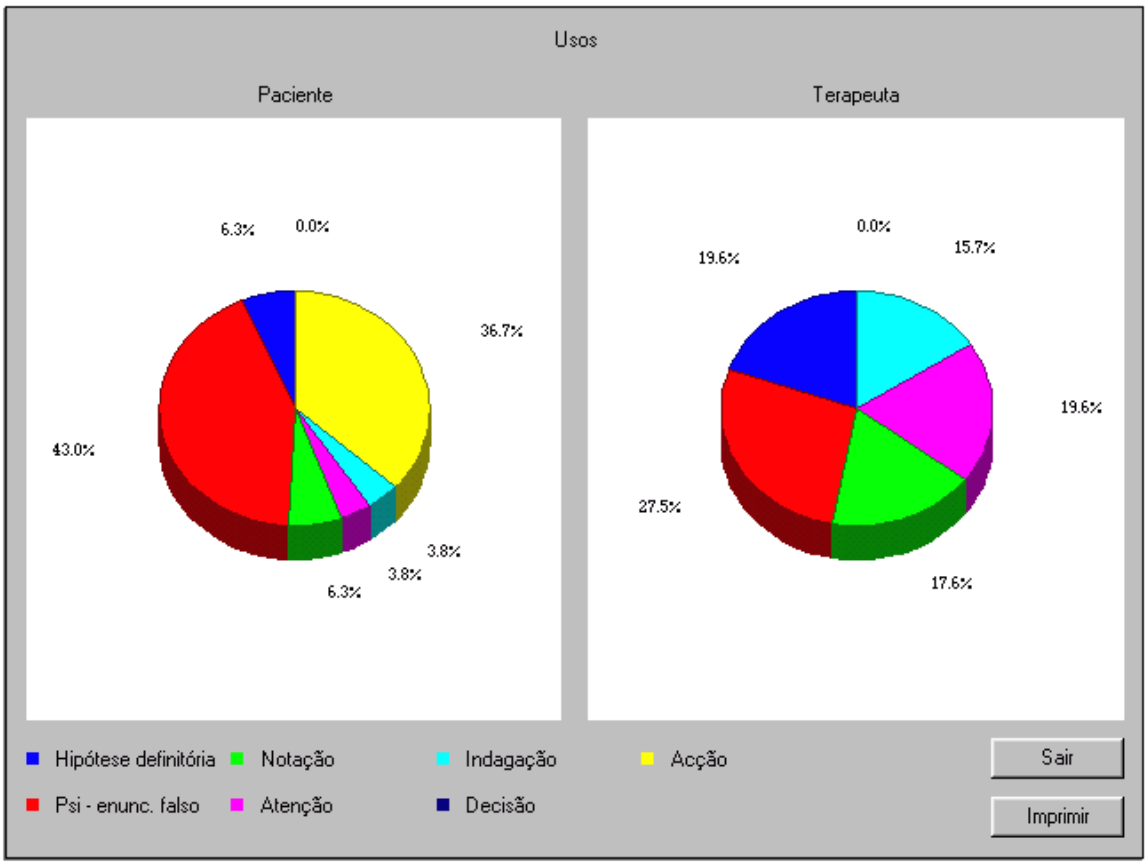


Figura 17 - Visualização de um gráfico com incidência "Usos" e "Todos os sujeitos".

Imprimir

A opção IMPRIMIR no ecrã nº 3 permite fazer a impressão de uma tabela com todos os enunciados, os sujeitos e as cotações de uma determinada sessão - Resumo da sessão. Esta opção faz a impressão da sessão que está a ser visualizada nesse ecrã.

10- Análise de alguns casos práticos

Conforme foi referido em capítulos anteriores, pensamos que a utilização do programa BION tem enormes vantagens, já que permite organizar a informação que por vezes se encontra dispersa, permitindo simultaneamente uma leitura mais interessante e rica dos dados recolhidos.

Com este capítulo pretendemos mostrar o enorme potencial oferecido pela utilização do programa BION, para isso introduzimos os enunciados produzidos em 3 sessões diferentes, bem como as respectivas classificações. A análise das diversas tabelas e gráficos permitiu-nos elaborar algumas especulações sobre os pacientes e os terapeutas envolvidos que provavelmente não seriam possíveis ou seriam mais dificilmente alcançadas de outra forma. Nos três casos (sessão apresentada pela Dr.ª Conceição Boavida na dissertação de mestrado, sessão apresentada pelo Professor Carlos Amaral Dias no seu livro *Tabela para uma nebulosa - Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion,* e sessão apresentada pela Dr.ª Manuela Hartley num seminário de supervisão com o Professor Carlos Amaral Dias) não são tecidas quaisquer considerações sobre as cotações propriamente ditas, já que esse trabalho foi executado pelo próprio Professor Amaral Dias ou sob a sua supervisão.

Exemplo Nº 1

Para o exemplo nº 1 foi trabalhada a sessão que a Dr.ª Conceição Boavida apresenta na sua dissertação de mestrado. Conforme foi referido anteriormente, foram introduzidos no programa BION os enunciados e as classificações exactamente como foram apresentados na já referida dissertação de mestrado. A Dr.ª Conceição Boavida trabalhou os enunciados de acordo com a tabela original (Tabela de Bion) o que significa que a coluna DECISÃO não existia, e que havia apenas uma linha que

aglutinava os pensamentos oníricos e os mitos. Estas diferenças obrigaram-nos a fazer certas adaptações e correcções.

Análise dos dados referentes ao paciente

Um dos primeiros indicadores a ser investigado e analisado é a folha de "Estatísticas". A folha de estatísticas referente ao paciente (ver anexo) mostra-nos que 13.92% das intervenções do paciente se situaram em +K e 79.75% em -K. Estes dois valores orientam-nos no sentido de pensar que:

1. Durante uma grande parte (aproximadamente 80%) da sessão a mente do paciente fez apelo a recursos e modos de funcionamento do tipo utilizado pela parte psicótica da mente.
2. O paciente utilizou a parte não-psicótica da mente e os seus recursos apenas numa pequena parte da sessão (aproximadamente 14%)
3. Existiu uma predominância do funcionamento da parte psicótica da personalidade.

Continuando a observar e analisar os resultados disponibilizados pela folha de estatísticas sobre o paciente podemos verificar que:

a) O paciente utilizou predominantemente um pensamento muito primário, ao nível de elementos-β, sobre a forma de acções. Uma parte significativa das intervenções do paciente (A7 = 35.44%) foram pensamentos-alucinações ou pensamentos-delirios.
b) A segunda forma de pensamento mais utilizada pelo paciente foi o pensamento onirico e mítico. Quando os enunciados se constituíam neste nível observou-se uma predominância da utilização do pensamento como forma defensiva para evitar o contacto com a verdade (C2 = 20.25%).
c) A terceira forma de pensamento mais utilizada pelo paciente foi ao nível dos elementos-β, e foi associada a uma modalidade de utilização do tipo

enunciado falso com o intuito de evitar o contacto com a verdade/realidade (A2 = 15.19%)

d) Todos os outros níveis e modalidades de utilização do pensamento são inferiores a 7%, e portanto menos significativas.

Das informações e observações atrás referidas pode concluir-se que o paciente se encontrava sobre o domínio da área psicótica da mente, tendo sido o seu pensamento estruturado quase sempre a um nível tão primário que foi imediatamente sujeito aos mecanismos de identificação projectiva, com a consequente expulsão de objectos bizarros.

Continuando a observar e a analisar os dados fornecidos pela folha de estatísticas referente ao paciente verificamos que:

- No inicio da sessão encontramos a maior concentração de enunciados classificados ao nível de proto-pensamentos (linhas A).
- Há medida que a sessão decorre, o paciente parece ir substituindo o "pensamento-acção" por "pensamento-enunciado falso".

De seguida iremos passar à análise do gráfico "Pie", que exibe as proporções em que o paciente utiliza as várias modalidades de usos.

Observando o gráfico rapidamente nos apercebemos que:

1. A coluna nº 2 (Psi - enunciado falso) foi a modalidade de utilização do pensamento mais utilizada pelo paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 2 = 43%.
2. A coluna nº 7 (Acção) foi a 2ª modalidade de utilização de pensamento mais utilizada pelo paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 7 = 36.7%
3. Apenas 20% das intervenções do paciente foram utilizadas com intuito de permitir a maturação do pensamento e o contacto com a verdade.

Por último, vamos analisar e observar o gráfico de barras, que permite fazer uma leitura de acordo com os valores ponderados. A leitura do gráfico "evolução do pensamento" para o paciente permite-nos confirmar as conclusões elaboradas pela análise das estatísticas, e inferir outras que se mantinham até aqui insuspeitadas.

- Preponderância da utilização de mecanismos que revelam um modo de funcionamento da parte psicótica da personalidade
- A actividade da parte psicótica da personalidade é pontualmente interrompida por incursões da parte não-psicótica da personalidade.
- A actividade da parte não-psicótica da personalidade é diminuta, e rápidamente substituída por actividade da parte psicótica.
- O paciente evidência (durante esta sessão) uma enorme intolerância à dor mental (dor depressiva), porque mesmo quando elabora pensamentos com um nível de sofisticação razoável (E e C) faz uma utilização deles que é defensiva e resistencial. [A linha vermelha (indicador do grau de maturação do pensamento) situa-se no quadrante positivo apesar de as barras azuis se situarem no quadrante negativo]
- À medida que a sessão decorre observa-se um aumento progressivo da emergência da parte não-psicótica da personalidade.

Análise dos dados referentes ao psicoterapeuta

Um dos primeiros indicadores a ser investigado e analisado é a folha de "Estatísticas". A folha de estatísticas referente ao psicoterapeuta (ver anexo) mostra-nos que 52% das intervenções do psicoterapeuta se situaram em +K e 28% em -K. Estes dois valores orientam-nos no sentido de pensar que:

1. Existiu uma predominância do funcionamento da parte não-psicótica da personalidade.

2. O psicoterapeuta utilizou muito frequentemente o uso "hipótese definitória" [aproximadamente 20%] e esta modalidade não contribuí para a determinação de +K nem de -K.
3. A actividade mental do psicoterapeuta foi razoavelmente pouco estável, observando-se flutuações significativas entre o predomínio da actividade da parte psicótica e da parte não-psicótica da personalidade.

Continuando a observar e analisar os resultados disponibilizados pela folha de estatísticas sobre o psicoterapeuta podemos verificar que:

a) O psicoterapeuta não privilegiou nenhuma modalidade de pensamento em especial, tendo utilizado várias. Nenhum dos elementos apresenta uma frequência superior a 20%. A grande maioria dos elementos tem uma frequência inferior ou igual a 10%.
b) A forma de pensamento mais utilizada pelo psicoterapeuta foi o pensamento onirico e mítico. Quando os enunciados se constituíam neste nível observou-se uma predominância da utilização do pensamento como forma defensiva para evitar o contacto com a verdade (C2 = 18%).
c) A segunda forma de pensamento mais utilizada pelo psicoterapeuta foi ao nível dos conceitos. Ainda neste nível é possível observar uma quantidade significativa de enunciados que têm como finalidade evitar o contacto com a verdade/realidade (F2 = 7.84%)

Das informações e observações atrás referidas pode-se concluir que:

O psicoterapeuta conseguiu manter a actividade da sua mente sobre o predomínio da área não-psicótica. Esta actividade sucumbiu por diversas vezes, dando lugar à actividade psicótica da mente. O psicoterapeuta manteve o seu pensamento estruturado quase sempre ao nível dos pensamentos míticos/oníricos (C = 56.85).

Continuando a observar e a analisar os dados fornecidos pela folha de estatísticas referente ao psicoterapeuta verificamos que:

- No inicio da sessão encontramos a maior concentração de enunciados classificados ao nível de conceitos e pensamentos mítico/oníricos.
- Há medida que a sessão decorre observa-se a emergência de proto-pensamentos.

De seguida iremos passar à análise do gráfico "Pie" que exibe as proporções em que o psicoterapeuta utiliza as várias modalidades de usos.

Observando o gráfico rapidamente nos apercebemos que:

1. Existe uma distribuição quase regular da utilização de 5 usos. (enunciado falso, hipótese definitória, indagação, atenção e notação).
2. A coluna nº 2 (Psi - Enunciado falso) foi a modalidade de utilização de pensamento mais utilizada pelo psicoterapeuta ao longo de toda a sessão. Coluna nº 2 = 27.5%
3. 72.5% das intervenções do psicoterapeuta foram utilizadas com intuito de permitir a maturação do pensamento e o contacto com a verdade.

Por último, vamos analisar e observar o gráfico de barras, que permite fazer uma leitura de acordo com os valores ponderados. A leitura do gráfico "evolução do pensamento" para o psicoterapeuta permite-nos confirmar as conclusões elaboradas pela análise das estatísticas e inferir outras que se mantinham até aqui insuspeitadas.

- Preponderância da utilização de mecanismos que revelam um modo de funcionamento da parte não-psicótica da personalidade
- A actividade da parte não-psicótica da personalidade é pontualmente interrompida por incursões da parte psicótica da personalidade.
- A actividade da parte psicótica da personalidade é diminuta, mas vai-se tornando progressivamente mais frequente.
- O psicoterapeuta evidência (durante esta sessão) uma razoável capacidade de tolerância à dor mental (dor depressiva), porque raramente lhe acontece "descer" ao nível dos proto-pensamentos. [A linha vermelha (indicador do

grau de maturação do pensamento) mantêm-se no quadrante positivo durante quase toda a sessão.]

- Há medida que a sessão decorre observa-se um aumento progressivo da emergência da parte psicótica da personalidade.

Análise dos dados conjuntos psicoterapeuta/paciente

Na análise dos dados conjuntos é fundamental a análise do gráfico de barras, que exibe em simultâneo e de acordo com a sequência decorrida na sessão, os movimentos elaborados para cada uma das mentes e decorrentes da interacção entre elas.

A análise do gráfico de barras (evolução do pensamento) com os valores ponderados para ambos os intervenientes na sessão permite-nos dizer que:

1. O psicoterapeuta iniciou a sessão colocando-se ao nível dos conceitos, utilizando a sua formulação com o intuito de dirigir a atenção (sua e do paciente) para uma determinada experiência. (F4). Esta postura é correcta e denuncia a intenção do psicoterapeuta de prosseguir em direcção a K.
2. Ao apelo do psicoterapeuta o paciente responde ao nível de proto-pensamentos, rejeitando de forma massiva a proposta contida no F4 do psicoterapeuta.
3. O psicoterapeuta insiste na sua proposta de investigação e acaba por levar o paciente a um nível de estruturação do pensamento mais elaborado, atingindo a classificação de C4 (Atenção dirigida sobre a forma de um pensamento onírico e/ou mito). É curioso verificar que, antes mesmo do paciente responder em C4, o psicoterapeuta baixou o nível da sua intervenção para C3 (notação de uma experiência sobre a forma de um pensamento onírico e/ou mito).
4. O paciente e o psicoterapeuta mantêm-se durante algum tempo ao mesmo nível, com a mesma modalidade de utilização do pensamento. Talvez o paciente e o psicoterapeuta tenham chegado a um qualquer tipo de equilíbrio homeostatico.

5. O "equilíbrio" é rompido com uma queda abrupta da "qualidade" do pensamento do paciente. (C4→A7)
6. Após a queda da "qualidade" do pensamento do paciente o psicoterapeuta sofre também uma queda na qualidade do seu pensamento. Contudo, a queda da qualidade do pensamento do psicoterapeuta não é tão intensa como a do paciente, já que não desce ao nível dos proto-pensamentos. (C4→C2)
7. Paciente e psicoterapeuta encontram um novo equilíbrio, mas agora num nível profundamente resistencial, num movimento anti-investigação, que permite manter ambas as mentes afastadas da verdade e da realidade.
8. Este novo equilíbrio é rompido, desta vez pelo psicoterapeuta, que eleva a qualidade da sua intervenção para níveis maturativos e que visam a investigação, através da *Indagação*. (C2→C5). A manutenção desta postura parece ser penosa para o psicoterapeuta, que mesmo antes da intervenção do paciente, deixa cair a qualidade do seu enunciado novamente para C2. Nesta altura, observa-se uma tentativa falhada (abortada) para elevar a qualidade da sessão.
9. O paciente esboça, também, uma intenção de recuperação, mas acaba por ficar maioritariamente preso a um pensamento primitivo. É curioso, verificar que num único enunciado o paciente utiliza diversos níveis de pensamento, indo do A ao F, passando pelo C. Talvez se possa pensar que o paciente hesita e oscila na sua construção defensiva, como que se sentisse ameaçado pela recuperação prévia do psicoterapeuta.
10. O psicoterapeuta eleva a sua intervenção para um "estável" C4.
11. O paciente persiste num pensamento anti-pensamento, apesar de elevar a qualidade para um "estável" C2.
12. O psicoterapeuta insiste na tentativa de atingir e se manter em K. (C5)
13. O paciente acompanha o movimento e responde também em C5. O equilíbrio volta a estabelecer-se.
14. O psicoterapeuta "puxa" a qualidade do pensamento para F (conceitos) e o paciente acompanha. Persiste o equilíbrio, mas num nível superior.
15. O paciente quebra o equilíbrio e refugia-se num pensamento do tipo pensamento onírico/mítico com carácter resistêncial. Talvez o equilíbrio encontrado se

encontrasse a um nível demasiado elevado para ser tolerado pelo paciente durante muito tempo.

16. O psicoterapeuta cai abruptamente, e pela 1ª vez assistimos a uma descida ao nível proto-mental. Talvez a queda tenha sido proporcional à altura que a dupla atingiu.
17. Paciente e psicoterapeuta ficam "presos" em pensamentos anti-pensamentos.
18. O psicoterapeuta vai progressivamente elevando o nível das suas intervenções até atingir um novo C5. Este C5 é instável, e antes da intervenção do paciente já caiu para um C2. (F2→C5→C2).
19. O paciente responde a um nível muito primitivo (A7), mas antevê-se uma possibilidade de mudança através da passagem da qualidade do pensamento do elementos-β para conceitos. (A7→ F7).
20. O psicoterapeuta estabiliza a um nível maturativo, e trabalha no sentido de atingir K.
21. O paciente reage com alguma hesitação, iniciando por se colocar a um nível superior (F1) e descendo depois novamente de uma forma abrupta (A2). Parece repetir-se o fenómeno já suspeitado e anteriormente referido como "tanto maior a queda quanto a altura a que se chegou".
22. O psicoterapeuta insiste num nível muito elevado (F1), mas acaba por baixa-lo um pouco. Talvez tenha intuído que manter-se a um nível muito elevado poderia criar um fosso entre ele e o paciente, ou talvez não tenha conseguido resistir à força atractiva que a persistência do paciente ao manter-se em anti-pensamento exerce sobre ele.
23. Ressurge um novo equilíbrio entre paciente e psicoterapeuta, mantendo-se ambas as mentes em C2, numa troca homogenizante
24. O paciente esboça pela 1ª vez uma "intenção" de elevar a qualidade do seu pensamento antes do psicoterapeuta (C2→F2)
25. O psicoterapeuta responde a esta intenção elevando a qualidade da sua intervenção para C3.
26. O paciente responde imediatamente em C3, ficando em sintonia, mas não pára por aí e eleva a qualidade do seu pensamento para o nível dos conceitos (C3→F1→F3).

27. Pela 2ª vez o psicoterapeuta cai de forma muito abrupta e submerge numa actividade muito primitiva. Talvez o psicoterapeuta se tenha "assustado" com a qualidade manifestada pelo pensamento do paciente.
28. O paciente cai, também, para um pensamento anti-pensamento (C2), mas não tão primitivo quanto o manifestado pelo psicoterapeuta na intervenção anterior.
29. O psicoterapeuta recupera e eleva a qualidade do seu pensamento para o nível dos pensamentos oníricos e míticos, e manifesta intenção de registar uma experiência e de lhe prestar atenção.
30. O paciente continua em queda e não reage ao apelo feito pelo psicoterapeuta (F3→C2→A7). A queda abrupta do psicoterapeuta no ponto 27 talvez tenha criado uma "onda de choque" que não foi possível de conter com a recuperação do psicoterapeuta.
31. O psicoterapeuta insiste na elevação da qualidade do seu pensamento (C3→C4→F1→ F3).
32. O paciente eleva brutalmente a qualidade do seu pensamento e equilibra-se com o psicoterapeuta. (A7→F3) Ambas as mentes se mantêm "por um instante" em F3
33. O psicoterapeuta volta a cair de forma muito abrupta e o paciente acompanha a queda. Ambas as mentes se mantêm "por um instante" em B
34. O paciente esboça uma recuperação (B3→C2) e o psicoterapeuta acompanha-o (B2→C2)
35. O paciente volta a cair para o nível proto-mental. (C2→A7) Talvez lhe tenha sido demasiado penoso "arrastar" a mente do psicoterapeuta para níveis mais maturativos.
36. Os psicoterapeuta mantêm a sua recuperação estável e vai elevando progressivamente a qualidade do seu pensamento. (B2→C2→F2→ C3→F4)
37. O paciente persiste num pensamento muito primitivo, mas acaba por esboçar uma ligeira tendência a elevar a qualidade da sua actividade mental. (A7→A7→C2)
38. Em resposta ao F4 do psicoterapeuta o paciente cai para B2 e arrasta consigo o psicoterapeuta, que cai para C2. Talvez se esteja a repetir o fenómeno de tanto maior a queda quanto a altura a que se chegou, ao mesmo tempo que ambas as mentes lutam para atingir um ponto de homeostase.

39. O psicoterapeuta insiste num nível muito elevado (F4) e o paciente persiste a um nível muito primitivo, mas esboça uma tendência para elevar a qualidade do seu pensamento.

Conclusão

Após a análise exaustiva dos diversos indicadores disponibilizados pela aplicação BION podemos concluir que o paciente em causa é, muito provavelmente, psicótico, já que se observa um funcionamento muito intenso da parte psicótica da personalidade. O paciente faz apelo a recursos muito primitivos, nomeadamente a "alucinações e/ou delírios".

Há medida que a sessão decorre o paciente parece ir substituindo o "pensamento-acção" por "pensamento-enunciado falso" e observa-se um aumento progressivo da emergência da parte não-psicótica da personalidade, isto permite-nos pensar que a sessão teve um efeito benéfico sobre o paciente. Os dados por nós trabalhados revelam uma concordância com algumas das conclusões a que chegou a Dr.ª Conceição Boavida. Também nós pensamos que o paciente revela uma enorme intolerância à dor depressiva, conforme é referido no seu trabalho. Passamos a citar:

> "Da análise dos elementos da grade parece-nos evidente uma enorme intolerância do paciente à depressão. É-lhe insuportável aceder à sua verdade. A intolerância à dor mental mantém-no no funcionamento do delírio, que se observa através da articulação de pensamentos falsos." [131]

Podemos ainda concluir que a actividade mental do psicoterapeuta foi razoavelmente pouco estável, observando-se flutuações significativas entre o predomínio da actividade da parte psicótica e da parte não psicótica da personalidade. A análise do gráfico de barras, que exibe em simultâneo e de acordo com a sequência decorrida na sessão, os movimentos elaborados para cada uma das mentes e decorrentes da interacção entre elas, permitiu-nos levar uma série de hipóteses sobre a dinâmica

[131] In Conceição Boavida *Dissertação de mestrado.* Pág. 212. Ver referência bibliográfica [18]

subjacente à interacção. Destas hipóteses destacamos 7 por nos parecerem as mais pertinentes.

Hipóteses levantadas no decorrer da análise do gráfico de séries temporais:

- A manutenção do pensamento a um certo nível de maturidade parece exercer sobre a outra mente uma determinada força atractiva.
- As mentes de ambos os intervenientes parecem "desejar" encontrar e manter um certo equilíbrio homeostático.
- O equilíbrio encontrado é instável e exige esforço para se manter.
- Por vezes, o paciente parece hesitar e oscilar na sua construção defensiva, como que se se sentisse ameaçado pela recuperação prévia do psicoterapeuta e tivesse dificuldade em acompanhá-lo. Por vezes o psicoterapeuta parece baixar um pouco a qualidade do seu pensamento para se aproximar do grau de maturação a que o paciente se encontra. Esta situação leva-nos a pensar que uma diferença muito grande entre a qualidade do pensamento do paciente e do psicoterapeuta parece ser sentida por ambas as mentes como ameaçadora da relação.
- Se um pensamento é elaborado a um nível muito elevado corre o risco de sofrer uma queda abrupta.
- Uma mudança muito rápida e abrupta na qualidade do pensamento talvez produza uma "onda de choque" que se faz sentir para além do momento da queda.
- A dinâmica que se forma quando duas mentes se encontram faz lembrar uma dança cuja a coreografia depende tanto do paciente como do psicoterapeuta.

Exemplo Nº 2

Para o exemplo nº 2 foi trabalhada a sessão que o Professor Doutor Carlos Amaral Dias apresentou no seu livro *Tabela para uma nebulosa - Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Este exemplo ilustrativo tem a particularidade de apenas mostrar e analisar a dinâmica do paciente. As intervenções do analista são referidas apenas muito vagamente e não são cotadas.

Sobre o paciente é dito apenas que tem a idade de 29 anos e que é uma rapariga.

Análise dos dados referentes ao paciente

Um dos primeiros indicadores a ser investigado e analisado é a folha de "Estatísticas". A folha de estatísticas referente à paciente (ver anexo) mostra-nos que 30.0% das intervenções do paciente se situaram em +K e 57.5% em -K. Estes dois valores orientam-nos no sentido de pensar que:

1. Durante um pouco mais de metade da sessão (aproximadamente 58%) a mente da paciente fez apelo a recursos e modos de funcionamento do tipo utilizado pela parte psicótica da mente.
2. A paciente utilizou a parte não-psicótica da mente e os seus recursos apenas em 30% das suas produções.
3. Existiu uma predominância do funcionamento da parte psicótica da personalidade.

Continuando a observar e analisar os resultados disponibilizados pela folha de estatísticas sobre a paciente, podemos verificar que:

a) A paciente utilizou predominantemente o pensamento ao nível das narrativas e estruturas míticas (D = 55%). Uma parte significativa das intervenções da paciente (D2 = 30.00%) foram mitos e estruturas narrativas míticas que visavam impedir e/ou dificultar o contacto com a verdade e a realidade.
b) A paciente utilizou com igual frequência mitos e estruturas narrativas míticas sobre a forma de notação de experiências e pré-concepções, quer sobre uma forma resistêncial, quer na tentativa de fazer notações de experiências.

c) Todos os outros níveis e modalidades de utilização do pensamento são inferiores a 8%, e portanto menos significativas.

Das informações e observações atrás referidas pode concluir-se que a paciente se encontrava sobre o predomínio da área psicótica da mente, mas fazendo recurso a enunciados falsos como forma de evitar o contacto com a realidade e a verdade.

Continuando a observar e a analisar os dados fornecidos pela folha de estatísticas referente à paciente verificamos que:

- Não é possível identificar variações ao longo das intervenções que nos possam orientar no sentido de perceber uma tendência de evolução do pensamento desta paciente.
- Há medida que a sessão decorre a paciente parece manter o mesmo ritmo e a mesma incidência.

De seguida iremos passar à análise do gráfico "Pie", que exibe as proporções em que a paciente utiliza as varias modalidades de usos.

Observando o gráfico rapidamente nos apercebemos que:

1. A coluna nº 2 (Psi - enunciado falso) foi a modalidade de utilização do pensamento mais utilizada pela paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 2 = 52.5%
2. A coluna nº 3 (Notação) foi a 2º modalidade de utilização de pensamento mais utilizada pela paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 3 = 22.5%
3. 47.5% das intervenções da paciente foram utilizadas com intuito de permitir a maturação do pensamento e o contacto com a verdade.

Por último, vamos analisar e observar o gráfico de barras, que permite fazer uma leitura de acordo com os valores ponderados. A leitura do gráfico "evolução do

pensamento" para a paciente permite-nos confirmar as conclusões elaboradas pela análise das estatísticas, e eventualmente inferir outras.

- Preponderância da utilização de mecanismos que revelam um modo de funcionamento da parte psicótica da personalidade
- Apesar da preponderância de mecanismo da parte psicótica da personalidade, não se observam quedas da qualidade do pensamento para níveis muito primitivos, como seja o nível proto-mental. A linha vermelha, indicador da qualidade da actividade mental, mantém-se no quadrante positivo com excepção de um único momento.
- A actividade da parte psicótica da personalidade é frequentemente interrompida por incursões da parte não-psicótica da personalidade. A actividade da parte não-psicótica da personalidade visa permitir o contacto com a verdade e a realidade.
- A paciente evidência (durante esta sessão) uma intolerância à dor mental (dor depressiva), mas é possível reconhecer uma quantidade significativa de momentos em que entra em contacto com a verdade e que empreende movimentos que visam atingir +K, ou seja, movimentos maturativos. Nesses momentos a paciente revela uma capacidade de tolerância à dor mental suficiente.

Descrição detalhada dos movimentos executados pela mente da paciente ao longo da sessão:

- A paciente inicia a sessão explicitando uma pré-concepção mentirosa, seguida de uma notação de experiência. Cai imediatamente a seguir, na modalidade de pensamento mais primitiva, que posteriormente utiliza durante toda a sessão. A paciente passa de E3 para B2. Esta invasão do sensorial ao nível de um enunciado falso é difícil de compreender, até porque se constitui como um momento único. Se existisse o registo de mais sessões desta paciente talvez fosse possível especular sobre a importância deste B2 na dinâmica da paciente.
- A paciente inicia uma sequência que a conduz a K, posicionando-se ao nível dos mitos (D1→D3→D4).

- A paciente mantém uma sequência que visa atingir K, mas detêm-se novamente antes de iniciar a indagação (C3→C4).
- A paciente salta de C (pensamentos oniricos) para E (pré-concepções). Em E enuncia uma hipótese definitória, mas mostra-se incapaz de elaborar qualquer espécie de movimento no sentido de transformar essa hipótese em objecto de investigação.
- O pensamento da paciente salta para formulações em termos de enunciados falsos, e observa-se uma tentativa de sustentar essa enunciação anti-pensamento em diversos níveis (E2→F2→D2).
- Regressa a um modo de funcionamento +K, com a notação de uma experiência ao nível das pré-concepções.
- Mantém um funcionamento que visa atingir K, mas novamente se observa que são pseudo-explorações porque nunca chega a atingir a indagação. A sequência que deveria levar à indagação aborta antes de estar concluída. (E3→E1→D3→D4). Ensaia diferentes níveis de expressão, mas evita a indagação que lhe permitiria uma verdadeira aproximação da verdade.
- Volta a cair em enunciações falsas e resistenciais. Mais uma vez se observa uma flutuação do nível a que a enunciação é conseguida (D2→F2).
- Recupera, mantendo-se ao nível da hipótese definitória. Também aqui se observa uma flutuação do nível a que a enunciação é fornecida (D1→F1).
- A partir deste ponto a mente da paciente parece tornar-se mais resistente, refugiando-se de uma forma mais intensa no enunciado falso, variando constantemente o nível a que essa expressão é conseguida. Quando se encontra em modalidades de funcionamento maturativas fá-lo apenas ao nível da notação da experiência, mostrando-se totalmente incapaz de organizar um percurso verdadeiramente maturativo.
- Nas últimas intervenções é visível a oscilação entre a notação de uma experiência e a construção de enunciados falsos ao nível das pré-concepções, das concepções e dos conceitos.

Conclusão

Após a análise exaustiva dos diversos indicadores disponibilizados pela aplicação BION, as nossas conclusões são concordantes com as do Professor Amaral Dias na obra anteriormente referida. Levantamos, ainda, algumas outras hipóteses que não foram aí trabalhadas.

> "A paciente tem uma estrutura mítica ligada sobretudo a concepções e expectativas mentirosas, embora com incursões na área K.
> Portanto a relação mentirosa está muito presa à realidade. Tem mais tolerância às frustrações do que um doente psicótico «senso strictu», mas é muito mais exigente com os objectos, manifestando-o pela acção.
> Podemos dizer que a paciente tem um discurso que é essencialmente ∑(2) (D.E.F)↔(3) ↔(7).
> Esta é a tendência da mente da paciente. Elementos míticos articulados com expectativas e concepções. Logo a expectativa encontra um objecto que é colocado num nível mentiroso e articulado com uma relação mentirosa com o próprio passado, ainda que às vezes se teça uma experiência notativa.
> Mas a relação do presente é muito dominante nesta paciente. A ilusão sobre a relação de objecto articula-se com uma visão mentirosa do passado.
> O objecto tem de a «curar» e, como o objecto não a cura, articula-se no ciclo vicioso que vai da acção (esta mulher tem tido acções na vida muito complicadas) à retaliação."[132]

A análise da sessão não aponta no sentido de a paciente ter uma constituição psíquica psicótica, num sentido rigoroso, já que praticamente não se expressa em termos de proto-pensamentos e faz razoavelmente pouco uso da identificação projectiva patológica. A paciente não é a nosso ver, uma paciente psicótica, ou se o é encontra-se neste momento pouco manifesto.

A paciente parece ser capaz de dar os primeiros passos no sentido de se envolver numa actividade exploratória e indagatória, mas é incapaz de levar essa actividade até ao fim. A tolerância à dor depressiva parece ser suficiente para ser possível organizar hipóteses definitórias, notações da experiência e até mesmo prestar atenção a essa

[132] In Amaral Dias, Carlos. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 75. Ver referência bibliográfica [3]

experiência, mas mostra-se insuficiente para fazer face às angústias que emergem ao nível da indagação e da decisão. Estas duas categorias são totalmente "ignoradas" pela paciente, que restringe o seu pensamento a todas as outras. Uma qualquer ideia tende a ser abortada antes de ser sujeita a investigação e a dar frutos (decisões).

Curiosamente, observa-se que a paciente mostra uma grande flexibilidade em termos do grau de maturação a que o pensamento é expresso, sendo capaz de elaborar pensamentos em praticamente todas as linhas da tabela. Pensamos que talvez exista alguma relação entre as constantes flutuações do nível a que o pensamento é elaborado e a dificuldade em "suportar/tolerar" a indagação e a decisão. Pensamos que as flutuações constantes podem permitir mitigar o sofrimento, já que a paciente foge para um nível superior e deixa de se sentir pressionada a "enfrentar" o processo indagatório.

Exemplo Nº 3

Para o exemplo nº 3 foi trabalhada a sessão apresentada pela Dr.ª Manuela Hartley num seminário de supervisão com o Professor Carlos Amaral Dias. Conforme foi referido anteriormente, foram introduzidos no programa BION os enunciados e as classificações, exactamente como foram apresentados e cotadas no já referido seminário de supervisão.

Análise dos dados referentes ao paciente

Um dos primeiros indicadores a ser investigado e analisado é a folha de "Estatísticas". A folha de estatísticas referente ao paciente (ver anexo) mostra-nos que 46.15% das intervenções do paciente se situaram em +K e 53.85% em -K. Estes dois valores orientam-nos no sentido de pensar que:

1. Durante um pouco mais de metade da sessão (aproximadamente 54%) a mente do paciente fez apelo a recursos e modos de funcionamento do tipo utilizado pela parte psicótica da mente.
2. O paciente utilizou a parte não-psicótica da mente e os seus recursos em aproximadamente 46% das suas produções.
3. Existiu uma ligeira supremacia do funcionamento da parte psicótica da personalidade.

Continuando a observar e analisar os resultados disponibilizados pela folha de estatísticas referente ao paciente podemos verificar que:

a) O paciente utilizou predominantemente o pensamento ao nível das narrativas e estruturas míticas (D = 54%). Uma parte significativa das intervenções do paciente (D2 = 23.08%) foram mitos e estruturas narrativas míticas que visavam impedir e/ou dificultar o contacto com a verdade e a realidade.
b) A segunda forma de pensamento mais utilizada pelo paciente foi o pensamento onirico. Quando os enunciados se constituíam neste nível, o paciente utilizou com igual frequência a elaboração de enunciados falsos e a notação de experiências.

Das informações e observações atrás referidas pode concluir-se que o paciente se encontrava sob o predomínio da área psicótica da mente, mas fazendo recurso fundamentalmente a enunciados falsos como forma de evitar o contacto com a realidade e a verdade. Evidenciou uma actividade bastante intensa da parte não-psicótica, sendo manifesto um esforço marcado para não se deixar sucumbir pela pressão da parte psicótica.

Continuando a observar e a analisar os dados fornecidos pela folha de estatísticas referente ao paciente verificamos que:

- No inicio da sessão encontramos a maior concentração de enunciados classificados como acções, ou seja, como formas de evitar o contacto com a verdade e a realidade através da "expulsão" de pensamentos não toleráveis.
- Há medida que a sessão decorre, o paciente parece ir substituindo o "pensamento-acção" por "pensamento-enunciado falso", e revela condições psíquicas para a formação de indagações.

De seguida iremos passar à análise do gráfico "Pie", que exibe as proporções em que o paciente utiliza as várias modalidades de usos.

Observando o gráfico rapidamente nos apercebemos que:

1. A coluna nº 2 (Psi - enunciado falso), foi a modalidade de utilização do pensamento mais utilizada pelo paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 2 = 38.5%
2. A coluna nº 3 (Notação) foi a 2ª modalidade de utilização de pensamento mais utilizada pelo paciente ao longo de toda a sessão. Coluna nº 3 = 30.8%
3. A coluna nº 7 (Acção) e a coluna 5 (Indagação) foram em igual frequência a 3ª modalidade de utilização de pensamento ao longo da sessão. Coluna nº 7 e coluna nº 5 = 15.4%

Por último, vamos analisar e observar o gráfico de barras, que permite fazer uma leitura de acordo com os valores ponderados. A leitura do gráfico "evolução do pensamento" para o paciente permite-nos confirmar as conclusões elaboradas pela análise das estatísticas, e inferir outras que se mantinham até aqui insuspeitadas.

- Existe um aparente equilíbrio entre a utilização de mecanismos que revelam um modo de funcionamento da parte psicótica da personalidade e de mecanismos que revelam o funcionamento da parte não-psicótica da personalidade.
- A actividade da parte psicótica da personalidade é frequentemente interrompida por incursões da parte não-psicótica da personalidade.

- A globalidade da actividade mental do paciente centra-se fundamentalmente em dois níveis de maturação do pensamento: ao nível dos pensamentos oníricos e das construções míticas.
- O paciente estrutura, pontualmente, a sua actividade mental ao nível das concepções.
- Há medida que a sessão decorre observa-se um abandono progressivo do uso *acção* e assiste-se à manutenção do uso *enunciado-falso*.

Análise dos dados referentes ao psicoterapeuta

Um dos primeiros indicadores a ser investigado e analisado é a folha de "Estatísticas". A folha de estatísticas referente ao psicoterapeuta (ver anexo) mostra-nos que 88% das intervenções do psicoterapeuta se situaram em +K e 0% em -K. Estes dois valores orientam-nos no sentido de pensar que:

1. O psicoterapeuta manteve a sua actividade mental e as suas interpretações sempre dentro da esfera da parte não-psicótica da personalidade.
2. O psicoterapeuta utilizou o uso "*hipótese definitória*" [aproximadamente 12.5%] e esta modalidade não contribui para a determinação de +K nem de -K.
3. A actividade mental do psicoterapeuta foi bastante estável, observando-se uma persistente utilização da atenção e da indagação.
4. A globalidade das intervenções do psicoterapeuta centraram-se fundamentalmente em dois níveis de maturação do pensamento: o nível dos pensamentos oníricos e o das construções míticas.

De seguida iremos passar à análise do gráfico "Pie", que exibe as proporções em que o psicoterapeuta utiliza as várias modalidades de usos.

Observando o gráfico rapidamente nos apercebemos que:

1. A analista utilizou, no decorrer da sessão fundamentalmente a *atenção*. Coluna nº4 = 75%
2. Utilizou também a hipótese definitória e a indagação, ambas numa percentagem de 12.5%.

Por último, vamos analisar e observar o gráfico de barras, que permite fazer uma leitura de acordo com os valores ponderados. A leitura do gráfico "evolução do pensamento" para o psicoterapeuta permite-nos confirmar as conclusões elaboradas pela análise das estatísticas.

- O pensamento do analista manteve-se sempre muito estável e focalizado na categoria mítica.
- Observaram-se apenas ligeiras variações, nomeadamente um enunciado classificado ao nível das concepções e um outro formulado ao nível dos pensamentos oníricos.
- Não se identificou qualquer actividade da parte psicótica da personalidade.
- A analista evidenciou (durante esta sessão) uma excelente capacidade de tolerância à dor mental (dor depressiva), porque nunca lhe acontece "descer" ao nível dos proto-pensamentos, nem recorrer à utilização da coluna 2 ou 7. [A linha vermelha (indicador do grau de maturação do pensamento) e as barras azuis mantiveram-se no quadrante positivo durante toda a sessão.]

Análise dos dados conjuntos psicoterapeuta/paciente

Na análise dos dados conjuntos é fundamental a análise do gráfico de barras, que exibe em simultâneo, e de acordo com a sequência decorrida na sessão, os movimentos elaborados por cada uma das mentes e decorrentes da interacção entre elas.

A análise do gráfico de barras (evolução do pensamento) com os valores ponderados para ambos os intervenientes na sessão permite-nos dizer que:

1. O paciente iniciou a sessão colocando-se ao nível dos pensamentos oniricos, utilizando a sua formulação com o intuito de evitar o contacto com a dor depressiva.
2. Ainda na mesma intervenção o paciente eleva a qualidade do seu pensamento para notação de uma experiência, mas imediatamente a seguir refugia-se em novo enunciado falso e acção, mas num nível ligeiramente mais evoluído (C2→C7)→D3→(D2→D7)
3. A analista faz a sua 1ª intervenção em D4, ou seja, ao nível das narrativas míticas, e desta forma define o nível a que se vai situar ao longo de toda a sessão.
4. O paciente eleva a qualidade do seu pensamento e coloca-se novamente ao nível dos pensamentos oníricos, mas desta vez elaborando a notação de uma experiência.
5. A analista insiste, fazendo uma intervenção igual à sua primeira. Coloca-se novamente ao nível das estruturas míticas, e evidencía a intenção de levar a mente do paciente e a sua a prestar atenção sobre um qualquer fenómeno. (D4→D4)
6. O paciente acompanha a analista e eleva o seu pensamento para a categoria mítica, ficando ao mesmo nível que ela. Este acompanhar da analista é pouco estável e, antes mesmo de terminar a sua intervenção, a qualidade do seu pensamento cai para formação de enunciado-falso. As hesitações e a dificuldade em manter o pensamento estável num nível elevado e que vise a maturação da personalidade é provavelmente revelador de psicopatologia.
7. A analista faz uma intervenção razoavelmente complexa, estabelecendo uma hipótese definitória e depois centrando aí a sua atenção. (D1→D4→F4→D4)
8. O paciente recupera a qualidade do seu pensamento para o nível dos pensamentos oniricos e faz notação de uma experiência. Parece sentir

novamente dificuldade em manter-se a este nível, e cai na formação de enunciados falsos. As tentativas para elevar a qualidade do seu pensamento parecem ser penosas, e a progressão aborta.

9. A analista desce pela 1ª vez a qualidade da sua intervenção e coloca-se ao nível dos pensamentos oniricos ao mesmo tempo que enuncia a 1ª indagação.
10. O movimento anteriormente descrito parece ter um efeito muito positivo na mente do paciente, que responde também ao nível da indagação, mas com hesitações eventualmente denunciadas pela oscilação da qualidade do pensamento (F5→C5). O paciente acaba por voltar a cair na formação de enunciados falsos.
11. A analista fecha a sessão com a mesma postura mental com que a abriu, um D4.

Conclusão

Após a análise exaustiva dos diversos indicadores disponibilizados pela aplicação BION podemos concluir que o paciente em causa é, muito provavelmente, neurótico, já que não se observa um funcionamento muito intenso da parte psicótica da personalidade. O paciente faz apelo a recursos razoavelmente sofisticados, como sejam os pensamentos oniricos e as estruturas míticas.

O paciente parece ter a sua actividade mental espartilhada num leque muito estreito de modalidades de pensamento. Utiliza de uma forma muito persistente as mesmas modalidades de pensamento. Parece ter muita dificuldade em realizar a sequência **N**otação→**A**tenção→**I**ndagação→**D**ecisão, acabando por fazer apenas a notação da experiência e sucumbir sobre a pressão da intolerância à dor depressiva que o "puxa" para o enunciado falso.

A analista revela um trabalho de qualidade superior, atestado pela percentagem elevadíssima de +K e pela ausência de qualquer movimento -K. A forma como

persiste em manter o seu pensamento nos níveis pensamentos oniricos e mitos revela uma grande disciplina mental, assim como um adequado manuseamento das técnicas psicoterapêuticas, nunca se deixando arrastar pela pressão exercida pela mente do paciente.

Conclusões

Após a análise detalhada destes 3 exemplos pensamos ter deixado claro que a aplicação BION pode facilitar o trabalho do psicoterapeuta e do investigador, permitindo manusear a informação com maior rapidez e abrir a mente do utilizador como um abre-latas (analogia utilizada por Bion).

Os casos apresentados nos exemplos já tinham sido previamente cotados, pelo que as questões relacionadas com a cotação e classificação foram escamoteadas. Esta situação foi intencional, porque pretendíamos discutir a possível utilidade de um programa como o que foi por nós desenvolvido, e não argumentar sobre as classificações propriamente ditas. Pensamos, contudo, que este assunto tem uma enorme pertinência, já que a cotação é a base sobre a qual tudo o resto é trabalhado. Se existirem incorrecções a este nível, tudo o resto estará necessariamente incorrecto.

Partimos do principio de que as cotações de todos os exemplos estavam correctas, e quisemos demonstrar que trabalhando esses dados com a ajuda do programa BION se poderá ir mais longe, levantando novas hipóteses. Os casos apresentados são bastante diferentes entre si: o primeiro caso trata-se claramente de um paciente psicótico, enquanto que no 2º e no 3º isso já não é tão evidente. Pensamos inclusivamente que o paciente do 3º exemplo é um paciente neurótico.

A nosso ver o 1º exemplo é o mais rico em termos de inferências possíveis. Pensamos que talvez isso se deva ao facto de existirem muitas intervenções, quer do paciente, quer do psicoterapeuta, e ao facto de a patologia ser muito marcada. Como o nosso objectivo não era o estudo de caso, optamos por não desenvolver a análise dos exemplos até à sua exaustão. Para todos os exemplos teria sido interessante correlacionar o conteúdo das sessões com os movimentos identificados. Pensamos que realizar esse tipo de análise iria tornar bastante mais complexa a nossa exposição, e correríamos o risco de passar para segundo plano o que pretendemos que fique em

primeiro plano: mostrar que o manuseamento e a interpretação de dados aparentemente excessivamente abstractos, como a nomenclatura utilizada por Bion na Tabela, pode ser extremamente útil, até mesmo insubstituível.

Pensamos que o nosso objectivo foi amplamente conseguido, já que nos foi possível elaborar uma série de hipóteses sobre a dinâmica observada nas diversas sessões, realizadas por diferentes psicoterapeutas e com diferentes pacientes. As nossas hipóteses são, contudo, meras hipóteses. Queremos com isto dizer que devem ser sujeitas a verificação criteriosa, e totalmente postas de parte caso não se verifique fazerem sentido em outros contextos. Se trabalhos posteriores invalidarem a pertinência das nossas hipóteses, ainda assim, o programa BION não perde a sua pertinência nem o seu interesse, porque pretendemos apenas que ele se constitua como um instrumento de trabalho e de investigação.

Da análise dos 3 exemplos apresentados anteriormente levantamos as seguintes hipóteses sobre a dinâmica que se estabelece entre o paciente e o psicoterapeuta.

(a) A manutenção do pensamento a um certo nível de maturidade parece exercer sobre a outra mente uma determinada força atractiva.
(b) As mentes de ambos os intervenientes parecem "desejar" encontrar e manter um certo equilíbrio homeostático.
(c) O equilíbrio encontrado é instável e exige esforço para se manter.
(d) Por vezes, o paciente parece hesitar e oscilar na sua construção defensiva, como que se sentisse ameaçado pela recuperação prévia do psicoterapeuta e tivesse dificuldade em acompanhá-lo. Por vezes, o psicoterapeuta parece baixar um pouco a qualidade do seu pensamento para se aproximar do grau de maturação em que o paciente se encontra. Esta situação leva-nos a pensar que uma diferença muito grande entre a qualidade do pensamento do paciente e do psicoterapeuta é sentida por ambas as mentes como ameaçadora da relação.
(e) Se um pensamento é elaborado a um nível muito elevado corre o risco de sofrer uma queda abrupta.

(f) Uma mudança muito rápida e abrupta na qualidade do pensamento talvez produza uma "onda de choque" que se faz sentir para além do momento da mudança.

(g) A dinâmica que se forma quando duas mentes se encontram faz lembrar uma dança cuja coreografia depende tanto do paciente como do psicoterapeuta.

11- Comentário final e perspectivas futuras

O corpo teórico desenvolvido por Bion ao longo de toda a sua obra é extremamente rico. Os seus textos têm a particularidade de não se esgotarem e de continuarem a ser profundamente estimulantes. Bion tem inspirado muitos autores que produziram também obras de qualidade inegável. As propostas teóricas, os conceitos desenvolvidos e os conselhos oferecidos têm vindo a desenvolver-se, a ramificar e a introduzir uma nova maneira de ver e pensar a psicanálise.

É-nos difícil identificar dentro de toda a sua obra uma ou duas contribuições como sendo as mais profícuas, já que os conceitos e as teorias principais se cruzam num complexo jogo de inter-relações. Pensamos, contudo, que Bion deixou algumas áreas menos exploradas e que mereceriam o empenho de uma investigação dedicada. Entre nós o Professor Doutor Carlos Amaral Dias tem sido pioneiro na arte de expandir, explorar e sedimentar as áreas mais obscuras. As suas contribuições para a compreensão mais aprofundada da teoria dos vínculos, da identificação projectiva e as suas preocupações epistemológicas evidenciam a importância do seu trabalho. Não menos importante tem sido o seu empenho na divulgação da obra de Bion, e mais especificamente na divulgação da Tabela, como ferramenta que todo o clínico e investigador deve dominar. As suas contribuições para o aperfeiçoamento da tabela são inestimáveis. A Tabela proposta por Amaral Dias é, na nossa opinião, melhor que a original de Bion, porque a amplia e aprofunda, sem desvirtuar, as suas intenções. Podemos ver o que o próprio Amaral Dias escreveu sobre as modificações que introduziu na Tabela original de Bion;

> "Penso que esta modificação da Tabela de Bion tem uma vantagem: primeiro separa duas coisas que são importantíssimas. O sonho e os mitos. Os elementos mítico-oníricos misturados, penso que não nos permitem discriminar o que é uma estrutura narrativa pessoal e a maneira como a pessoa se refere a ela própria, daquilo que são os elementos oníricos propriamente ditos.

> Aliás a experiência psicanalítica mostra que são dois momentos diferentes o pensar o que se passa dentro de uma psicanálise, seja por parte do psicanalista seja por parte do analisando.
> E penso que a introdução da categoria 6 versus a categoria 7 me parece também profundamente útil. Sermos capazes de perceber, o que, no meu ponto de vista, faltava na Tabela de Bion, que era esta coisa de saber o que acontece a pensamentos pensados. Eles têm de dar lugar a algum acontecimento.
> Sem decisões não há acontecimentos.
> Esta Tabela tanto pode ser aplicada pelo psicanalista como pelo analisando. Não importa quem a está a utilizar.
> A Tabela descreve estudos." [133]

De facto, as modificações introduzidas por Amaral Dias sobre a Tabela original de Bion mostraram-se bastante úteis e lançam a mente do analista para áreas inexploradas. Pensamos, ainda, que para além deste inestimável contributo o Professor Amaral Dias fez um outro de igual importância. Este segundo contributo passa talvez mais despercebido para um leitor menos atento, mas a nosso ver não fica aquém do primeiro. Referimo-nos aos contributos do Professor Amaral Dias com o intuito de propor uma nova leitura da Tabela. A Tabela revista e modificada por Amaral Dias já não é uma tabela de leitura simples e linear. Deixa de fazer sentido pensar que o pensamento evolui progressivamente do mais primitivo para o mais evoluído, passa a ser necessário "desdobrar" a Tabela e eventualmente redimensioná-la. Talvez no fim do processo a Tabela deixe de ser uma tabela. Quem o poderá dizer?!

A sua proposta para a ampliação da coluna nº 2 e nº 7, eventualmente, com um grau de extensão tão grande que seja necessário elaborar uma Tabela só para dar conta desses fenómenos, parece-nos fundamental. Esta proposta está, aliás, de acordo com o pensamento do próprio Bion, que se deu conta de muitas das insuficiências que este instrumento apresentava.

> "… Continuando, a categoria 2 a que se chama categoria ψ é a categoria dos «enunciados falsos». Claro que Bion distingue entre muitas formas de enunciados falsos e sugeriu até uma

[133] In Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 18/19. Ver referência bibliográfica [3]

> Tabela possível a partir de ψ, ou emergindo de ψ. Para se distinguirem todos os níveis que o Bion considerou de enunciados falsos (a mentira da verdade, o facto mentiroso do facto seleccionado, o enunciado falso da mentira e até a pseudo-verdade, que se constrói como uma relação que se destina a ocultar a relação com a própria verdade) é necessária uma investigação rigorosa. Em primeiro lugar um levantamento de todos os conceitos de mentira na obra de Bion e depois a tentativa de transformação desta Tabela no uso horizontal de vários «momentos» das mentiras, de vários «tipos» de mentira. "[134]

E mais à frente

> "Poder-se-à vir a pensar numa Tabela em que em cima coloquemos os enunciados anteriores (referindo-se a diferentes tipos de mentiras) e os cruzemos com as diferentes valências, para observação do fenómeno psíquico.
>
> Bion aliás sugeriu que era possível fazer uma Tabela a partir do enunciado falso.
>
> Penso, também, que é necessário vir a construir uma Tabela para os enunciados falsos, bem como uma Tabela para as categorias das acções. As categorias -K merecem uma Tabela porque é lá que encontramos muitas das nossas dificuldades."

Pensamos que a aplicação concebida por nós - Programa BION - poderá vir a ser corrigida e adaptada para abranger estas "novas tabelas" que ficam inclusas dentro da Tabela-base. Imaginamos que ao se pressionar uma das várias casas da coluna 2 ou 7 possa surgir ao utilizador um outro conjunto de opções que funcionem como subclasses dentro daquela classe. Por exemplo, ao C2 poderia estar agregada uma outra nomenclatura do tipo C2a / C2b / C2c, etc. que permitiria descriminar com alguma subtileza os diferentes tipos de enunciados falsos. Em termos da análise dos dados, este sistema poderia permitir diferentes análises com diferentes graus de profundidade.

A Tabela, conforme foi concebida por Bion, pretendia ser um instrumento que aumentasse o grau de cientificidade do trabalho/investigação analítica e exibisse, de forma intensamente compacta e altamente abstracta, as suas teorias principais sobre o funcionamento da mente humana e da psicopatologia. Desta forma, Bion pretendia que a Tabela pudesse descrever e conter uma vasta gama de fenómenos. Nunca as

---

[134] In Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 16. Ver referência bibliográfica [3]

nuances entre o normal e o patológico foram tão subtilmente expressas como com o que acontece com o modelo da tabela; os exemplos trabalhados por nós nesta dissertação evidenciam claramente que os mecanismos utilizados pelos pacientes não são assim tão diferentes dos utilizados pelo psicoterapeuta. A diferença entre o normal e o patológico encontra-se a um outro nível.

A Tabela, assim como todas as suas teorias surgem da prática clínica, surgiu da pressão que a realidade (os fenómenos) fizeram no sentido de se tornarem visíveis. Em 1977 Bion numa das reuniões de Nova York ao ser questionado sobre o facto de falar tão pouco sobre a Tabela responde que para ele, a Tabela tinha perdido uma grande parte do interesse já que tinha acabado por verificar que ela não conseguia abarcar a realidade do que se passa em análise.

> " O.: Usted no ha hablado sobre la Tabla.
>
> B.: Tan pronto como me aparté de la Tabla, advertí hasta qué punto es inapropiada. ["He put in his thumb and pulled out a plum, and said 'What a good boy I am!" [Puso el dedo y sacó una ciruela, y dijo !Que bueno soy!] Pero la satisfacción no dura mucho. A modo de modelo pictórico, sugeriria que es como el niño que se chupa el dedo, lo saca para examinarlo con admiración pero al cabo de un tiempo se siente descontento. Lo que yo experimento es ese "tema con variaciones".]
>
> P.: No es operativa?
>
> B.: [A *cada uno* le corresponde decidir si le resulta útil. Si no lo es, no vale la pena perder el tiempo con ella. Lo mismo digo de cualquier futura Tabla que yo pueda formular.]
>
> P.: Es duro de aceptar?
>
> B.: No para mí; es sólo una pérdia de tiempo porque no corresponde en verdad a los hechos que es posible que encuentre. "[135]

Concordamos com esta postura de Bion, ou seja, concordamos com a ideia de que quando um modelo deixa de ser útil deve ser abandonado; no entanto pensamos que a Tabela não deve ser abandonada até ter sido totalmente explorada, ou até aparecer um substituto que se mostre mais útil e eficaz. Reconhecemos, como Bion, que a Tabela talvez não consigo abranger toda a gama de fenómenos contidos pela psicanálise, mas,

---

[135] In *La Tabla y la Cesura - Bion en Nueva York y San Pablo.* Pág. 153/4. Ver referência bibliográfica [16]

contrariamente a Bion, pensamos que isso não faz com que a Tabela seja uma perda de tempo, antes pelo contrário, pensamos que se for devidamente enquadrada poderá vir a constituir-se como um dos mais úteis instrumentos de investigação em psicanálise, devendo ela própria ser continuamente alvo de investigação.

Bion elabora uma grande parte das suas teorias e cria a Tabela para dar conta de fenómenos que ele vai progressivamente descobrindo (desde os tempos de experiências com grupos) e para os quais não existia suporte teórico ou qualquer tipo de compreensão. Estes fenómenos situam-se a um nível inconsciente. Ainda, em 1977, nas conferências em Nova York, Bion diz o seguinte sobre esta questão:

> "Deseo llamar la atención sobre la existencia de lo que parecen ser ideas y emociones primordiales que nunca fueron conscientes. Difíeren de las ideas que en algún momento fueron conscientes y que después fueron reprimidas o transformadas en algo que es inconsciente. Este domínio que a menudo consideramos en cierto irracional es en realidad racional, si lo contemplamos desde otro vértice. Si tenemos una experiencia sobre la que nada podemos hacer, la olvidamos; es una evidente cuestión de sentido común. Si tenemos un dolor de muelas y no hay nadie para tratarlo, olvidémoslo. Si tenemos un dolor mental, olvidémoslo. Sin embargo, el psicoanálisis parece indicar que esto no basta, porque cuando esta cosa ha sido olvidada - a mi juicio acertadamete - continúa llevando una existencia independiente y da lugar a síntomas y signos de su actividad aunque no seamos conscientes de ella, aunque la hayamos "olvidado". Se puede decir lo mismo de algo que nunca fue consciente?"

A Tabela descreve o que acontece a estes pensamentos que não são pensados e são aparentemente esquecidos, assim como descreve o que acontece aos pensamentos que são pensados e dessa forma ficam não-esquecidos como elementos da memória e do desejo. Um pouco mais atrás, no mesmo texto, podemos ler:

> "Freud dio significado a palabras como "consciente" e "inconsciente", subrayando el hecho de que existe un estado mental diferente de lo que comúnmente llamanos "consciente". No estoy seguro de que haya hecho una neta distinción entre el uso adjetival del término -modalidades de pensamiento inconscientes, modos de proceder inconscientes- y *el* inconsciente, si es que tal cosa existe. Estos conceptos, estas teorias, concuerdan con lo que la mayoría de nosotros reconece vagamente, en parte porque todos creemos conocer las palabras; pero conocemos palabras prostituidas, un lenguaje vago.

> No creo que esta idea *del* inconsciente, ni siquera la de pensamientos o ideas inconscientes, sean suficientemente abarcativas. Es sorprendente lo lejos que llegó Freud con estas teorías y hasta qué punto hizo redundante su propio trabajo. Reveló nuevas áreas de experiencia que no pueden ser tratadas del modo en que intentamos tratar las neurosis y aquellos fenómenos en los que es aplicable la idea del inconsciente y de pensamientos inconscientes, es decir las formas nominal y adjetival del término."

Bion revela, sem grandes ambiguidades, que pensamentos inconscientes e inconsciente não são a mesma coisa, e portanto não podem ser tratados da mesma forma. A sua abordagem profundamente dinâmica, como foi possível demonstrar ao longo desta dissertação, fá-lo derrubar a noção de inconsciente enquanto "lugar onde são depositados e/ou existem pensamentos inconscientes" e reforçar a ideia de inconsciente como "o estado em que se encontram os pensamentos". O consciente e o inconsciente são assim definidos como característica de um pensamento; nesta medida o consciente e o inconsciente são criados e definidos em cada momento. Deixa, pois de fazer sentido falar em termos de inconsciente e consciente.

A Tabela não dá importância ao facto de um pensamento se encontrar inconsciente ou consciente, mas à intenção com que esse pensamento surge ou é manifestado, e ao grau de sofisticação (maturidade) que o pensamento atingiu. O conteúdo é também relegado para segundo plano, sendo o seu interesse reduzido ao facto de poder exibir os dois parâmetros anteriormente referidos. As duas grandes questões que a Tabela coloca sobre qualquer enunciado são:

- Qual é o propósito desta elaboração, deste pensamento, desta emoção, desta ideia, desta frase, deste gesto, etc.?
- Qual é o grau de maturidade que exibe?

É através de uma compreensão dinâmica (psicanalítica) do conteúdo que muitas das vezes nos é possível encontrar uma resposta. O sentido de uma frase, emoção, gesto, som, … depende necessariamente do vertex com que o olhamos e interpretamos. Para classificar um enunciado é necessário interpretá-lo, não é possível fugir disto, apenas ter o facto em consideração e arranjar estratégias que nos permitam lidar com ele.

Este ponto é sentido por nós como extremamente importante. O analista e o psicólogo não podem esquecer-se que são Homens, e como tal não podem esquecer-se que eles próprios têm um limiar de tolerância à verdade. Nas condições ideais, um analista (por força de ele próprio ter sido analisado) tem um limiar de tolerância à verdade muito superior ao do não-analista, mas apesar da "fasquia" estar mais a cima, ela continua lá. Ao interpretar o enunciado para lhe atribuir uma qualquer classificação, o analista corre o sério risco de fazer uso da sua "omnipotência" e enveredar pela esfera do dogmatismo e do fanatismo.[136] Nenhum analista ou psicólogo está a salvo desta situação, por melhor profissional que seja. A postura intelectual que o analista deve manter em sessão é denunciada de forma muito clara e inequívoca por Bion - sem desejo, sem memória e sem compreensão — mas o que dizer sobre a postura mental a ter quando se utiliza a Tabela, ou outro qualquer instrumento dela derivado?

Pensamos que a resposta a esta questão poderá passar por nunca esquecer a necessidade de fazer várias experiências e testá-las no confronto com a realidade. Fazer várias experiências, levantar muitas hipóteses, utilizar muitos e diferentes vertex, nunca parar de fazer uso da imaginação especulativa.

> "Me amparo en la idea de la Tabla en este sentido: se puede considerar que las cosas llamadas materiales son ajenas a nuestra jurisdicción porque son hechos de constitución fisica. Pero -y aqui entro en terrenos que sin duda darán lugar a controversia, y con razón- quisiera suponer que, además de esos teoricamente supuestos e imaginarios elementos alfa y elementos beta, también el pensamiento entre en una fase que yo llamaria *primordial*. Podría decir que el pensamiento primordial también se revela aquí -estoy hablando de *nosotros*- pero en este caso lo llamaría imaginación especulativa. Este tipo de pensamiento no tiene nada que ver con la "evidencia"; es especulación. Trato de estimular a la gente a que dé paso a su imaginación especulativa; hay mucho que decir en su favor antes de que se convierta en algo que un cientifíco llamaría "evidencia". El tipo de cosas que flotan en esta área de la imaginación especulativa son racionalizaciones, fantasías, probabilidades, no hechos. La actividad analítica en la que estamos empeñados no parece estar respaldada hoy en día por videncias apodíctias,

[136] "… A tolerância à verdade e ao conhecimento versus a intolerância à verdade e ao conhecimento fazem com que acções se sucedam onde deveria haver pensamentos ou que, perante a intolerância à verdade, pensamentos falsos surjam como obstáculos à continuação da procura dos pensamentos verdadeiros, ou seja, à procura da verdade." In Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Pág. 17. Ver referência bibliográfica [3]

> pero creo que tenemos derecho a decir que quizás el psicoanálisis es de alguna utilidad, que quizá ciertas conversaciones que tuve con alguien que no era yo dieron como resultado la ìniciación de nuevos desarrollos. Un diagnóstico como "psicótico" o "psicótico fronterizo" no da lugar a la elaboración, la especulación, la conjetura; limita las posibilidades de expansión. El análisis no debe ser tan restringido como para no permitir el desarrollo y el crecimiento. Imaginemos -es una conjetura imaginativa- que las paredes del útero fueran demasiado limitadas; la única alternativa será que la madre evacuara a la criatura que está adentro y que la criatura que está adentro saliera y se adatara, de vivir en fluido acuoso a viver en fluido gaseoso. …"

Se quiséssemos poderíamos voltar a pegar em cada uma das sessões apresentadas como exemplos ilustrativos, voltar a classificar os enunciados, um por um, tentando ver a "coisa" por outra perspectiva, lançar novas hipóteses interpretativas para cada intervenção e estudar os resultados com o mesmo afinco e seriedade. Estamos convictos que as conclusões seriam outras, mas talvez não menos pertinentes. Fazendo isto uma e outra vez, talvez possamos abrir novos mundos.

Da análise dos dados trabalhados pelo programa BION surgiram diversas hipóteses que não são mais do que especulações. Para nós estas especulações têm, de facto, um enorme valor. Permitem-nos repensar toda uma série de conceitos e ideias feitas, ao mesmo tempo que nos impulsionam para áreas inexploradas e desconhecidas.

De todas as hipóteses que levantámos aquelas que nos parecem mais pertinentes são:

- A manutenção do pensamento a um certo nível de maturidade parece exercer sobre a outra mente (ou outro pensamento) uma determinada força atractiva, em setting analítico.
- As mentes de ambos os intervenientes parecem "desejar" encontrar e manter um certo equilíbrio homeostático.
- O equilíbrio encontrado é instável e exige esforço para se manter.
- Uma diferença muito grande entre a qualidade do pensamento do paciente e do psicoterapeuta parece ser sentida por ambas as mentes como ameaçadora da relação.

- Uma mudança muito rápida e abrupta na qualidade do pensamento talvez produza uma "onda de choque" que se faz sentir para além do momento da queda.
- A dinâmica que se forma quando duas mentes se encontram faz lembrar uma dança cuja a coreografia depende tanto do paciente como do psicoterapeuta.

As conclusões a que chegámos, depois da análise dos casos, cruzam-se com o nosso propósito, mas não são o nosso propósito principal. Quisemos mostrar que é possível (e desejável) trabalhar boas ideias, e que é possível desenvolvê-las para lá dos seus limites aparentes. A informática e as novas tecnologias colocam à nossa disposição um enorme potencial "especulativo", na medida em são um outro vertex, uma outra forma de lidar com a realidade.

Como foi deixado claro em muitos pontos desta dissertação, o programa BION não pretende, nem pode, substituir o analista e/ou psicólogo. O programa é uma ferramenta que pode estar ao serviço do analista para o ajudar a manipular os dados que ficam à sua disposição quando classifica uma sessão, um pensamento ou um enunciado de acordo com a Tabela. Foi por considerarmos que o programa deve estar ao serviço do investigador (e não o contrário) que concebemos o programa PONDERA. O programa PONDERA é uma peça fundamental na nossa abordagem. Com este programa, que nada mais é que uma tabela de valores, o investigador pode testar muitas e diferentes hipóteses. Nós elaborámos os nossos valores com base numa série de premissas teóricas (ver o capitulo *A informatização da Tabela. Metodologias, processos e decisões*) que foram inferidas directamente da compreensão da Obra de Bion, mas outros autores e outros investigadores poderam criar e desenvolver outras correspondências numéricas, baseadas em outras premissas igualmente válidas.

Nós pensamos que seria extremamente interessante desenvolver a ideia de Bion e posteriormente de Amaral Dias, sobre as categorias a que o analista nunca deverá aceder, e criar duas tabelas ponderadas distintas, uma para o paciente (eventualmente semelhante ou igual à criada por nós) e uma para o psicoterapeuta, em que seriam

dados valores negativos para todas as categorias obviamente -K, e também às categorias que lhe são interditas pelo próprio sistema teórico.

> "… Portanto estas categorias, pode-se dizer que são categorias interditas ao analista. O seu sistema mítico pessoal e as suas concepções não podem estar interferindo, a nenhum nível, na escuta da análise. (…) Como já disse, há lugares na Tabela para o analista e lugares para o analisando. Os lugares para o analista são «α dream work» e expectativa."[137]

Se fosse concebido um sistema deste género que articulasse duas tabelas de valores ponderados independentes, mas que permitisse uma visualização conjunta, poderíamos investigar muito mais "coisas" sobre os "erros" dos analistas e as suas consequências. Poderíamos também investigar o que é que leva determinado analista a persistir nos mesmos erros ou nas mesmas tendências de respostas automáticas (eventualmente compulsivas), e investigar desta forma a transferência e a contra-transferência, ou mais correctamente, as relações que se estabelecem entre continente e conteúdo. Poderíamos, também, tentar perceber quais é que são de facto os melhores "lugares" para o analista e para o analisando. A nosso ver as possibilidades de investigação futura são imensas, e apenas estão dependentes da capacidade imaginativa do investigador.

Uma das possibilidades futuras que nos parece ser extremamente interessante é a de utilizar outras tecnologias informáticas para trabalhar os dados obtidos através da conversão para valores ponderados. Estamos a pensar mais concretamente na utilização de métodos de reconhecimento de padrões. Os desenvolvimentos actuais sobre métodos e técnicas de reconhecimento de padrões são muito sofisticados, nomeadamente no que respeita aos métodos que fazem uso de redes neuronais, pelo que nós pensamos poderem vir a ser de enorme utilidade para investigações futuras.

A nossa imaginação com facilidade voa e levantámos a hipótese de que os gráficos de barras pudessem denunciar um padrão, que muito provavelmente denunciaria um modo de funcionamento mental, ou um tipo de relação analista-paciente.

---

[137] In Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Pág. 20 e 45. Ver referência bibliográfica [3]

Pensamos que se fosse possível recolher uma quantidade de informação razoavelmente grande de diferentes tipos de pacientes e terapeutas, talvez pudéssemos investigar uma série de fenómenos que até agora se tem mantido afastados da investigação analítica devido às dificuldades em transmitir a informação, e à necessidade de preservar a confidencialidade da relação analítica. Uma vez cotados, os enunciados ganham um certo nível de independência, e podem ser manipulados sem grande perda de rigor. Esta vantagem abre inúmeras portas à possibilidade de investigar, mas não deixa de ser necessário ter um imenso cuidado para não cair na manipulação estéril.

Bibliografia

[1] Aho, Alfred V; Hopcroft, John E.; Ullman, Jeffrey D. *Data structures and algorithms.* Addison-Wesley Publishing Company. (1983)

[2] Amaral Dias, C. Rev. Franç. Psychanal., *La fonction contenante de l'analyste*. nº 5. (1994)

[3] Amaral Dias, C. *Tabela para uma nebulosa - desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion.* Fim de Século, Lisboa. (1997)

[4] Amaral Dias, C.; França, R., Coelho, E. P., Matos, A. P. CAESURA, *Da capacidade de decisão*. Nº1, Jul/Dez. (1992)

[5] Amaral Dias, Carlos. *(A) Re-pensar – Colectânea Psicanalítica*. Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem. (1995)

[6] Bion W. R. *Atenção e Interpretação.* (1970) Rio de Janeiro. Imago Editora. Tradução de Paulo Dias Corrêa. (1991)

[7] Bion W. R. *Elements of Psycho-analysis.* William Heinemann, London. (1963)

[8] Bion W. R. *Experiences in Groups.* Tavistock Publications, London. (1961)

[9] Bion W. R. *Transformations.* William Heinemann, London. (1965)

[10] Bion W.R. *Clinical Seminars and Four Papers*, Fleetwood Press. (1987)

[11] Bion W.R. *Cogitations*, edited by Francesca Bion, Karnak Books. (1992)

[12] Bion W.R. *Two Papers: The Grid and Caesura.* (1977) Karnak Books, London. (1989).

[13] Bion, W. R. *Aprendiendo de la experiencia*, México, Paidos Editorial. Tradução de Haydeé B. Fernández. (1987)

[14] Bion, W. R. *Elementos em Psicanálise.* Rio de Janeiro. Imago Editora. Tradução de Paulo Dias Corrêa. (1991)

[15] Bion, W. R. *Estudos Psicanaliticos Revisitados*, Imago Editora, Rio de Janeiro. (1994)

[16] Bion, W. R. *La Tabla y la Cesura - Bion en Nueva York y San Pablo*, Gedisa, Buenos Aires, Argentina. (1982)

[17] Bléandonu, G. *Wilfred R. Bion - A vida e obra*, Imago Editora, Rio de Janeiro. (1993)

[18] Boavida, Maria da Conceição. Dissertação de Mestrado. *Schreber aos Conceitos α e β: Contribuições da Psicanálise para a Compreensão da Psicose.* ISPA. (1995)

[19] Booch, Grady. *Object-Oriented Analysis and Design - with applications*. Addison-wesley, Santa Clara, California. (1994)

[20] Cronbach, Lee J. *Essentials of Psychological Testing.* New York, Fifth Edition, Harper Collins Publishers, Inc. (1990)

[21] Dicionário da Língua Portuguesa. Edição Electrónica. Porto Editora. (1997)

[22] Ferreira, Rosa Beatriz P. M. *The Fundamental Role of the Grid in Bion's Work.* Artigo apresentado no Seminário decorrido em Torino, sobre a obra de Bion e disponibilizado através da Internet, versão em HTML. (1997)

[23] Fowler, Martin. *UML Distilled - Applying the Standard Object Modeling Language.* Addison-Wesley. (1997)

[24] Goodman, S. E.; Hedetniemi, S. T. *Introduction to the design and analysis of algorithms.* International Student Edition, Mcgraw-hill. (1977)

[25] Grinberg, León; Sor, Dario; Tabak de Bianchedi, Elizabeth. *Nueva introducción a las ideas de Bion*.

[26] Pessoa, Fernando. *Obras Completas de Fernando Pessoa - Poemas de Alberto Caeiro.* Colecção Poesia, Lisboa. Edição Ática. 9º Edição. (1987)

[27] Rezende, A. M. *Bion e o futuro da psicanálise*. Papirus Editora, Campinas. (1993).

[28] Rezende, António Muniz de. *A Metapsicanálise de Bion - Além dos Modelos.* Campinas, São Paulo. Papirus Editora. (1994)

[29] Rezende, António Muniz de. *Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento.* Campinas, São Paulo. Papirus Editora. (1995)

[30] Sor, Dario; Senet de Gazzano, M. R. *Cambio Catastrofico - Psicoanálise del Darse Cuenta.* Ediciones Kargieman, Buenos Aires. (1988)

[31] Zimerman, D. E. *Bion da Teoria à Prática - Uma leitura didáctica.* Porto Alegre: Artes Médicas, (1995)

ANEXO

EXEMPLO 1

DR.ª CONCEIÇÃO BOAVIDA

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Terapeuta	Gostava de começar a nossa conversa falando um pouco de como é que o Emanuel veio aqui parar ao Hospital, o que é que lhe aconteceu?	F4
Paciente	Portanto, eu vim qui porque no Hospital Francisco Xavier, o médico que lá estava e que me atendeu... Eu antes de estar aqui estive numa casa de saúde em Belas, depois deram-me muitos medicamentos ao mesmo tempo e fiquei com o queixo apanhado ao lado e a coluna toda torta. Telefonei à minha mãe para me ir lá buscar, só estive lá um dia e meio, fui direito para o Hospital Francisco Xavier, para me darem uma injecção ou qualquer medicamento. Fui lá e deram-me a injecção e passado um bocado fiquei bom. A médica que me viu lá, psiquiatra, passou-me uma carta para eu vir para aqui, eu falei lá em baixo na consulta e o médico disse-me que eu estava com uma depressão assim muito grande e que era melhor eu ficar cá algum tempo.	A7-A7-A7-A7-A7-A2
Terapeuta	Do que é que o Emanuel se queixa? O Emanuel tem várias queixas, dificuldades, não é?	F4
Paciente	Sim uma delas é a que me está a preocupar mais, é que eu tenho uma costela que me está a perfurar o oulmão. Isto já foi há muito tempo, isto é, do mesmo lado da perna. Sinto um formigueiro na perna, no pé. Quando fui falar ao médico do Hospital São José ele disse-me que eu tinha que pôr um aparelho nas costas, umas costelas de ferro ou o que é. Disse-me que já não podia fazer operação porque já tinha sido há muito tempo, e disse-me que ía mandar-me cortar a perna. Pode mandar vir cá a Judiciária, vou mandar cortar-lhe a perna, já mandei cortar muitas. Marcou-me um dia, passado 10 dias, para eu voltar a ir lá e eu não fui.	A7-A2-A7
Terapeuta	Explique-me lá melhor como é isso da costela perfurar o pulmão. É uma coisa que sente, uma dor, ou é uma ideia?	F3-F4
Paciente	É uma coisa que sinto; tiraram-me lá uma radiografia ao corpo inteiro. Notava-se lá na radiografia que eu tinha a costela para dentro a perfurar o pulmão?	F2-A7
Terapeuta	A mãe do Emanuel é massagista não é? Ela costuma dar-lhe muitas massagens?	C3
Paciente	Não, não costuma dar muitas massagens.	F2
Terapeuta	Mas já deu, quando o Emanuel estava mais doente, não era?	C4
Paciente	Quando eu preciso a qualquer altura. Quando eu estou mais doente ela dá-me.	C4
Terapeuta	Tem essa ideia dos pulmões perfurados há quantos anos?	C4
Paciente	Aconteceu-me isto quando eu tinha 19 anos.	C4
Terapeuta	Foi o quê nessa altura, essa dor começou como?	C4

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	Eu estava no 11º ano, nas aulas do curso de electricidade. Tive de interromper o curso. Fui deixando passar o tempo, tinha-me acontecido há pouco tempo. Depois acabei por ficar também com a cana do nariz partida, porque tudo isto me aconteceu numa academia em que eu andava no Karaté. Isso foi nessa altura, que me partiram a cana do nariz. O pior de tudo foi isso que me aconteceu; depois deram-me uma injecção de hemoglobina, quando apanhei a doença em pequeno e então fiquei com a escarlatina fui para o Hospital para ser tratado.	C4-A7-A7-A2-A7
Terapeuta	Foi há muito tempo, era miúdo, andava na escola?	C2
Paciente	Sim à volta disso. Depois ela levou-me ao hospital da área para eu levar uma injecção de hemoglobina e geralmente quando apanho sol fico logo bronzeado, não se nota nada, que eu tenho escarlatina.	A7-A7-A2-A7
Terapeuta	Mas ainda tem escarlatina?	C2
Paciente	Sim, pois, assim, a cara como eu tenho agora	A7-A2
Terapeuta	Ah! Sim os sinais da escarlatina	C2
Paciente	Sim, os sinais porque a minha mãe também teve.	A7-A2
Terapeuta	A sua mãe também teve. Parece que a mãe sabe tratar de tudo no Emanuel, não é?	C5
Terapeuta	Ela é assim?	C2
Paciente	Ela levou-me ao Hospital para levar a injecção	C1
Terapeuta	E o pai? Há pai?	C1
Paciente	Agora está reformado, era tipógrafo. Ele tem um curso de enfermeiro. Está a trabalhar como preparador físico na policia.	C3-C2
Terapeuta	Eles vivem consigo? Com quem vive o Emanuel?	C1
Paciente	Não, não. O meu pai e a minha mãe são divorciados.	C2
Terapeuta	O Emanuel também tinha um avô. O que é que aconteceu a esse avô?	C1
Paciente	Era o meu avô paterno, o pai do meu pai. Ele realmente tinha doenças, tinha diabetes, tinha problemas nos intestinos. Ele foi fazer uma operação ao cólon e ele realmente depois dessa operação nunca mais ficou bom. Ficou muito doente de cama, não tinha forças para nada; depois parece que também tinha o mesmo problema que eu tinha, que é uma costela encostada ao pulmão, e então na véspera de ele morrer estive a falar com ele. Ele estava muito calado a olhar para as pessoas e depois quando eu me fui embora ele disse que "se calhar é a última vez que tu me vês". Eu disse "não pense nisso". Depois no outro dia telefonaram lá para minha casa a dizerem que o meu avô já tinha falecido. A minha avó contou que ele tinha aquele problema nas costas e tinha ido ao médico e que ele já não aguentava a operação e que tinham que lhe mandar amputar a perna, e como já era velhote pensou assim: agarrou numas caixas de comprimidos que lá tinha, tomou e matou-se.	A7-C2-F2
Terapeuta	O Emanuel ficou triste. Gostava muito desse avô? Era bom ter esse avô?	C4

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	Era nosso amigo, era mais como eu, companheiro	C2
Terapeuta	O Emanuel parece que depois da morte do seu avô ficou com qualquer coisa dentro de si. Parece que ficou com as mesmas doenças do seu avô?	C5
Paciente	Pois, quer dizer, fiquei com esse problema, também	C5
Terapeuta	Parece que foi a maneira de não perder completamente o seu avô - o Emanuel ficou triste quando perdeu o seu avô; em vez de ficar assim não perdeu o avô nem ficou triste.	C5-F5
Paciente	Fiquei muito triste	F5
Terapeuta	Ficou muito triste. Lembra-se como é que foi nessa altura?	F5
Paciente	Depois de telefonarem estive em minha casa, fui ao enterro dele, estivemos a velar o corpo e fomos ao funeral.	F5
Terapeuta	O Emanuel começa a pensar que é igual ao seu avô a partir de que altura, passado quanto tempo?	F5
Paciente	Eu não acho que seja igual ao meu avô, acho que tenho o mesmo problema que ele tinha. Isso é verdade que penso que tenho o mesmo problema que ele tinha, mas não penso ser igual ao meu avô com essas doenças	C2
Terapeuta	Mas parece que fica mais acompanhado com essas doenças.	B1
Paciente	Sinto-me mais acompanhado aqui no Hospital. A Drª Ana tem-me dado medicamentos e disse que assim não havia necessidade de estar internado e de me amputarem a perna. Então ando a tomar esses medicamentos para isso. Quando sair daqui levo uma carta de recomendação ou qualquer outra coisa do género a dizer que eu estive aqui e que psicológicamente não aguento que eles me cortem a perna. Isso para mim era o fim do mundo, o que é que eu ia fazer, ía andar ainda mais aflito.	A7-A2-A7-A2
Terapeuta	Mas o Emanuel com estes medicamentos ainda sente formigueiro na perna, que está paralisada?	F2
Paciente	Sim e por vezes sinto o formigueiro só no pé. Deixei passar muito tempo e isso foi uma estupidez minha. Deixei passar 5 anos desde que fizeram isto. Eu estava a trabalhar ou estava a estudar e não queria interromper. Fui deixando andar, como não tinha o formigueiro na perna nem nada. Quando comecei a ter isto fui logo ao hospital mas realmente já era tarde.	A7-A2-A7-A2
Terapeuta	O Emanuel não acha que estas coisas que tem, estas doenças, são medos, são ideias, são sentimentos? Nas pernas? Porque não tem nada!	F2-F2
Paciente	Não, isto é real.	F2
Terapeuta	Está bem, é real. O sentimento pode parecer que está a ser magoado, não é? Nos pulmões e nas pernas acho que estava a falar da tristeza que ficou com a morte do seu avô. Parece que ficou com medo de morrer ...	C5-C2
Paciente	Pois exacto. Eu também já pensei nisso e disse isso à minha mãe. Realmente se eu não tiver solução vou lá ao médico levar uma carta daqui. Se ele me fizer a operação prefiro matar-me do que me cortarem a perna	A7-F7

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Terapeuta	A solução seria a sua cabeça começar a pensar de outra maneira, não seria nem morrer nem cortarem-lhe a perna.	C3-F3
Paciente	Pois,realmente,por mais má que a vida seja é sempre bom viver. Só que não quero viver só com uma perna	F1-A2-A7
Terapeuta	Eu sei que não quer viver só com uma perna, mas dá-me a ideia que o Emanuel ficou mais inseguro depois daquela história do nariz partido e do Karaté. O que é que aconteceu nessa altura?	F1
Terapeuta	O que é que aconteceu na sua cabeça, na sua vida... Pensou coisas?	C5
Paciente	Não... Sim... foi tudo uma confusão que lá houve, porque pensavam que eu estava a gozar com uma rapariga que lá andava a fazer Karaté. Houve lá um cinturão negro que disse para eu ir lá à escola e dizer que era meu irmão e eles já me deixavam de me andarem sempre a chatear e a perseguir...	C2-C2
Paciente	Só que eu tinha a mania de ver as pessoas fortes e coisa. Se ele fosse lá e dissesse que era meu irmão já não me faziam mal já me deixavam sossegado só que outro que disse que podia fazer isso, só que tinha que lhe apresentar uma rapariga lá da escola e eu disse "sim, está bem". Era uma que lá andava que a tratavam por Brigida e havia lá outra que não sabia Karaté e que tinha o mesmo nome. Houve lá um cinturão castanho que ouviu e pensou que eu andava agozar com a outra rapariga que lá andava, e então combinaram de me fazer mal. Tinham a mania do cinturão preto, pronto e eles então combinaram de me fazer mal e de me darem um murro no nariz. Realmente eu até deixei que me acontecesse isso nas costas, começaram a dar-me uma data de pontapés e pronto...	C2-C2
Terapeuta	Nesse dia o que é que aconteceu com as costas e consigo?	C2
Paciente	Não, foi antes. Eles combinaram coisas que eu não vi e ele então disse para logo que começasse o combate para ele me dar um murro no nariz para me deixar logo defeituoso. Partiu-me logo o nariz e ficou logo assim como está.	C2
Terapeuta	O Emanuel não tentou defender-se? Estava no Karaté.	C2
Paciente	Não porque não vi ele a dizer ao outro para me fazer mal. Só ao fim é que me apercebi que ele tinha dito ao outro para me fazerem mal.	C2-F2
Terapeuta	De uma maneira geral quando é atacado o Emanuel não se defende?	C3
Paciente	Não, eu defendia-me	C3
Paciente	Mas tinha sempre muito medo, muito medo...	F1-F3
Terapeuta	Medo do quê?	B1
Paciente	Do adversário, porque tinha mais medo que ele me desse um murro e ficaria assim.	C1
Terapeuta	Depois foi o que aconteceu?	B1
Paciente	Foi o que me aconteceu realmente	C2

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Terapeuta	Portanto parece que o Emanuel imagina que lhe vão acontecer coisas de que tem medo. Isto é mágico?	C3-C4
Paciente	Sim, neste caso foi. Quer dizer, eu tinha uma camisola interior branca, mostrei-lhe as costas, tinha as costas todas vermelhas e cheias de sangue e ela em vez de chamar uma ambulância ou ir comigo falar com o homem que estava lá na secretária ainda me chamou para dentro do tapete outra vez mas realmente eu fiquei mesmo... se não desmaiei foi aquase.	A7-A7
Terapeuta	Isso tinha 19 anos. Ainda agora o Emanuel continua a pensar que tem a costela metida para dentro a perfurar-lhe o pulmão desde essa altura.	C1-F1
Terapeuta	Quando a mãe lhe dá massagens esta dor desaparece ou essa ideia de dor desaparece?	F3
Paciente	Não sei. Sei que fico a sentir-me melhor	F3
Terapeuta	O Emanuel tem sonhos?	B3
Paciente	Não, é raro ter sonhos. Não sonhava, mas agora há alguns tempos que não sonho nada.	B3
Terapeuta	E acordado tem alguns sonhos?	B2
Paciente	Acordado não tenho sonhos. Será mais desejos que eu tenho. É desejos.	C2
Terapeuta	Que desejos são esses?	C1
Paciente	Ficar bom, não ter problema nenhum, ter uma vida normal, isso é que é o principal	C2
Terapeuta	Parece que vai concretizar isso?	C2
Paciente	É só questão do outro médico me tirar o sangue venoso	A7
Terapeuta	Sangue venoso?	F2
Paciente	Pois, fui fazer umas análises e puseram lá uma gotinhas de um líquido que era para ver se ficava azul. É porque já tenho sangue venoso e ela viu-me do lado esquerdo.	A7
Terapeuta	Mas isso toda a gente tem Emanuel...	C3
Paciente	Do lado esquerdo já apresentava um pouco de sangue venoso	C2
Terapeuta	Mas sangue venoso toda a gente tem, qual é a sua ideia em ter sangue venoso?	F4
Paciente	Pronto é sangue...	B2
Terapeuta	Estragado?	C2
Paciente	Estragado sim	C1
Terapeuta	Vai adoecer?	F4
Paciente	É, se eles me fizerem a operação posso ficar maluco, só querer andar à tareia e fazer essas coisas	A7-A2-C2

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Estatisticas

Titulo: Exemplo 1 **Sujeito:** Paciente **Da Sessão:** 1 **à** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Elemento	Freq.	%	Elemento	Freq.	%
A2	12	15.19	C4	3	3.80
A7	28	35.44	C5	1	1.27
B2	1	1.27	F1	2	2.53
B3	1	1.27	F2	5	6.33
C1	3	3.80	F3	2	2.53
C2	16	20.25	F5	2	2.53
C3	2	2.53	F7	1	1.27

{[(A7-A7-A7-A7-A7-A2) (A7-A2-A7) (F2-A7) (F2) (C4) (C4) (C4-A7-A7-A2-A7) (A7-A7-A2-A7) (A7-A2) (A7-A2) (C1) (C3-C2) (C2) (A7-C2-F2) (C2) (C5) (F5) (F5) (C2) (A7-A2-A7-A2) (A7-A2-A7-A2) (F2) (A7-F7) (F1-A2-A7) (C2-C2) (C2-C2) (C2) (C2-F2) (C3) (F1-F3) (C1) (C2) (A7-A7) (F3) (B3) (C2) (C2) (A7) (A7) (C2) (B2) (C1) (A7-A2-C2)]}

+K

F: 11 %: 13.92

-K

F: 63 %: 79.75

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Estatisticas

Titulo: Exemplo 1 **Sujeito:** Terapeuta **Da Sessão:** 1 **à** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Elemento	Freq.	%	Elemento	Freq.	%
B1	3	5.88	C5	5	9.80
B2	1	1.96	F1	2	3.92
B3	1	1.96	F2	4	7.84
C1	5	9.80	F3	3	5.88
C2	9	17.65	F4	5	9.80
C3	5	9.80	F5	3	5.88
C4	5	9.80			

{[(F4) (F4) (F3-F4) (C3) (C4) (C4) (C4) (C2) (C2) (C2) (C5) (C2) (C1) (C1) (C1) (C4) (C5) (C5-F5) (F5) (F5) (B1) (F2) (F2-F2) (C5-C2) (C3-F3) (F1) (C5) (C2) (C2) (C3) (B1) (B1) (C3-C4) (C1-F1) (F3) (B3) (B2) (C1) (C2) (F2) (C3) (F4) (C2) (F4)]}

+K

F: 27 %: 52.94

-K

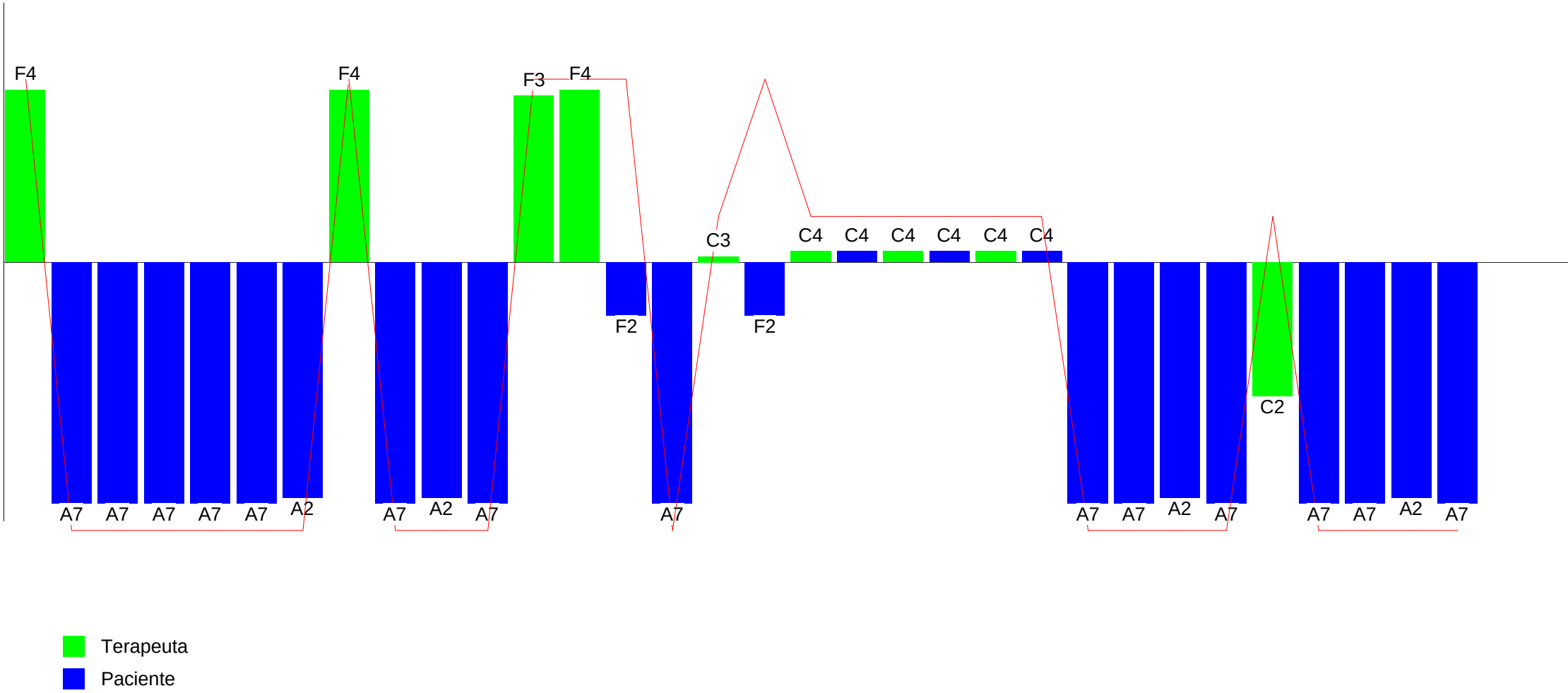
F: 14 %: 27.45

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

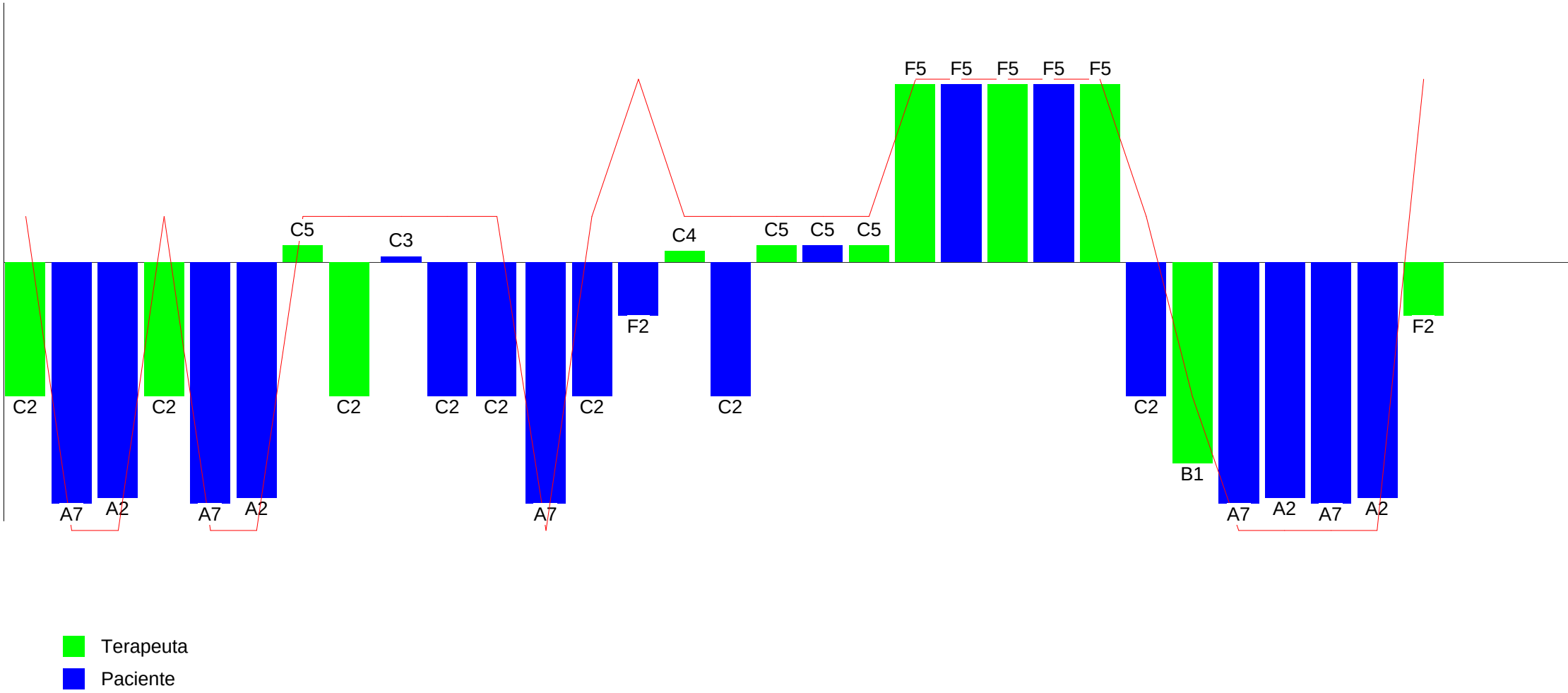
Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



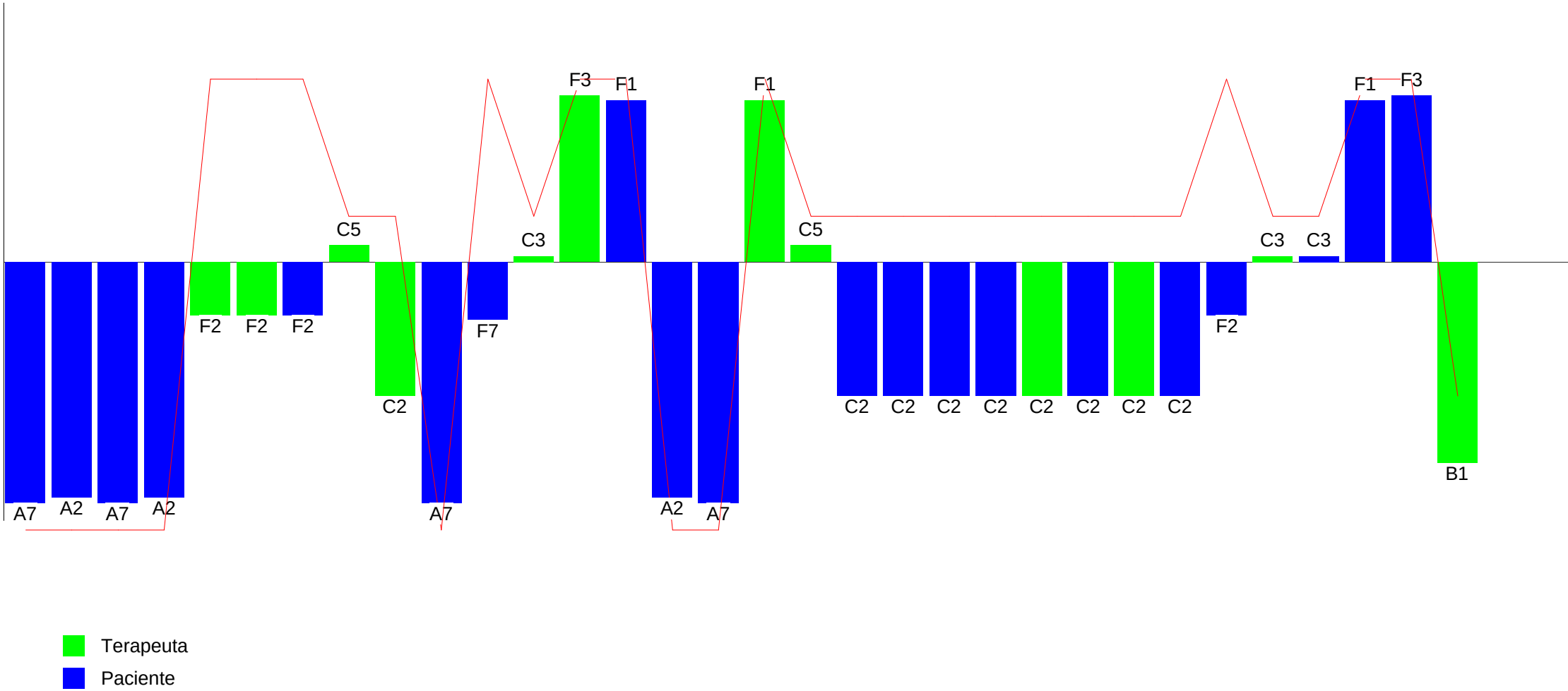
Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



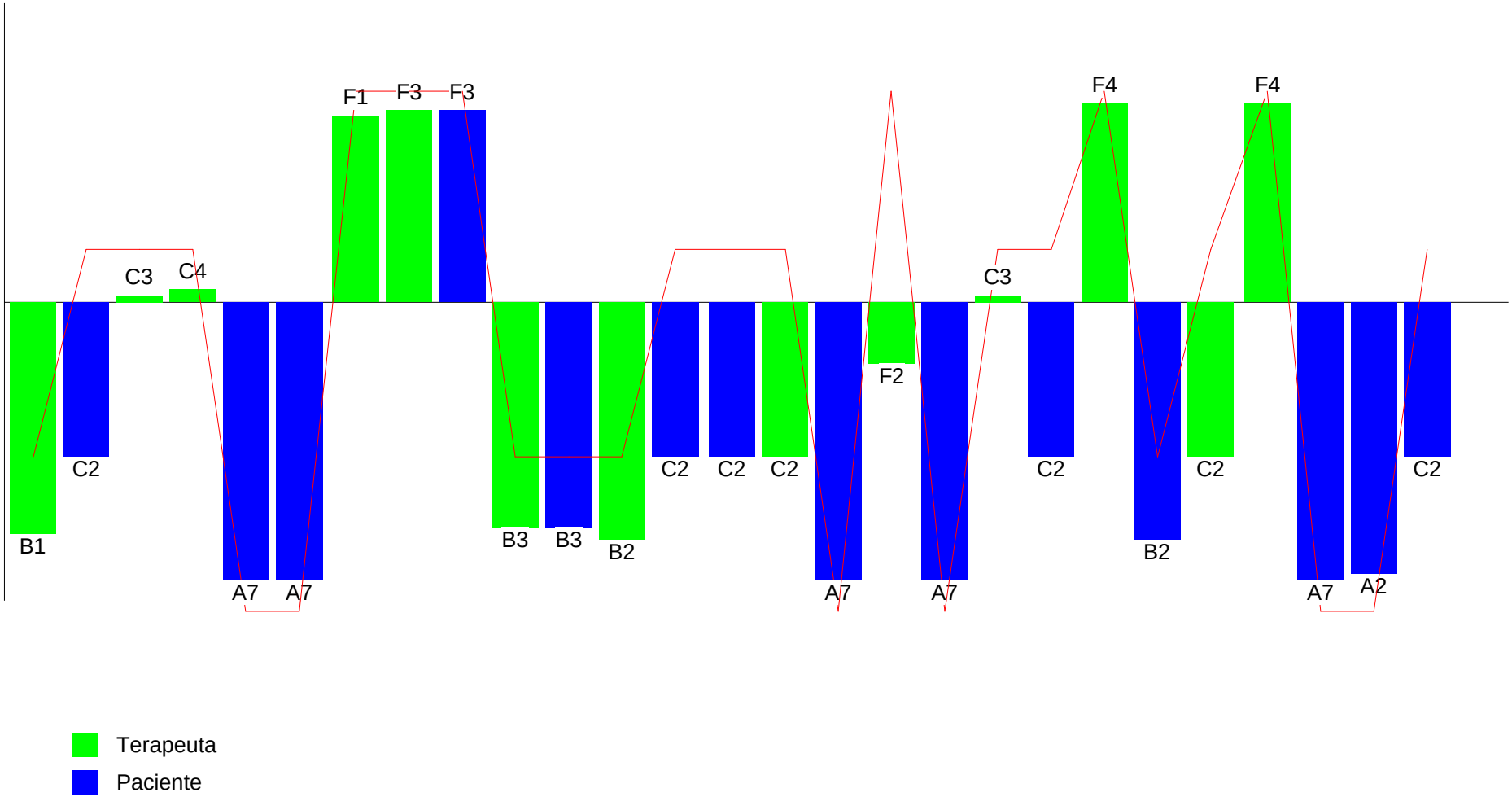
Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

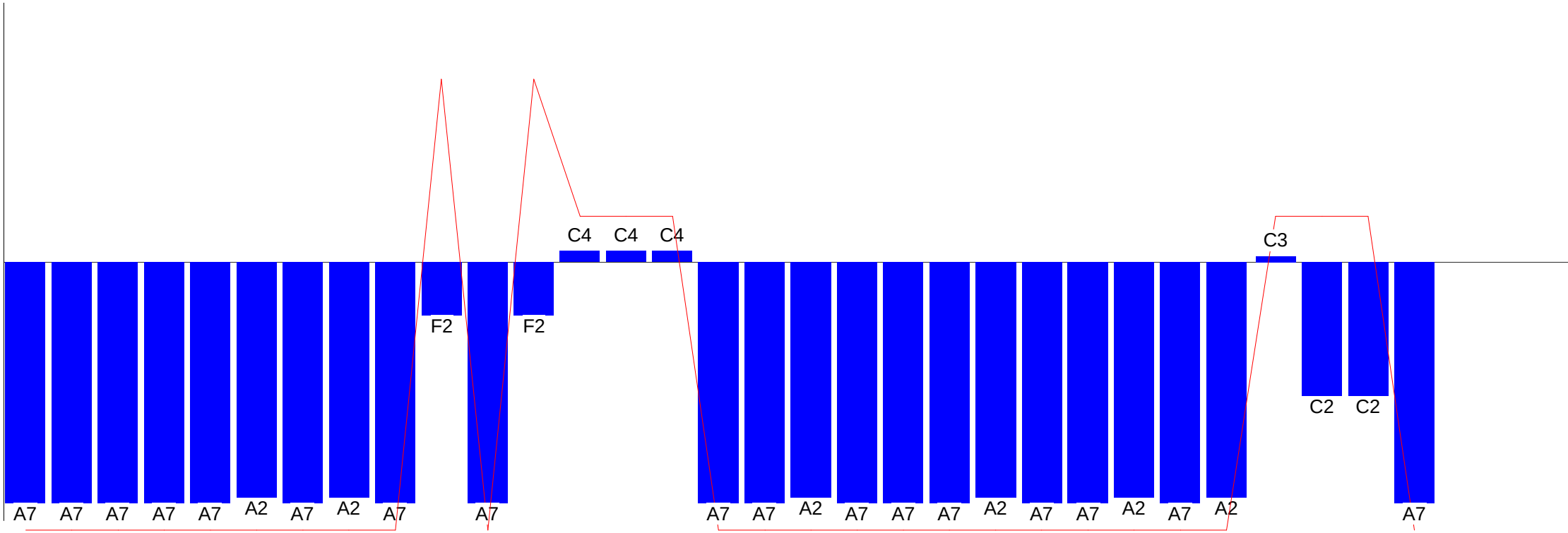


A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

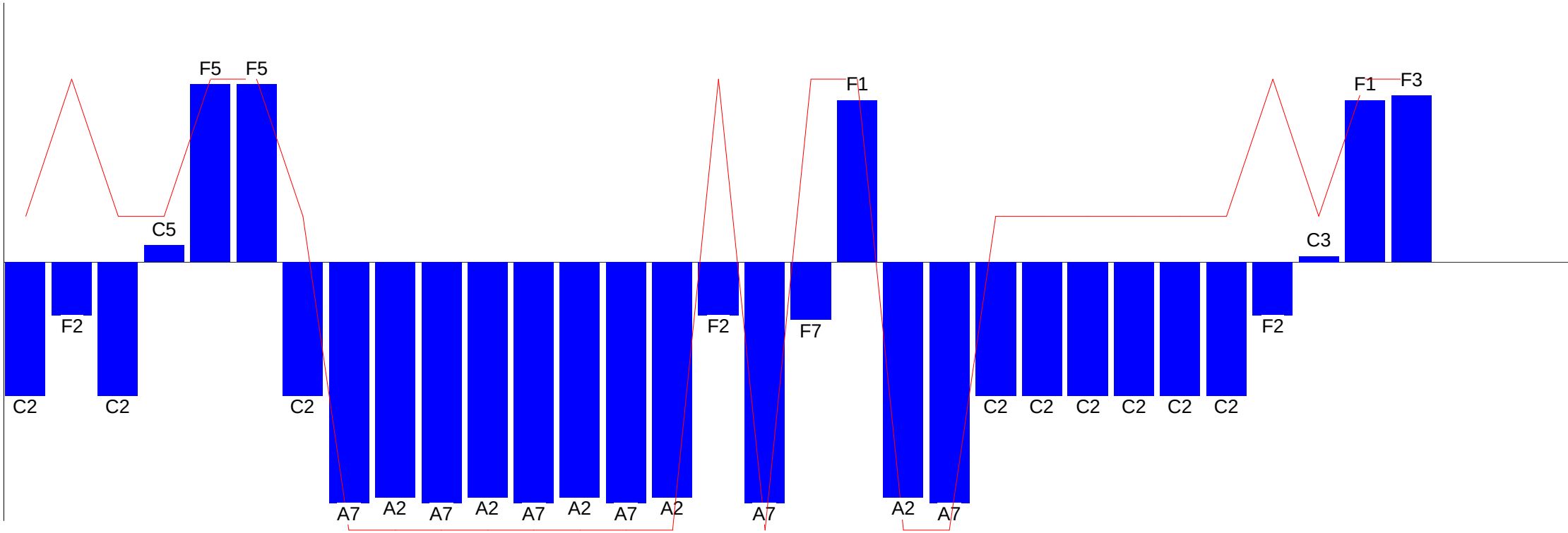
Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Paciente

Evolução do Pensamento

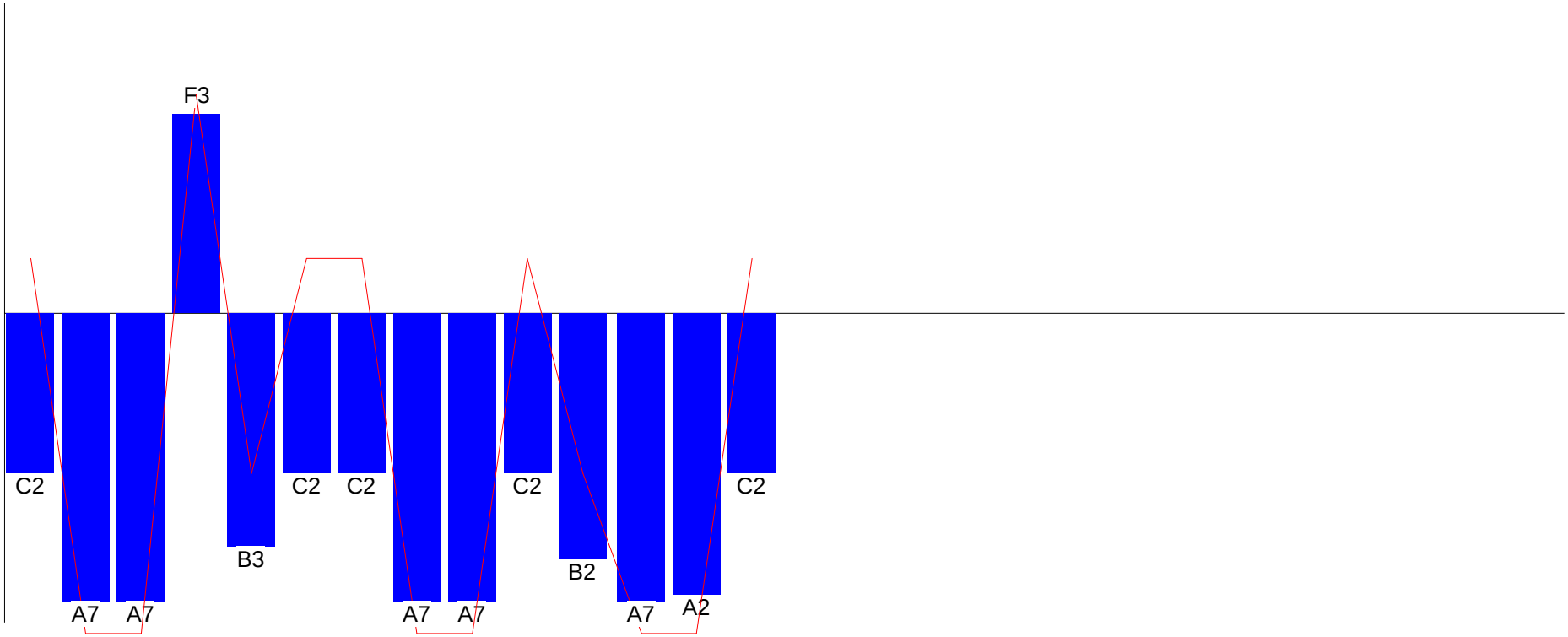
Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Paciente

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



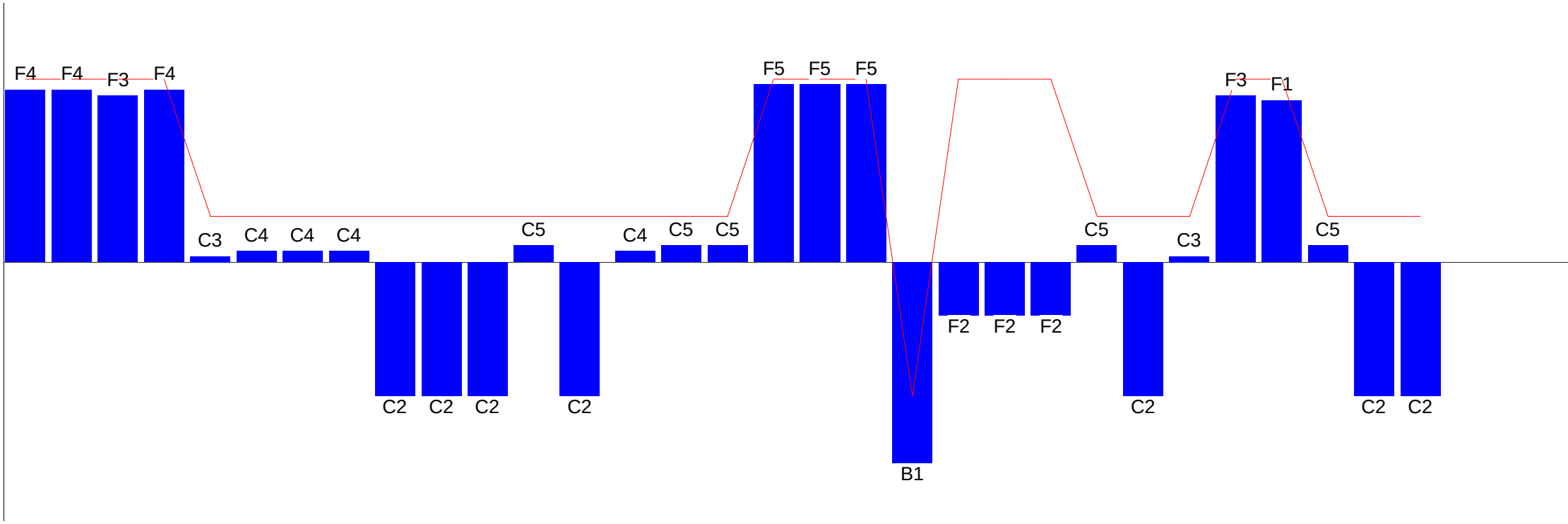
Paciente

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

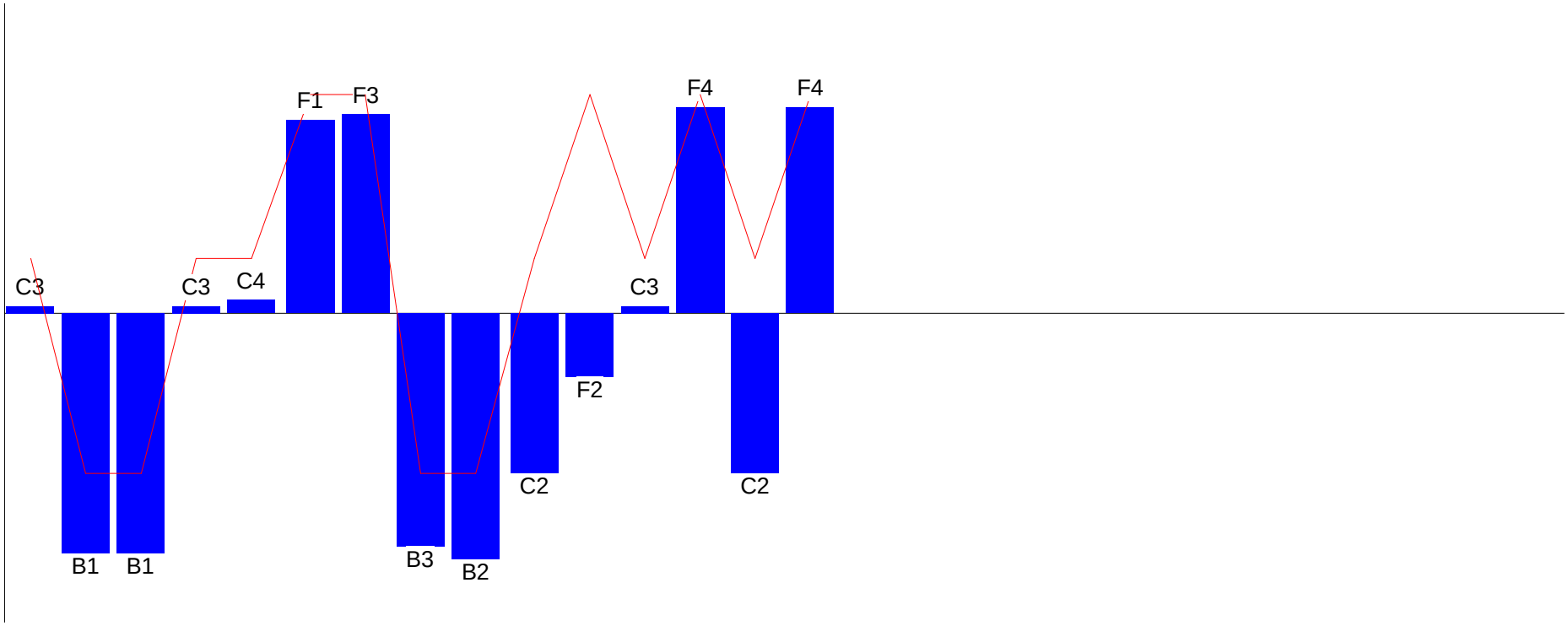
Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Terapeuta

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

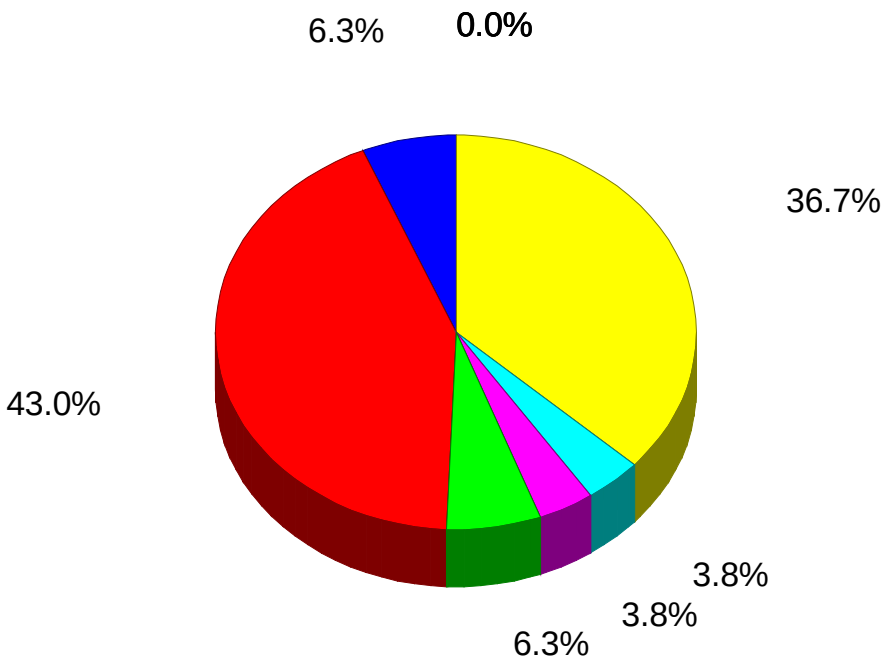


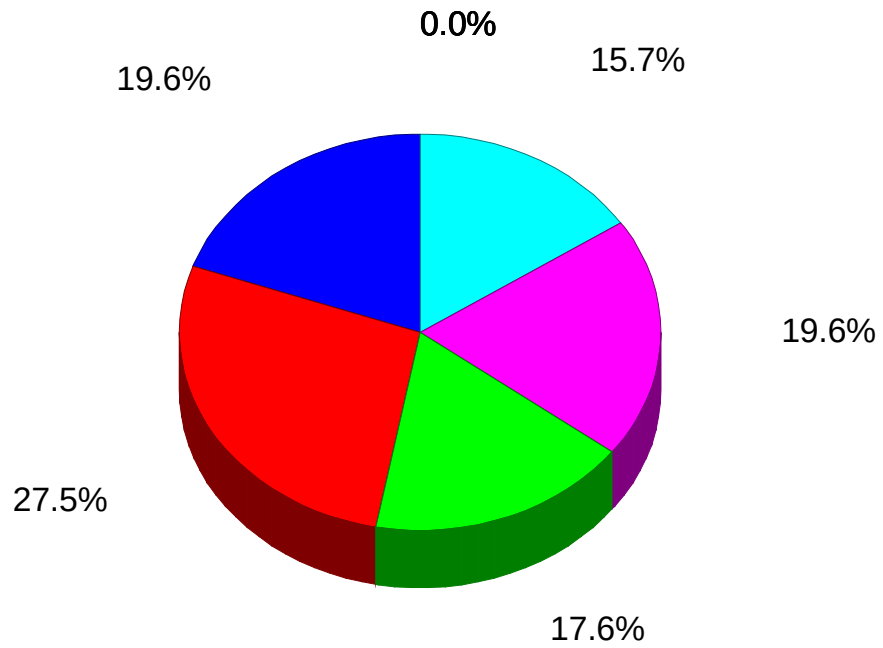
A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Usos

Titulo: Exemplo 1 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998





Hipótese definitória
Notação
Indagação
Acção
Psi - enunciado falso
Atenção
Decisão

EXEMPLO 2

PROF. DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 2 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	Diz que não conseguiu arranjar lugar para o carro e que hoje teve um primeiro dia de aulas que adorou «Senti que estava a desmaiar, não tinha dormido nada. Adorei. Tive uma semana horrorosa»	E2-E3-B2
Paciente	«Tive uma semana horrorosa. Não sei se estou grávida. Podia ser de duas pessoas. Passei a semana em pânico. Em parafuso! Discussões com amigas que me chamaram agressiva, fria, ácida, não consigo digerir esta faceta agressiva».	D1-D3-D4
Paciente	«Tive um sonho. Há muito tempo que não sonhava com a minha mãe. Sonhei que ela estava afectuosa, amigável, a falar comigo com olhos ternurentos, tão surpreendida. Gostei desse sonho. Ela estava-me a contrariar, mas de uma forma meiga, compreensiva, tolerante. Os olhos tinham muito calor. Nunca mais pensei na minha mãe. Nunca tive um sonho amigável com a minha mãe.»	C3-C4
Paciente	«Bolas, ataque de nervos, o modo de falar, sente que não estava a ser compreensiva, forma dura, rápida, dura e eu não gosto. Algumas pessoas chamam-me pote de mel»	E1-E2-F2-D2
Paciente	«Ofendo-me muito, sou muito susceptível, fico doente, fico zangada, injustiçada. Desde de pequena que sou assim. Eu levo tudo a sério. Zanguei-me com duas fortes amigas. Tive um ataque de nervos no carro, só recebo coices. Canalizei as minhas energias. Fiquei sem ressentimento.»	E3-E1-D3-D4-D2
Paciente	«Tenho a mania de ser calma, mas depois desligo. Apetecia-me tê-la mandado àquela parte. Fui uma vez a um congresso a Drª estava a receber um desconto. A Drª disse que eu não tinha direito a desconto. Fiquei furiosa e não fui capaz de lhe dizer»	F2
Paciente	«Estou com vontade de ter um filho, de engravidar, mas quando veio o atraso disse horrores. Sonho com engravidar. Só tenho amantes. Vontade de ter um filho.»	D1-F1-D7
Paciente	«Tenho uma grande ternura pelos sobrinhos, eles adoram-me, coisas que me passam pela cabeça. Sempre tive uma educação masculina. Nunca misturei o sexo com o amor.»	D2
Paciente	«Mas agora gosto de dois homens, um casado, o outro com namorada. Juro que não é medo de compromissos	D2
Paciente	«Juro que não é projectar. Eu gostava que eles gostassem de mim. Como me falta o sexo não corro com nenhum.»	D2
Paciente	«Esta semana vou pôr um ponto na situação. Cria-me ambivalência. Dá-me sexo que me faz falta e não me dá aquilo que quero. Não sei o que hei-de fazer. Palavra de ordem é paciência, embora eu queira ter tudo definido já. Ter a minha casa. Ter o meu namorado certo. Urgência de ter um filho. Daí eu sentir-me desenraizada. Já não tenho raízes para cima. Quero criar raízes para baixo. Sinto-me a pairar sem laços. É por isso que gosto tanto de irmãos.»	D2-D7-E3-D3

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 2 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	«Emagreci dez quilos. Entrei em depressão. Devia procurar um médico de medicina interna»	D3-D2
Paciente	«Não tenho apoio de ninguém»	E2
Paciente	«Diz que lhe caem todos em cima, que a irmã diz que está maluquinha»	D2
Paciente	«Não me sinto velha. Adoro os meus irmãos, os meus amigos, os meus amantes. Eles só querem é uma relação sem compromisso. Vou encostá-lo à parede para ver se ele me quer. Agressividade da minha irmã. Ela gosta que eu lhe berre. Interfere na minha vida. Manda em mim como se eu fosse uma empregada.»	E2-D2
Paciente	«Estou em casa dela. Cala-te. Não me chateies. Gosto dela mas é para vivermos longe uma da outra.»	D2
Paciente	«Só falei de coisas de superficie. Não me agrada a posição deitada»	G2-F2
Paciente	«Fico com sono e o contacto ocular faz-me falta. Sinto-me ridícula, ansiosa, porque não vejo reacção. Um amante disse que era ninfomaníaca e que eu sou multiorgástica. Necessidade de sexo, cama.»	D2-E3-D2

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Estatisticas

Titulo: Exemplo 2 **Sujeito:** Paciente **Da Sessão:** 1 **à** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Elemento	Freq.	%	Elemento	Freq.	%
B2	1	2.50	D7	2	5.00
C3	1	2.50	E1	2	5.00
C4	1	2.50	E2	4	10.00
D1	2	5.00	E3	4	10.00
D2	12	30.00	F1	1	2.50
D3	4	10.00	F2	3	7.50
D4	2	5.00	G2	1	2.50

{[(E2-E3-B2) (D1-D3-D4) (C3-C4) (E1-E2-F2-D2) (E3-E1-D3-D4-D2) (F2) (D1-F1-D7) (D2) (D2) (D2) (D2-D7-E3-D3) (D3-D2) (E2) (D2) (E2-D2) (D2) (G2-F2) (D2-E3-D2)]}

+K

F: 12 %: 30.00

-K

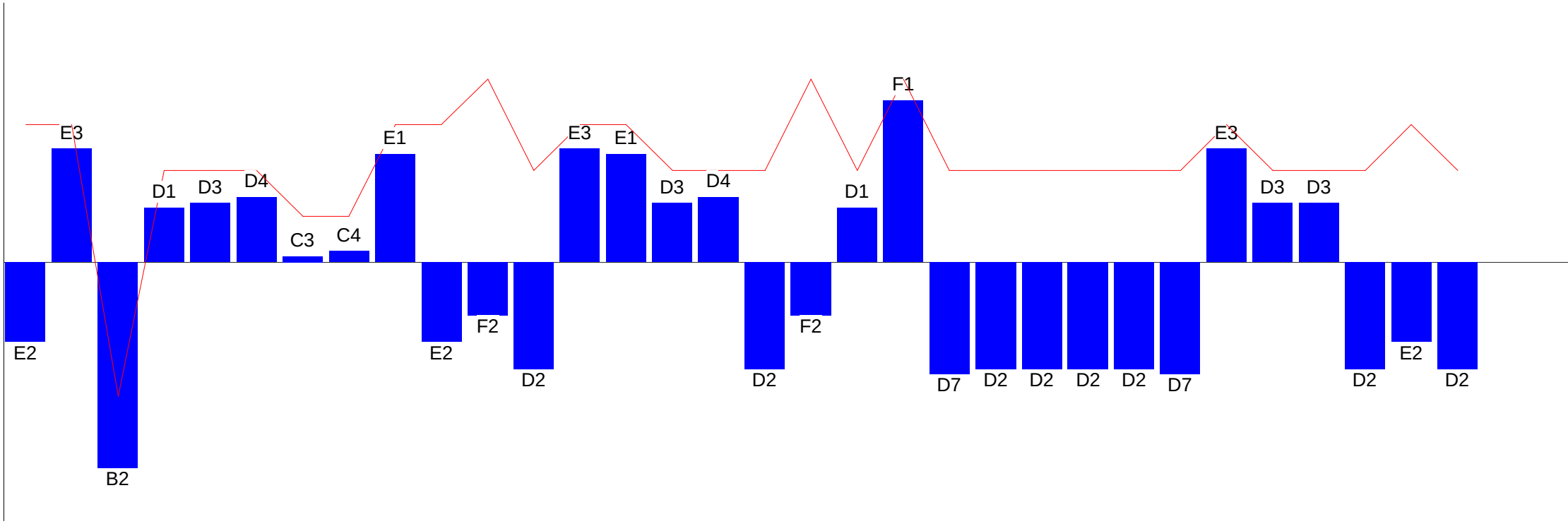
F: 23 %: 57.50

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

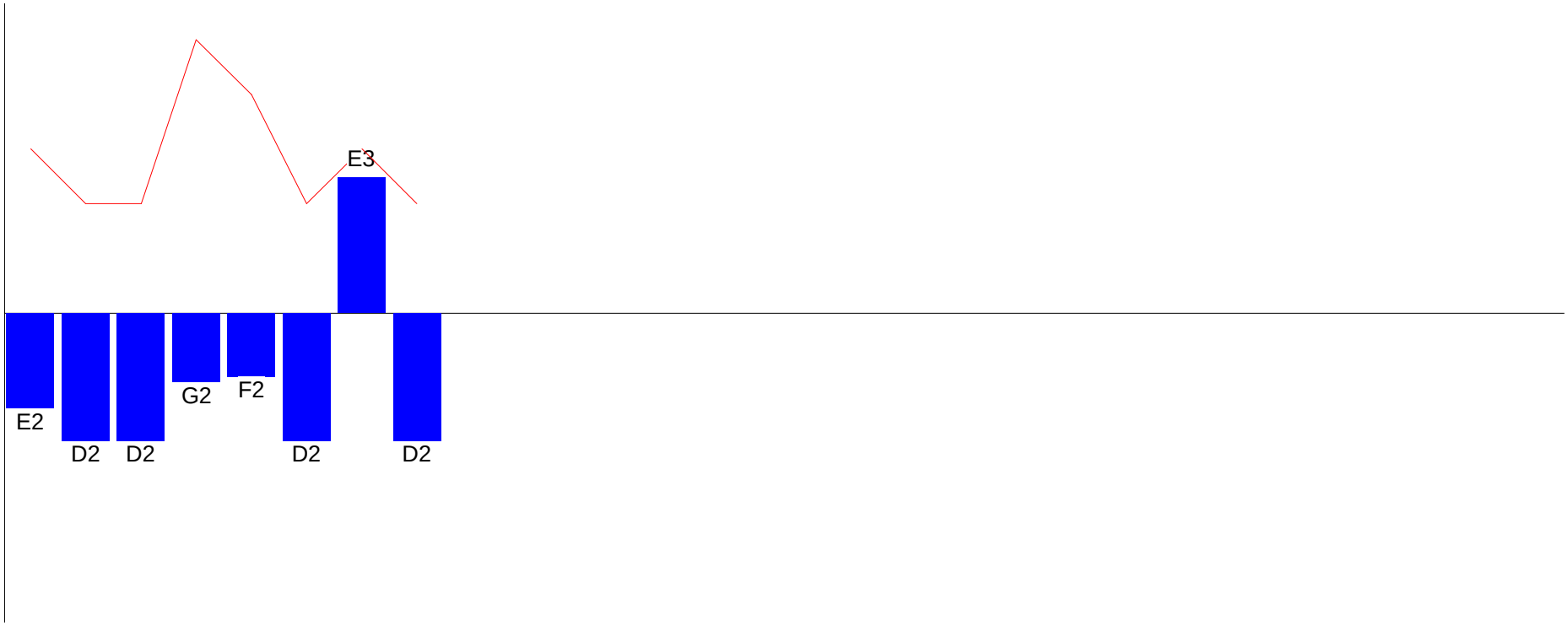
Titulo: Exemplo 2 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Paciente

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 2 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



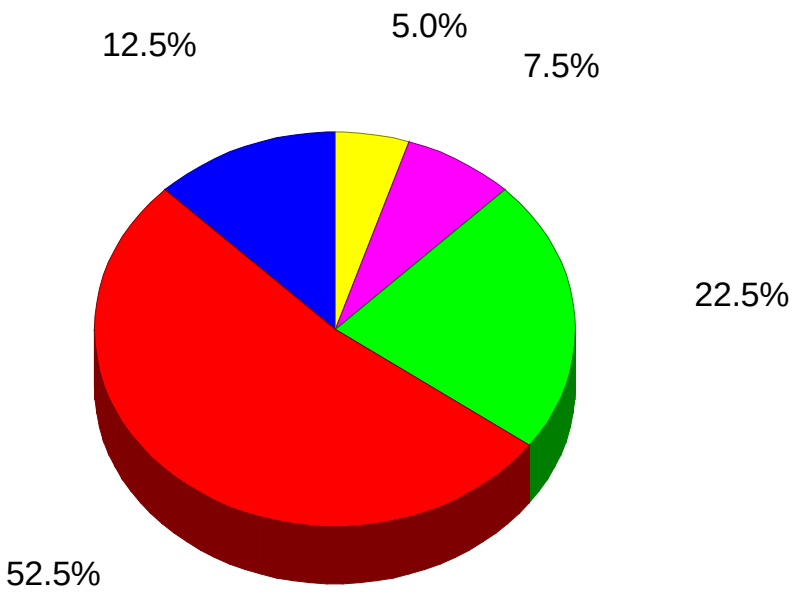
Paciente

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Usos

Titulo: Exemplo 2 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



EXEMPLO 3

DR.ª MANUELA HARTLEY

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	Sabe sinto-me com esta preocupação; com esta indecisão dentro de mim. Agora a ida para o Tibete aparece-me como um desejo enorme, como a única coisa verdadeira que eu quero fazer. Eu detesto pensar que vou explorar as pessoas; que vou colaborar com essa sociedade deformada, exploradora. Sabe eu muitas vezes quando como, sinto que não está certo eu estar a comer e existirem tantas crianças a passarem fome. Não está certo eu puder comprar tantas coisas e elas não puderem, mas eu acho que já quando eu era miúdo sentia, de vez em quando, estas coisas. Ir para o Tibete, viver lá com os monges, isso sim era a minha maneira de viver, pois vivia despojado de tudo a fazer o bem.	C2-C7-D3-D2-D7
Terapeuta	Como se pretendesse anular tudo o que lhe podia dar prazer, todos os sentimentos de fragilidade que tem aqui falado, inventando um novo R. agora despojado de tudo, mas contundo continuando a propor-se uma grande missão, agora uma missão pelo amor despojado, já que sente que lhe é dificil afirmar a "missão" pela potência, afirma-a pelo despojamento.	D4
Paciente	Sim, eu de facto sinto que isto continua a ser uma forma de me engrandecer, de ser visto como muito importante, fazendo o bem aos outros, partindo para o Tibete.	C3
Terapeuta	E os prazeres da sua partida amanhã para os Açores ?!...	D4
Paciente	Eu vou com o meu irmão, estamos lá 10 dias e penso que poderia ser muito divertido, mas mesmo quando faço estas coisas que me poderiam dar prazer de vez em quando surgem-me estes pensamentos e ponho-me a meditar na injustiça da vida, eu que tenho tantas coisas, mas não é justo, eu não posso aceitar estas coisas como justas aliás era exactamente o mesmo pensamento que me aparecia, sobre a escolha do curso.	D3-D2
Terapeuta	Pois, não vá eu pensar que o R. parte com prazer, não vá eu invejá-lo pelas suas possíveis alegrias. Não vá eu pensar que me abandona para fazer algo de prazeiroso. É preciso que me diga do seu desprazer, da sua bondade altruísta. Pois imagina-me como a si próprio, com os mesmos sentimentos que tem quando eu faço férias, e portanto é necessário aplacar a zanga, a inveja que o domina tantas vezes, e isso fá-lo através de mim ...	D1-D4-F4-D4
Paciente	Claro que sabe que eu me aborreço, que até já cheguei a ficar em crise quando vai de férias, mas olhe acho que a viagem aos Açores até pode ser gira. O meu irmão só vai ter mesmo muito poucos dias de férias pois ainda vai a França ver a namorada antes de partir para o estágio na China. Ele está simplesmente louo, só fala da namorada diz que está apaixonadíssimo, fala disso com os amigos todo o tempo e eles até lhe dão apoio. Diz mesmo que ela é muito importante para ele, é mesmo uma loucura, eu nunca pensei vê-lo assim.	C3-C2
Terapeuta	O R. parece que tem medo de não se apaixonar, de não saber ficar uma especie de louco, de que alguém ou algo se lhe torne importante, e depois ser dificil partir, fazer férias, talvez também tenha receio da sua entrega, da sua entrega à análise. Por agora tem conseguido falar disso aqui, mas como será se não conseguir?!	C5

Resumo de Sessão

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Sujeito	Enunciado	Cotação
Paciente	Sabe nestes últimos meses tenho vivido momentos muito dificeis, tenho tido muitas indecisões que aliás continuam, a escolha dos cursos, o não saber se sou capaz de escolher o curso ou não, de o tirar, fazer as cadeiras ... Não sei se sou capaz de me entender amorosamente com a minha namorada, de lhe dar prazer, de me sentir potente ... Eu sei que continua a pensar que o meu maior problema é com as mulheres, já sei que não acredita muito que estes sintomas de que eu estava aqui a falar sejam verdadeiros e pensa que estão relacionados com estas minhas dificuldades ... O melhor que eu tenho a fazer é ir para o Tibete ...	F5-C5-D2
Terapeuta	Pelo menos excluí metade do mundo ... as mulheres!	D4

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Estatisticas

Titulo: Exemplo 3 **Sujeito:** Paciente **Da Sessão:** 1 **à** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Elemento	Freq.	%	Elemento	Freq.	%
C2	2	15.38	D2	3	23.08
C3	2	15.38	D3	2	15.38
C5	1	7.69	D7	1	7.69
C7	1	7.69	F5	1	7.69

{[(C2-C7-D3-D2-D7) (C3) (D3-D2) (C3-C2) (F5-C5-D2)]}

+K

F: 6 %: 46.15

-K

F: 7 %: 53.85

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Estatisticas

Titulo: Exemplo 3 **Sujeito:** Terapeuta **Da Sessão:** 1 **à** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

Elemento	Freq.	%	Elemento	Freq.	%
C5	1	12.50	D4	5	62.50
D1	1	12.50	F4	1	12.50

{[(D4) (D4) (D1-D4-F4-D4) (C5) (D4)]}

+K

F: 7 %: 87.50

-K

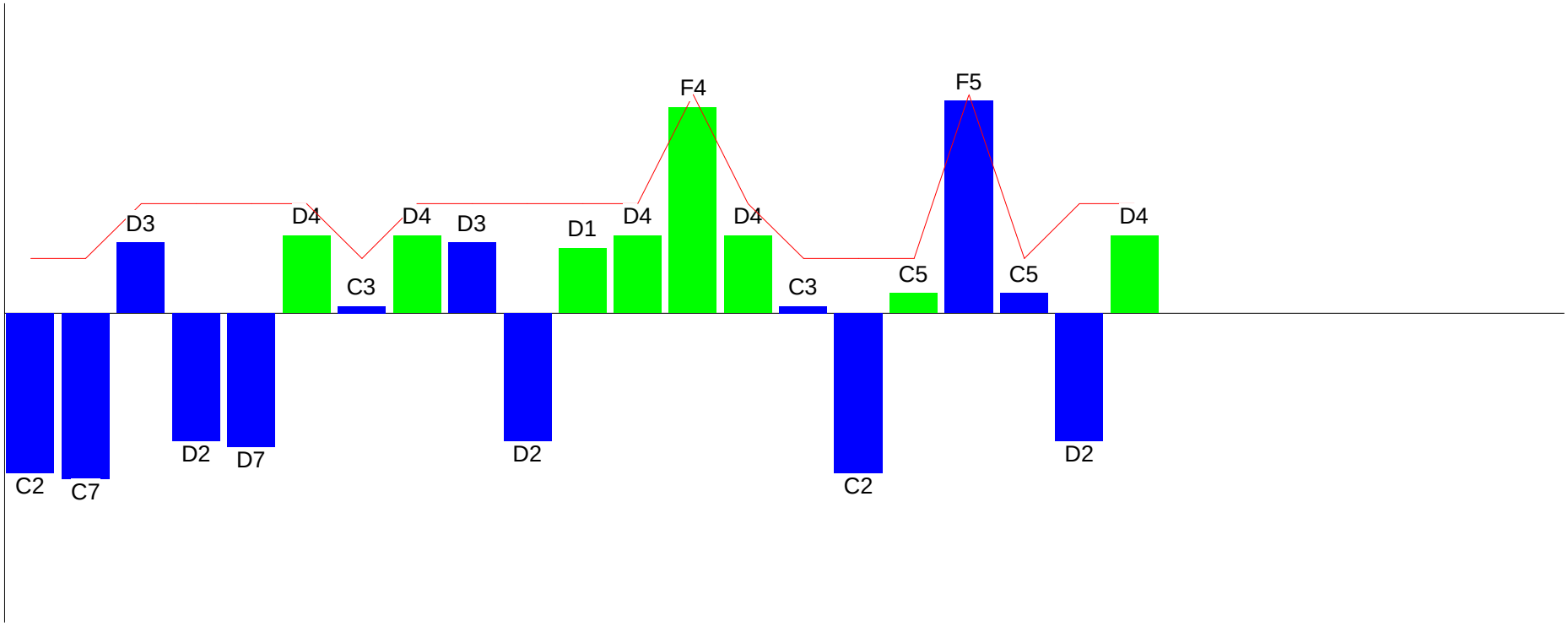
F: 0 %: 0.00

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



Terapeuta

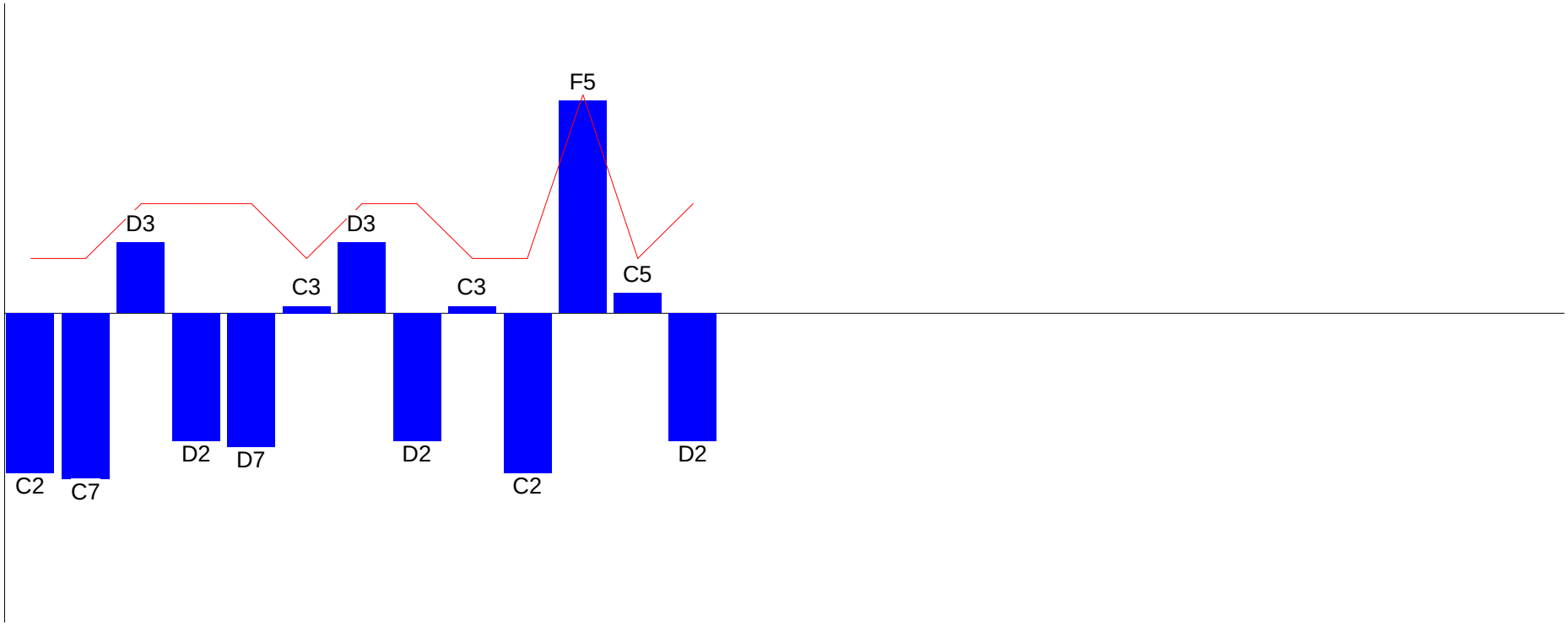
Paciente

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998



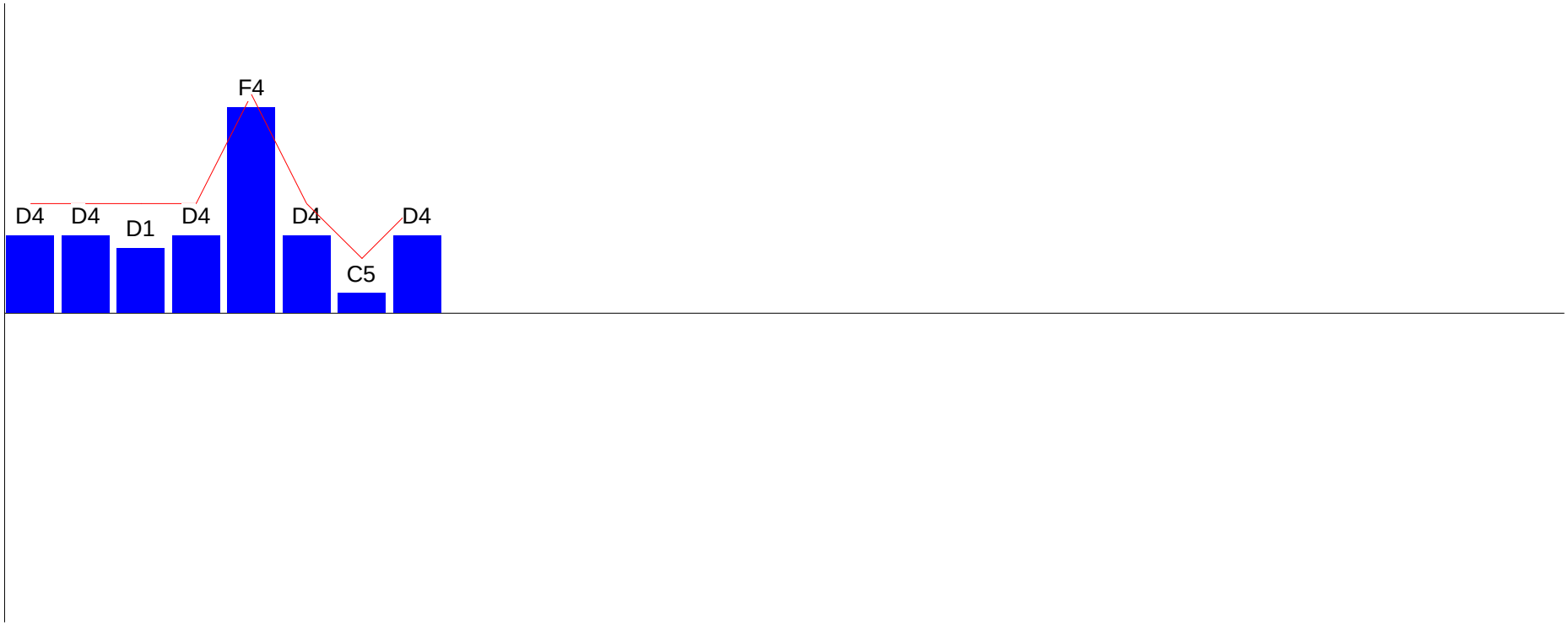
Paciente

A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Evolução do Pensamento

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998

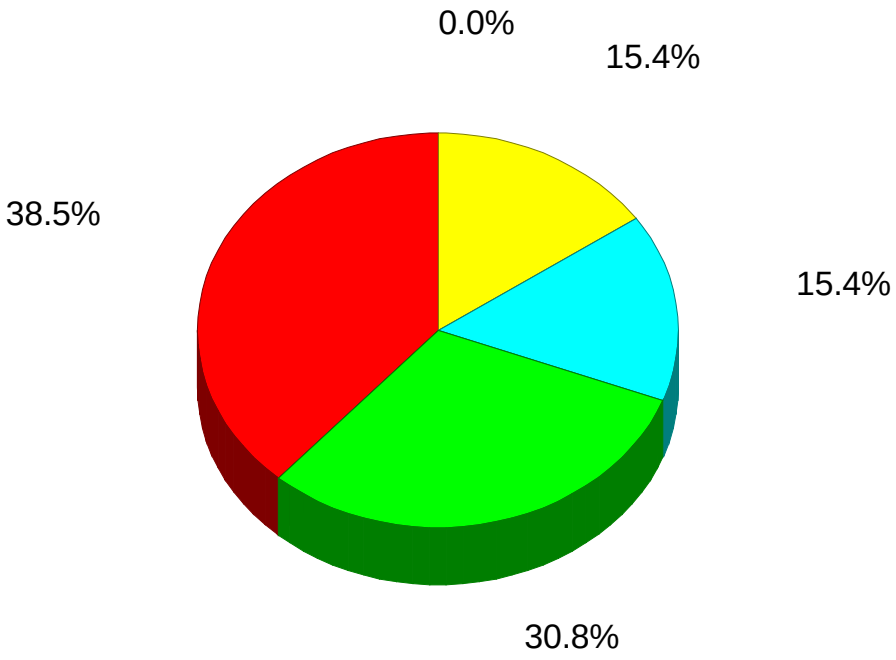


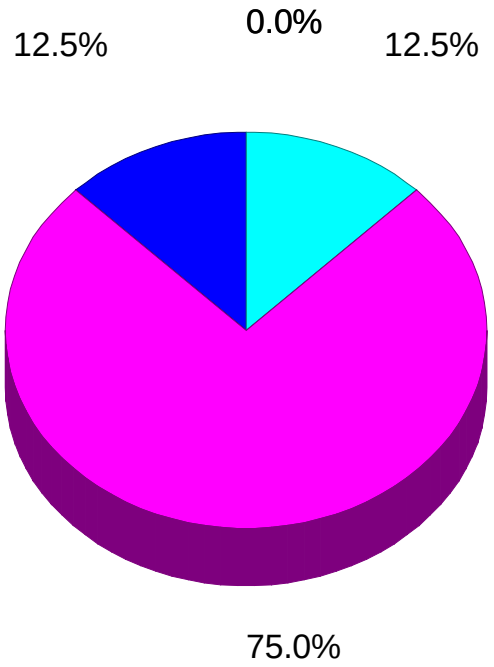
A Tabela de Bion - Revista e Modificada por Amaral Dias

Aplicação concebida por Ana Cristina Almeida (prs@mail.telepac.pt)

Usos

Titulo: Exemplo 3 **Sessão:** 1 **Data de impressão:** 10.11.1998





Hipótese definitória
Notação
Indagação
Acção
Psi - enunciado falso
Atenção
Decisão